OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF

Volume III

Mato Grosso e Amazônia

21 de novembro de 1826 a 20 de maio de 1828

Organizador

DANUZIO GIL BERNARDINO DA SILVA

Editores

BÓRIS N. KOMISSAROV

HANS BECHER

PAULO MASUTI LEVY

DANUZIO GIL B. DA SILVA

MARCOS P. BRAGA (In Memoriam)

OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF

Volume III

MATO GROSSO E AMAZÔNIA

21 de novembro de 1826 a 20 de maio de 1828

organizador

DANUZIO GIL BERNARDINO DA SILVA

editores

BÓRIS N. KOMISSAROV
HANS BECHER
PAULO MASUTI LEVY
DANUZIO GIL B. DA SILVA
MARCOS P. BRAGA *(In Memoriam)*

co-edição

ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE ESTUDOS LANGSDORFF
CASA DE OSWALDO CRUZ - FIOCRUZ
EDITORA FIOCRUZ

apoio

CNPq

FUNDO NACIONAL DE MEIO AMBIENTE/
MINISTÉRIO DE MEIO AMBIENTE,
RECURSOS HÍDRICOS E AMAZÔNIA LEGAL

1998

AIEL - Associação Internacional de Estudos Langsdorff
endereço para correspondência
R. Meteoro, 106 - Jardim do Sol
13085-835 - Campinas SP - Brasil

Editora Fiocruz
endereço para correspondência
R. Leopoldo Bulhões, 1480 - Térreo - Manguinhos
21041-210 - Rio de Janeiro RJ - Brasil

Casa de Oswaldo Cruz
endereço para correspondência
Av. Brasil, 4365 - Manguinhos
21040-360 - Rio de Janeiro RJ - Brasil

Tiragem: 2.500 exemplares

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA FACULDADE DE
BIBLIOTECONOMIA DA PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS - PUCCAMP

D529
v.3

Os Diários de Langsdorff / org. Danuzio Gil Bernardino da Silva; tradução Márcia Lyra Nascimento Egg e outros; editores: Bóris N. Komissarov e outros. - Campinas: Associação Internacional de Estudos Langsdorff; Rio de Janeiro: Fiocruz, 1997.
3v.: il.

Conteúdo: v.1 Rio de Janeiro e Minas Gerais - v.2. São Paulo - v.3. Mato Grosso e Amazônia.
ISBN 85-86515-04-3

1. Expedição Langsdorff. 2. Langsdorff, Georg Heinrich, 1774-1852. 3. Expedições científicas ao Brasil. 4. História do Brasil. I. Silva, Danuzio Gil Bernardino da.

CDU - 910.4(81)
CDD - 508.81
981

Índice para Catálogo Sistemático:

Expedição Langsdorff	508.81
Expedições científicas ao Brasil	508.81
História do Brasil	981

apoio cultural

equipe técnica

ORGANIZAÇÃO

Danuzio Gil Bernardino da Silva

EDITORES

Bóris N. Komissarov
Hans Becher
Marcos Pinto Braga *(In Memoriam)*
Danuzio Gil B. da Silva
Paulo Masuti Levy

TRADUÇÃO, REVISÃO E COTEJAMENTO

Maria Pontes S. Campos Rodrigues
Márcia Lyra Nascimento Egg
Reimar Schaden
René F. Egg Jr.

DIGITAÇÃO E REVISÃO

Alexandre Augusto de Proença
Washington Tadeu Proença
Maria Estela Rafael de Góes

PROJETO GRÁFICO

Cia Aluminis Editora
Washington Tadeu Proença
Luciene Teixeira Maeno

DIAGRAMAÇÃO

Aïde Editora e Comunicação
Aline Cazzaro
Delfin

Diretoria da AIEL

Presidente: Bóris Komissarov
Coordenador de Estudos e Projetos: Danuzio Gil Bernardino da Silva
Coordenador Administrativo: Hans Becher
Coordenador Financeiro: Paulo Masuti Levy
Coordenador Santos: Birgit S. Fenzel
Coordenador Petrópolis: Antonio E. A. Taulois
Coordenador Rio de Janeiro: Carlos Francisco Moura
Coordenador Niterói: Francisco T. Albuquerque
Coordenador Belo Horizonte: Beatriz R. de Magalhães
Coordenadores Regionais São Paulo: Victória Namestnikov El Murr
Lúcia Ferreira Riedel

Este livro é dedicado a Georg Heinrich von Langsdorff, ao seu trabalho científico e ao significado deste, para a cultura brasileira.

Agradecimentos

Novamente o que prevaleceu em nosso empreendimento cultural e científico de publicar os diários de Langsdorff, foi a mágica palavra: **parceria**.

Quanto gratificante é ver empresas privadas e governo, aliando-se a uma ONG, como a Associação Internacional de Estudos Langsdorff, para viabilizar projetos de interesse para a cultura brasileira.

Como nossos parceiros dessa vez, além de destacar o anterior apoio do Fundo Nacional de Meio Ambiente, que viabilizou o projeto de publicação, contamos com um importante auxílio do CNPq e da FIOCRUZ, através da Editora FIOCRUZ e da Casa de Oswaldo Cruz, nossos parceiros no projeto como um todo.

É importante destacar, que cada auxílio empregado neste projeto, tenha ele vindo na forma de recurso financeiro, tenha vindo como apoio logístico, formaram a base sobre a qual nossa associação caminhou nestes anos todos e conseguiu, contra todos os prognósticos, realizar este importante papel de divulgador da História e da Cultura brasileiras.

Nossos agradecimentos pois, aos órgãos do governo que colaboraram com nossa iniciativa desde o primeiro volume: Fundo Nacional de Meio Ambiente-Ministério de Meio Ambiente, Recursos Hídricos e Amazônia Legal, Casa de Oswaldo Cruz, Editora FIOCRUZ, CNPq e UNICAMP.

Nossos agradecimentos às empresas: Clarity by Luma de Oliveira, TVX, SIEMENS, ENGEP.

Nosso agradecimento especial à equipe de tradução, e à dedicação em especial de Maria Pontes e Márcia Egg ao trabalho. É delas a responsabilidade da qualidade técnica da obra que temos o prazer de concluir neste momento.

Ao Dr. Raimer Schaden, Zoológo, que nos auxiliou de forma especial ao comentar os termos científicos e técnicos usados por Langsdorff no decorrer do 3º volume dos seus diários, e ter esclarecido dúvidas de nossa equipe.

Aos Drs. Benjamin Gilbert , Deli C. G. Serra Freire, Roberto Magalhães Pinto, pesquisadores da FIOCRUZ, que nos auxiliaram com termos científicos.

Ao Dr. José Mindlin, por fazer o prefácio desta obra e por ser o grande empreendedor cultural que é.

Gostaríamos de agradecer também à filóloga Helena Golubeva, à historiadora Inna Sharkova, ao Harald Grigoriev e a todos os que direta e indiretamente colaboraram para a realização desta obra.

Prefácio

Este terceiro e último volume dos Diários de Langsdorff, publicado sob os auspícios do CNPq, completa a divulgação dos resultados da excelente pesquisa que devemos a Associação Internacional de Estudos Langsdorff, e que não somente permite conhecer melhor a personalidade de Langsdorff, como acrescenta, juntamente com os dois volumes anteriores, valiosas informações sobre a expedição de que ele fez parte (e que lhe custou a vida), assim como sobre sua permanência no Brasil e sobre nosso país daquele tempo.

Essa divulgação é realmente importante, não só pelo conhecimento que nos trouxe, como pôr salientar, com o merecido realce, o mérito e a coragem dos artistas e cientistas europeus que formaram a expedição e que se aventuraram a enfrentar os grandes riscos de penetrar num mundo para eles desconhecido. Eles conseguiram reproduzir com surpreendente fidelidade tudo quanto encontraram - paisagens, plantas, animais e tipos humanos, desvendando muitas das nossas riquezas naturais até então desconhecidas, com descrições que até hoje são cientificamente válidas. E com isso permitiram que não caissem no olvido preciosas revelações sobre o que existia e como se vivia no interior do Brasil nas primeiras décadas do século passado.

Sente-se pena de ser este o último volume. dado o grande interesse desta obra, Mas fica-se com uma indagação que me permite suscitar, como desafio aos estudiosos e pesquisadores atuais e futuros: não será possível que exista, ainda por descobrir, muito mais documentação tão ou até mais importante do que esta?

José Mindlin
16.04.1998

Apresentação

O prefácio do Dr. José Mindlin soa como um alerta para todos nós que trabalhamos com a preservação e, principalmente, com a divulgação da memória em nosso país. Quantos documentos importantes ainda estão por ser divulgados, muitos dos quais essenciais para o conhecimento de nossas origens como nação? A AIEL (Associação Internacional de Estudos Langsdorff), tem como um de seus objetivos principais, um trabalho de organização e divulgação da obra de viajantes, em particular dos membros da Expedição Langsdorff, o que sem dúvida tem colaborado para preencher um pouco esta grande lacuna na história brasileira.

Ainda temos muitos e importantes livros a publicar, os diários de Riedel, Menétriès e Florence, os mapas da viagem feitos por Rubtsov, tratados científicos, correspondências, enfim, um conjunto documental que só virá a público com o auxílio da iniciativa privada e do governo, com a colaboração dos pesquisadores e com o esforço pessoal de cada envolvido. É um trabalho árduo, mas necessário, e também oportuno, pela proximidade das comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil. É sempre bom lembrar, que a vinda das missões científicas européias ao Brasil no início do Século XIX, é considerada o segundo descobrimento do Brasil, agora, pela ciência.

Nosso trabalho está somente no início. E colaborações de pesquisadores são estimuladas e benvindas.

Com a entrega do terceiro volume dos diários de Langsdorff, completamos um ciclo. Publicamos todos os seus diários da grande viagem pelo interior do Brasil.

Aos leitores deste último volume, apenas uma observação: a necessidade de olhar "com olhos de novidade" para o nosso passado, pois nessas linhas o "novo"e o "inusitado" andam juntos, formando a essência da ponte de ligação entre passado e futuro, constituindo o que para nós poderia se resumir numa única frase - Busca do conhecimento.

Danuzio Gil Bernardino da Silva

Coordenador de Estudos e Projetos - AIEL

Expedição Langsdorff

Percurso da Viagem ao Mato Grosso Do Sul, Mato Grosso, Amazonas e Pará

21 de novembro de 1826 a 20 de maio de 1828

NOVEMBRO 1826

21 Partida de Camapuã

22 Porto de Furado (rio Coxim)

Cachoeira de Mangava

Faz referência à barra do Barreiro Grande, riacho no caminho para morro do Selado, a 1 légua de Furado

23 Descem a cachoeira de Mangava

Foz do rio ribeirão do Selado

Cachoeira Pedra Branca

24 Bacia do Avaré ou do Valério

Cachoeira do Calabate

25 Foz do rio Boqueirão

26 Cachoeira das Furnas

27 Cachoeira da Pedra do Alvo

28 Cachoeira de Guaimicanga

Cachoeira das Canelas de André Alves

29 Coxias do Jauru (afluente da margem direita do Coxim)

Cachoeira de Avanhandava-açu

30 Descem a Avanhandava-açu

Descem a cachoeira de Avanhandava-mirim

Rubtsov faz sua primeira observação desde Furado

DEZEMBRO 1826

01 Baixios de Choradeiras

Cachoeira de Jaquitaia

02 Cachoeira da Ilha

03 Foz do rio Taquari-mirim à esquerda

Entram no rio Taquari

Encontram a expedição do Tenente Manoel Dias e Alferes Pedro Gomes, que iam para Camapuã

04 Acampam no morro e passagem dos Cavaleiros Guaicurus

05 Continuam no Taquari

06 Riedel e Taunay vão na frente para Cuiabá

Cruzam a trilha dos guaicurus, que vai de Miranda a Cuiabá

07 Faz referência à Falha do Alferes, local de concentração de barcos no rio Taquari

08 Pouso Alegre

09 Continuam no rio Taquari

10 Entram no canal Sangrador, que se formou entre os rios Taquari e Paraguai

11 Continuam no rio Taquari

12 Chegam à foz do Taquari no Paraguai e entram no rio Paraguai

13 Continuam no rio Paraguai

14 Chegam a Corumbá ou Povoação de Albuquerque, na margem direita do Paraguai (Riedel e Taunay já tinham passado por lá a caminho de Cuiabá)

Desistem de ir ao Forte Coimbra e à Missão dos guanás, em Albuquerque

15/16/17/18 Continuam no rio Paraguai

19 Deixam Corumbá e prosseguem pelo rio Paraguai (acompanhados dos guanás até o dia 25/12)

20/21/22 Continuam no rio Paraguai

23 Foz do Paraguai-mirim na margem esquerda do Paraguai

24 Avistam os montes Achiante[?] na margem direita do Paraguai

25 Continuam no rio Paraguai

26 Encontram os índios guatós

27 Foz do São Lourenço no rio Paraguai

28 Faz referência à aldeia Agaíva[?], perto da margem direita do rio São Lourenço

Entram no rio São Lourenço

29 Continuam no rio São Lourenço

30 Navegam pelo braço esquerdo do rio e, mais adiante, retomam o rio São Lourenço

31 Continuam no São Lourenço

JANEIRO DE 1827

01 Continuam no São Lourenço

02 Idem

03 Encontram a expedição militar do Coronel Jerônimo, contra os guaicurus, a caminho da Missão de Albuquerque

04 Chegam à confluência dos rios São Lourenço e Cuiabá e entram neste último.

05 Chegam a Três Barras, onde uma ilha divide o Cuiabá em dois braços.

06 Seguem pelo braço esquerdo e, mais tarde, retomam o grande rio.

07 Pegam outro braço do rio

08 Chegam ao famoso Bananal do Leme

09/10/11 Continuam no rio Cuiabá

12 Passam pelo sangrador Guaxu

13 Continuam no rio Cuiabá

Pernoitam numa antiga fazenda

14 Passam pela fazenda Quilombo

15 Aproximam-se de Bento Gomes

16 Mandam 3 remadores na frente, para irem buscar alimentos na fazenda de Lourenço, a 2 dias dali

17 Langsdorff e Florence se desentendem e Florence pede demissão, mas continua com a expedição

18 Chegam ao sangrador Garanda-mirim, que corta caminho até Lourenço Teixeira

Avistam cadeia de montanhas, ao norte

19 Deixam o sangrador Garanda-Mirim e retomam o rio Cuiabá

20 Chegam os remadores que tinham ido comprar mantimentos em Lourenço Teixeira. Recebem notícia de Riedel e Taunay

21 Continuam no rio Cuiabá

22 Completam 7 meses de viagem, deste Porto Feliz

Passam pela foz do rio Piraí, na margem esquerda

Param perto da fazenda de Lourenço Teixeira

23/24 Permanecem na fazenda

25 Deixam a fazenda

Chegam ao sangrador Cachoeira

26 Chegam à cachoeira onde termina o sangrador

Os barcos pequenos alcançam de novo o rio Cuiabá

27 Os barcos restantes se juntam aos outros no rio Cuiabá

Chegam à fazenda do Capitão Bento Pires Miranda, na margem direita do rio Cuiabá

28 Deixam a fazenda

29 Riedel e Taunay se reencontram com a expedição

30 Chegam ao porto de Cuiabá

ABRIL DE 1827

EXCURSÃO À SERRA DA CHAPADA

30 Partem de Cuiabá Langsdorff, Riedel, Rubtsov e Florence (Taunay pediu para permanecer na cidade).

Saem às 4h da tarde e alcançam o rio Coxipó à noite (3 léguas).

MAIO DE 1827

01 Acompanhados do Comandante do Distrito, partem do Coxipó para o rio Monjolo (meia légua) e de lá até a fazenda deste, perto do morro de São Jerônimo (3 léguas), atravessando o riacho Aricá.

02 Permanecem na fazenda Monjolo.

03 Chegam à Vila da Chapada (ou Missão de Santa Ana).

04 Faz referência ao ribeirão Quilombo (distante 5 léguas).

05 Deixam a Vila da Chapada, acompanhados de dois padres e do Comandante Monteiro.

Atravessam Olho d'Água (2 léguas), à direita.

Acampam no Tumbador (5 léguas).

Vale do rio Cuiabá (vista para os morros Santo Antônio e Morrinho).

06 Permanecem no Tumbador.

07 Idem

08 Deixam o Tumbador e atravessam o rio Manso (5 léguas).

09 Chegam à fazenda de Joaquim da Silva Prado (a última de Cuiabá para Goiás), perto das nascentes do rio São Lourenço.

10/11/12/13 Permanecem na fazenda.

14 Angellini e D. Guilhermina partem.

Atravessam o São Lourenço e outros 3 córregos.

15 Langsdorff desiste de ir a Alecrim (5 léguas) e volta à fazenda de Silva Prado (com os soldados de milícia).

16 Permanecem na fazenda.

17 Langsdorff e Rubtsov vão conhecer as nascentes do São Lourenço, 1 légua a Sudoeste.

18 Saem da fazenda, passam pelo rancho do rio Manso (5 léguas), onde pernoitaram na viagem de ida. Mais 3 léguas e chegam a Tejuca, uma mata alagada, perto da nascente do rio da Casca, afluente do Quilombo.

19 Passam à direita do Tumbador, onde acamparam na viagem de ida. Tomam vários caminhos errados até voltar à estrada grande. Chegam à Missão de Santa Ana ou Vila da Chapada, a 7 léguas do acampamento.

Chegam Florence, Riedel e Taunay. Este pede demissão.

20 Contrata Gabriel Ribeiro.

21/22 Permanecem na vila.

23 Excursão planejada:

01 Domingos José de Azevedo;

02 Dona Anna de Água Fria;

03 D. Luíza,

04 Capitão Manoel Correia de Mello;

05 Francisco de Arruda do Itampé;

06 Capitão João Baptista Ribeiro, no rio da Casca;

07 Padre Tavares Afrilongo[?];

08 Engenho da Barroca;

09 Capitão Tavares;

10 João Manoel Fernando da Rocha;

11 José Pereira Duarte;

12 Manoel Correa da Silva Coelho, saindo de Padre Tavares.

24 Feriado: Assunção de Maria.

25 Partem da Vila da Chapada para a fazenda do Monjolo.

26 Sobem o morro de São Jerônimo.

27 Chegam de volta em Cuiabá.

JUNHO DE 1827

12 Partem de Cuiabá para a Vila dos Guimarães.

Chegam ao rio Coxipó.

Langsdorff sobe o São Jerônimo e descansa à beira do ribeirão Aricá. Vai à fazenda do Monteiro, onde encontra Riedel e Taunay.

Vão na frente para a Vila Guimarães.

13/14/15 Langsdorff vai a Samambaia (meia légua a Noroeste). Riedel vai a Monteiro.

16/17/18 Langsdorff vai a Monteiro.

19 Langsdorff, Riedel, Rubtsov e Florence vão a Quilombo (6 léguas). Taunay fica.

Passam pela fazenda da Samambaia (meia légua da Missão)

Chegam à fazenda da D. Luzia, às margens do r. Quilombo, a meia légua de Domingos José de Azevedo.

21 Chegam na fazenda de Domingos José de Azevedo.

22/23 Langsdorff procura diamante às margens do rio Quilombo.

24 Vão à fazenda da D. Luzia.

25 Voltam à Missão de Santa Ana, passando pela fazenda da D. Antônia do Buruti.

26 Voltam à fazenda do Buruti e vão à fazenda de Samambaia.

27 Recolhem um ninho de vespas eixus.

28/29/30 Deixam a Missão. Os pintores pintam cachoeira no Boqueirão do Inferno, num afluente do Coxipó.

JULHO DE 1827

01 Langsdorff chega a Cuiabá (6 léguas). Recebe a notícia da chegada de Manoel Dias, de sua excursão às nascentes do

Sucuriú. Langsdorff se compromete com o Presidente a procurá-las.

06 Manda requerimento ao Paço, pedindo *brevet de découverte* para a cainca.

SETEMBRO DE 1827

16 Começam excursão a jusante do rio Cuiabá e chegam às terras do Capitão Manoel Joaquim Claros

17 Chegam à Capela de Santo Antônio.

18 Chegam à fazenda do Capitão Bento Pires de Miranda.

19 Visitam as redondezas.

20/21/22 Vão ao Pouso, estabelecimento de D. Ana Arruda. Chegam à fazenda do Capitão Bento Pires.

24 Param na casa dos Magalhães (4 léguas).

25 Chegam à casa do Alferes Manoel Joaquim Claros (1,5 légua) e voltam a Cuiabá.

OUTUBRO DE 1827

Excursão à Vila Diamantino

08 Rubtsov e Florence regressam da excursão a Poconé, Vila Maria e Jacobina.

09 Chegam à fazenda da Capela, perto do rio Cuiabá.
Alcançam o rio Coxipó-açu.

10 Passam por Baús (5 léguas) e chegam ao Engenho do defunto Brigadeiro (2 léguas)

11 Chegam à passagem sobre o rio Cuiabá (6 léguas).

12 Atravessam o rio e seguem pela margem direita.
Passam pelo ribeirão Nobre ou Piraputanga.
Sobem o morro do Tumbador (5,5 léguas)
Chegam à fazenda do Campo dos Veados

13 Chegam ao Morro Vermelho (5 léguas)
Chegam à Vila Diamantino e visitam o Capitão-mor José Paes.

14 Recebe a visita do Capitão.

15 Observações sobre a vida em Diamantino (confluência dos ribeirões Dourado e Diamantino, sobre uma cadeia de montanhas que é o divisor de águas das bacias do Paraguai e do Amazonas)

19 Último registro em diário na Vila Diamantino.

DEZEMBRO DE 1827

Partida de Cuiabá.

04 Referência às minas de Conceição, de propriedade do Capitão Joaquim da Costa.

05 Rubtsov, Florence e Langsdorff vão à fazenda da Capela, de propriedade de D. Isabela, às margens do r. Cuiabá.

06 Passam pela casa de Antônio dos Santos Velho e chegam a Coxipó (4 léguas da Capela).

06 Contratam Antônio Fernandes Pinto como marinheiro.

07 Recebem a visita do Coronel Antônio José Pinto.

08 Vão a Baús (2,5 léguas) e depois a Curangal.
Chegam ao Engenho.

09 Atravessam o ribeirão do Engenho e chegam à Passagem, no rio Cuiabá.

10 Permanecem na Passagem.

11 Atravessam o ribeirão dos Nobres, afluente do Cuiabá.
Transpõem o Tumbador.

12 Chegam a Campo dos Veados, na casa de Antônio Pires, às margens do ribeirão Piraputanga (mais adiante, chamado ribeirão dos Nobres).
Atravessam o ribeirão Piraputanga (no dia anterior, o atravessaram com o nome de ribeirão dos Nobres).
Sobem uma serra (divisor de águas) no sentido Leste-Oeste.
Atravessam um ribeirão afluente do Paraguai.
Chegam ao Morro Vermelho e ao vale do Paraguai (este fica navegável em Sete Lagoas).
Chegam de volta à Vila Diamantino (5 léguas), onde permanecem de 20/12/1827 a 10/03/1828.

FEVEREIRO DE 1828

02 Notícia da morte de Taunay.

10 Comentários sobre clima, doenças, costumes e modo de vida e ponche.

11 Comentários sobre a criação de galinhas, sobre o comércio de diamantes.

16 Comentários sobre cristalizações e referência a Arraial Velho, onde há minas de diamantes.

18 Carnaval em Diamantino.

19 Comentários sobre o comércio, preparativos para a partida, estilo de casas, indumentária.

23 Comentários sobre diamantes, fraudes, hidropisia

MARÇO DE 1828

01 Langsdorff, Rubtsov e Florence vão até o porto do rio Preto, passando pela fazenda do Capitão Moreira e pelo engenho da Água Fria ou do Caracará (1,5 légua de Diamantino).

02 Chegam ao porto do rio Preto e retornam à fazenda da Água Fria.

06/07/08/09 Prepativos da viagem.

10 Partem da Vila Diamantino e chegam ao engenho do Capitão Xavier.

11 Chegam ao porto do rio Preto e acampam perto da foz de um

afluente.

12 Vão ao sítio do defunto Felizberto (1 légua).

13 Voltam ao porto.

14 a 16 Vão de novo ao sítio do defunto Felizberto .

17 Voltam ao porto.

Vão à casa de Luiz Ferreira.

18 Langsdorff vai sozinho ao porto e volta à casa de Luiz Ferreira.

19/20/21 Langsdorff vai de novo, sozinho, ao porto do rio Preto.

24 Carvalho vai a Diamantino levar queixa de Langsdorff ao presidente da Província e ao capitão-mor.

25 Comentários sobre as velhacarias em Diamantino, sobre o Capitão-mor Antônio José Ramos e Costa e sobre as doenças.

27 Carvalho chega de Diamantino.

29/30 Permanecem no porto.

31 Partem do porto do rio Preto, seguindo pelo rio.

ABRIL DE 1828

01 Entram no rio Arinos.

02 Seguem pelo Arinos e chegam ao porto novo, onde há uma ilha.

Seguem pelo braço direito.

Chegam ao Registro Velho.

Passam pela foz do rio da Prata, na margem direita.

03 Passam pela foz do ribeirão dos Bugres, por jazidas de ouro e diamantes na margem esquerda, entre elas, as do Padre Logea[?].

Passam pela foz do rio dos Patos, na margem direita. Encontro com os índios baucurés.

04 Passam por Aldeia Velha, na margem esquerda (antiga missão de jesuítas).

Passam pela foz do rio Sumidouro, na margem esquerda.

05 Passam pela foz do ribeirão Claro, na margem esquerda.

08 Passam pela foz do rio Tapanhuna.

10 Chegam a Pouso Alegre.

Acampam na antiga aldeia dos apiacás.

11 Chegam à atual aldeia dos apiacás.

11 a 14 Permanecem na aldeia.

14 Partem da aldeia dos apiacás. Passam pela casa do Capitão Pedro.

18 Aniversário de Langsdorff.

20/21 Passam pela foz do rio do Peixe, na margem direita.

MAIO DE 1828

13/14/16 Registra que chegaram a Tocarizal no dia 8.

17 Florence vai até o Salto Augusto

18 a 20 Estão na margem esquerda do Juruena, a caminho de Santarém.

OS DIÁRIOS DE LANGSDORFF VIAGEM AO MATO GROSSO DO SUL, MATO GROSSO, AMAZONAS E PARÁ REGISTROS DE 21 DE NOVEMBRO DE 1826 A 20 DE MAIO DE 1828[1]

21/11/1826

Partida de Camapuã

22/11

De Porto do Furado para Cuiabá

Já passava das 10h quando os desertores de Miranda chegaram; comuniquei a recepção deles imediatamente ao comandante. Eles chegaram acorrentados; recebi a chave e entreguei ao portador (acho que eram 8 pessoas) o cartão de recebimento para ser dado ao comandante, com a promessa de entregá-los em Albuquerque.

Almoçamos aqui mesmo, para não termos que fazer nenhuma outra parada até à noite. Remamos em águas rasas até o pôr-do-sol e chegamos à parte superior da cachoeira de Mangava, onde pernoitamos.

O rio ainda era pequeno; ambas as margens estão cobertas por mata densa, e, por todo lugar, há grandes troncos de árvores caídos, o que, somado ao nível baixo do rio, torna a navegação difícil e perigosa. A uma légua de Furado, fica a barra do Barreiro Grande, um pequeno riacho que conheci na viagem ao morro do Selado. O mais interessante foi um *Loricaria acus n. sp.*[2] e uma lacraia do campo, um novo gênero de inseto pertencente aos *Scorpionida*.

23/11

Retomamos viagem de manhã bem cedo, ao raiar do dia, e, por volta das 7h30, descemos a insignificante cachoeira de Mangava, a meia carga. Por isso tivemos que permanecer lá até por volta do meio-dia.

Continuamos a viagem depois que todas as embarcações atravessaram a cachoeira. As margens do rio Coxim estavam altas; em alguns pontos, ele é margeado por paredões íngremes de rochas de arenito, com 30 a 40 pés de altura. Abaixo da cachoeira de Mangava, o rio fica mais volumoso, e a navegação melhora.

Meia légua abaixo da cachoeira fica a foz do grande ribeirão do

Selado; o Coxim fica mais largo e, mesmo raso, um pouco mais impetuoso. Passamos por vários baixios, que podem ser perigosos para navegadores inexperientes.

O sol estava escaldante. Pegamos muitos dourados e pacuguaçus[3]. Vimos algumas araras azuis (*Psittacus amethystin*[4]) voando sobre nós - foram as primeiras que vi em céu aberto. Aqui elas são mais freqüentes, aparecem todos os dias.

À tarde, as margens ficaram mais livres, com menos mata, misturada com campos. Passamos a Pedra Branca, com meia carga, e fizemos uma parada, que foi bem oportuna, porque, depois do calor forte, ameaçava uma tempestade. Encontrei cainca em flor em grande quantidade e mandei desenterrar as raízes, que me renderam meia libra.

24/11

De manhã, pouco antes do nascer do sol, após uma xícara de café, retomamos viagem. Seguimos o rio, que estava mais ou menos como ontem, agora não muito impetuoso, com leito muito profundo, em vários lugares, confinado entre elevadas paredes rochosas formadas de arenito branco-acinzentado, decomposto e desagregado, acomodado pela erosão de forma bastante irregular. Riachos sem nome desembocavam ora na margem esquerda, ora na direita, embora mais nesta última. À tarde, chegamos à bacia do Avaré, na verdade, do Valério, nome de um viajante que aqui perdeu uma canoa. Atravessamos com meia carga e com tripulação dobrada. Essas manobras de meia carga, gente dobrada, carga inteira são feitas em função das condições do rio; quando cheio e impetuoso, ele é atravessado sem paradas.

A viagem agora está bem mais livre. Vimos muitas *Psittacus*

amethystin e pescamos vários pacuguaçus e dourados. Os peixes estão subindo o rio. A tripulação geralmente se alimenta deles, está acostumada a isso. Pernoitamos na parte superior da cachoeira do Calabate.

25/11

De manhã, às 5h30 - agora os dias estão mais longos -, recomeçamos outra jornada. Na margem direita da cachoeira, há belos campos e um alagado. O tempo, até agora bom, mudou e começou a ameaçar chuva forte. Tivemos que montar a barraca maior para os alimentos. Não pudemos sair pelas cercanias para colher insetos, plantas ou para caçar; logo estávamos retomando viagem. A viagem de barco é monótona: não oferece nada de interessante.

Pouco depois, passa-se por baixios, onde a água corre um pouco mais rápida; surgem, então, lugares mais calmos; aqui e ali, riachos sem nome, alguns pequenos, outros grandes, que, aos poucos, vão engrossando o rio. Araras azuis, cardumes de dourados e alguns pacus, duas ou três espécies de *Alcedo*[5], às vezes um pato, *Anas moschata* e *Plotus melanagatas*[6] são os nossos acompanhantes habituais, os seres vivos que animam a natureza aqui.

O céu clareou um pouco, mas, por volta das 4h, caiu uma tempestade com chuva. Ao passarmos pela foz de um grande rio, chamado Boqueirão, nosso guia achou melhor fazermos uma parada, apesar de ainda ser muito cedo. É porque, como chovia forte em toda a região, este seria o único lugar bom para pousar; abaixo dele, até a cachoeira das Furnas, não há onde parar.

As araras azuis abatidas ontem foram empalhadas hoje, embora não fossem exemplares muito bonitos, pois estão na época da muda e

lhes faltam as longas e belas retrizes.

26/11

De manhã, pouco antes de levantar acampamento, entramos no Boqueirão, um rio impetuoso que aqui corre imprensado entre rochas de arenito e, por isso, bastante rápido, mas que, com um guia habilidoso, não oferece perigo.

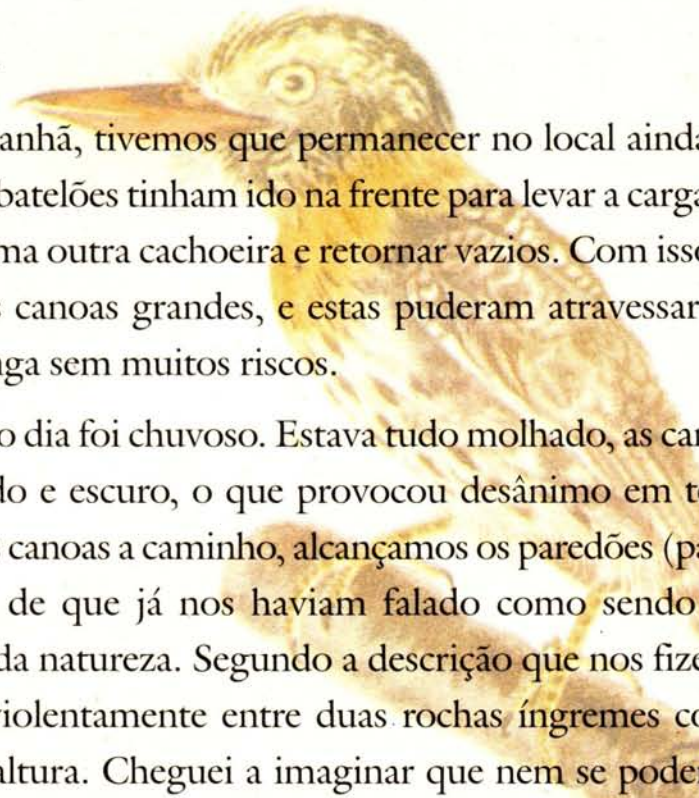
Passamos quase que voando pelas rochas, foi horrível.

Ainda pela manhã, chegamos, em boa hora, à cachoeira das Furnas. Ali o rio se precipita, espumejante, sobre as rochas e por entre elas, num trecho de 60 a 70 braças, com uma queda de 6 a 7 pés. Apesar disso, foi necessário esvaziar as canoas para transpor a cachoeira e depois recarregá-las na parte de baixo.

Os melhores navegadores foram designados para conduzir os barcos vazios, tanto os pequenos como os grandes, por entre as ondas altas e espumantes.

Durante o dia houve algumas atividades. Os novos *Loricaria acus*, peixe-agulha, foram descritos e desenhados; também foram encontradas novas espécies de aranhas d'água[7] e de *Diomedes* Walek[8]. Aliás, o dia não estava propício para coleta, pois, de manhã, o tempo estava chuvoso e, à tarde, fez um calor insuportável. Por precaução, antes de anoitecer, levaram todo o carregamento e as embarcações para cima da cachoeira e as recarregaram, para evitar que se molhassem se chovesse.

Realmente, à noite, caiu uma chuva forte e repentina; várias pessoas que não estavam abrigadas correram para as nossas barracas - as barracas grandes e novas que mandei fazer em Camapuã.

27/11

Embarcamos e prosseguimos viagem.

Não muito longe do nosso acampamento, depois da cachoeira das Furnas, o rio, de repente, passa a correr espremido entre as rochas, formando ondas altas. As duas canoas grandes foram na frente; os barcos pequenos ficaram esperando na parte de cima, por ordens do guia; ele pretendia correr para lá para levar as canoinhas para baixo, com a ajuda de um [...] na parte de trás. Ele já estava a caminho, quando vimos a canoa de caça afundar e a sua carga e três homens caírem na correnteza. Todos os três sabiam nadar, mas, de qualquer forma, foram muito precipitados, confiaram demais em si mesmos: como as canoas grandes haviam conseguido passar pela correnteza, eles resolveram enfrentá-la, mas eis que, de repente, uma onda enorme bateu em cheio contra a canoa, que afundou em segundos.

A tripulação acorreu na mesma hora e conseguiu salvar todos os utensílios leves e sacos de roupas; só se perdeu uma boa espingarda de caça, as garrafas de pólvora e a bolsa para chumbo. Felizmente o caçador sabia nadar bem: quando a canoa se encheu de água, ele estava com sua espingarda na mão e conseguiu salvá-la. Mas a melhor, que estava com o segundo caçador, que também governava o barco naquele momento, caiu na garganta, num ponto onde era impossível mergulhar para tirá-la de lá.

Uma hora depois, alcançamos a cachoeira da Pedra do Alvo, onde foi necessário gente dobrada.

A todo momento, surgiam novas correntezas e cachoeiras perigosas. Montamos acampamento junto à foz de um pequeno riacho que desemboca na margem direita do Coxim.

28/11

De manhã, tivemos que permanecer no local ainda muito tempo, porque os batelões tinham ido na frente para levar a carga para a parte de baixo de uma outra cachoeira e retornar vazios. Com isso, eles aliviaram o peso das canoas grandes, e estas puderam atravessar a cachoeira de Guaimicanga sem muitos riscos.

Hoje o dia foi chuvoso. Estava tudo molhado, as canoas cobertas, o céu nublado e escuro, o que provocou desânimo em todos. Tão logo puseram as canoas a caminho, alcançamos os paredões (paredes de rochas íngremes) de que já nos haviam falado como sendo um fenômeno fantástico da natureza. Segundo a descrição que nos fizeram, o rio aqui irrompia violentamente entre duas rochas íngremes com centenas de braças de altura. Cheguei a imaginar que nem se poderia ver o céu de tão altas. Na verdade, contudo, o que existe aqui são dois morros bem próximos um do outro, mas as paredes de rochas estão bem afastadas uma da outra e, em sua base, ainda há uma faixa de mata espessa cobrindo fragmentos antigos de rochas que se desprenderam das encostas. Os dois morros não chegam juntos às margens do rio onde eles se juntam: o da margem esquerda se aproxima do rio num ponto mais adiante; o da direita é fácil de ser escalado por um lado e está mais distante.

Parou de chover há pouco. Se quiséssemos desenhar alguns croquis, teríamos que fazer uma parada mais longa; mas não achamos que valia a pena, embora o tempo estivesse maravilhoso.

Por volta do meio-dia, alcançamos a cachoeira das Canelas de André Alves, onde novamente se fez meia carga, ou seja, foi preciso transportar a metade da carga para a parte de baixo da cachoeira. A chuva persistia, e continuávamos desconfiados. Ninguém pôde trabalhar; não tínhamos

onde nos abrigar, pois a única barraca montada estava sendo usada para proteger os sacos de alimentos.

O rio estava tão turvo por causa da chuva que os peixes, normalmente tão abundantes, não vieram morder a isca. Conseguimos apenas alguns peixes frescos. Durante a parada do almoço, na margem íngreme e arenosa, bem perto da cachoeira, encontrei uma boa quantidade de cainca. Aproveitei o meu ócio forçado para colher o máximo possível de raízes. Eu sempre as trago em minha farmácia de viagem, mas, nos últimos dias, principalmente durante a permanência em Camapuã, o estoque quase se esgotou. Consegui 1½ libra de cainca pura.

Já era de tarde quando nos aprontamos para seguir viagem. Navegamos mais ou menos meia légua rio abaixo e acampamos ao pôr-do-sol. Foi o acampamento mais agradável desde a nossa partida. O Sr. Riedel, que não andava nada bem, animou-se com a descoberta de uma *Quassia* e de uma simaruba[9] que ainda não havíamos visto. A pesca à noite também foi proveitosa: várias piabas[10], dourados, um jaú[11] pequeno e outro grande, pesando provavelmente mais de 100 libras. Isso animou a tripulação, quebrou um pouco aquela monotonia. Antes de deixarmos a cachoeira, consegui pegar um *Loricaria acus*, um peixinho muito raro de se ver em outras regiões.

29/11

Deixamos o acampamento na hora de sempre, com o tempo nublado, ameaçando chuva. Pouco depois chegamos às Coxias do Jauru, cujo nome vem do grande rio que desemboca, logo acima, na margem direita do Coxim, engordando-o consideravelmente.

Até aqui a viagem tem sido muito melancólica, sem novidades e

cada vez mais difícil, pois o leito do rio é estreito, suas margens são cobertas por elevados recifes rochosos e matas escuras. Como não dispúnhamos de canoas toldadas, ficávamos expostos ora ao sol escaldante, ora à chuva. Além das cachoeiras e rochas, ainda havia o perigo dos troncos de árvores soltos boiando pelo rio. A natureza parece sem vida.

Vimos pouquíssimos pássaros: três *Psittacus Amethystin*, alguns insetos e um peixe. Foi o máximo que conseguimos capturar em oito dias nesta região selvagem e deserta.

Perto das 9h, chegamos à cachoeira de Avanhandava-açu, onde tivemos que descarregar novamente as canoas, o que significava, portanto, um dia de permanência. Como foi dito acima, o rio aqui é bem mais largo, a região é mais aberta e livre; as margens, mais baixas, são cercadas de belos campos e mais promissoras do que as anteriores. Mesmo com o tempo ainda muito nublado, temos a sensação de poder respirar melhor. Só em pensar que poderemos acampar logo abaixo da cachoeira e nos proteger do sol escaldante, isso já melhora o nosso ânimo.

Montamos acampamento aqui. Depois de descarregadas, as canoas foram levadas para a parte de baixo da cachoeira espumante e novamente carregadas. Cada um de nós tratou de ocupar o seu tempo: Riedel, bastante mal-humorado, estendeu as plantas molhadas pela chuva; Rubtsov não pôde fazer suas observações por causa do tempo chuvoso; Taunay desenhou; Florence, como sempre, estava inoportuno e sem fazer nada; eu fui catar insetos. Mostrei um *Theliphonus Latr*[12] para todos os membros da tripulação e prometi uma recompensa de ½ pataca para cada exemplar que me trouxessem, 1 pataca pelo segundo e 1½ pataca pelo terceiro; mas, mesmo assim, ninguém se dispôs a me ajudar. Peguei um machado e uma rede e fui eu mesmo procurar esses insetos em

troncos velhos de árvores. Felizmente, logo os encontrei. Capturei um espécime, pesquisei-o em meus livros e reconheci-o como um *Theliphonus Latr*, o meu segundo exemplar dessa espécie rara.

30/11

Com o sol, o tempo melhorou um pouco, e, com ele, também o nosso moral. Desceram todas as canoas para a parte de baixo da cachoeira e, em seguida, a carga que ficara guardada sob a barraca grande por causa do tempo chuvoso de ontem. Rubtsov fez a sua primeira observação desde a nossa partida de Furado. Nossos caçadores puderam finalmente sair para caçar nos campos, agora mais convidativos, e abateram vários pássaros de todos os tamanhos.

À tarde, com tudo pronto para a partida, embarcamos novamente e alcançamos, em boa hora, a cachoeira do Avanhandava-mirim. Aqui devo registrar um fato curioso: como todos que viajam por aqui, fomos obrigados a parar na margem esquerda do rio, num ponto onde ele é ladeado por rochas planas de arenito, dispostas horizontalmente. Pois bem, nessas pedras, viajantes de todos os tempos deixaram cravadas as letras de seus nomes para a posteridade, embora nem se comparem, em número, com as assinaturas que se lêem na torre da Igreja de São Paulo ou na Catedral de Estrasburgo. Um companheiro nosso chegou a pensar em erguer aqui um monumento para si próprio, mas consegui convencê-lo de que um desenho da cachoeira seria um monumento mais belo e duradouro.

Aproximadamente uma hora após nossa partida, alcançamos a citada cachoeira de Avanhandava-mirim, novamente com descarga inteira. Montamos as barracas na parte de baixo, em uma bela praia ao lado de

rochas arenosas. A tripulação, como sempre, começou logo a descarregar as canoas grandes *Beroba* e *Jimbo* para atravessar a cachoeira com elas vazias. É uma cachoeira das mais perigosas: uma massa de água se precipitando sobre as rochas entre curvas e corredeiras. A queda deve ter entre 10 e 12 polegadas de altura e mais ou menos 50 braças de comprimento.

Os barcos corriam a uma velocidade de 40 polegadas por segundo, a popa virada para a frente, pois, sendo mais larga, oferece mais resistência às ondas e à correnteza, diminuindo, assim, a velocidade.

Como na outra cachoeira, também nessa há vários nomes gravados e vivas ao Rei D. João VI, Príncipe Regente. O ano mais remoto que se lia era o de 1778 e o mais recente, o ano passado, 1825, com referências não muito cordiais, eu diria mesmo indecentes contra o Imperador. Essas inscrições foram feitas em uma pedra isolada que, há séculos, vem sendo lavada pelas águas.

O lugar aprazível, a abundância de peixes, o assado de pato selvagem, depois de um longo tempo, o rumorejar da cachoeira, o tempo quente e claro, mas não abafado, tudo isso ajudou a criar uma atmosfera mais agradável.

Capturamos algumas aranhas d'água - *Mygale n. sp*[13]. - e outros insetos.

01/12

O dia ainda não havia nascido, e todos já estavam ocupados em levar o carregamento e as canoas pequenas para a parte de baixo da cachoeira. Por volta das 10h, logo após o café da manhã, estávamos

todos prontos, e mais contentes também, pois, hoje cedo, armaram os toldos nos barcos, o que queria dizer que, dali em diante, ficaríamos protegidos do sol quente e da chuva.

Era quase meio-dia quando paramos num ponto onde o rio é mais largo e as margens cobertas de mata. Segundo o guia, estávamos a cerca de uma légua de outra cachoeira.

À tarde, passamos pelos baixios de Choradeiras, bem próximos uns dos outros, e alcançamos a Jaquitaia, onde se fez meia carga e montamos acampamento. No caminho, na margem silvosa próxima, ouvimos os grunhidos de um bando enorme de porcos selvagens. Desembarcamos e nossos companheiros caçadores saíram atrás deles. O guia garantiu-nos que, se fossem caçadores experientes, poderiam abater todos os porcos. E contou-nos que, aqui na região, certa feita, mataram a cacetadas, de uma só vez, cerca de 30 porcos; e em outra ocasião, mais de 100. Na verdade, o que eles fazem é o seguinte: primeiro, tentam levar os animais para campo aberto; lá eles são cercados, ficam atordoados sem saber para onde correr e, assim, podem ser abatidos com varas. À noite, tivemos novamente uma forte tempestade, mas, por volta das 8h, o tempo melhorou. Como sempre, tentei pegar algumas mariposas: fui bem recompensado pelo meu esforço, que não foi pouco, pois eu tinha que segurar a lanterna e a caixinha, capturar os insetos e prendê-los com alfinetes, tudo isso absolutamente sozinho. Foi difícil conseguir um escravo para me ajudar, pois todos já estavam dormindo, estava tudo em silêncio.

02/12

Após o café da manhã, deixamos o belo lugar onde havíamos

acampado e nos apressamos em direção à Cachoeira da Ilha, onde, pela última vez, teremos que descarregar totalmente as canoas. Aqui foi preciso tomar algumas providências para o longo trecho da viagem que viria a seguir, pois esta seria a última vez que teríamos acesso à nossa bagagem. Graças a Deus, daqui para a frente, teremos uma viagem de barco menos penosa, principalmente depois que alcançarmos o grande Taquari. Há vários dias, somos obrigados a nos contentar com aguardente e a renunciar ao vinho, pois o estoque deste já estava acabando. Lançamos mão de um pouco dos biscoitos que estávamos poupando desde Camapuã, pois lá tínhamos conseguido outras provisões. Peguei também alfinetes na bagagem.

A cachoeira é bonita, e as margens são cobertas de campos, um lugar muito agradável; mas estávamos exauridos pelo cansaço e pelo calor sufocante.

Como todos estavam ocupados, pescou-se menos, embora houvesse grande quantidade de peixes. À noite, pescaram-se vários *Salmo*[14]. Trovejou bastante, mas, felizmente, não choveu. A caça noturna de borboletas não rendeu quase nada.

03/12

[Desenho de caveira sobre ossos cruzados]

Nem amanhecera ainda, e a tripulação já estava levando a bagagem para os barcos, que, desde ontem à noite, já estavam nos esperando na parte de baixo da cachoeira. Tomamos depressa uma xícara de café e deixamos o acampamento. Curioso: antes, como era difícil fazer o pessoal embarcar de manhã cedo! Agora, nem bem amanhece, ao primeiro aceno do guia, já estão todos prontos para partir. Acho que eles não vêem a

hora de terminar logo esta viagem terrível.

Agora estamos navegando um rio belo, largo e calmo, com muitos pássaros. Desde anteontem, temos visto também grandes bandos de *Falco forficatus*[15] (tesoura); eles formam verdadeiras nuvens na clareira. É um tipo de gavião que se alimenta de insetos; dizem que aqui eles perseguem as térmitas, que, nesta época, voam para todos os lados.

Meia hora depois de partirmos, vimos, na margem esquerda, a foz de um grande riacho, o Taquari-mirim, que engrossa ainda mais o volume de águas do Coxim. Estamos numa altura de aproximadamente 400 polegadas mais abaixo de Camapuã; ainda temos vegetação e pássaros típicos de campos.

Desde que deixamos os capões escuros do Alto Coxim, não ouvi mais a *Pipra cornuta M.*[16] A última vez que vi *Muscicapa gallus*[17] foi nas redondezas de Furado. Talvez eles voltem a aparecer em outro lugar. Quem nos acompanha agora são os sabiás (*Turdus*) e os vira-bostas (*Oriolus orizyvorus*[18]), alegrando-nos com o seu canto. Também há andorinhas taperás[19] por todo lugar.

Uma hora depois, às 8h da manhã, chegamos ao tão sonhado rio Taquari, onde as águas do Coxim se perdem. Ouvimos, com alegria, o estrondo da última cachoeira, logo abaixo da confluência dos dois rios. Na verdade, ela é um baixio - o Taquari estava muito baixo - e tivemos que fazer meia carga. Foi difícil de transpor, mas todos trabalharam com prazer. Ali tomou-se café da manhã, almoçou-se, levou-se metade da carga para a parte de baixo da cachoeira, explorou-se um pouco a região e, à tarde, retomaram-se os remos. O guia alertou-nos para não confiarmos muito na sorte e tomarmos cuidado com as raias[20], pois há muitas por aqui. Realmente, não demorou muito e encontrarmos uma, que logo foi incorporada à coleção.

Deixamos a foz do Coxim no Taquari por volta das 3h da tarde e prosseguimos viagem; estávamos mais satisfeitos do que nos dias anteriores. A palmeira buriti[21], pouco vista ultimamente, voltou a aparecer com mais freqüência, o que quer dizer que as margens começam a ficar pantanosas, um prenúncio, uma preparação para o pantanal que veremos daqui a pouco. Voltamos a ouvir os papagaios, a mesma gritaria que ouvimos no Tietê, o rio povoado.

À tarde, por volta das 4h30, de repente me senti como se tivesse sido atingido por um raio: fiquei surdo, mudo e enrijecido; não sei o que me aconteceu; foi o momento mais infeliz de toda a minha vida. Logo depois, vimos vários barcos subindo o rio. Ouviram-se salvas, como é costume aqui, e pouco depois nos deparamos com aquela expedição, que já mencionei antes, que foi enviada de Cuiabá para abrir a navegação entre o Sucuriú, o Piquiri, o Piquira, o Itapiquira e o São Lourenço. Estava sob o comando do Tenente Manoel Dias e do Alferes Pedro Gomes. Este último havia sido mandado há 6 meses, esteve na região do São Lourenço para pesquisar um de seus principais afluentes, o Piquiri, e lá instalar uma roça. Além disso, ele deveria também verificar a viabilidade de se chegar ao Sucuriú atravessando uma cadeia de montanhas elevadas a pouca distância dali.

É um homem sem conhecimentos, despreparado para fazer esse levantamento; acho que nem agulha magnética ele tem. Após passar várias semanas viajando de barco, chegou às ditas nascentes, abandonou o barco ali e subiu as montanhas. O rio engrossava cada vez mais até se juntar a outro do mesmo tamanho, que Pedro Gomes julgou ser o rio Coxim. Mas, em vez de chegar ao Sucuriú, ele entrou no rio Taquari e acabou indo parar na Povoação de Albuquerque, no Paraguai. Regressou a Cuiabá e foi despachado novamente de lá, juntamente com o Tenente

Manoel Dias, para, navegando pelo Camapuã e pelo rio Pardo, chegar até a foz do rio Sucuriú e subir por ele até as suas nascentes[22].

Pedro Gomes, que já andou por essa região, vai procurar, então, as fontes do Piquiri, levar as canoas por terra e, dessa forma, abrir a nova via de comunicação. Foi assim, então, que nos deparamos com essa expedição, a caminho de Camapuã.

Recebemos uma notícia extremamente triste e preocupante: os guaicurus declararam guerra novamente contra os portugueses; já atacaram várias fazendas e mataram muitas pessoas.

Isso vem reforçar a minha decisão de não ir a Albuquerque, Corumbá e Coimbra, mas tomar o caminho direto para Cuiabá.

04/12

Logo após o café da manhã, despedimo-nos dos forasteiros e prosseguimos a viagem pelo Taquari, que é bastante largo e raso.

O local onde acampamos chama-se morro e passagem dos Cavaleiros Guaicurus. Ao longo da jornada de hoje, percorremos uma distância de cerca de 5 léguas, pescamos e abatemos algumas espécies novas de peixes: sardinhas e piranhas, espécies de *Salmo*, e dois guacaris[23]. As margens são baixas e cobertas de mata. O rio tem vários bancos de areia e ilhas.

05/12

Sem novidades. O rio fica mais largo em alguns pontos, é raso, uniforme; a mata é densa nas margens; há muitos bancos de areia e ilhas; poucos pássaros. Acampamos em mata fechada.

06/12

Circunstâncias especiais me levaram a mandar na frente, hoje cedo, um batelão com os Srs. Riedel e Taunay a Cuiabá. Com isso, só às 11h pudemos deixar nosso acampamento na mata. De manhã bem cedo, abateram uma jacutinga *n. sp.*[24] Foi um desgosto para mim: sem me consultarem, levaram-na imediatamente para a cozinha e a depenaram. Mas me garantiram que, daqui a poucos dias, encontraremos bandos delas.

À tarde, cruzamos a trilha que os guaicurus abriram, há 8 ou 9 anos, entre o Forte de Miranda e Cuiabá, para poderem transportar bois e cavalos, de uma cidade à outra, em 11 ou 14 dias. Vimos rastros recentes de 40 a 50 cavalos, que passaram por aqui há 8 ou 10 dias, na direção Sul-norte. O guia acredita que estavam indo para os rios São Lourenço e Cuiabá-mirim, onde há várias fazendas, cujos moradores provavelmente serão suas próximas vítimas. Eles conviveram uma eternidade com os portugueses, e agora, de repente, sem nenhum motivo especial, passaram a hostilizá-los. Todos os índios, por natureza, são traiçoeiros e assassinos. Sempre acreditei que, com boa vontade e amizade, seria fácil transformar essas criaturas em cidadãos ordeiros; mas agora já não estou tão certo disso. Eles são irracionais, extremamente negligentes; merecem ser perseguidos e devidamente castigados. Devem existir entre 2.000 e 2.500 deles. Nesta região, as margens do Taquari são baixas, em declive e, em alguns pontos, cobertas por campos. Os capões não se estendem muito para dentro das margens. Nestas matas, aparece um tipo de palmeira que chamam de baguaçu[25], cujo fruto se parece com o indaiá e dizem ser muito nutritivo. Nesta época do ano eles não dão frutos. Nos últimos dias, o tempo tem sido variável: às vezes, um calor sufocante; de repente, tempestade com chuvas rápidas.

Por causa das raias, é preciso ter cuidado ao tomar banho em rio raso. Quase todos os dias, pegamos peixes à vontade. Ontem abateram três grandes porcos selvagens (*Sus Tayassu*[26]), que garantiram comida boa e farta para toda a tripulação. São porcos que não possuem vesícula biliar, assim como os tapires. Animais sem vesícula conseguem mergulhar bem e não afundam logo depois de abatidos. Todavia, os tapires, depois de mortos, chegam a ficar até três quartos de hora embaixo d'água antes de inchar. Os porcos *Tayassu* nadam muito bem e nunca afundam depois de mortos, talvez por causa da sua gordura.

Montamos acampamento mais cedo do que o normal. O local era agradável, os campos bem próximos. Trouxeram-nos imediatamente frutas: tapicurus, guabirovas[27] e marmelos do campo, estes dois últimos, muito gostosos.

07/12

Partimos bem cedinho. Nossos caçadores foram na frente e, ainda perto do acampamento, caçaram um tapir que não tinha vesícula biliar visível. Tiraram-lhe imediatamente a pele e guardaram a carne. Aqui não falta caça: há porcos selvagens, tapires, veados, cervos e peixes suficientes para garantir a subsistência de centenas de habitantes.

Quando os paulistas chegaram aqui pela primeira vez, muitos índios habitavam estas terras. Eles sempre foram hostis aos descobridores portugueses, aos aventureiros e às expedições. Naquela época, não se podia fazer este trajeto de Camapuã a Cuiabá com poucos homens e barcos: era necessário levar 40, 50, até 100 canoas. Foi esse o motivo por que se construiu um estabelecimento na Falha do Alferes, onde este último esteve com um destacamento. Era o local de concentração dos

barcos: dali eles seguiam juntos até o Paraguai, protegendo-se, assim, da tribo dos paiaguás, que invariavelmente os atacavam. As tripulações esperavam aqui, com seus barcos abarrotados de toda sorte de mantimentos, três, quatro, cinco meses por uma expedição.

A região agora fica cada vez mais plana. Na época das chuvas, os rios transbordam, cobrem completamente as baixadas e formam o chamado pantanal. Nossa coleta de material de História Natural aumenta cada vez mais, eu diria até que a cada hora. Os dois empalhadores e eu próprio estamos sobrecarregados de trabalho. Hoje vimos e ouvimos vários jacarés[28]; a maioria deles era tão grande que tive que mandar os caçadores abater só os pequenos; não tenho tempo nem espaço para preparar exemplares grandes.

Paramos na margem direita, em boa hora para montar acampamento. Os campos adquirem agora as características de pantanal. À noite, pescaram-se vários peixes novos. Pegaram também uma aranha *Mygale* enorme, ou um novo gênero dessa família, com palpos guarnecidos de ganchos em forma de chifre. Ela mede, da ponta da pata dianteira direita até a ponta da pata traseira esquerda, de 7 a 9 polegadas; esticada, 8 polegadas.

08/12

A quantidade de material que eu tinha para preparar era tanta que fui obrigado a reter os barcos mais um pouco aqui hoje. Os peixes nº 48 e 50 foram desenhados; um outro foi descrito; outros empalhados. Primeiro, tive que acondicionar os pássaros já secos e, depois, arranjar espaço para as novas espécies.

Só pudemos partir após o café da manhã. O rio tem cerca de 200

braças de largura [...] e é coberto de bancos de areia e ilhas. Após várias manobras e curvas, alcançamos um lugar chamado Pouso Alegre. Há 30, 40 anos, o rio tinha, neste ponto, um curso bem diferente: ele margeava uma floresta na margem direita, que, agora, está a umas 100 braças daqui. É que, com as grandes enchentes anuais, areia e terra foram se depositando na margem direita, o que acabou mudando o curso do rio.

Um quarto de légua abaixo de Pouso Alegre, havia antigamente vários pequenos canais e um canal grande e profundo que levava, no sentido Leste-Norte, diretamente até o Paraguai. Um exímio barqueiro da região navegou por esse canal, ao qual deram o nome de *Sangrador*, porque, através dele, grande parte das águas do Taquari era levada para o Paraguai. Todos os anos, os grandes rios planos sofrem uma grande transformação, mas houve um ano em que ocorreu uma inundação tão grande que acabou encobrindo o canal.

O calor era insuportável, e havia pouca luz do dia, pois o acampamento e as redes foram montados em mata fechada. Mas preferi trabalhar ali dentro mesmo a me expor aos mosquitos.

09/12

Retomamos viagem bem cedo, como de costume. Milhões de mosquitos acompanhavam as canoas. Inicialmente, o rio ainda era largo e raso, mas logo ficou estreito e fundo. O guia contou-me que, poucos anos atrás, ele ainda era largo e raso neste ponto, mas, com o tempo, acabou se formando este canal. Quando há grandes enchentes, as águas transbordam por sobre as baixadas na planície. Elas não chegam a inundar toda a área, mas formam pântanos extensos. Apesar disso, dizem que a região não é insalubre, talvez porque aqui não haja um acúmulo tão

grande de folhas apodrecidas.

Enquanto escrevo, estou sendo torturado por milhares de mosquitos; mal consigo formular minhas frases.

À tarde, encontramos vários braços pequenos do rio, com um volume considerável de água. As margens têm de 2 a 3 pés de altura. Em alguns lugares, vê-se uma bela relva, onde outrora, segundo dizem, habitavam muitos veados; mas não vimos nenhum. O guia disse que, embora o tempo tenha estado bem seco, o rio está cheio. Mas, como o tempo está nublado agora, pode-se concluir que tem chovido muito nas montanhas onde estão as cabeceiras dos rios. Grande parte dos bancos de areia que ficam expostos em outras épocas, e que dizem servir de pouso para milhares de pássaros aquáticos, agora estava submersa; por isso, não se podia vê-los. Hoje abatemos nossa primeira anhumapoca[29].

10/12

Hoje não nos aconteceu nada de importante.

Estamos no pantanal, onde, a cada ano, o rio cava um novo leito. O guia, que ainda não conhecia o atual leito do rio, seguiu na frente numa canoa pequena, para verificar se esse braço mais largo onde estamos agora é aquele grande *Sangrador* que, de 12 anos para cá, foi sendo assoreado com areia, terra e troncos de árvores até seu leito se nivelar com as baixadas. Os primeiros barqueiros que chegaram a este lugar e notaram essas alterações na foz do Taquari no Paraguai pararam aqui e enviaram um batedor para verificar o novo curso. Após vários dias de viagem, ele regressou com a informação de que o curso principal desembocava no Paraguai na região de Albuquerque. Desde então, ele tem se mantido assim.

Os caçadores conseguiram hoje fazer uma boa caça. Tivemos que montar acampamento mais cedo, porque, segundo o guia, seria difícil encontrarmos outro local apropriado mais abaixo, no pantanal. Ontem conhecemos o reino dos mosquitos, para nossa infelicidade. A tortura, o tormento, o transtorno que eles causam, nem quero falar sobre isso, prefiro que outro o faça. São milhões desses insetos nos perseguindo e zunindo dia e noite nos nossos ouvidos; duas mãos não são suficientes para protegê-los. O calor é opressivo, só podemos usar roupas leves, e elas não bastam para proteger o corpo contra as picadas. Quem conseguir imaginar o que é ter que trabalhar, escrever, esfolar e preparar pássaros e animais nessas circunstâncias, e ainda por cima totalmente coberto de insetos rondando, picando, molestando, só esse poderá dar valor ao material aqui coletado. Depois de montadas as barracas e as redes, meu único recurso foi ficar, em plena luz do dia, debaixo de mosquiteiros de tela grossa. Não havia outro jeito.

O rio aqui tinha boa profundidade e corria bem rápido em quase toda a sua extensão, de forma que as canoas deslizavam bem. Segundo o guia, o nível estava pelo menos um pé acima do normal, pois, quando raso, pode-se ver suas margens arenosas, o que não acontecia nesse momento. Seguramente choveu muito nas montanhas. A água estava turva, suja, morna, repugnante, impossível de beber.

Paramos para o almoço num local um pouco mais elevado, onde algumas árvores foram plantadas há alguns anos. A quantidade de mosquitos era insuportável; era realmente impossível trabalhar. Por isso, aproveitei o sol e o calor e coloquei para secar todo o material coletado nos últimos dias. Eu havia antecipado a parada do almoço para as 10h30, para que Rubtsov pudesse fazer suas observações. A elevação correspondente deveria acontecer por volta de 1h30, mas, nessa hora, o céu escureceu e a observação não pôde ser feita. O material, no entanto,

já havia secado. Desde ontem temos notado fumaça nas redondezas: com certeza, são os guaicurus, em cujas terras nos encontramos agora.

Nossa ocupação mais importante hoje foi empalhar a anhumapoca abatida ontem. Tão logo acabamos de almoçar e partimos, o tempo clareou novamente. Bem ao longe, podíamos ver nitidamente montes altos, que disseram ser os de Coimbra.

Nas épocas em que o rio está baixo, dizem que habitam esta região milhares de pássaros aquáticos e palustres. Mas, agora, com os bancos de areia submersos, as aves migraram. Mesmo assim, abateram-se alguns pássaros velhos, inclusive alguns passarinhos aquáticos e palustres: um *Fringilla Capita-Covines*[30], um *Columbus*[31] e um pequeno *Falco*[32]. Os insetos praticamente desapareceram.

Em terra, não se dão nem 20 passos sem cair em pântanos ou em depressões. Levamos muito tempo procurando um lugar suficientemente grande e seco para montar o acampamento. Os mosquitos não nos dão trégua; não temos sossego nem nas canoas. Hoje mandei fazer um mosquiteiro de gaze fina e, com isso, consegui resolver o problema totalmente.

Os jacarés grandes aparecem com freqüência. As noites estão ficando tão insuportáveis como os dias, com temperaturas de 27° de dia e 20-21° à noite. Segundo o guia, hoje devemos ter percorrido 10 léguas.

11/12

Embarcamos com céu encoberto e tempestade ao longe, sempre acompanhados dos mosquitos. Temos nos protegido deles em uma canoa com mosquiteiro, da mesma forma como são usados em volta das camas, no Rio de Janeiro e em outros lugares.

Ao meio-dia, chegamos ao pantanal propriamente dito. Toda a região ao nosso redor era plana e baixa; raramente se vêem capões ou qualquer outra vegetação; as águas do rio atingem as raízes das gramíneas. Um forte vento Oeste soprava, trazendo cinzas dos campos em fogo. O guia acredita que vêm de queimadas em Corumbá, um povoado do outro lado do rio Paraguai. Com a chegada dos pântanos e do vento forte, os mosquitos desapareceram. Foi como se renascêssemos. Almoçamos com muita satisfação.

Pássaros vemos muito poucos. As piranhas ficam cada dia mais numerosas e perigosas. Esqueci de contar um fato: anteontem, por divertimento, pegamos um pato com o pescoço depenado e o mergulhamos na água. No mesmo instante, vieram as piranhas. Puxamos rapidamente o pato por sobre a canoa, e com ele subiram entre 30 e 40 desses peixes. Elas mordiam a carne até os ossos e com tanta avidez que não se desprendiam da ave; só se soltaram quando foram jogadas para dentro do barco. O guia contou que, no rio Paraguai, se fizermos o mesmo com um macaco, ou seja, se o pendurarmos pelo rabo e o puxarmos rapidamente, em pouco tempo, enquanto elas devoram o bicho, enchemos um barco inteiro de piranhas.

Um dos meus caçadores conseguiu pegar hoje, na água, uma capivara[33] bem crescida. Ela não morreu logo, senão teria afundado, mas, sangrando, ainda quis se salvar nadando. Atraídas pelo sangue, as piranhas acorreram; a capivara ficou tão grande como um porco quase adulto e foi devorada em segundos. A água borbulha como se estivesse fervendo no lugar onde elas se amontoam aos milhares para devorar a presa.

À tarde, por volta das 3h30, avistamos montes elevados, que, conforme nos disseram, estão do outro lado do Paraguai. Pouco antes

do pôr-do-sol, montamos acampamento na margem direita enlameada, com aproximadamente 3 pés de altura. Graças à forte correnteza do rio, conseguimos percorrer hoje, segundo o guia, cerca de 9 léguas. A margem esquerda é coberta por mata densa, praticamente impenetrável; e na margem direita, onde estamos, ao longo do rio só há algumas árvores baixas isoladas. Atrás delas, imensos arrozais a perder de vista, entrecortados aqui e ali por capões (que aqui são verdadeiras ilhas de mata situadas em pedaços de terreno ligeiramente mais elevados). São campos naturais de arroz que existem desde os primeiros descobrimentos. Dizem que o arroz daqui não é muito diferente do arroz branco da Carolina, a não ser pela casca, que é preta por fora. Será arroz nativo do pantanal, natural do Brasil? Ou terá sido transplantado aqui e aperfeiçoado? A verdade é que, hoje em dia, como há 40 anos, uma grande faixa de terra de muitas milhas se cobre de arrozais depois das enchentes anuais. Agora, com o nível baixo do Taquari, a planta está com um pé de altura; por isso não encontrei nem brotos nem sementes.

O rio Taquari, mesmo cheio em função das chuvas que caíram nas montanhas nos últimos dias, é um rio naturalmente raso, que corre muito rápido, porque o grande Paraguai ainda está muito baixo nesta época. Ele só se enche quando recebe, em seu leito profundo, as águas dos seus afluentes cheios, mas isso raramente acontece antes de meados de março. Nessa época então, uma vez cheio, ele represa as águas dos seus afluentes, principalmente do Taquari, alagando, assim, as terras e formando o pantanal. Normalmente, o período de cheia dura de 5 a 6 meses, e, nessa época, as baixadas (que neste momento estão aproximadamente 23 pés acima do leito do rio) e as árvores baixas ficam cobertas de água. Seu nível chega a atingir 10, 12 pés de altura. Os barcos que vêem para cá na época das cheias não percorrem o curso principal do rio, como nós estamos fazendo agora, mas navegam em

linha reta até o seu destino. A partir daqui, eles procuram a foz do rio São Lourenço ou se dirigem diretamente para o rio Cuiabá, no sentido Noroeste, o que encurta a viagem em algumas semanas.

Os guias e tapejaras navegam pelos rios orientando-se pelas montanhas de Corumbá, pela mata alta e pelas ilhas de mata. Quando não é possível acampar, todos os membros da expedição ficam dentro dos barcos de dia e de noite.

12/12

O acampamento foi suportável. Há menos mosquitos; boa pesca de pacuguaçus; dourados em abundância para toda a tripulação.

A apenas meia légua de distância da foz do Taquari, decidi montar acampamento, para fazer as observações astronômicas do lugar e para expor ao sol o material coletado, aproveitando que o tempo se firmara.

Partimos um pouco mais tarde do que o normal.

Por volta das 8h, após passar por um banco de areia na margem direita, chegamos à foz. Tínhamos muito com que nos ocupar. Vimos mais pássaros do que nos últimos dias: o mutum[34] com sua voz rouca, gaivotas e *rhynchops*[35]. Mas verificamos logo que o local não era apropriado para uma parada mais longa, pois não achamos nem abrigo contra o sol nem lenha para fazer fogo para cozinhar. Embarcamos novamente e fomos para a margem direita do Paraguai, que, além de mais alta, tinha árvores e um banco de areia seco.

Retomamos nossas tarefas. Os pássaros e animais já preparados foram expostos ao sol. Para nosso alívio, havia poucos mosquitos aqui, de forma que nos entregamos, com muito prazer, ao trabalho científico.

À tarde, vimos uma pequena embarcação com três pessoas remando em nossa direção. Tinham ido a Cuiabá, para levar notícias sobre os distúrbios com os guaicurus no Forte Coimbra, para onde retornavam agora, após 8 dias de viagem. Eles nos contaram também que o governo havia tomado medidas graves contra os índios, inclusive a de enviar uma expedição militar para combatê-los. Provavelmente cruzaríamos com ela dentro de poucos dias. Eles ficaram algum tempo conosco e retomaram o seu rumo.

Cientes dessa notícia e atentos às queimadas feitas pelos guaicurus na margem esquerda, não muito longe de nós, decidimos tomar algumas medidas de segurança para o caso de sermos atacados de surpresa por eles: limparam-se todas as armas, toda a tripulação foi armada, e montou-se guarda durante a noite.

13/12

Bem cedo, após acondicionar novamente a bagagem nas canoas e prepará-las para subir o rio, onde teriam que ser impulsionadas com varas, começamos a navegar o rio Paraguai. Ele não é tão imponente nem nos impressionou tanto como o Paraná. É mais lento, embora mais profundo. Nesta época, ele está mais baixo, mas, na cheia, as margens, que ficam uns 20 pés acima do nível das águas, se alagam. O Paraguai pode ser navegado com barcos de grande calado até acima de Coimbra; oferece, portanto, uma comunicação fácil entre a Província de Mato Grosso e Buenos Aires e com o resto do mundo.

À tarde, forte tempestade com chuva. Soubemos também, pelos soldados vindos de Cuiabá, que lá havia chovido muito e que os rios Cuiabá e São Lourenço estão bastante cheios. Eles se enchem agora e

diminuem em março, quando começa a estação seca; só então o leito profundo do rio Paraguai aumenta seu volume. Portanto, aqui acontece o contrário dos outros lugares: as cheias se dão no período da seca.

À tarde, ainda tivemos muita chuva forte, o que nos obrigou a montar acampamento mais cedo. O vento forte levantava ondas enormes. As águas do Paraguai estão muito sujas e turvas, enquanto que as do Paraná eram cristalinas.

A temperatura normal é de 24°Reaumur. Se se colocar um pouco de água numa vasilha e deixá-la parada durante a noite, de manhã ela está bem fresca. Era a única forma de conseguirmos beber algo refrescante. Mas, infelizmente, não trouxemos nenhum pote apropriado para esse fim. No recipiente que temos, de manhã há sempre resíduos depositados no fundo.

As margens baixas são cobertas de barro, marga e terra preta. A cadeia de montanhas ao longo da margem direita é de formação calcária.

14/12

Dia 14. Aprontamo-nos para a viagem na hora de sempre; esperávamos chegar em poucas horas na povoação de Corumbá, que estava 2 léguas à nossa frente. O tempo melhorou um pouco, apesar de ter chovido forte durante a noite. Os mosquitos continuam nossos fiéis companheiros, assim como os carrapatos em Minas. Mas ainda são suportáveis e permitem-nos trabalhar. Na parada para a jacuba, desempacotamos as bandeiras, distribuímos pólvora para os escravos e nos preparamos para o desembarque e para uns dias de descanso. O rio, agora menos volumoso, corre entre margens baixas, algumas ilhas e braços de rio pequenos e grandes. As margens são cobertas de tabuas[36] e aguapés[37]. Sobre os bancos de areia, vimos pássaros aquáticos de vários

tipos e em maior quantidade do que nos últimos dias.

Chegamos, por volta do meio-dia, ao povoado de Corumbá, também chamada Povoação de Albuquerque, onde fomos recebidos com muita hospitalidade pelo atual comandante, Alferes Miguel Paes Rodrigues. Riedel e Taunay já o haviam avisado da nossa vinda, de forma que ele já nos estava esperando. Colocou à nossa disposição a melhor casa do lugar e cercou-nos de uma atenção difícil de se ver entre os povos mais civilizados.

Ele mandou limpar todo o mato do caminho até a casa, que era a mais habitável da vila. No quarto, havia um jarro grande de água fresca, algo de que não desfrutávamos há muito tempo. Na cozinha, já encontramos lenha seca e uma panela. E ainda descobrimos uma outra comodidade, que não se vê nem nas melhores casas do Rio de Janeiro: uma cabaninha toda feita de folhas de palmeiras. Isso nos poupava de ter que procurar moitas ou lugares afastados, como em Camapuã.

Tão logo chegamos, vieram nos trazer galinhas, outra gentileza do nosso amável anfitrião. Sua vontade era nos proporcionar o máximo possível de conforto; só não fez mais porque o lugar era muito pobre, e a natureza não era muito pródiga.

Aqui é extraordinariamente seco; por isso, não havia muitos jardins. Pedi, por encomenda, que mandassem abater um ou dois bois para a tripulação, e aceitaram prontamente, sem barganhar.

Poucas horas depois, abateram um boi, mas ainda não sei o preço.

Depois de ouvir o parecer técnico do comandante, eu estava resolvido a ir visitar os arredores da Povoação de Albuquerque (aldeia dos índios guanás) e a Missão, mas principalmente o Forte Coimbra e as grutas subterrâneas das montanhas calcárias.

Quando eu conseguir levantar mais informações, falarei sobre esses índios, de sua operosidade e de sua produção, de como passaram da condição de selvagens para a de pessoas civilizadas, graças à ação do atual bispo.

Contudo, o próprio comandante nos aconselhou a desistir da idéia de fazer essas incursões, pois agora todos os habitantes estão ocupados em se preparar para enfrentar os guaicurus[38].

A nação dos guaicurus é belicosa e traiçoeira e, neste momento, está mais hostil do que nunca em relação aos portugueses. Há anos, ela vem reunindo os seus membros: já conseguiu formar uma tropa de quase 400 guerreiros. No total, são 3.000 a 4.000 almas que se levantam agora contra os portugueses, e são capazes de cometer barbaridades sem igual. Perto da Missão, eles roubaram cerca de 1.000 animais, entre cabeças de gado e cavalos. Ao sul de Coimbra, atacaram de surpresa um barco que fora mandado ao território espanhol (me parece que ao Forte Bourbon) e que retornava com relatórios oficiais. Mataram todos os ocupantes, destroçaram e queimaram o barco.

A Missão de Albuquerque fica a 12 léguas daqui; pelo rio, chega-se lá em um dia e meio, e, por terra, em mais ou menos 12 horas. O comandante me desaconselhou totalmente a fazer essa viagem: mesmo sem ter recebido nenhuma notícia específica sobre o paradeiro dos guaicurus, ele acha que seria se expor desnecessariamente. Pelo rio, o risco é menor, pois esses índios só andam a cavalo, mas a Missão fica a uma boa meia légua daqui. Ao desembarcar, eu teria que mandar alguém ir até lá com alguns homens numa canoa pequena, e, com isso, eu me veria, na beira do rio, indefeso e exposto a um ataque-surpresa.

Uma viagem a Coimbra é ainda mais impensável, pois ela me tomaria muito tempo, e não posso expor a expedição a riscos. Decidi,

então, ficar aqui alguns dias e tentar aproveitar o meu tempo o melhor possível. Nesse sentido, despachei, hoje cedo, meu caçador juntamente com um caçador do estabelecimento e fiquei esperando as novidades do dia. O comandante tem sido muito solícito comigo em tudo, mas é um homem imprevisível. Hoje de manhã, fizemos nossos primeiros negócios: ele me deu peles de onça em troca de várias roupas brancas e outras mercadorias.

No ano passado, houve uma grande mortandade de animais: galinhas, porcos, cavalos, bois, vacas e bezerros. Eles foram mortos por bandos gigantescos de morcegos. Isso levou muitos habitantes daqui a se mudarem para a Missão. Mas, mal chegaram lá com o que sobrara dos seus rebanhos (seus únicos bens), eis que os morcegos, que os tinham seguido, os atacaram novamente, causando-lhes novamente prejuízos enormes. Os soldados que haviam sido enviados para combater os guaicurus perderam praticamente todos os cavalos com o ataque dos morcegos. Eles também quase dizimaram a população local de cervos, veados e porcos.

O vilarejo é agradável; fica na margem direita do Paraguai, sobre uma chapada extensa e elevada. Sua população hoje é de aproximadamente 200 almas. Em toda parte vê-se muita limpeza e organização.

As crianças normalmente andam nuas, até mesmo meninos já crescidos. Moças e senhoras são asseadas e vestem apenas saias brancas de tecido fino. As ricas se vestem muito bem. Não se vêem mendigos como em Camapuã, mas também não se vê riqueza. Notei nas pessoas boas maneiras e muita decência; a perversão moral aqui é menor. Pratica-se a religião não por diversão ou como um teatro de fantoches, mas com seriedade. Todo sábado, os pais de família têm que fornecer uma

certa quantidade de cera para a capela. À noite, ela está sempre bem iluminada. Não há padres nem aqui, nem na aldeia dos guanás, nem em Coimbra ou Miranda. Ou morreram, ou foram embora, por não acharem esses lugares vantajosos.

O alimento principal são peixes, que aqui se consegue o ano inteiro e em abundância. Cada estação do ano produz as suas espécies típicas. O mesmo acontece com a criação de gado: as pastagens no pantanal, durante a estação seca, engordam bastante o gado. Aqui também não falta caça. O sal, a aguardente, a pólvora e outros produtos de primeira necessidade vêm sempre de Cuiabá, a capital da Província, com quem os habitantes daqui mantêm intenso comércio. Os mensageiros ou expressos são mandados ora de Coimbra e Miranda para Cuiabá, ora de Cuiabá de volta para Coimbra e Miranda, e oferecem freqüentes e seguras oportunidades de transporte e locomoção. Assim como os habitantes, também a nação dos índios guanás é tida como trabalhadora e, segundo dizem, muito honesta. Eles se estabeleceram no caminho daqui para o Forte Coimbra e nas diversas expedições entre Porto Feliz e Camapuã.

Aqui praticamente não se conhece o ouro nem moedas cunhadas. O comércio é feito apenas por escambo. Podemos conseguir leite e galinhas em abundância em troca de uma bagatela. Eu faço negócios por peles de onça e de outros animais.

É muito difícil fazer agricultura aqui. As roças ficam 2, 3, 4 ou mais léguas de distância do estabelecimento. Além disso, eles dizem que o solo está impregnado de cal, principalmente esta montanha calcária, e por isso ele não produz nada. Não se conhece o adubo e muito menos a estabulação.

Cada morador tem uma pequena horta atrás da casa, onde plantam normalmente cebola, alho, milho e couve. Como já disse, se as pessoas

soubessem usar o adubo, certamente transformariam seus quintais em grandes lavouras.

Existe até um engenho de açúcar, mas não há destilaria; bananas há poucas.

Ouvi, com estranheza, o comandante Alferes Miguel Paes Rodrigues, um bravo homem, me contar que as plantações de cana-de-açúcar às vezes congelam. A causa certamente não é nem o frio nem a geada, mas sim a incidência do sol matutino sobre elas depois de uma noite fria. (A esse respeito, ver, no meu diário de Minas, a referência que faço ao lugar chamado Noruega, onde se protegem as plantações do sol matutino.)

18/12

Nossa partida estava marcada para o dia seguinte.

À tarde, chegou um estafeta de Coimbra, com a missão de procurar Riedel e Taunay e levá-los para essa vila. É que, por desinformação de minha parte, eles haviam vindo sem passaportes. Com a minha chegada, eles foram providenciados, e tudo ficou resolvido. Achei conveniente enviar ao comandante uma cópia da portaria. Vieram, então, me dizer que ele havia apenas cumprido o seu dever e que, portanto, não tinha culpa.

À tarde chegaram os índios guanás da Missão: estavam indo para Cuiabá, com um grande batelão e vários barcos pequenos, para fazer negócios.

Eles produzem belos e resistentes tecidos de algodão e panelas de barro e compram aqui alimentos, toucinho, carne seca, sebo e solas de

couro. Falam até um bom português e mantêm comércio intenso com Cuiabá. Robustos, feições delicadas, todos vestidos. A maioria é batizada. Têm cabelos longos, que tantos homens como mulheres usam em tranças ou enrolados. Os homens só tem uma mulher, não são ciumentos, mas loucos por ouro. Vivem da pesca e da receita da venda de seus produtos. Estão sempre bem humorados, cantam e riem muito. São maus caçadores; praticamente se desacostumaram do arco e da flecha e os substituíram por espingardas. Pólvora e chumbo eles compram ou apanham em Cuiabá ou em Coimbra. Há muitos anos vivem em harmonia com os portugueses. Eles aparentam ser um ramo dos guaicurus. Entendem a língua destes, mas falam um pouco diferente.

19/12

Ontem à noite, consegui duas anhumapocas (*Parra Chavarias*) e uma bela e grande sucuriú, que mandei prepararem para o empalhamento ainda antes de partirmos. Por volta do meio-dia, logo depois do almoço, já estava tudo pronto. O chefe dos índios pediu permissão para nos acompanhar até Cuiabá: ele temia um ataque dos guaicurus na curva do rio São Lourenço e nas redondezas da estrada de Miranda para Cuiabá.

Antes de partir de Corumbá, ou Povoação de Albuquerque, preciso contar que fiz negócios bastante lucrativos com eles: troquei mercadorias que eu tinha em grande quantidade, tais como chita estampada, chita branca, madapolão, morim, paninhos[39]. Eu teria lucrado ainda mais se tivesse mais tino comercial e tivesse trazido mercadorias mais úteis e necessárias para essa pobre gente. Comprei cassa do tipo mais ordinário e chita branca das mais grosseiras por meia pataca, um côvado por 4 vinténs de ouro. Por outro lado, troquei só mercadorias da melhor

qualidade por meia pataca de ouro. Nessa troca, adquiri algumas peles de boi ao preço de 1.800 réis; de guaribas[40] a 250-300 réis; de *Lutra* ariranha a 600-900 réis, dependendo do tamanho e da beleza. Os guaribas machos, ou bugios pretos, dão belíssimos trabalhos em pele: seus pêlos pretos brilhosos se parecem com os da raposa negra. Todas as peles estavam bem curtidas.

Além disso, dei alguns presentinhos ao comandante, que os retribuiu com uma bela pele de boi, além de mandar matar dois bois gordos para a tripulação. Que delícia! Só em Guernsey comi uma carne tão gostosa.

Deixamos o estabelecimento com tempo agradável, sem aquele calor sufocante. Nos últimos dias, o tempo ficou instável e frio, com chuvas e trovoadas esporádicas. Mas a alegria durou só algumas horas: uma ventania trouxe chuva forte, raios e trovões, o que nos obrigou a parar na margem mais próxima, cobrir depressa as canoas e ficar esperando a tempestade passar. Assim ficamos uma boa parte do dia, de forma que nos sobrou pouco tempo para sair por essas margens pantanosas e baixas procurando um lugar para acampar. Tivemos que manobrar as canoas no meio da vegetação aquática densa, até que, felizmente, conseguimos encontrar um lugar apropriado. Os índios guanás, que nos acompanham, montaram seu acampamento ao lado do nosso. Estenderam peles de boi no chão e sobre elas armaram um pequeno mosquiteiro preparado com um tecido grosso feito por eles mesmos. Ali eles ficam protegidos da chuva e dos mosquitos, mas devem sofrer um calor insuportável.

20/12

Prosseguimos viagem assim que o dia raiou. O tempo abriu

novamente. As águas do rio Paraguai estão cada vez mais turvas e impregnadas de barro vermelho. Com as chuvas fortes, os rios de cima já subiram um pouco, mas ainda não chegam a impressionar os habitantes. Para estes, a cheia só começa quando o rio transborda de seu leito, alagando as baixadas.

Por volta do meio-dia, tivemos mais vento forte com chuvas e trovoadas, mas a tempestade se dissipou rapidamente. Hoje avançamos rápido e sem novidades. Vimos vários jacarés nas margens baixas alagadas e sobre faixas de terra, a maioria com as goelas enormes escancaradas para o alto; pareciam esperar que pombos assados voassem diretamente para dentro delas. Segundo o guia, realmente eles ficam assim esperando que insetos como mosquitos, moscas e borboletas pousem em sua boca para os engolir. Haja mosquito para saciar esses milhares de jacarés vorazes que existem aqui!

Meus caçadores abateram hoje um belo e grande *Basiliscus*[41], que besuntei com alume e sal.

Pouco antes do pôr-do-sol, chegamos a uma margem um pouco mais elevada, com algumas árvores altas e muitas palmeiras tucum espinhosas[42], onde montamos acampamento. Havia poucos mosquitos, um acontecimento tão agradável que merece comentário. Foi uma noite fresca, enluarada, mais cheia de ruídos do que nunca. Não sei se consigo me lembrar de todos: eram gritos, berros, rugidos, estrondos, gemidos, coaxos, assobios, sibilos, cantos e zunidos enchendo o ar. Eu os ouvia meio dormindo, meio acordado. Mas o mais primoroso era o som abafado e grave dos mutuns, que, do alto, soltam melancólicos e repetidos *mu-tum-tum*, como se soprassem uma corneta. Dizem que as anhumas gritam de hora em hora. Pode-se ouvir o som penetrante e repetitivo das cigarras nas árvores próximas. De vez em quando, ouve-se o grito

rouco dos jacarés vindo dos aguapés próximos. Barulho maior ainda fazem os *Penelope* araquãs[43]. Machos e fêmeas gritam, um após o outro, no mesmo tom. Os portugueses contam que o macho diz "quero casar!", e a fêmea responde: "Para Natal!". Enfim, é uma *gagaraga*[44] que enche o ar. No meio de todos esses sons, ouvem-se nitidamente as numerosas *Ardea* (socó-boi[45]), as gaivotas e outros pássaros aquáticos, o coaxar dos sapos e rãs. Toda essa barulheira acabou abafando completamente o odioso zumbido dos mosquitos. Eu não estaria faltando com a verdade se dissesse até que ouvi também o esturro da onça enorme que vimos à noite, ao chegarmos na margem direita oposta, e dos milhares de macacos gritadores espalhados por toda parte.

21/12

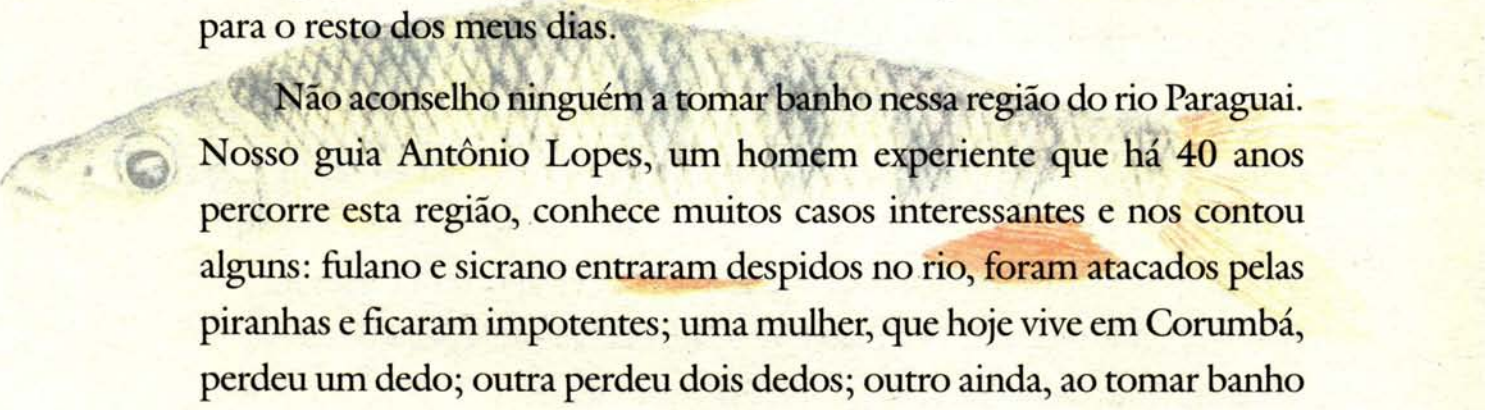
Antes do amanhecer, embarcamos nas canoas, acompanhados dos índios guanás e da gritaria dos pássaros. Fizemos uma boa viagem de cerca de 3 léguas, paramos para a habitual jacuba e para o almoço e, à noite, montamos acampamento numa pequena ilha. Tentávamos nos esconder dos mosquitos, mas eles conseguiam penetrar dentro dos mosquiteiros. É necessário prática, cuidado e atenção na hora de montá-los. Uma providência muito importante é retirar a grama que fica sob o mosquiteiro, pois a quantidade de mosquito que fica ali durante o dia é suficiente para roubar o sono de uma noite inteira.

22/12

Foi um dia de viagem muito monótono, em que percorremos 4 léguas. Fazia um calor insuportável dentro dos barcos toldados: na

sombra, +29°, mas talvez o reflexo do calor da madeira tenha esquentado o termômetro; de qualquer forma, sofríamos muito com o calor.

Com exceção das piranhas, nenhum peixe mordeu as iscas nos últimos dias. A água está muito turva, a +24° e impossível de se beber. Os mosquitos não deram sossego; foi praticamente impossível trabalhar. De vez em quando a brisa os espantava por alguns instantes, mas eles logo voltavam em nuvens e caíam sobre nós como urubus na carniça. Eles procuravam qualquer parte do corpo descoberta para picar. Seu ferrão atravessava duas camadas de tecido (casaco e camisa). O tempo esteve bom, embora algumas nuvens de chuva passageiras nos ameaçassem de vez em quando. Mas os ventos fortes e as trovoadas estavam bem distantes de nós.

23/12

Partimos cedo, como sempre, e com tempo bom. Durante o dia, o calor era insuportável: acima de 27,5°. Tivemos que almoçar um pouco mais cedo (às 10h45) do que de costume, para que Rubtsov fizesse suas observações. Aproveitei para deixar ao sol e ao ar livre os pássaros preparados nos últimos dias. Tive que providenciar uma caixa vazia, porque os espécimes maiores estão se acumulando e ocupam muito espaço: anhumas, tuiuiús, araquãs, biguás[?], talha-mares e outros. O calor era tanto que várias pessoas da expedição resolveram arriscar um banho no rio, ou pelo menos lavar o corpo numa margem arenosa rasa que havia por perto.

Com uma temperatura mínima de +30° ao sol, a água, com seus +24°, parece até fresca. Como se está sempre transpirando, é muito saudável e agradável refrescar o corpo de tempos em tempos,

principalmente de dia, para abrir os poros.

Nos últimos dias em que estivemos no Taquari, o pessoal aprendeu o velho costume de tomar banho despejando água sobre a cabeça por causa das piranhas e raias. Durante a nossa permanência em Corumbá, nossos principiantes viram os habitantes da vila se lavando diariamente no rio e perderam o medo desses peixes, mas ainda evitam se afastar da margem e ir para o fundo do rio.

Até eu acabei me deixando seduzir pela idéia: com o sangue fervendo e a pulsação bastante acelerada por causa do calor, resolvi reanimar meu corpo cansado e aliviar a respiração com um banho. Satisfeito por ter tanta companhia, tirei rapidamente as roupas e me joguei na água. Mas, na mesma hora, contra a minha vontade, as crianças e os demais saíram da água, numa atitude de respeito, e me vi sozinho dentro do rio, com água a 1,5 pé de altura. Recuperei o fôlego, me refresquei e ia dar um último mergulho, quando, de repente, uma pequena (felizmente!) piranha mordeu uma parte nobre e preciosa do meu corpo, deixando em volta dela a marca de um círculo bem feito, com seus 12 dentes. Por sorte não o arrancou fora. Corri como um raio para fora do rio. Embora estivesse bastante machucado e sangrando muito, percebi que eu ainda era um homem inteiro: não havia perdido aquele pedacinho de carne precioso do corpo. Fosse um peixe maior, provavelmente agora eu estaria mutilado para o resto dos meus dias.

Não aconselho ninguém a tomar banho nessa região do rio Paraguai. Nosso guia Antônio Lopes, um homem experiente que há 40 anos percorre esta região, conhece muitos casos interessantes e nos contou alguns: fulano e sicrano entraram despidos no rio, foram atacados pelas piranhas e ficaram impotentes; uma mulher, que hoje vive em Corumbá, perdeu um dedo; outra perdeu dois dedos; outro ainda, ao tomar banho

no rio, também foi mordido por uma piranha, que lhe arrancou, da parte de trás da coxa, um naco de forma circular bem delineada. Enfim, o melhor mesmo é seguir o costume que se adota aqui: tomar banho despejando água na cabeça.

À tarde, avistamos um braço do Paraguai na margem esquerda, o Paraguai-Mirim, que, logo acima do Taquari, se reencontra com o grande rio, formando, assim, uma grande ilha.

24/12

Seguimos pelo leito raso do grande rio, que vai abrindo caminho pelo pantanal com suas curvas. Hoje, por volta do meio-dia, chegamos a um afluente na margem esquerda, perto de uma ilha que há 12 anos não existia. Nessa época, havia apenas um único braço enorme à direita do rio. Após uma dessas enchentes que ocorrem todos os anos, formou-se um pequeno canal, que, a cada ano, se alargava um pouco mais. Há 12 anos, ele não era muito navegável; hoje é o braço mais profundo do rio, enquanto que o mais largo, na margem direita, foi totalmente assoreado pela lama.

Nesse ponto, vimos, na margem direita, montanhas de porte médio e em cujas redondezas se estabeleceram os índios guatós - vamos conhecê-los mais de perto em poucos dias.

Por volta das 3h, caiu uma tempestade com ventos e chuva fortes, que nos obrigou a procurar abrigo na margem próxima e a cobrir os barcos o melhor possível. Mas o vento estava tão forte que a água da chuva, apesar de todos os cuidados, acabou penetrando em vários locais, inclusive onde estavam exemplares de História Natural (peles de pássaros recém-preparadas). A temperatura caiu, de repente, de +27° para +20°.

Só no final da tarde pudemos sair do buraco escuro onde ficamos sem nos mexer. Nesse momento, pude observar que os índios e nativos deste lugar não são mais resistentes ao frio do que os europeus. Nossos acompanhantes (os guanás), mesmo vestidos com camisas de tecido grosso, já tremem de frio com um calor de 26° - os europeus começam a sentir frio com 6° ou 8°R.

Os mosquitos, cada vez mais numerosos, não nos permitiram trabalhar. Mas passamos a noite sem eles, portanto, uma noite agradável.

25/12

Natal nos sertões, nos pântanos do Paraguai.

Hoje o tempo melhorou um pouco. Seguimos viagem e procuramos um lugar adequado para a parada do meio-dia, um lugar onde pudéssemos pôr para secar as roupas, camas e papéis que ficaram ensopados ontem.

Passamos para o lado direito da cadeia de montanhas onde os guatós montam guarda. Ali certamente teríamos encontrado muito material de História Natural, mas, em uma viagem tão apressada como a nossa, somos obrigados a deixá-lo para que outros pesquisadores o descubram e estudem.

E o motivo da nossa pressa é a brusca redução dos nossos estoques de provisões, principalmente de farinha de milho, que, pelos nossos cálculos, só dá para mais 18 ou 20 dias. Feijão e toucinho ainda temos bastante e esperamos conseguir com os guatós um bom suprimento de carne de caça e peixes.

No final da tarde, chegamos à margem direita plana de uma ilha,

onde conseguimos madeira suficiente para cozinhar. Foi o acampamento mais agradável que tivemos nos últimos dias. A tempestade de ontem refrescou o tempo, o vento varreu, de todos os lados, a ponta seca da ilha, e nos vimos finalmente livres dos mosquitos. Nuvens de pássaros, entre eles, um *Larus* ou *Sterna Rhynchops* e um pato do gênero *Anas*, voavam para todos os lados, dando vida à região, mas também protestando, com gritos fortes, contra nós, por nos termos apoderado de seu hábitat.

A noite estava fresca e agradável.

Não muito longe dali, na margem direita do Paraguai, avistam-se os cumes arredondados de dois morros contíguos que emergem da cadeia de montanhas. São os chamados Achiante[?].

Os guanás, nossos companheiros de viagem desde Corumbá, decidiram, hoje cedo, prosseguir em ritmo mais rápido. Fizeram vários pequenos negócios conosco, mas, como sempre acontece, se arrependeram e exigiam a devolução das coisas que haviam nos dado na troca. A mercadoria mais valiosa que trouxeram consigo foram cobertas ou panos bem tecidos em algodão forte, praticamente impermeáveis à chuva. Mas isso eles normalmente não trocavam por nada: nem por facas, nem por machados, nem por tecidos finos de algodão. Um índio resolveu trocar uma coberta pequena pelo meu longo espelho da Boêmia e o carregou, com todo cuidado, de Corumbá até aqui. Volta e meia ele se olhava nele; às vezes, emprestava aos companheiros, para estes se verem também. Mas, hoje, esse pobre homem me procurou e, muito triste, me devolveu o espelho. Pelo que pude entender de sua explicação, durante a tempestade e os ventos de ontem, ele sentiu frio pois não tinha mais a sua coberta; e, como não podia usar o espelho para se cobrir, quis desfazer a troca. Deu-me o espelho de volta, não sem antes

se olhar pela última vez nele.

Todos os anos, literalmente, o rio Paraguai muda o seu curso quando atravessa o pantanal, esta região bem baixa onde estamos agora. À direita e à esquerda, vêem-se as curvas e baías por onde o rio já passou em outras épocas.

O guia nos contou que quem conhece a região sabe exatamente os caminhos que deve tomar, quando os rios estão cheios, para encurtar a viagem; mas quem não a conhece pode ficar vagando perdido por 4, 6 léguas. Ele se recorda de que, há 6, 8 ou 10 anos, esse e aquele afluentes do rio eram navegáveis e que hoje mal se vêem; outro riacho se transformou em uma elevação de terra firme e se cobriu de árvores; ele presenciou ainda uma faixa inteira de terra firme, de repente, desaparecer sob as águas, como se tivesse sido minada por baixo.

Seria fácil estreitar o leito do rio, retificar o seu curso e elevar ambas as margens. Isso significaria tornar navegável uma grande extensão do rio acima do Forte Coimbra.

26/12

Ainda não tinha amanhecido quando deixamos o belo local onde acampamos, e chegamos, por volta do meio-dia, às cabanas miseráveis dos índios guatós, tão diferentes das dos guanás.

Os guanás têm um nível cultural bem mais elevado, foram civilizados pelo atual bispo de Cuiabá, e a maioria é batizada. Eles vivem da comercialização de seu artesanato; são monógamos, asseados, andam vestidos e moram em aldeias, em cabanas bem construídas.

Certamente por causa dos seus hábitos de higiene, eles aparentam

ser mais brancos do que as demais nações indígenas brasileiras que já observei até hoje.

O que os distingue dos guatós é o fato de serem praticamente imberbes. Têm cabelos negros, brilhantes, fortes e compridos, que usam ora totalmente soltos, ora presos em rabo-de-cavalo ou em tranças. Eles quase não têm pêlos nas outras partes do corpo; os homens não têm que arrancar a barba, fio por fio, com raiz e tudo. Os jovens de 24, 25 anos normalmente também não têm barba; quando aparece um ou outro pêlo, eles o arrancam.

Os guatós, por sua vez, levam uma vida praticamente selvagem: vivem da caça e da pesca. São os melhores flecheiros de todas as nações indígenas. As roupas e os utensílios de ferro, eles os adquirem abatendo animais, comercializando peles de onças, macacos e ariranhas e fabricando canoas pequenas, leves e rápidas.

Há muitos anos eles convivem pacificamente com os portugueses. São sujos, estão sempre perambulando pelas margens do rio. Em alguns lugares, como aqui por exemplo, para se proteger da chuva, eles constroem cabanas cobertas de folhas de palmeiras e abertas dos lados. De tempos em tempos vêm algumas famílias morar ali.

Foi um lugar bem escolhido. Neste ponto, as cadeias de montanhas se aproximam do rio, que aqui corre mais rápido por um vale estreito e profundo.

Praticamente todos os guatós têm barba, pelo menos embaixo do queixo, no baixo-ventre e em outras partes, ao contrário dos guanás, que são totalmente desprovidos de pêlos. Em função de seu modo de vida, eles não cuidam da higiene do corpo e são mais sujos.

Todos andam despidos, com exceção de alguns, que adquiriram

dos portugueses o hábito de usar calças, no caso dos homens, e saias, no caso das mulheres. Os meninos andam totalmente nus até a fase adulta. As meninas, mesmo quando ainda mamam, usam, sobre a púbis, um tipo de borla grande e larga, feita de folhas de tucum, uma espécie de palmeira. *[desenho da indumentária]*

Os homens têm um senso de pudor muito diferente de nós, europeus. Eles consideram que, para estar vestido, basta esconder a glande do pênis, o que eles fazem de uma forma estranha, amarrando o prepúcio na ponta. A maioria dos homens tem os joelhos virados para dentro e as pernas tortas, talvez por causa do hábito, que praticam desde a infância, de usá-las para esticar seus arcos grandes e rijos. *[desenho]*

Por que as pessoas e os animais preferem morar nesta região? Será porque aqui existe muita caça, mais onças do que em outros lugares? É fácil explicar: das centenas de léguas de baixadas do pantanal, esta é a mais próxima da cadeia de montanhas, que está cercada, tanto de um lado como de outro, por grandes lagos, pântanos e línguas de terra. Na época da cheia no pantanal (ou seja, no fim da estação seca), onças, capivaras, antas, veados, cervos, enfim, todos os bichos fogem, por instinto, para essas montanhas. Aí começa, então, a estação de caça para os índios, época em que eles vivem com fartura.

Neste momento, o rio Paraguai está baixo, e os pântanos estão secos neste lugar. O gado ainda pasta nas baixadas. As onças e as capivaras estão bastante dispersas. As chuvas não ajudam muito a secagem das peles. Os poucos índios guatós já haviam vendido centenas de peles para as várias expedições que passaram por aqui, inclusive a do Capitão Sabino. Assim, não sobraram muitas para nós. Troquei um facão de ferro, quer dizer, com punho de ferro, por duas peles: uma de onça e outra de ariranha; e uma faca de sapateiro por algumas peles de macaco.

Os índios se arrependeram muito de ter esgotado o seu estoque, quando me viram presentear mulheres e crianças com alguns objetos como anzóis, pérolas, faquinhas e agulhas de costura.

Como os índios também são vulneráveis aos mosquitos, inventaram uma forma bastante peculiar de se proteger deles. É um pedacinho de pano grosso, feito de [fibras de] tucum, todo rodeado de franjas, com duas pontas presas em uma vareta, que eles penduram nos ombros nus.

De vez em quando, com muita habilidade, eles o sacodem em volta do corpo, para a direita e para a esquerda, e assim espantam os mosquitos.

[Desenho]

Encontramos, nas canoas desses índios, mexilhões e caracóis comestíveis e de bom tamanho. Disseram-me que eles vivem muitas léguas distante daqui, nos grandes lagos (é o caso dos mexilhões pequenos) e nas margens do rio Paraguai.

Mas eu não tinha tempo para sair coletando esses espécimes: tínhamos que chegar logo em Cuiabá, pois a provisão de alimentos minguava rapidamente.

Paramos algumas horas para o almoço e prosseguimos, seguidos por várias canoas e pelos guatós.

Para eles era indiferente ficar em casa ou ir conosco. Alguns levavam todos os seus pertences: arcos, flechas, mulheres, crianças e, por via das dúvidas, uma esteira de palha, e acampavam ao nosso lado. Na verdade, o que eles queriam era receber, à noite, o que sobrasse da nossa farinha e feijão. Eles avançavam sobre os pratos cheios de comida com avidez, alegria e naturalidade: pareciam crianças. A cena desses índios jogando farinha dentro das bocas escancaradas merecia ser descrita por uma pena melhor do que a minha e ser pintada por um bom artista.

27/12

Um guató trouxe em duas canoas, além de outras pessoas, três mulheres e as crianças de duas delas. Outro índio, chamado Pedro, morou anos em Corumbá e fala fluentemente o português.

Apressamos a caminhada para chegar logo na barra do São Lourenço, onde resolvemos que vamos ficar um dia, primeiro, para fazer a marcação geográfica, e depois para fazer uma vistoria nas embarcações e embalá-las, porque elas acumularam muita água de chuva nos últimos dias. Iríamos aproveitar também para arejar as peles de pássaros, lavá-las e secá-las. Só à tarde chegamos às cabanas dos guatós, situadas perto da foz do São Lourenço no Paraguai. Montamos acampamento numa ilha baixa. O São Lourenço desemboca dividido em dois braços no Paraguai; o da direita é menor que o da esquerda, e este é tão largo quanto o Paraguai e muito mais rápido. Não demorou muito e logo recebemos a visita de muitos habitantes da região; vários nos seguiram desde as primeiras cabanas. Como é costume aqui, só foram embora depois de jantar conosco.

28/12

Durante todo o dia recebemos visitas dos guatós. A história dessa nação está no *Patriota*.

Eles têm constituição forte, são grandes; tanto os homens como as mulheres têm feições bonitas. São morenos, sobretudo porque ficam constantemente expostos ao sol e ao ar livre.

Não têm religião. Os melhores caçadores são os mais ricos. Eles só têm o número de mulheres que podem alimentar. O chefe tem três, e

dizem que um outro tem quatro. Os mais pobres só têm uma. As mulheres remam sozinhas; parece que os homens confiam nelas. Algumas meninas ainda em fase de formação - não têm nem 11 anos - já são casadas. É o caso de uma das três mulheres [do chefe]. Alguns falam muito bem o português e fazem as vezes de intérpretes. Com exceção de alguns tímidos, a maioria é bem alegre. Tanto mulheres como homens estavam vestidos, pelo menos as partes íntimas. As mulheres usam saias, os homens, calças de tecido de algodão rústico.

Quando fazem trocas, eles não querem tecidos finos: preferem contas de vidro, faquinhas, espelhos, tesouras. Mas isso eles gostam de receber como presente, sem dar nada em troca.

Alguns homens velhos exibem um orifício ou buraco no lábio inferior ou no queixo, onde eles enfiam um osso, fixando-o dentro da boca, e usam como enfeite. Parece um carretel de linha. Não vimos nenhuma mulher com esses enfeites. Homens, mulheres e crianças usam, nas orelhas, um pequeno penacho feito com belas penas rubras de colhereiros (*Platalea*), que ainda não vimos aqui. *[desenho]*

Embora esses índios já convivam harmoniosamente com os portugueses há muito tempo, eles são muito reservados. Dizem que essa nação se dividiu, quando um grupo, fugindo do convívio com os portugueses, foi embora para um lugar que fica a quase 6 dias de viagem da margem entre o Paraguai e o São Lourenço. Dizem também que eles tinham uma grande aldeia, mas, como são muito reservados, não conseguimos saber nem onde fica, nem quantos habitantes tinha. A aldeia chama-se Agaíva e não fica muito longe da margem direita do São Lourenço.

Não consigo entender por que o governo ou um particular ainda não se interessou em dar assistência a essa nação. Uma boa parte deles

já está praticamente civilizada. Quem sabe se um missionário altruísta se interessasse por eles; e lhes desse, por exemplo, instrumentos agrícolas: isso já seria muito útil para eles trabalharem em suas pequenas plantações de milho e mandioca. Eles se alimentam principalmente da caça e da pesca, que praticam geralmente com arco e flecha; raramente usam anzóis. Com 8, 10 anos, os meninos já começam a aprender o manejo daqueles instrumentos. Após 40 tentativas, já adquirem muita destreza.

De manhã, mandei alguns guatós saírem para caçar e prometi-lhes presentes em troca. Eles se movimentam lenta e cautelosamente. Partiram depois do café da manhã e retornaram pouco depois do meio-dia, trazendo peixes e outras caças. Mas o que mais me agradou foram duas anhumapocas.

Dizem que esses índios, às vezes, atingem idades bem avançadas. Há 10 anos, morreu um homem que dizia ter trabalhado, ainda na época do primeiro português Leme, aquele que plantou o bananal no rio Cuiabá. Se isso for verdade, então ele tinha mais de 100 anos. Vimos também uma senhora viúva, alta, magra e forte conduzindo sozinha sua canoa; viajara muitas milhas de distância para visitar alguns conhecidos nas redondezas. Ela nos deixou já tarde da noite, depois de tomar um bom banho de chuva.

Para os homens, é vital usar uma faixa em volta do braço esquerdo, para evitar que a tira do arco ricocheteie ao lançar a flecha.

Os seios das meninas e moças não têm formato esférico, mas cônico, são fartos e pontudos. Os mamilos são bem grandes.

(desenhos de seios]

Notei essa mesma característica nos seios das mulheres de algumas nações africanas (negras do Rio de Janeiro). A diferença é que as índias, mesmo as mais velhas e as que amamentaram muitos filhos, mantêm o

mesmo formato dos seios, enquanto que as negras, já nos primeiros anos, ficam com os seios caídos, como sacos vazios. É uma visão desagradável e repugnante.

As mulheres índias fazem panelas de barro. Cozinhar é sua ocupação principal. Normalmente, essa pobre gente come peixe cozido em água sem sal, mas agora se acostumaram com o nosso sal e aceitam trocá-lo por suas peles de onça.

Na falta de lanças de ferro, eles atacam as onças com um espeto de aroeira[46], uma madeira dura e firme que nunca se deteriora.

N.B.: Outras observações sobre os guatós, ver mais adiante.

29/12

Deixamos o acampamento mais tarde do que o normal, e um acontecimento desagradável nos atrasou mais ainda. É que, hoje de manhã, o astrônomo Rubtsov não conseguiu encontrar sua bússola de reflexão de Esmalcalda, que ele havia deixado na sua barraca. Provavelmente a roubaram, ou ele a perdeu. Foi um grande prejuízo para a expedição.

Os índios que nos visitaram ontem nos acompanharam hoje; alguns foram embora depois do almoço e voltaram para o seu acampamento. Outros, porém, retornaram. Eles habitam toda a região ao longo do rio São Lourenço.

Paramos num desses acampamentos, onde havia algumas cabanas simpáticas. Trocamos zagaias ou lanças por taiaçus, alguns macacos pretos e peles de onça. Partimos depois da refeição, em companhia de todas essas criaturas que moram aqui. Vimos algumas jovens muito bonitas, especialmente de corpo; esbeltas, bem constituídas, feições finas, ombros

e peitos elegantes, relativamente fartos, e todas quase da mesma altura. Os homens são grandes, fortes, musculosos, todos, no mínimo, uma cabeça mais altos do que eu, que meço mais de 6 pés de altura.

Enquanto nos acompanham nessas excursões, eles sempre carregam consigo, nas canoas, todos os seus bens: arco e flecha, mulheres e crianças, cobertas feitas de folhas de palmeira, paninhos contra mosquitos, além da roupa do corpo. Alguns têm animais domésticos, como galos ou galinhas, que eles criam por diversão ou amor aos animais; cachorros e papagaios (que falam a língua dos índios e não o português, para espanto dos remadores); filhotes de mutuns dentro de uma cestinha; às vezes, algum pássaro abatido e com as asas quebradas; e vimos também um colhereiro domesticado, uma rolinha e panelas de cozinha.

Todos esses indígenas acompanham a expedição durante o dia com uma única intenção: recolher as migalhas que caem das mesas dos senhores. Hoje eles ficaram até à noite e, mesmo com a chuva forte que caiu, só foram embora depois do jantar, lá pelas 8h; pegaram o seu saco e partiram. Só uma família de 5 filhos ficou conosco durante a noite e nos acompanhou até as cabanas seguintes. Para as crianças, a nossa chegada era sempre uma grande festa, não só porque podiam saciar sua fome com farinha e feijão cozido no toucinho (uma coisa rara para elas), como também porque, às vezes, nós lhes dávamos um pouco de açúcar, que elas adoram - aliás, não só elas, mas as mães e os velhos também gostam muito de doce.

30/12

Logo que amanheceu, retomamos viagem com tempo encoberto. O rio São Lourenço corre muito rápido, mas não chega a ser impetuoso.

Ele está 3 a 4 palmos acima do seu nível. As margens são cobertas por mata densa; a vegetação é diferente da do pantanal do rio Paraguai. O solo é uma mistura de terra vegetal pura com folhas e lama, que deixam as árvores e as folhas exuberantes. O terreno é baixo, mas, quando o rio sobe, nem sempre se alaga e, mesmo assim, só por pouco tempo. Certamente aqui seria um lugar excelente para se instalar uma fazenda.

Voltamos a ver borboletas e outros pássaros. Hoje, desde cedo, estamos navegando pelo pequeno braço esquerdo do rio, que, neste local, forma uma ilha grande e plana. Após o almoço, remamos ainda algumas horas e retomamos o grande rio, cujas margens aqui são tão baixas que as águas já começam a cobri-las. É difícil encontrar um lugar seco para desembarcar. Há muitas palmeiras espinhosas (tucum) e arbustos de vários tipos.

Tão logo retomamos o curso principal do rio, vimos, na margem esquerda oposta, algumas cabanas habitadas por guatós, para onde se dirigiu a família indígena que nos acompanhava. Remaram atrás de nós por algum tempo, para se despedir, pois haviam resolvido ficar por lá.

Nuvens de mosquitos nos cobriam, eram uma verdadeira praga, não no sentido figurado, mas no sentido concreto da palavra. Era impossível trabalhar ou escrever. Dentro das barracas não dava para ficar; sentamo-nos, então, na frente delas, apesar do sol quente, escaldante. Não tínhamos força e nem como nos proteger dos insetos. Como eles não conseguiam me picar através do casaco, entravam por baixo e atacavam pelas pernas, ou então pelo cachecol. Eles infernizavam a nossa vida; estávamos todos infelizes. Os corpos suados dos trabalhadores estavam cobertos deles.

Cansados, exautos, molhados de suor, sob um calor insuportável de +27°, e fugindo dos mosquitos, resolvemos procurar um lugar para

acampar. Felizmente, pouco antes do pôr-do-sol, casualmente encontramos um na margem esquerda, onde havia várias cabanas de índios abandonadas no meio da mata fechada.

Montaram rapidamente os mosquiteiros, e, sob eles, pudemos respirar novamente depois de várias horas.

Pouco depois, os mosquitos diminuíram, e então pudemos saborear nosso segundo jantar senão com toda calma, pelo menos com paciência.

31/12

Voltamos para as canoas, de novo cobertos por nuvens de mosquitos. Eram tantos que era simplesmente impossível elaborar um pensamento ou trabalhar em qualquer outra coisa, empalhar animais muito menos.

À tarde, tivemos uma pancada forte de chuva.

À noite, desembarcamos na margem esquerda.

Estávamos felizes de novo, pois a quantidade de mosquitos era pelo menos suportável e poderíamos aproveitar a noite para esfolar alguns pássaros raros abatidos durante o dia, como, por exemplo, duas anhumapocas.

A propósito, não houve nenhuma comemoração especial na noite de São Silvestre, a primeira noite do ano.

Estávamos tão cansados, os braços tão exaustos de tanto espantar mosquitos que ficamos bem satisfeitos em poder ir dormir. Comemos um jantar frugal e nos recolhemos.

Finalmente, depois de muito tempo, pudemos desfrutar uma paz suavíssima numa noite fresca, serena e sem mosquitos.

01/01/1827

Um ano penoso havia terminado, e, neste primeiro de janeiro de 1827, outro ano se inicia prometendo ser igualmente penoso.

De manhã, retomamos os barcos um pouco mais cedo do que de costume. Mal havíamos partido, recomeçou a tortura diária dos mosquitos, que chegaram nos envolvendo em nuvens e bandos, roubando-nos o sossego e a alegria de viver. Não havia como nos proteger. Lá pelas 10h, encontramos outra cabana dos guatós, perto de uma plantação de bananas. Pensamos em colher algumas, mas ela estava muito afastada, de modo que tivemos que nos contentar com as que os índios nos deram.

Na hora do almoço, recebemos a visita de três mulheres idosas, que vieram sozinhas numa canoa com uma única intenção: encher a pança.

02/01

Foi um dia enfadonho, não pudemos trabalhar, mas agradecemos a Deus por mais esse dia vencido. Estávamos cansados, exauridos do único trabalho que tivemos hoje, o dia todo: nos defender dos mosquitos. Na parada do almoço, mandei montarem o mosquiteiro para eu poder esfolar alguns pássaros. O calor era muito forte, o suor corria pelo meu corpo como se eu estivesse numa sauna.

Tão logo escolhemos o lugar para acamparmos, que, aliás, foi muito difícil encontrar e, mesmo assim, não era bom, procurei um mosquiteiro onde eu pudesse, pelo menos, respirar tranqüilamente e me livrar, por um instante, dos terríveis mosquitos. A noite estava tão serena e bonita

que nem passou pela nossa cabeça nos preparar para uma eventual chuva; e ela acabou vindo, forte, mais ou menos à 1h da madrugada, e molhou tudo.

03/01

Por causa da chuva, deixamos o acampamento mais tarde. Às 8h, quando paramos para a jacuba, deparamo-nos com uma expedição militar contra os guaicurus, comandada pelo Coronel Jerônimo, um homem já de uma certa idade e corpulento. Eram 12 canoas grandes e várias pequenas. Atrás delas, vinham outras pessoas em barcos pequenos: elas tinham ido a Cuiabá para negócios particulares e agora regressavam, sob a proteção da expedição, à Missão de Albuquerque, que estava ameaçada pelos guaicurus. A expedição trazia, entre outras coisas, pequenos instrumentos de bronze, como cornetas (buzinas de caça e não trompas), que são tocadas de manhã, ao meio-dia e à noite. Nesse encontro, pela primeira vez em rios brasileiros, as bandeiras do Império Russo e do Brasil se saudaram. Ao longo do dia, encontramos ainda muitos guanás em suas canoas pequenas, que passaram a acompanhar a expedição; e, quando o sol se pôs, montamos acampamento num local que nos pareceu razoável, pois é mais elevado e aberto.

À medida que avançamos, o rio São Lourenço se enche cada vez mais. Em alguns pontos, ele está bastante largo e profundo. Isso traz uma desvantagem para mim: todos os bancos, ilhas e margens de areia estão inundados, e são justamente os lugares onde milhares de aves ribeirinhas e palustres vêm buscar alimento, particularmente os das famílias *Platalea* e *Ibis*[47]. Não vimos uma única dessas aves. Em compensação, tínhamos que lutar contra os mosquitos. A infestação

deles é maior na época das cheias do que na estação seca.

04/01

Ainda não tinha amanhecido quando partimos. Nosso guia disse que chegaríamos, por volta do meio-dia, à confluência dos rios Cuiabá e São Lourenço. Rubtsov foi na frente numa canoa pequena e leve dos guatós, pois pretendia fazer um levantamento geográfico mais detalhado do local. Nossa intenção hoje era tirar um meio dia de folga perto da junção dos dois rios, para arejar e expor ao sol as espécies de História Natural abatidas, fazer observações astronômicas e tomar algumas providências financeiras. Mas acabou indo tudo por água abaixo: antes do meio-dia, caiu uma tempestade fortíssima, que nos forçou a parar no primeiro lugar que encontramos, cobrir as canoas e fazer nossa refeição campestre, que se constituiu de arroz, feijão e carne de macaco: sim, carne de macaco, a única que tínhamos.

N.B.: a carne dos macacos gritadores pretos, guaribas ou *Mycetes*[48], é saborosa e dizem que é muito nutritiva.

Continuamos a viagem logo depois do almoço, quando a chuva parou. O rio estava bastante cheio e largo. Hoje cedo, passamos por uma ilha; a partir dela, as baixadas ou o pantanal se estende até o rio Taquari, de modo que, na época da cheia, é possível vir em linha reta de Pouso Alegre, no Taquari, até aqui, em 9 ou 10 dias. Nosso guia já fez essa viagem algumas vezes.

Entramos no rio Cuiabá perto das 2h. Os dois rios, Cuiabá e São Lourenço, têm praticamente a mesma força. Até aqui, a água do São Lourenço estava mais fria do que a do Paraguai, em média, +23°, com uma temperatura ambiente de +24,5°.

Os galhos de algumas árvores secas e murchas tinham tanto musgo que pareciam cobertas de neve ou de flores brancas. Quando entramos no rio, a princípio, havia nuvens enormes de mosquitos, maiores do que nos dias anteriores, mas logo diminuíram bastante. Nosso guia pretendia acampar à noite num lugar chamado Três Barras, mas a chuva nos atrasou muito. Anoiteceu, e tivemos que parar antes, numa margem ligeiramente aberta e com alguns palmos de altura. O rio já estava bem cheio: só faltavam 3 palmos para que toda a região ficasse submersa, que é o que acontece todos os anos. Para nossa alegria e satisfação, conseguimos comer com calma. Ouvia-se o zunido de alguns mosquitos, mas uma mão era suficiente para afugentá-los, de forma que, durante a noite, tivemos menos música em volta dos nossos mosquiteiros.

05/01

Recuperados depois de uma noite tranqüila, retomamos alegres nossa viagem pouco antes do nascer do sol. Mas estávamos satisfeitos também porque, com menos mosquitos, poderíamos trabalhar tranqüilamente em nossas barracas.

Um quarto de hora depois, chegamos a Três Barras, onde uma ilha divide o rio em dois braços; o da direita é maior e, além disso, tem uma meia ilha formando uma baía onde há muitos peixes. A água do braço direito do curso principal estava vermelha, impregnada de barro; o braço esquerdo, onde estamos, é menor, e sua água está escura, quase preta. Não havia muita correnteza.

Finalmente o sol apareceu, depois de um longo tempo; o céu bonito nos prometia um dia seco. Decidi que pararíamos por meio dia para medir as distâncias da lua e para colocar ao sol e ao ar livre as peles de

pássaros coletadas nas últimas semanas, para poder empacotá-las. As anhumas (*Palamedea Chavaria, Parra Chavaria* Lin.[49]), como eram muitas, consumiram um bom estoque de tecido de algodão. Fui, então, obrigado a retirar o tecido dos exemplares já secos para envolver outras espécies (ver *Diário de História Natural*).

Quando o sol esquentou o ar, por volta das 9h, encontramos um bom lugar seco na margem direita e ali fizemos uma parada, bastante merecida por sinal. Todos os espécimes secos foram devidamente acondicionados, outros foram colocados ao ar livre e, uma vez secos, guardados com todo cuidado. Foi um dia muito proveitoso.

06/01

Bem antes do alvorecer já estávamos prontos para partir e seguimos pelo pequeno braço esquerdo do rio, com uma pequena ilha à nossa esquerda. Pouco antes do meio-dia, retomamos o grande rio. Paramos para almoçar antes do horário de costume, pois uma tempestade se aproximava. Mal havíamos desembarcado e colocado a chaleira no fogo, caiu um temporal e nos pegou desprevenidos. Nessas ocasiões, a primeira coisa a fazer é proteger bem os alimentos, principalmente agora que talvez nem durem até Cuiabá.

Ainda não falei sobre o extraordinário instinto do urubu[50]. Eles estão sempre perseguindo os viajantes nesta região, pois sabem que estes costumam abater bandos de guaribas, seja para comercializar sua pele, seja para comer (além de peixes, jacarés, veados, sobretudo no período das secas). Sabem, portanto, que lixo é o que não lhes falta. Nem bem botamos o pé em um lugar, logo aparecem essas visitas indesejáveis; e mal levantamos acampamento, elas voam para cima dos restos de comida,

devoram-nos e voltam a perseguir as canoas; às vezes, já saem voando na frente, na direção do acampamento seguinte, onde ficam esperando a próxima refeição.

No final da tarde, estávamos apavorados por ter que montar acampamento em mata fechada. Mas, à noite, os mosquitos acabaram nos atormentando muito menos do que nos últimos dias. Estávamos radiantes por ficar livres deles. Há muito não desfrutávamos um jantar com tanto prazer e há semanas não dormíamos tão bem como hoje à noite.

07/01

Toda a natureza parecia dormitar. Nenhum mosquito zumbia à nossa volta, nenhum araquã barulhento, nenhum macaco gritador, nenhum socó-boi, nenhum inseto, nem mesmo uma rãzinha; só se ouvia, de longe, o mutum.

Quando o guia veio chamar a tripulação, estavam todos roncando, em sono profundo. É que a mata ainda estava escura, o sol ainda não tinha nascido, e muitos pensaram que ainda fosse noite. Mas se levantaram alegres e se cumprimentavam dizendo: "Faz muito tempo que eu não durmo tão bem! Graças a Deus, nenhum mosquito!"

Quem nunca fez uma viagem dessas não pode imaginar o tormento, a tortura que esses insetos incômodos causam.

Ouvi muitas pessoas, aos gritos, perguntarem: "Bom Deus, por que o Senhor criou esses insetos, se eles só causam sofrimento e dor aos homens?"

Quem quiser se penitenciar dos seus pecados, está aí uma ótima oportunidade. Nosso velho guia contou-nos que um homem fez essa

viagem de Porto Feliz a Cuiabá três vezes, ida e volta, sem nunca ter levado mosquiteiros e sem nunca ter matado um único mosquito. Às vezes, quando a dor era muito grande, ele apenas os espantava suavemente com o dedo ou assoprava, mas nunca os matava.

O guia acredita que o homem fazia isso por penitência, mas não devia ser muito bom da cabeça.

Partimos de manhã cedinho. Pegamos, de novo, um pequeno braço do rio, que aqui corre serpenteando por entre margens baixas. Neste ponto, ele já mudou seu curso algumas vezes.

Em outros tempos, ele foi navegável; depois a lama o assoreou e, de alguns anos para cá, tornou-se novamente profundo e navegável.

O curso principal, que corre mais rápido, é usado para descer o rio, e o braço, que corre mais devagar, para subir. Para ser um guia, uma pessoa tem que conhecer tudo sobre a correnteza, a foz, a profundidade e as baixadas do rio em cada lugar. Por exemplo, perto da barra do São Lourenço, deve-se tomar o braço de rio que corre rápido, porque ele é muito mais curto do que o curso principal, que faz uma curva de ¾ de léguas. (Ver acima 27 de dezembro.)

Depois de um longo dia de viagem, com a chuva nos ameaçando o dia inteiro, alcançamos, pouco depois do pôr-do-sol, o acampamento que o guia, que tinha ido na frente, escolheu para nós. No pantanal propriamente dito, é muito difícil encontrar um local seco e elevado, nesta época em que o rio se enche e inunda as margens. Este lugar onde acampamos hoje, que o guia já conhecia de viagens anteriores, já foi uma área aberta, espaçosa e agradável. Mas, agora, estávamos cercados de água e tucuns por todos os lados; mal havia espaço para montar os mosquiteiros.

Mas o mais desagradável foi a volta dos mosquitos. Éramos obrigados a nos movimentar o tempo todo, o que nos impediu de saborear o jantar.

08/01

Como nos dias anteriores, embarcamos antes do nascer do sol e seguimos rapidamente na direção do Bananal do Leme, não muito longe daqui.

Há mais de 120 anos, um dos primeiros descobridores, ou aventureiros, de São Paulo veio para estas baixadas, para montar um posto seguro contra os ataques de índios selvagens. Ele tinha consigo muitos índios de diversas nações que ele transformara em escravos, como era costume na época. Com a ajuda destes e de outros tantos que ele foi arrebanhando, construiu um muro de terra, não só para se proteger das inundações, mas também para ter um lugar de onde ele pudesse vigiar toda a área em volta e se prevenir, assim, de ataques de índios. O muro tem mais de 100 passos de comprimento e o mesmo de largura; ali ele plantou bananeiras e construiu uma casa de tijolos, da qual hoje só restam ruínas. Depois da morte do tal Leme, que, durante anos, dominou a região como um tirano, o lugar foi abandonado. Mas a sua obra gigantesca permaneceu: o muro de terra nunca foi inundado, e o seu bananal cresceu e se espalhou com o tempo, de forma que hoje ele cobre toda a área vizinha, formando uma verdadeira floresta de bananeiras, que dá abrigo, sombra e alimento aos viajantes e índios que percorrem a região. Ao longo da nossa viagem de Porto Feliz e Camapuã, ouvimos muitos falarem sobre o bananal e a fartura de bananas que havia aqui. Mas a verdade é que, quando chegamos, só encontramos bananas verdes. Aliás, era de se esperar, pois, pouco antes de nós, passou por aqui uma expedição militar e muitos índios da tribo dos guanás, provavelmente mais de 200 pessoas.

A propósito, a floresta aqui é muito fechada e extensa; quem se

aventura a entrar nela depois não consegue encontrar o lugar onde desembarcou.

Além de bananeiras, encontramos também mamoeiros (*Carica papaya*), árvores de espessura extraordinária, e limoeiros.

Quando há grandes enchentes, dizem que as onças e outros animais fogem para cá.

Vi poucos pássaros, mas muitos morcegos, que se alimentam do suco das frutas e de mosquitos; e vi também uma grande quantidade de tamanduás.

Partimos após o café da manhã. É um lugarzinho muito interessante, muito apropriado para se construir um estabelecimento, dada a fartura de alimentos, caça, pesca, frutas e legumes que a região oferece. O arroz cresce espontaneamente.

(Continuação: ver adiante)

(Continuação sobre os guatós: ver acima)

Antigamente, as mulheres nunca apareciam. Pensava-se que os homens fossem ciumentos, mas parece que era mesmo por timidez e medo da parte delas. Aos poucos, contudo, elas foram perdendo o medo de estranhos. Hoje mulheres e crianças de várias famílias vêm se sentar junto com as visitas, com toda liberdade e sem embaraço. Só algumas falam ou entendem português e respondem simplesmente com um "*mon*" (não) ou com um "*ahn*" (sim).

Dois homens que nos visitaram tinham 3 mulheres cada um. Um deles tinha três irmãs, sendo que a mais nova não tinha nem 11 anos. O homem falava muito bem o português e esteve várias vezes em Cuiabá.

Um dos meus acompanhantes mais jovens teve a seguinte conversa

com um guató:

- "Para que você tem muitas mulheres?"

- "Para me servirem."

- "Você não quer emprestar uma?"

- "Não é nosso costume. Se você quer ter uma de nossas mulheres, por que não trouxe uma de sua terra, para vendê-la aqui?"

A essa mesma pergunta, um índio guaná, nação em que os homens só têm uma mulher, respondeu:

- "O que você me dá? O que você dá à mulher?"

N.B.: Um acordo desses só é feito com o consentimento da mulher. Dizem que, antigamente, as mulheres nunca olhavam diretamente para um estranho, mas sempre baixavam os olhos timidamente e esperavam seus maridos. Hoje elas nos olharam diretamente e algumas falam razoavelmente bem o português.

As crianças têm medo dos homens brancos, da mesma forma que as crianças européias em relação aos negros; dizem que os negros imaginam o espírito mau (o diabo) como sendo branco.

A língua dos guatós é como a sua nação: mais forte e mais rude do que a dos guanás; a língua destes é mais macia, mais musical. As duas tribos não se entendem. Em termos de costumes, hábitos e língua, os guanás se assemelham mais aos guaicurus.

Os guanás têm mais traços mongóis do que os guatós. Por não terem barba, os guanás, com todo o seu tamanho, têm uma aparência feminina, enquanto que os guatós, mesmo com a barba curta, são mais másculos, inclusive por serem mais altos.

Os guatós não podem se casar sem antes terem matado, pelo menos,

uma onça. Quando um guató fere uma onça e fica em perigo, nenhum de seus companheiros pode ajudá-lo: ou ele se defende sozinho ou morre.

Desenhos que os guanás e guaicurus fazem nas árvores: são figuras ou marcas, as mesmas encontradas nos cavalos roubados pelos espanhóis. Com certeza, os guaicurus possuem o mesmo ferro com que os espanhóis marcam [os animais]. Eles nunca se esquecem de fazer, mesmo que meio apagado, o desenho do órgão sexual feminino. *[desenho]*

No dia 17 de janeiro, encontramos desenhos semelhantes e outras figuras numa árvore. Imagino que esses desenhos sirvam como uma espécie de brasão ou de marca, para anunciar que aquela pessoa esteve ali. *[desenho]*

Com tantos terrenos livres nas baixadas e com essa comunicação tão intensa com Cuiabá e Coimbra, este seria um lugar excelente para uma ou mais famílias morarem. Comida não lhes faltaria; basta estarem dispostas a trabalhar.

Nas matas das margens do Cuiabá, existem mais guaribas do que nos outros lugares. Como os índios caçam muito nas margens do rio São Lourenço, a caça e o comércio de peles desses animais poderia ser uma ótima fonte de subsistência.

Depois de muito procurar, encontramos um lugar para acampar. Não era um lugar bom: o terreno era baixo e úmido, e a mata muito espessa.

Felizmente não havia muitas daquelas palmeiras espinhosas, os tucuns. Foi uma noite insuportável: os mosquitos reapareceram e não nos deram sossego. Mesmo embaixo dos mosquiteiros, ouvíamos o seu zumbido e não conseguimos dormir. Eram tantos que, do lado de fora, as telas pareciam pretas. Bastava encostar um pé, uma mão ou um

cotovelo nelas para que viessem milhares deles; e picavam através do tecido. A infestação é maior nesta época do ano, ou seja, no início da cheia e quando as águas escoam (julho e agosto). Quando as terras já estão totalmente inundadas ou na estação seca, quando os rios estão baixos, não se vê, não se ouve, não se sente nenhum inseto.

09/01

Bem cedo, caiu uma chuva que durou a manhã toda e nos impediu de seguir viagem. Era impossível trabalhar em qualquer coisa. Nem a fumaça espantava os mosquitos. Como é desagradável ter que passar o dia embaixo de um mosquiteiro escuro, fechado e quente, sem nada para fazer. Só quem já fez esta viagem pode imaginar o que seja isso.

Por volta do meio-dia, o tempo melhorou um pouco e pudemos prosseguir. Os mosquitos nos acompanhavam, e, a cada moita de galhos de árvore que nos obrigava a parar, eles cobriam a canoa. Hoje certamente foi o pior dia de todos. Até o nosso velho guia disse que em nenhuma outra viagem, de tantas que já fez, ele viu tantos mosquitos. "*Sim* - acrescentou ele - *porque, se, em toda viagem, as pessoas tivessem que suportar essa tortura, então não seria possível fazer esta travessia de barco, pois não há mortal que suporte esse tormento por muito tempo.*"

Hoje percorremos uma boa distância. Passamos por uma grande ilha e por uma planície extensa, por baixadas planas que se estendiam por milhas afora. No tempo das cheias, dizem que elas são navegáveis, de forma que se pode fazer o trajeto Taquari-Cuiabá em linha reta e, conseqüentemente, em muito menos tempo.

Ao pôr-do-sol, encontramos um lugar seco para acampar, na margem direita do rio. Era uma floresta virgem alguns pés acima do

nível das águas. Ficamos felizes por poder respirar livremente de novo: não havia muitos mosquitos, na verdade, não vimos quase nenhum, e a noite estava fresca e agradável.

10/01

Partimos antes do nascer do sol, revigorados depois de uma noite bem dormida, e com tempo bom. Os fatos marcantes do dia foram a diminuição sensível do número de mosquitos e o aumento do volume das águas do rio; foi difícil encontrar um local mais elevado onde pudéssemos parar para o almoço.

Choveu praticamente a tarde toda. Rubtsov havia deixado o seu diário no acampamento e voltou para buscá-lo na hora do almoço, em uma pequena canoa dos guatós. Não havia vida nas margens, mas, nas belas baixadas verdejantes, vimos algumas veadas, muito provavelmente da espécie *Cervus Elaphus*[51], aquela que Humboldt encontrou nas montanhas elevadas da América do Sul. Por causa do tempo chuvoso, tivemos que nos recolher um pouco mais cedo que de costume. Foi uma sorte encontrarmos um trecho de margem com mais ou menos um pé de altura acima do espelho d'água e, ainda por cima, com poucos mosquitos.

11/01

Assim, acordamos descansados e começamos nosso dia de trabalho com o céu bastante nublado. O rio ficava cada vez mais cheio. Em alguns pontos, a correnteza ficava forte, de forma que avançamos mais devagar. Além disso, tivemos que parar algumas vezes durante a manhã por causa

da chuva e mandar cobrir as canoas; pelo mesmo motivo paramos mais cedo para almoçar. Ainda durante o almoço, Rubtsov juntou-se a nós. Os caçadores aproveitaram essa parada um pouco mais longa para caçar algumas aves e pegaram um Boídeo[52]. À tarde, viajamos com o tempo mais limpo e, à noite, encontramos um bom acampamento. Apesar de não haver mosquitos, algumas pessoas foram recebidas com picadas dolorosas de vespas-tatus[53] (porque seus ninhos parecem tatus). Dizem que esta é a pior de todas as vespas.

12/01

Na hora de sempre, pusemos tudo nas canoas e partimos. Fazia um dia claro e agradável. Hoje teríamos que percorrer mais léguas do que nos dias anteriores. Após o café da manhã, passamos por um sangrador, chamado Guaxu, que fica na margem esquerda. Sangrador é o nome que dão a um canal ou rio que seca na época da seca, mas, como tem um leito mais fundo, para ele escorre toda a água das baixadas, que acabam sendo levadas para o rio principal. Alguns sangradores são permanentes; outros ficam assoreados com aguapés, aguapeiras, taiuiás[54] e outras plantas, raízes de árvores misturadas com terra (já os descrevi acima). Durante o dia apareceram nuvens de mosquitos, mas felizmente não ficaram muito tempo, expulsos por nós e pelo vento.

Desde Albuquerque, os urubus têm sido nossos companheiros diários e fiéis. Hoje eles pareciam mais famintos do que nunca: tanto de manhã como ao meio-dia, aguardavam impacientes a nossa partida; mal o último homem entrou na canoa, eles voaram, atrevidos, sobre nossas cabeças e se lançaram sobre as migalhas, espinhas de peixe, ossos e carne de macaco. Era uma visão repugnante.

Pouco antes do pôr-do-sol, chegamos a um local que já tinha sido limpo por aquela grande expedição militar. Era uma área seca, um palmo acima do nível da água e com árvores. Montamos acampamento ali. Felizmente havia poucos mosquitos, não nos incomodaram muito. Em alguns pontos, o terreno já começa a emergir, embora tudo em volta esteja inundado; e, quando aparecem faixas de terra, logo surgem também os insetos, embora ainda poucos.

13/01

Prosseguimos viagem com uma manhã bela e clara; o tempo parecia frio: +19°; a água do rio, +22,5°.

As águas do Cuiabá são vermelhas por causa do barro; as dos sangradores, que correm pelas baixadas e se unem ao rio, são negras. Dizem que as águas do Paraguai também são negras na época das cheias no pantanal.

Mas, agora, elas estavam vermelhas, sujas, mornas e fazendo uma espuma amarelada.

Até o meio-dia, o tempo esteve muito agradável, fresco, e pudemos avançar bastante. Quando paramos para o almoço, veio, de repente, uma chuva forte (sem raios e trovões), mas que foi logo embora. Receio que algumas caixas com peles de aves tenham se molhado.

Fizemos uma parada, não prevista, de meia hora por causa dessa chuva e viajamos até às 5h. Nessa hora, desabou outro temporal, que vimos chegar lá de longe. Paramos numa baixada de terras úmidas e pretas de musgos e acabamos montando acampamento ali mesmo, pois achamos que não valeria a pena continuar a viagem depois da chuva. Nas redondezas, vimos algumas palmeiras com frutos, que eram visitadas

por grandes araras azuis (*Psittacus Amethystin*). Esse acaso me valeu dois exemplares dessa bela ave de grandes alturas. À noite, novamente os mosquitos vieram nos incomodar.

14/01

Na manhã seguinte, uma hora antes do nascer do sol, partimos para mais um dia de trabalho: temperatura, +20°; água, +22,5°.

No lugar onde pernoitamos, há alguns anos existiu uma fazenda, que não conseguiu subsistir, pois, a cada enchente, seu gado se perdia e se afogava. O mesmo se deu com uma outra fazenda, chamada do Quilombo, por onde passamos quando o dia nasceu. As margens aqui começam a ficar mais altas, mas, como as terras são baixas, estão sempre sujeitas às enchentes. O rio já está alto, mas normalmente ainda sobe uns 4 palmos, conforme pudemos verificar nitidamente pelas marcas do nível da água nas árvores.

Por volta das 2h da tarde, a temperatura era de +23,5°, e a água do rio, +22°. O rio continua subindo e começa a inundar campos e matas. Por isso, foi preciso muito esforço para achar um lugar para acampar. O sol já tinha se posto quando encontramos um bosque úmido e pantanoso. Segundo o guia, com o nível da água um palmo ou mais acima do normal, dificilmente encontraríamos aqui um local seco. Nesse caso, costuma-se colher galhos de árvore pelo caminho, colocar um pouco de barro na proa da canoa e ali fazer o fogo para cozinhar. Portanto, prepara-se a comida na própria canoa, às vezes até se dorme nela ou em redes amarradas nas árvores por sobre as águas. Às vezes, numa única figueira grande, penduram-se as redes de todos os tripulantes do barco.

Com o aumento do volume das águas, vão-se os mosquitos, mesmo com toda a umidade. Em várias horas do dia, houve trovões e chuvas

em toda a nossa volta, mas felizmente elas nos pouparam.

Ainda assim, por duas vezes cobrimos depressa as canoas. Ao anoitecer, desembarcamos com uma temperatura de +19,5°; água, + 22°; céu encoberto.

15/01

Agora estamos nos arredores de Bento Gomes, um proprietário de terras que possuía, há poucos anos, grandes rebanhos de gado vacum e uma fazenda.

Uma enchente o pegou de surpresa, e ele perdeu, de uma vez, cerca de 1.000 cabeças de gado e acabou se mudando para outro lugar, a mais ou menos uma légua dali, na margem direita do rio.

Naquela época, os viajantes que passavam por aqui podiam trocar um boi gordo por ¼ libra de pólvora, às vezes até de graça.

Por volta do meio-dia, tivemos chuvas e trovoadas, que nos obrigaram a parar antes da hora.

Ontem, por causa da chuva, acampamos muito tarde, e, como estava escuro, não foi possível buscar lenha para cozinhar o feijão para o dia seguinte.

Sempre fazemos assim, porque, nas paradas para o almoço, que duram mais ou menos 1½ hora, não dá tempo para cozinhar feijão. Por isso, hoje cozinhou-se arroz para matar a fome dos trabalhadores. Mesmo assim, ainda nos demoramos uma hora a mais do que de costume e, mal partimos, caiu uma chuva forte e repentina com trovoadas. Nosso guia, sempre atento a todas as circunstâncias, foi logo procurar um local para o acampamento, embora só fossem 4h. Encontrou-o dentro da mata na

hora exata, pois, assim que montamos as barracas e cobrimos as canoas, recomeçou a chover.

16/01

Nosso acampamento estava num lugar alto e seco, e quase não havia mosquitos. Subimos nas canoas mais cedo do que de costume. Ao alvorecer, temperatura de +19°; água do rio, +21,5°, céu encoberto e garoa. Nossa viagem foi penosa e monótona, apesar de todo o esforço dos trabalhadores. Tínhamos a impressão de que, quanto mais avançávamos, mais distantes ficávamos do nosso destino. Pelos nossos cálculos, devemos ter percorrido no máximo 3 léguas, do amanhecer ao anoitecer. Até o trabalho científico estava difícil de fazer. Todas as aves aquáticas se retiraram para as planícies alagadas. As margens ainda estavam baixas e inacessíveis, de forma que os caçadores praticamente não puderam desembarcar; só abatiam o que encontravam por acaso ao longo das margens.

Nosso estoque de alimentos reduziu-se sensivelmente: grande parte da farinha se estragou com as chuvas, e, além disso, ainda alimentamos generosamente guanás e guatós famintos. Era preciso, portanto, providenciar mais mantimentos. Por isso, despachamos três remadores, com a canoa leve que Rubtsov comprou dos guatós para uso próprio, para irem buscar 5 ou 6 alqueires de farinha de milho na fazenda de Lourenço, distante dois dias daqui; caso não encontrem os mantimentos lá, deverão, então, ir imediatamente para Cuiabá. O barco partiu por volta de 1h da madrugada.

Meia hora antes do alvorecer, retomamos viagem sob céu encoberto. O termômetro marcava +19° e a água, +22°. Ao amanhecer, a

temperatura era de +20°.

A viagem prossegue ainda muito lentamente, principalmente por causa das numerosas curvas e baixios. Três quartos de hora depois de partirmos, ouvimos os latidos do cachorro do guató Capitão Joaquim, que nos acompanhava, e chegamos do outro lado de uma faixa estreita de terra.

De todos os rios navegados até agora, incluindo o rio Pardo, o Cuiabá é o mais sinuoso. O pantanal, mesmo com as enchentes, pode ser percorrido em menos da metade do tempo. A canoa que despachamos hoje cedo só deverá chegar a Cuiabá em 5 dias, portanto, no dia 21 deste mês, pois ainda vão ter que transpor muitos bancos de areia. Choveu muito durante a parada do meio-dia e, uma hora depois de partirmos, caiu outra pancada forte de chuva com trovoadas, o que nos forçou a procurar um lugar para acampar, embora só fossem 3h30 e tivéssemos percorrido apenas um pequeno trecho.

17/01

O tempo chuvoso, os mosquitos, as formigas, a escassez de vinho e de aguardente, que nos obrigava a consumi-los com parcimônia, ou seja, uma garrafa de vinho e meia de aguardente por dia para todos; enfim, todos esses transtornos, somados ao fato de que a viagem já não oferecia mais nada de novo, provocaram no jovem artista Florence uma certa preguiça e indiferença em relação aos assuntos da expedição. Ele não achava com o que se ocupar, só pensava em chegar logo a Cuiabá. Veio, então, me procurar ontem à noite, para pedir permissão para seguir na frente para Cuiabá, naquela canoinha onde mal cabiam os três remadores. Por bom senso, neguei-lhe a permissão. Ele respondeu com muita

grosseria e impertinência, esquecendo-se do respeito que me deve. Fui, então, forçado a demiti-lo: a partir de hoje, ele vai passar a ser tratado como simples passageiro; mas vou continuar exigindo que me trate com cortesia, como pessoas civilizadas. (Ver carta do Sr. Hercule Florence, de 17 de janeiro de 1827.) Não entendo por que todo artista tem que ser temperamental, nervoso e displicente. Talvez por isso a maioria deles morra na miséria. Suas obras só são reconhecidas depois de sua morte e vão enriquecer comerciantes de livros, quadros e antiquários, até mesmo de objetos de História Natural, pois estes sabem muito bem como valorizar esse material que um pobre colecionador, a duras penas, conseguiu reunir, muitas vezes correndo riscos e sacrificando a própria vida.

18/01

Partimos uma hora antes do alvorecer, ainda havia lua. Embora o céu estivesse nublado, o sol, cordialmente, aparecia de vez em quando, através das nuvens cinza-escuras. Logo depois do café da manhã, chegamos ao Garanda-mirim, um sangrador. O guia saiu para verificar se seria possível cortar caminho por ele até Lourenço Teixeira, através dos campos, pois, com isso, evitaríamos as curvas do grande rio [Cuiabá] e ganharíamos no mínimo meio dia. E voltou com a boa notícia: sim, era possível. Colocaram, então, lama nas canoas para poder cozinhar dentro delas. As pequenas foram na frente, abrindo caminho. A água estava a 6 palmos de altura nos campos.

A entrada nos campos foi muito agradável, pois veio quebrar a monotonia da viagem pelo rio. Depois de percorrermos um canal profundo coberto de aguapés, deparamo-nos com imensos campos de arroz a perder de vista e, atrás deles, bem nítidas, víamos as árvores e

arbustos que margeiam o rio. Havia, aqui e ali, pequenas ilhas de vegetação, uma delas, inclusive, estava no nosso caminho. Já tínhamos entrado nos campos há mais ou menos uma hora, quando avistamos, no horizonte, ao norte, algumas montanhas ou cadeia de montanhas, que devem ficar nas redondezas de Lourenço e que agora nos serviriam como ponto de referência, pois era para lá que deveríamos mandar as canoas.

Duas coisas nos deixaram realmente satisfeitos: o tempo melhorou e não havia nenhum mosquito, isso mesmo, nenhum! Em termos entomológicos, foi o dia mais produtivo da viagem: pude, finalmente, colher, no meio dos arrozais cobertos de água, uma boa quantidade de insetos. *Curculio*[55], gafanhotos, aranhas e formigas habitam estes ermos. Avançamos rapidamente, porque nossas canoas puderam ser impelidas com varas e zingas.

À tarde, 3h30, temperatura de +23°; água do pântano, +22,5°. As águas do rio haviam se livrado totalmente da terra vermelha. Agora, olhando da superfície, elas pareciam negras, pois havia lodo pantanoso preto depositado no fundo; mas, na verdade, elas são limpas e bem transparentes. À noitinha, o guia saiu na frente com uma canoa, para procurar uma saída para um braço de rio que corre nas redondezas. Logo depois ele veio nos chamar Ao anoitecer, já havíamos deixado os campos e encontramos um lugar úmido, mas bem apropriado para o acampamento - certamente era muito melhor do que passar a noite inteira flutuando na água.

19/01

O guia achou melhor partirmos mais tarde, pois o braço de rio por onde navegamos agora é impetuoso. Em outros lugares, tivemos

mosquitos; aqui são as formigas, e muitas; num minuto havia milhares delas espalhadas por todo lugar. Como não sabíamos qual dos dois inimigos do sono escolher, resolvemos nos proteger de ambos: fomos todos dormir nas canoas - a tripulação se cobriu bem, e nós ficamos debaixo dos toldos cobertos com mosquiteiros. Assim, pudemos desfrutar uma noite fresca e agradável.

O rio vem aumentando muito desde as últimas chuvas.

Por volta do meio-dia, deixamos o braço de rio ou o sangrador Garanda-mirim e retomamos o rio Cuiabá, que hoje, neste ponto, está bem largo e cheio, ocupando uma área extensa. No seu começo, o sangrador está quase obstruído por troncos de árvores e aguapés; está livre apenas um pequeno canal estreito no lado esquerdo da margem, onde é possível passar com as canoas.

Pouco depois paramos para o almoço, contentes por termos achado um local, que, embora úmido, não estava totalmente coberto de água. Ali pudemos esquentar o feijão, nosso prato principal. O costume é cozinhar, à noite, o feijão para o dia seguinte.

Quando chegamos já de noite, a tripulação só janta mais tarde.

Já estava anoitecendo, e ainda não tínhamos achado um lugar seco para acampar.

Fomos obrigados a fazê-lo dentro da mata úmida, onde foi difícil encontrar um pedaço de terreno seco para fazer o jantar.

A mulher de um dos escravos me procurou queixando-se de dores; desembarcou com muita dificuldade e, depois de algumas horas, deu à luz uma criancinha de 7 a 8 meses de gestação.

Haviam preparado para ela, sobre o terreno alagado, um assento com folhas e uma bacia de madeira emborcada.

20/01

Passamos uma noite muito agitada, pois toda a tripulação resolveu ir para as canoas; alguns dormiram nas redes penduradas sobre a água. De manhã, fomos acordados por uma pancada de chuva com trovoadas, que nos reteve até às 9h. Algumas horas depois, já perto do meio-dia, vimos uma canoa vindo em nossa direção e logo reconhecemos o Martins e o Jesuíno, que, há alguns dias, havíamos despachado para buscar provisões. Eles se encontraram com o dono da primeira fazenda, Lourenço Teixeira, e lhe entregaram a carta que eu lhe havia escrito, e trouxeram de lá aipim, que é uma mandioca doce, milho e 3 alqueires de farinha de mandioca, que foi muito bem-vinda, pois, hoje de manhã, acabara o último saco de farinha de milho. Eles nos contaram, então, que Riedel e Taunay haviam chegado mortos de fome a Teixeira e ficaram um dia lá. A canoa tinha 4 remadores, um piloto e dois passageiros: ao todo, sete pessoas. Eles trouxeram ainda 6 alqueires de farinha, 4 alqueires de feijão, um pano de toucinho, ¼-½ libra de sal, meio saco de biscoito, uma dúzia de garrafas de aguardente, meia dúzia de garrafas de vinho, pólvora, chumbo, duas espingardas, uma caixa de balas.

Quando partiram, cada um recebeu, como é costume, uma quarta, ou seja, um quarto de alqueire de farinha, suficiente para 11 dias; portanto, tinham provisão para mais ou menos 40 dias. Mas eles distribuíram os mantimentos aos trabalhadores sem nenhum comedimento, e foi por isso que chegaram a Lourenço Teixeira daquela forma, totalmente depauperados.

Soubemos que uma segunda grande expedição militar contra os guaicurus estava pronta para deixar Cuiabá.

Hoje à tarde, morreu a criança nascida prematuramente.

À noite, novamente montamos acampamento em terreno alagado. Os mosquitos voltaram, e por isso preferimos permanecer nas canoas.

Chovia e trovejava em toda a nossa volta, mas nós fomos poupados.

21/01

Quando o dia despontou, remadores e zingadores saíram para mais um dia de trabalho.

O tempo abriu um pouco, mas o rio estava tão cheio e tão difícil de navegar que, à noite, só havíamos percorrido um trecho muito pequeno, depois de um dia inteiro de muito esforço.

Como nos últimos dias, não encontramos nenhum pedaço de terreno seco para acampar. Preferimos, então, ficar nas canoas, dentro da mata úmida, e jantar e dormir nelas.

22/01

Hoje estamos completando 7 meses de viagem[56] . Esperamos chegar à primeira fazenda de Lourenço Teixeira e nos ver novamente no meio de pessoas. Ontem, eu havia mandado que levassem o recém-nascido morto para ser enterrado ali. Deixamos a acampamento às 4h30 e chegamos, por volta das 8h, hora do café da manhã, às roças de parentes do Teixeira e, logo depois, ao braço do rio Piraí, na margem esquerda, que, mais abaixo, perto de Bento Gomes, aparece como um sangrador.

Paramos perto de Lourenço Teixeira, onde nos abastecemos de gêneros alimentícios, pusemos para secar os papéis e documentos molhados da chuva e mandamos lavar a roupa branca.

23, 24/01

Com o rio subindo a cada dia, a estada aqui não é tão interessante como na época da seca, quando, aí sim, aparecem as margens arenosas, que se cobrem de aves de todas as espécies. Agora elas migraram para os campos e outros lugares, provavelmente para o Sul.

25/01

Eram mais ou menos 9h quando partimos, levando um batedor para nos conduzir pelos campos e, assim, ganharmos 3 ou 4 dias. O caminho por terra de Teixeira a Cuiabá deve ter aproximadamente 12 léguas. No período das secas, ele pode ser percorrido em doze horas; pelo rio, nessa mesma época, em mais ou menos 30 horas; em tempo de cheia, faz-se esse trajeto, pelos campos alagados, em 3 ou 4 dias; com o rio cheio e impetuoso, são necessários de 7 a 8 dias.

Ao meio-dia, paramos numa ilha mais alta. Segundo o guia e os batedores, já havíamos ganho dois dias. Logo depois do almoço, entramos numa depressão bem profunda do leito, que aqui chamam de baía, onde a água quase não tem correnteza. Com uma temperatura de 25,5°, a água nessa baía estava a 28°. Normalmente, essas baías nunca secam, e, com o calor, suas águas ficam impotáveis. Mas, mesmo assim, elas contêm peixes de diversas espécies, que, quando há enchentes, saem dos rios para os campos e lagoas. Encontramos principalmente piranhas, piabas, pintados, peixes de água doce em sua maioria, com exceção dos jaús. Os habitantes das margens dessas lagoas quentes garantem que a região não é insalubre, mas a água das lagoas não é potável, o que os obriga a armazenar água em grandes recipientes. A água aqui é realmente

quente: hoje medimos a temperatura da água corrente e deu 28°.

À noite, entramos em um cerrado denso, de arbustos pequenos. O pessoal das canoas pequenas ia na frente, abrindo caminho, com machados, facas e foices, para os barcos grandes. Estávamos indo na direção de um sangrador chamado Cachoeira - ele tem esse nome porque termina, ou começa, com uma queda d'água. Chegamos nele ao anoitecer: era um riacho ou canal calmo e profundo. Montamos acampamento em uma ilha ou língua de terra situada 1½ a 2 palmos acima do nível da água. O lugar estava repleto de mosquitos e formigas. Até os cachorros uivavam, revolviam-se no chão ou corriam ofegantes para a água, para se livrar das formigas. Embora o céu estivesse fechado e trovejasse em toda a nossa volta, não choveu onde estávamos.

26/01

Hoje, dia 26, de manhã cedo, o tempo estava bom. Partimos e chegamos à cachoeira onde termina o sangrador. A água caía de uma altura de 3 a 4 palmos sobre um campo de lama. Toda a tripulação ajudou a descer os barcos, um a um, o que demandou algum tempo. Seguimos viagem. Ao meio-dia, chegamos a uma ilha de mata, onde comemos alguma coisa em 1½ hora e partimos depressa, pois queríamos voltar ao rio Cuiabá.

Para sair dos campos, tínhamos que procurar um sangrador. Agora existem muitos deles, pois, há três dias, estão recebendo as águas que escorrem para lá. O guia procurou o melhor e mais próximo. Felizmente conseguimos chegar a ele ainda antes de anoitecer, apesar de ter sido uma travessia muito penosa: as canoas pequenas foram na frente para abrir caminho dentro do mato fechado e espinhoso. Muitas vezes, tinham

que cortá-lo. O volume de água que havia no canal era o estritamente necessário para que os barcos deslizassem; ainda assim, em alguns pontos, tiveram que esvaziá-los um pouco ou arrastá-los. Além disso, às vezes ele se estreitava tanto que era preciso cortar troncos de árvores, para abrir passagem para as outras canoas. Os homens trabalharam duro até tarde da noite. Felizmente, pelo menos os barcos pequenos que tinham ido na frente chegaram ao rio Cuiabá; os grandes ficaram no canal juntamente com os demais.

A viagem por campos e por arrozais altos é bastante peculiar pela grande quantidade de gafanhotos, curculionídeos, [...], aranhas, formigas, além de veados, cervos e onças. Abatemos um tapir.

Essa noite que passamos no sangrador foi muito desagradável. Os barcos se dispersaram, não havia como nos comunicarmos uns com os outros. Não dava para pensar nem em jantar. Os mosquitos apareceram novamente aos milhares, sem falar nos morcegos, que passaram a noite voando à nossa volta, loucos para nos sugar.

27/01

A tripulação começou a trabalhar bem cedo, e, por volta das 9h, felizmente já estávamos novamente livres, no rio Cuiabá. Foram algumas horas de trabalho para recarregar os barcos grandes, pois quase todos tiveram que ser esvaziados. O rio estava 4 a 5 palmos mais baixo. Hoje estaríamos numa situação muito difícil se não tivéssemos tomado o sangrador ontem.

Graças a Deus, o tempo tem estado seco, embora soem trovões, dia e noite, à nossa volta. Os dois últimos dias nos campos foram muito quentes: entre 25° e 26°.

Chegamos, à noite, à fazenda do Capitão Bento Pires Miranda,

onde fomos recebidos com salvas. Ele é compadre do nosso velho guia e já fez essa viagem com ele, levando junto toda a família.

28/01

Pela primeira vez, desde Albuquerque, passamos a noite numa casa habitável. Lá perto do São Lourenço, fomos bem recebidos, mas ficamos alojados no moinho de cana-de-açúcar.

Nossa intenção era partir cedo hoje, mas a acolhida amável, a boa hospedagem e o poder de persuasão do nosso anfitrião acabaram nos convencendo a partir só depois do café da manhã.

Aproveitamos, então, a manhã agradável para esticar os braços e as pernas e nos movimentar um pouco num passeio a pé.

A fazenda está localizada na margem direita do rio, num terreno mais elevado, de forma que o gado não corre perigo quando há enchentes. As áreas mais baixas são cultivadas e muito férteis; produzem cana-de-açúcar, milho, arroz e feijão em grande quantidade. As margens arenosas são utilizadas para o cultivo de melão, melancia e abóbora.

Deixamos o engenho por volta das 11h.

Há moradores em todas as margens mais altas: à direita e à esquerda, vêem-se cabanas de palha e casebres rodeados por plantações de bananas e laranjas. No rio há grande movimento de barcos. Nos últimos dias, seu volume baixou cerca de 5 pés. As águas das enchentes vão se estendendo pelo pantanal, de modo que, quando os campos contíguos às margens do Cuiabá começam a secar, os que ficam abaixo do Taquari e do Paraguai ainda não se alagaram.

À noite, depois de um longo e penoso dia de viagem, montamos

acampamento na mata, pela última vez, para podermos partir de manhã bem cedo, pois não teríamos um anfitrião hospitaleiro nos esperando para um lauto café da manhã.

29/01

Uma meia hora antes de amanhecer, com tempo bom, já estávamos a caminho.

A água baixou um palmo durante a noite. Já havíamos percorrido um dia inteiro de viagem, quando, à noite, chegamos à parte de baixo da última curva do rio (estirão), onde acampamos, mais uma vez, ao ar livre.

Pouco antes de anoitecer, vimos, de longe, uma canoa descendo o rio.

Nosso guia disse na mesma hora, antes mesmo de ver a pessoa ou a canoa: "*Pela maneira de remar, só pode ser o remador Candelária, o proeiro do Sr. Riedel.*"

Efetivamente, poucos minutos depois, estávamos dando as boas-vindas a Riedel e Taunay, depois de quase dois meses de separação. Mostrei ao primeiro a carta que lhe escrevi ontem, contando sobre a hospedagem em casa do Capitão Bento Pires e sobre a nossa chegada hoje ao porto da cidade.

Ouvi, ansioso, as notícias e, quando ele nos deixou, meia hora depois, abri o grande pacote com cartas que ele havia me trazido. Uma notícia inesperada foi a morte da Imperatriz viúva Elisabeth. Que ela descanse em paz! Tomei conhecimento das medidas acertadas do Imperador Nicolau, da morte do meu estimado e leal amigo Mollwo[57] e da minha

cunhada Dorothea, e da venda das minhas terras na Mandioca. Não recomendo a ninguém ter propriedades numa terra sem leis.

30/01

Pensamentos diversos passaram pela minha cabeça a noite toda e não me deixaram dormir. Foi uma noite agitada, mas me levantei bem cedo, assim que o guia gritou para nos chamar. Ainda estava escuro, mal amanhecera quando avistamos, ao longe, algumas casas que nos disseram ser o porto da cidade. Começaram, então, a soar as salvas das duas canoas grandes e continuaram, sem parar, até a nossa chegada.

Chegamos lá por volta das 9h e desembarcamos, cercados por uma multidão de curiosos que vieram ao nosso encontro. O Inspetor do porto nos recebeu na Intendência da Coroa. Logo depois chegaram os Srs. Riedel e Taunay, dois filhos do Presidente José Saturnino da Costa Pereira e um oficial, Sr. Navarro Cadete, filho do homem mais rico da província, que me deu as boas-vindas como ajudante-de-ordens em nome do presidente. Ele também nos enviou cavalos para nos levar ao palácio, onde fomos recebidos da forma mais amigável possível, maravilhosamente bem servidos e hospedados.

Chegada a Cuiabá em 30 de janeiro de 1827, depois de uma viagem de 7 meses e 8 dias.

G. von Langsdorff

Observações e comentários sobre a Província de Mato Grosso
Excursão à Serra da Chapada

30/04/1827

Após vários dias de preparativos, fizemos uma excursão à serra da Chapada. A providência principal era conseguir um novo passaporte, que solicitei ao Presidente da Província e ao Governador Militar - este último foi de mais valia para mim do que o primeiro. Dirigi-me imediatamente ao comandante da Chapada, que se encontrava na cidade. Este havia recebido ordens de me acompanhar e nos providenciar guias, caçadores e hospedagem.

Pretendíamos partir bem cedo, mas ainda havia muito a ser feito. Às 11h, o sol estava escaldante, por isso achamos melhor pedir almoço na casa do Sr. Presidente e partir em seguida.

Os companheiros de viagem eram Riedel, Rubtsov e Florence. Taunay, que era sempre o último em tudo, veio desculpar-se e pedir permissão para ficar ainda 8 dias na cidade, pois queria terminar o retrato do Imperador do Brasil, D. Pedro I. Ele começou esse trabalho há 3 meses, e agora veio alegar que não tivera tempo de acabá-lo.

Deixamos a cidade à tarde, por volta das 4h. Um dos muitos doentes que atendi durante a minha permanência ofereceu-me, generosamente, tantas mulas quantas eu precisasse, e aceitei com prazer a sua oferta.

Às 7h da noite, alcançamos o rio Coxipó, onde havia um pequeno estabelecimento e um engenho, a 3 léguas da cidade. Pousamos lá.

O rio Coxipó nasce na serra da Chapada e desemboca, depois de descrever várias curvas, no rio do mesmo nome, algumas léguas abaixo de Cuiabá. Às vezes, ele fica bastante impetuoso, mas, no momento, está bom para ser navegado.

01/05

Esqueci de dizer: ontem pudemos conhecer realmente o que sejam os transtornos de uma viagem por terra. Nossos animais não eram novos, mas, como ficaram todo esse tempo sem trabalhar, acabaram se acomodando e deram muito trabalho para o arrieiro e os outros. Alguns jogaram as cargas no chão, outros deram coices e fugiram. Resultado: retardamos a partida. Hoje cedo foi a mesma coisa. Saíram para procurar os animais, e o arrieiro voltou dizendo que estavam faltando três mulas. Mandei todos à procura delas e, finalmente, entre 10h e 10h30, depois de muito trabalho, conseguiram reuni-las.

Acompanhados pelo Comandante do Distrito, tomamos o caminho para a Chapada ou rio Monjolo, e, às 3h, já havíamos percorrido as 3 léguas que levam à sua fazenda, nas proximidades do morro de São Jerônimo.

O caminho do Coxipó até Monjolo, de ½ légua, está muito bom nestes dias imediatamente posteriores à estação chuvosa, embora ainda haja alagados aqui e ali, o que nos obriga a ter um bom guia. Durante a época das chuvas, tudo indica que o caminho fica péssimo, pois ele passa por vários córregos de mata.

Caminhamos o tempo todo com as montanhas à nossa frente, de onde se destacava o morro de São Jerônimo, uma chapada bastante elevada, que parecia ser a mais alta nessa cadeia de montanhas. Nas

baixadas do Coxipó até o pé das montanhas, corre um riacho na mata, o Aricá, que atravessamos para subir a montanha. O caminho está em más condições, mas é transitável. Ele oferece algumas vistas pitorescas. Quanto mais se sobe, mais a vegetação apresenta novidades.

Nos picos das montanhas vemos paredões de rocha nus, formado de camadas e depósitos horizontais, o que indica que ali houve, sem a menor sombra de dúvida, revoluções de águas ou enchentes. São camadas de arenito do mais puro branco. Às vezes, a formação das montanhas adquire um caráter geral de rochas ferríferas. Nas grutas e concavidades existem várias novas espécies de fetos [...].

02/05

Depois da acolhida e da hospedagem que nos ofereceram, e vendo tanta riqueza em novas espécies vegetais, resolvemos ficar aqui e caçar.

Nº[...]: *Falco*, [...] *iris rubra*, *pedes flavi* [...].

Fazenda do Monjolo.

O comandante da Vila da Chapada, proprietário das terras, entreteve-nos bastante com o relato de suas diversas viagens pelas regiões da província, em especial sua viagem de pesquisa ao rio Paratininga, que desemboca no Tapajós. As margens são habitadas por uma nação de índios muito numerosa e desconhecida, muito hostil aos viajantes - atiram-lhes flechas quando os vêem. Quando em guerra, o cacique se enfeita com muitas plumas. Eles falam uma língua semelhante à língua geral. O intérprete da expedição os ouviu gritarem algo assim: "*Este rio nos pertence! Estrangeiros não têm nada que fazer aqui!*" [Num confronto com os portugueses] um cacique foi ferido e vários índios foram mortos,

mas, do lado português, não houve nenhuma perda.

No Tapajós existem muitas raias, que são muito perigosas por causa do seu esporão. Dizem que, queimando com pólvora, três vezes, o lugar ferido, a dor diminui na hora e a ferida fica curada.

Ele [o intérprete] me chamou a atenção para uma planta que cura leprosos: mistura-se a sua raiz com água, bebe-se essa mistura ou lava-se o corpo com ela. Seria uma planta da família das Papilionáceas ainda desconhecida. Riedel não conseguiu encontrar nenhuma em flor.

À tarde visitamos uma gruta de arenito nas redondezas, onde um riacho lava a terra fofa.

03/05

De manhã, após finalmente conseguirem reunir os animais, iniciamos a caminhada até a Vila da Chapada, que está situada em região alta. Suas primeiras construções foram feitas pelos jesuítas, que vieram para civilizar nações indígenas e o fizeram com os parecis, bororos, cabixis e mambarés. Primeiramente, eles trabalhavam com cada nação separadamente; uma vez civilizada, esta recebia uma aldeia para morar. Nessas aldeias, muitas nações, antes inimigas entre si, passaram a conviver em harmonia.

Com a expulsão dos jesuítas, este belo estabelecimento foi se deteriorando; os índios, sem ninguém para controlá-los, se dispersaram, de forma que, agora, daquele lugar próspero de então só restaram alguns vestígios. A igreja, cujas torres foram atingidas três vezes por raios, é rica e bela, mas as casas são muito pobres, cobertas de palha. O número de habitantes não ultrapassa 160 almas. Os muros de um convento que

começaram a construir naquela época, com ruas largas e uma grande praça na frente da igreja, revelam os planos ambiciosos dos jesuítas. Se eles ainda estivessem aqui, certamente este seria um lugar de prosperidade, de riqueza e de muitos empreendimentos. Restou, no entanto, um lugarejo miserável que mal consegue garantir a subsistência mínima de seus habitantes.

Foi difícil comprar alimentos: as melhores casas estavam vazias, e o comandante mandou limpá-las para nos abrigar. Nos arredores, há algumas plantações de cana-de-açúcar, mas foi difícil conseguir um pouco de aguardente e açúcar: só havia rapadura.

04/05

Havíamos decidido partir hoje, só que, de manhã, faltavam 7 animais, que precisavam ser encontrados. É muito desagradável essa incerteza. Não podíamos nos afastar muito, porque, a qualquer momento, as mulas seriam encontradas e trazidas para cá. No entanto, até o meio-dia, elas ainda não haviam chegado. Isso nos obrigou a permanecer mais um dia aqui.

Apesar do calor, os caçadores saíram para caçar, mas não trouxeram nada. Eu fui catar insetos, mas não voltei satisfeito. Riedel encontrou algumas plantas.

A maioria dos habitantes aqui tem bócio, uns mais, outros menos, tal como no Brasil todo. A causa é a altitude.

A região possui reservas do ouro mais fino, que é o de 23 quilates, mas não dispõe de pessoas qualificadas para extraí-lo e lavá-lo. Encontrou-se diamante em pontos isolados, mas existe muito a 5 léguas

daqui, em um riozinho chamado Quilombo.

05/05

À noite, todos os animais tinham sido encontrados, com exceção de um. Ficaram bem vigiados, de forma que, logo de manhã, pudemos sair para providenciar os alimentos para a viagem, especialmente o milho dos animais - conseguimos um estoque para três dias. Essas e muitas outras providências, inclusive a busca à única mula que ainda faltava, retiveram-nos até às 11h, quando, então, deixamos a Missão de Santa Ana (Vila da Chapada), na companhia de dois padres e do Comandante Monteiro.

Tínhamos uma longa caminhada à nossa frente até o Tumbador, distante 5 léguas. O caminho passa por uma chapada, é acidentado e nele não há nenhum riacho nem outras fontes de água, o que torna a viagem penosa. Duas léguas adiante, atravessamos um lugar chamado Olho d'Água, que ficou à nossa direita. Muitos viajantes que saem tarde da Chapada montam acampamento aqui, por causa da água - pelo menos isso há.

Acampamos hoje em uma depressão, que mais parece uma tumba, cercada por todos os lados de rochas e morros. O solo é ferruginoso, com verdadeiros campos abertos de argila e barro, mas sem presença de vida e sem novidades: insetos quase não havia, e flores, muito poucas.

De cima do vale do rio Cuiabá, tem-se uma vista panorâmica sobre os morros situados nos arredores, como o Santo Antônio e o Morrinho. As encostas desses morros caem de forma irregular, às vezes perpendicular, em camadas horizontais de arenito branco, puro, fino e fofo, sobre as baixadas escoadas, cascalho de rocha ferrífera (carumbés).

Estamos no sertão e precisamos providenciar nós mesmos as coisas

de que precisamos. Felizmente o Sr. Angelini[58] havia trazido uma barraca grande, e dentro dela colocamos duas camas e penduramos quatro redes.

06/05

Durante a noite fez muito frio; de manhã, o tempo estava bom. Tivemos novamente o mesmo transtorno que sempre acontece nas viagens pelo Brasil: tendo sido despachados em busca dos animais, nossos empregados retornaram com apenas 20 dos 54. De novo vimo-nos forçados a permanecer aqui. Dessa vez foram todos procurá-los. Voltaram horas depois trazendo alguns, mas, às 9h, como ainda faltavam 10, saíram novamente para procurá-los.

Enquanto isso, meus caçadores tentavam a sorte na caça. Abateram:

Trochilus auritus M.

Muscicapa cristata nigra macula in medio culorum alba

Tanagra brasilica tota rubra

Fringilla tota coerulea (Temming)[59]

Os outros animais só foram trazidos à tarde, embora ainda faltassem dois, que supôs-se terem voltado à Vila da Chapada. Duas pessoas foram encarregadas de ir buscá-los nessa mesma tarde.

07/05

Tomamos algumas providências. O pessoal sugeriu que se vigiassem os animais durante a noite, para que não fugissem novamente. Mas não cumpriram à risca as ordens nesse sentido, embora o arrieiro tivesse garantido que não havia possibilidade de os animais saírem. E assim

tivemos hoje cedo o mesmo transtorno de ontem. Depois de muita procura e longa espera, às 9h só veio a metade dos animais, e lá ficamos nós de novo esperando inquietos pelos outros.

Os viajantes europeus que ficam impacientes por ter que esperar três horas nos correios deveriam vir para cá e fazer uma viagem como esta. Certamente aprenderiam a ser mais pacientes e ainda ficariam felizes por poder partir após 2 ou 3 dias de espera.

Aproveitou-se a manhã para caçar insetos. Abateram um *Falco iris rubra*[60] (caracará), um exemplar pequeno dessa espécie igual àquela de São Paulo. Mas vimos pouquíssimas aves.

O céu estava nublado, ameaçando chuva e, como sempre, ventando muito.

No final da tarde, as mulas ainda não tinham sido encontradas. Um dos camaradas chegou dizendo que tinha visto uma delas nas vizinhanças da Vila da Chapada, no capão seco. Despachamos duas pessoas para lá.

Uma hora depois, chegaram outros com as duas mulas que estavam faltando, o que mostrou que aquele que foi enviado era um dos camaradas.

Nesse meio tempo, o céu escureceu e ameaçou chover.

Distribuímos o nosso pessoal de forma que os animais fossem vigiados a noite inteira. Mas, mal chegaram em seus postos, caiu uma chuva forte com raios e trovões que se sucediam sem parar.

Os raios iluminavam a noite escura. A bagagem ficou encharcada; ninguém conseguiu dormir; estávamos totalmente desprotegidos em pleno sertão.

Tínhamos uma barraca fina, de verão, mas ela não nos protegeu muito da chuva.

08/05

O dia amanheceu e ficamos esperando, ansiosos, os animais. Eles haviam se dispersado, mas foram encontrados por volta das 7h30.

Às 10h30, finalmente, retomamos viagem, deixamos o Tumbador e pegamos um caminho por campos abertos, extensos e planos, cheios de surpresas para nós: muitas palmeiras tucum, *Lecythis*, *Bignonia*, *Bauhinia, Cassia,* canelas-de-ema. As árvores aqui são mais baixas e retorcidas do que nos outros lugares: os troncos maiores mal chegam a 6 ou 8 pés de altura. Isso se deve à ação dos ventos Leste constantes.

Após percorrermos 5 léguas, chegamos, à noite, ao rio Manso, que, apesar do nome, é um rio bastante impetuoso. Encontramos uma cabana com o teto todo esburacado. Sobre o rio há uma ponte em condições razoáveis; por ela levaram os animais para a margem direita. Fechamos o acesso com varas, para que estes não passassem de volta.

09/05

Apesar de todos os cuidados, durante a noite fugiu um animal. Como ele conhecia a região, seguiu na direção do único estabelecimento que há por perto: o de Joaquim da Silva Prado.

Às 10h, deixamos o acampamento e a nossa tropa e seguimos na frente a cavalo como escudeiros, ou seja, com pouco equipamento. Por volta de 1h, chegamos ao estabelecimento de Joaquim da Silva Prado. Nossa tropa só chegou às 15h30.

É uma fazenda nova, de três anos, a mais afastada e a última de Cuiabá para Goiás. Nas suas redondezas ficam as nascentes do rio São

Lourenço, e bem próximo delas moram os índios caiapós, que estão sempre perturbando os moradores da região, ora saqueando fazendas, ora matando pessoas - há 5 anos mataram 7 ou 8 escravos.

A região é muito fértil: o milho dá 200-250 por um. Tapires, cervos, *Rhea*, seriemas, tamanduás e outros animais são freqüentes. Dizem que os tatuaçus são raros.

10/05

Dia de descanso.

Fomos atormentados o dia inteiro por insetos. Do nascer ao pôr-do-sol, apareceram primeiro as mutucas, ou seja, Tabanídeos. Aqui elas perseguem as pessoas; na Europa, os animais; e põem seus ovos embaixo da pele. Desde de manhã fomos atormentados pelas picadas dos pequenos borrachudos e dos mosquitos-pólvora. Eles procuram as partes nuas do corpo para se instalar; sua picada provoca dor e inflamação; são insuportáveis, malvados como os mosquitos do rio Paraguai.

Os caçadores têm trabalhado muito desde ontem. Abateram as seguintes aves:

[...]- *Tymalia*

Jacu

Caprimulgus

Muscicapa

Sylvia

Picus

Tanagra

[...]

Pipra

Strix

Tanagra

Synnalaxis

Psittacus periquito

Columba

Tanagra

Trochilus

11 e 12/05

Nos dias de 11 e 12, tomamos providências para a viagem pelo sertão: trocamos e compramos mulas e nos abastecemos de toda sorte de provisões. O mais imprescindível era conseguir milho para os animais. Na verdade, era preciso levar milho para 12 a 14 dias, e, para transportá-lo, são necessários de 12 a 15 animais. Sabendo do incômodo que isso causa aos viajantes, o proprietário Joaquim da Silva Prado, que é o morador mais afastado, resolveu facilitar algumas coisas para nós. Para alimentar cada 10 ou 12 animais, são necessárias 4 mulas carregadas de milho, o que, no fim, acarreta um número excessivo de animais. Para nos poupar da despesa com a compra do milho, o proprietário mandará, com uma tropa, duas mulas carregadas com milho para 5 dias de viagem, que retornarão quando descarregadas. O restante do estoque de milho

será levado por duas mulas da tropa. Galinhas, carne salgada, toucinho, feijão, arroz, tudo será comprado nesta última fazenda.

13/05

A partida estava marcada para hoje, dia 13, mas uma chuva forte com trovoada nos reteve.

14/05

No dia 14, de manhã, os animais estavam reunidos e tudo pronto para a viagem. Um tocador (camarada), alegando estar doente, não quis mais nos acompanhar. Com isso, tivemos que alugar um outro às pressas, por 24 oitavas (=28.800 réis), ida e volta. Felizmente encontramos um.

Aproximadamente às 10h30, partiram o Sr. Angelini e D. Guilhermina, e mais os 54 animais, sem contar as 10 mulas que foram mandadas na frente, com o carregamento de milho. O percurso de hoje era de 3 léguas, até o Pouso do Presidente. O caminho é bom. Passa pelo rio São Lourenço e por três córregos. Sobre eles há pontes, mas, agora, estão em péssimas condições por causa das chuvas.

15/05

Um camarada foi atrás de uma mula perdida. Um outro animal, carregado com o milho, também fugiu durante a noite e voltou para a fazenda. São indescritíveis os transtornos de uma viagem por terra neste país! Hoje minha intenção era ir a Alecrim, a 5 léguas daqui, mas acabamos não indo, pois, com o tempo que se perdeu procurando as

mulas, seria impossível chegar lá a tempo. Dizem que lá existe uma cabana muito pobre, onde moram três negros velhos e pobres, que mal podem se sustentar, quanto mais acolher e ajudar viajantes. Despedi-me de meus amigos às 11h e voltei à fazenda do Silva Prado, em companhia de soldados de milícia, que, no caminho, abateram vários passarinhos.

16/05

Hoje bem cedo, mandei o tropeiro Feliciano ir procurar a mula fugitiva ou roubada. Meia légua adiante, ele se deparou com ela e, às 7h, chegou à fazenda. No sertão, perder uma mula é um problema muito sério. Por isso, decidi mandar meu negro (Gavião) e o Feliciano levarem o animal de volta para o meu amigo. Eles deixaram a fazenda por volta das 8h, depois que as mulas comeram o milho. Provavelmente vão encontrar os viajantes nos arredores de Alecrim, a 8 léguas daqui. Dediquei meu dia à cata de insetos e consegui alguns exemplares interessantes. As espécies ornitológicas abatidas nos últimos dias foram principalmente:

Falco

Muscicapa capita cristata, corpus totum nigrum, macula in medio alarum, alba, long. 8 polegadas

Tanagra brasilica

Trochilus bilophus [61]

Trochilus [...] *rectus, gula purpurea cujus plumae laterale longivies, cauda forficata*, 3,5 polegadas

Trochilus pygmaeus M.[62]

Trochilus singula grisea, macula alba, *cauda coerulea*, *apice alba*

Trochilus auriculatus M.[63]

Tanagra supra grisea, supra linae, capite gula juguloq. nigra, long. 6 polegadas

Tanagra albimaculata M.

Muscicapa gallus

Jacamar

À noite, tivemos tempestade com chuva forte, o que é raro nesta época do ano. Havíamos decidido verificar a situação geográfica das nascentes do São Lourenço, mas não foi possível, pois o céu estava muito nublado. Vimos, aqui na fazenda, um jovem índio da tribo apiacá, de jeito muito amável.

Suas feições não têm muitos traços mongóis; seu corpo é de constituição delicada, e a pele é mais clara do que a de outras nações indígenas. Eles se distinguem pelas tatuagens no rosto. Lamentei realmente não ter nenhum dos meus pintores por perto para fazer um retrato desse índio. A tatuagem consiste de três traços transversais que vão do nariz e queixo até as orelhas, que dão ao rosto uma aparência estranha.

[Desenho do rosto de um índio]

Pelas poucas palavras que consegui entender do que diziam, percebi que os apiacás falam a língua geral, mas provavelmente também uma língua mista. Hoje abateram-se:

Lanius, iris sanguinea regio ophtalmica nuda flava, long. 9 polegadas

Motacilla Sylvia flava

Ardea alba [?] *cornuta spec.*

Dendrocolaptes grandis, D. albirostris M.

17/05

Colhi diversas informações do Pará com um espanhol que encontrei aqui. Por exemplo, aqui mora um jovem índio procedente do rio Negro, que fala correntemente a língua geral e que gostaria de regressar à sua terra natal. Chama-se Gabriel Ribeiro Filho e é da Vila de Barcelos, no rio Amazonas, mas mora, atualmente, no sítio de Miguel Jerônimo, a três léguas da Vila da Chapada, perto da fazenda do Padre Tavares. Ele chegou com o Pacheco e, depois que este último morreu, não teve mais oportunidade de voltar à sua terra natal.

Hoje cedo quero verificar a nascente do São Lourenço na companhia de Rubtsov, uma boa légua daqui a Sudoeste. O tempo estava bom, e fizemos uma excelente observação.

Os empregados que despachei, há dois dias, para levarem ao Sr. Angelini a mula fugitiva voltaram hoje. Nesse ínterim, fugiram mais 4 mulas da sua tropa, mas, felizmente, meu pessoal as encontrou no caminho e as devolveu a ele. Posso até imaginar a alegria com que receberam o meu tropeiro Feliciano, quando ele chegou, às 4h da manhã, com as 5 mulas.

Nestas paragens, é preferível o viajante alugar as mulas do que ter as suas próprias. O Sr. Burchell[64], em quem penso praticamente todos os dias, certamente confirmaria o que estou dizendo.

18/05

Ontem à noite, os caçadores regressaram, depois de dois dias, sem ter conseguido nada de especial. Por isso decidi partir hoje. Às 6h30, os animais já estavam alimentados, selados, carregados e prontos para partir. Enquanto isso, fomos convidados, pelo fazendeiro Joaquim da Silva Prado, para um lauto café da manhã. Ele nos deu ainda carne de cervo e

leitão para a viagem e nos despedimos. O caçador da fazenda ainda nos acompanhou até o acampamento num bosque chamado Tejuca. Nessas redondezas nasce o rio da Casca, que desemboca no rio Quilombo. As primeiras cinco léguas levam à ponte no rancho do rio Manso, onde havíamos pernoitado na viagem de ida. Mas, como não estávamos tão carregados e ainda era cedo, prosseguimos por mais três léguas, até a mata alagada de nome Tejuco, que mencionamos acima, aonde chegamos pouco antes do anoitecer, em um velho rancho abandonado. Os campos desde o rio Manso até o acampamento são bastante interessantes, eu já os vira na primeira excursão. Encontrei plantas ainda desconhecidas para mim, como, por exemplo, uma fruta madura do tucum[65] (*Anona*), que é do tamanho de uma cabeça e muito gostosa. Uma única fruta sacia perfeitamente duas pessoas.

19/05

O tempo tem se mantido estável há alguns dias. Tivemos lua cheia à noite, e nossos animais tiveram um excelente pasto, de forma que não se afastaram do rancho. Decidi, então, partir bem cedo de manhã. Ainda se via a lua no horizonte quando começamos a selar as mulas. Montamos às 3h. Uma hora antes de amanhecer, passamos à direita do Tumbador, não muito distante do lugar onde acampamos na viagem de ida e onde perdemos dois dias por causa daquela terrível tempestade. Daqui partem vários atalhos em diversas direções. Como não conhecíamos a região, pegamos o caminho errado e acabamos indo demais para a direita. Só percebemos nosso engano ao nascer do sol. Tivemos que voltar um bom trecho do caminho e, depois de 1½ hora cavalgando a esmo e pegando caminhos errados, finalmente chegamos à estrada grande e,

por volta das 10h, à Missão de Santa Ana ou Vila da Chapada, que fica a 7 boas léguas do nosso acampamento.

Os Srs. Riedel e Florence acompanharam o Sr. Taunay, que, há 3 dias, achou por bem vir para cá, desobedecendo às minhas ordens de ir para Buriti, a fazenda do Sr. Joaquim da Silva Prado. Mandei que ele viesse falar comigo. Ele se sentiu muito ofendido e me mandou uma carta pedindo demissão, que vou conceder com o maior prazer. Fico contente por ele ter se antecipado, pois isso me dispensa de ter que demiti-lo por não ser digno de continuar a serviço de Sua Majesdade.

Ele quis acompanhar a expedição e, nos últimos meses, tem sido simplesmente inútil. Como conheço os artistas, aceitei o Sr. Florence, às suas próprias expensas, um jovem muito mais solícito, que, espero, será de grande utilidade para mim daqui em diante.

20/05

Hoje o Gabriel Ribeiro (ver dia 17) veio para a missa e para conversar comigo. Não foi preciso fazer nenhum esforço para convencê-lo a partir comigo e regressar à sua terra natal. A aquisição desse homem foi o meu maior feito do dia de hoje. Ele é forte e jovem, prestativo, comportado, exímio caçador e flecheiro, fala português e diz falar também a língua geral dos índios. Acertamos que ele receberia 3 oitavas (=3.600 réis) por mês e que começaria a trabalhar depois de amanhã. Além de todas essas qualidades, ele ainda gosta de caçar e deverá aprender, com o Peixoto, a empalhar aves e criar amor por esse trabalho.

Hoje capturei, nos arredores do riacho principal da vila, várias borboletas, para mim ainda raras.

21/05

Hoje a coleta de borboletas foi boa, e o tempo estava bom. À noite, normalmente é mais fresco; ao amanhecer, faz entre 15° e 16°. Há alguns dias venho alimentando a esperança de conseguir um tatu-canastra. Dois excelentes caçadores da vila já saíram duas noites para caçar e garantiram ter visto rastros recentes desse animal raro. Há anos anseio por conhecer e possuir um.

Dizem que o tatu-canastra chega, às vezes, a ter o tamanho de um porco. Seu corpo corresponde a 3 alqueires ou um saco e meio de milho.

Ele se alimenta de raízes e insetos, especialmente de térmitas. Durante o dia, ele raramente deixa a sua toca subterrânea, mas à noite sai para procurar alimento; por isso é difícil descobri-lo.

Ele não vive sempre na mesma toca: está sempre se mudando.

Quando chove, cava outra toca com suas patas grandes. Ele só vive nos sertões desabitados; parece ter se afastado totalmente dos seres humanos e, por isso, fica cada dia mais raro.

O comandante da Vila da Chapada, um homem forte e corpulento, conseguiu, um dia, capturar um tatu.

Correu para matá-lo a pauladas, mas o animal conseguiu se desvencilhar, levantou-se, deu vários passos carregando o seu cavaleiro nas costas, por fim derrubou-o e fugiu.

À noite, capturaram um *Phyllostoma*[66] enorme, pertencente à segunda ordem dos *Curphyllostoma à queue engagée dans la membrane interfémorale*; envergadura das asas: 1'7"6'''; comprimento do corpo com patágio interfemoral da cauda: 6 polegadas; uma grande expansão foleosa no nariz [*desenho*]; corpo cinza da cor de camundongo.

22/05

Abateram um *Fringilla* com uma faixa preta no peito; um *Trochilus* com a barriga azul; e outras aves já conhecidas, que foram incorporadas à coleção.

Ontem fiz uma bela coleta de borboletas, especialmente um exemplar da oitenta-e-oito [*desenho*], que eu só havia conseguido no Paraná; e algumas outras borboletas da mesma família.

Fizemos uma excursão, a cavalo, até uma cachoeira a 2 boas léguas a nordeste da Missão, onde se lava ouro de aluvião, ora no próprio leito do rio, ora nas margens próximas aonde a água pode ser levada facilmente. É o ouro mais puro e melhor que se conhece, de 23 quilates.

Os habitantes dali moram em cabanas de palha miseráveis. De vez em quando, eles recebem toucinho, feijão e milho das pessoas ricas do vilarejo, que vêm à cachoeira comprar deles, ou melhor, trocar com eles mantimentos por ouro lavado.

Riedel achou várias plantas novas, e eu, alguns insetos. Recebi hoje dois *Myrmecophaga* (*Tamandua Cuv.*). O tamanduá-mirim[67] existe praticamente em todas as regiões quentes do Brasil. Ele se alimenta de formigas e térmitas e se movimenta lentamente. Embora impedido de morder, ele sabe se defender bem de um ataque: ele se deita de costas e se defende [abraçando o inimigo] com as garras fortes das patas dianteiras, tal como as preguiças. Mesmo um homem forte não consegue se livrar facilmente das suas garras.

Durante o dia, eles ficam em tocas escuras, em árvores ocas ou sob rochas, com o corpo todo enrolado, escondendo a cabeça embaixo da barriga; só saem à noite para caçar. Há vários espécimes coloridos: uns mais claros e outros mais escuros. Não sei se aqueles exemplares [que

me trouxeram] eram de uma cor só e se constituíam uma espécie em particular. Os tamanduás que observei até agora eram coloridos, mas sem nenhum traço especial que os diferenciasse.

23/05

Há vários dias, temos tido tempo bom e seco. Gabriel Ribeiro começou a trabalhar hoje e ajudou na preparação do tamanduá.

A Missão de Santa Ana, que foi elevada à categoria de vila no ano de [...], é hoje muito pobre: não tem um juiz, nem *jurisdictis*. Não sei nem se poderia se chamar arraial. Com exceção do padre, não há pessoas brancas aqui: só mestiços de índios, negros e mulatos.

As áreas cultiváveis ficam longe da vila, e os campos que ficam próximos não servem para a criação de gado, porque não há barreiros.

Os habitantes subsistem com o parco salário diário que recebem nas fábricas de açúcar vizinhas, cujos proprietários não mantêm casas para pousar perto da igreja da freguesia, como acontece em Minas e em São Paulo. Aqui só existem duas casas com telhado de tijolos.

Foi nesta freguesia que encontraram ouro e diamantes; aqui já se extraiu muito ouro em outros tempos.

Foi muito difícil comprar comida; muitas vezes foi preciso mandar buscar alimentos numa fazenda a 1 ou 2 léguas daqui para não passarmos fome. Galinhas e leitões eram raros de se ver; açúcar e velas não existiam. A aguardente era 100 réis mais cara do que na fazenda onde era produzida. Também foi preciso buscar farinha, toucinho, feijão e arroz na fazenda mais próxima.

N.B.: Na fazenda do Capitão Manoel Correia de Mello, há xamucocos. No sítio da Tapera, há uma apiacá. Mina do Carmo[68].

A próxima excursão será melhor planejada, e o roteiro será: 1) Domingos José de Azevedo; 2) Dona Anna de Água Fria; 3) D. Luíza, 4) Capitão Manoel Correia de Mello; 5) Francisco de Arruda do Itampé; 6) Capitão João Baptista Ribeiro, no rio da Casca; 7) Padre Tavares Afrilongo [?]; 8) Engenho da Barroca; 9) Capitão Tavares; 10) João Manoel Fernando da Rocha; 11) José Pereira Duarte; 12) Manoel Correa da Silva Coelho, saindo de Padre Tavares.

24/05

Hoje é feriado (Assunção de Maria), e por isso tivemos que adiar a excursão. Achamos melhor voltar à cidade para aproveitar a vinda do Presidente ao Mato Grosso e pedir-lhe as providências necessárias para a viagem ao Pará. Ao mesmo tempo, vamos aguardar o correio, que vai chegar, por estes dias, do Rio de Janeiro e regressará no dia 6; e vamos fazer algumas compras. Antes, porém, vamos subir e visitar o morro de São Jerônimo nas redondezas da fazenda do Monjolo.

Nesses dias, capturaram várias borboletas interessantes: um lindo *Bupristis* e alguns *Himenoptera* raros.

25/05

Partida da Missão em direção à fazenda do Monjolo.

26/05

Subimos o morro de São Jerônimo, que tem mais ou menos a mesma altura da Vila da Chapada e é muito difícil de subir. É uma

chapada totalmente rodeada de rochas escarpadas. No pico mais alto, cascalho de rocha ferrífera e cristais de pirita. Mas o mais curioso são as petrificações de moluscos em rochas ferríferas [*desenho*], mais de 2.000 pés acima de Cuiabá.

27/05

Regressamos a Cuiabá, onde chegamos às 4h.

12/06

Partida da cidade de Cuiabá para a Vila dos Guimarães. Na noite do dia 11, já estava tudo pronto para a partida, por isso achei melhor aproveitar o frio da manhã e partir o mais cedo possível, às 4h, ainda sob a luz da lua.

Pouco depois do amanhecer, cheguei ao Coxipó, onde fiquei esperando o meu pessoal que veio a pé, e depois tomei café da manhã. Desde cedo o dia estava propício à caça: capturei um *Dendrocolaptes alberostris*[69], um *Muscicapa*, que por enquanto chamo de *campestris*, e alguns outros pássaros, como, por exemplo, um *Dendrocolaptes curvirostris*, o mais interessante que já peguei desde a serra da Estrela, no Rio de Janeiro.

Mandei consertar a minha espingarda e cavalguei lentamente pelas planícies até o morro de São Jerônimo, enquanto fui catando pássaros já conhecidos. Procurei uma sombra para me refrescar do calor, na margem do ribeirão rochoso Aricá, e fiquei esperando meu pessoal e minhas duas mulas, que só chegaram por volta do meio-dia. Daqui subi o morro cavalgando até a fazenda do Monteiro e encontrei Riedel e

Taunay, que faziam uma excursão. Eu pretendia dormir lá mesmo, mas meus companheiros queriam cavalgar até Guimarães e me convenceram a ir com eles. As mulas ficaram para trás. Partimos depois de um prato cheio de feijão e arroz que encomendamos e chegamos à vila já noite escura.

13/06

Friagem

De manhã cedo, fazia +12° e havia neblina acompanhada de um forte vento Sul. A esse tempo que ocorre sempre nesta época do ano chamam de friagem. Há algumas semanas temos ouvido falar dela; estavam até admirados por ela ter demorado tanto a chegar. A descrição que posso fazer dela é a de uma névoa úmida, sempre acompanhada de vento frio e forte vindo do Sul, e que pode durar de 5 a 6 dias e noites. Numa terra onde a temperatura normal é de +15° e cujos habitantes estão sempre com os poros abertos, uma alteração climática acentuada como essa causa forte impressão. A friagem dura o dia inteiro. Os telhados ficam molhados como se tivesse chovido, o nevoeiro é espesso, tem-se a sensação de estar envolto em uma nuvem, o bafo da respiração é visível, assim como na Europa com tempo frio. O termômetro registrou, à noite, uma queda na temperatura para +10°, e a friagem durou a noite inteira.

14/06

Às 7h da manhã, fazia +9°. Sentimos muito frio, sobretudo porque a única roupa quente que tínhamos era um casaco e mais nada. Alguém

nos contou que, há poucos anos, um comerciante veio do Rio de Janeiro, com escravos negros recém-comprados, para uma região próxima a Tejuco, no rio da Casca, nesta época do ano: perdeu 14 deles com a geada.

Posso compreender perfeitamente esse relato e imaginar esses negros recém-chegados da África, mal vestidos, sem nunca terem experimentado esse frio de 6° a 8°, cansados, depois de caminhar a pé 500 léguas. Mesmo bem alimentados, eles não resistiriam a essa longa exposição ao nevoeiro. Acabariam congelados, tal como aconteceu com 6 ou 8 bois de um proprietário da região, que os perdeu por causa do frio e da umidade.

Novas aves foram preparadas durante minha ausência pelo empalhador João Caetano, que deixei aqui por causa de um tatu-canastra.

1. *Picus mas. Corpus nigrum cum macula, fronte coccinea in vertice, superciliae albae cum maculam flavam conjugentes, uropygio alba flavo* [...] *macula coccinea ad peitus hypechondrius crissaq. nigro alboq.* [...] *strigatis rostro nigro pedibus plumbeis* [...] *macula coccinea* [...] *frontis* [...], *long.* 7 polegadas.

2. *Pipra flava, coccinea* [...] *corporis anteriores flavo coccineum, ala et uropygium nigra* [...] *alarum interrupta alba rectrilibus* [...] *apice nigris, long.* 3,5 polegadas

3. [...] *capitus melanotus* Temming

4. *Tanagra brasilica*

5. *Pipra cornuta*

6. *Muscicapa*

7. *Trochilus auricularis*

8. *Rhea americana*

15/06

O nevoeiro continuou caindo durante a noite e, ao raiar do dia, o termômetro acusava +10°. Com alguns raios de sol, instalou-se, então, uma neblina seca com ventos fortes. Segundo os habitantes, a verdadeira friagem estava diminuindo. O tempo abriu por volta das 10h e nos permitiu retomar nosso trabalho.

Fui caçar em Samambaia, distante meia légua a Noroeste. Riedel cavalgou até Monteiro, onde ele havia deixado o papel vegetal. À tarde, ficou decidido que, no dia seguinte, faríamos a excursão planejada (ver 23/05) para Quilombo e arredores. À noite chegaram os caçadores, que, há dias, haviam sido despachados para caçar um tatu-canastra, com a notícia de que tinham abatido um *Myrmecophaga jubata* de tamanho incomum, cujo preparo exigia a minha presença. Na mesma noite, arranjaram um animal para carregar o tamanduá-bandeira que foram buscar no local onde foi abatido, em algum lugar a 1½ légua daqui.

16 e 17/06

Tempo bom, frio seco de +12°, com sol. Os caçadores que foram buscar o tamanduá só chegaram perto do meio-dia, e imediatamente pusemos mãos à obra para prepará-lo para o museu[70]. Eu o besuntei bastante com uma colher de chá de sal e duas colheres de alume, ambos bem picadinhos, e o deixei de molho durante a noite, depois de retirar toda a carne e a gordura da pele.

Depois que essa mistura ficou bem impregnada na pele, mandei novamente limpá-lo bastante no dia seguinte, untei-o com sabão de arsênico e o empalhei. Mandei limpar, com muito cuidado, os músculos

da boca e as patas em volta dos dedos e unhas, mais do que outras partes, para tentar conservá-lo melhor do que aquele que Ménétriès preparou. A fêmea tem duas mamas logo atrás das patas traseiras e tem normalmente uma cria. Os órgãos sexuais do macho são pequenos e quase invisíveis. Depois do parto, a fêmea carrega o filhote nas costas, assim como os macacos e as preguiças.

Os tamanduás habitam geralmente montanhas altas e frias e a parte sul da província de São Paulo. Preferem, portanto, as regiões de clima frio às zonas quentes. São praticamente inofensivos, mas as pessoas os matam ao seu bel-prazer. A matança de tamanduás deveria ser proibida e controlada pela polícia. São animais que merecem até uma atenção especial.

18, 19 e 20/06

Hoje cavalguei até Monteiro para visitar um doente e só voltei no dia seguinte, pois me preparei para uma excursão ao distrito diamantino de Quilombo. Riedel, Rubtsov, Florence e eu cavalgamos para Quilombo; Taunay ficou para trás, pois faltava um cavalo de montaria, que não foi encontrado.

O caminho passava pela fazenda da Samambaia, a meia légua da Missão, onde encontrei, entre outros insetos, um vespeiro belíssimo como eu nunca tinha visto. Pretendo tirá-lo daquela árvore alta quando eu voltar.

O percurso de 6 léguas passava por cerrados secos, arenosos, que não apresentaram uma única planta desconhecida, ave ou outra espécie importante. Como é uma região elevada, ela contém fontes pantanosas de alguns riachos insignificantes, mas a água não é muito potável, com

exceção de um único local, situado mais ou menos na metade do caminho, onde, nesta época do ano, brotam pequenos córregos, cujas águas correm lentamente sobre rochas ferríferas aquecidas. Tudo indica que, em outras épocas do ano, essa corrente é mais forte e caudalosa. Dizem que, nestes campos, grande parte deles já queimados para dar lugar aos pastos de capim fresco para o gado, há muitas emas e seriemas, mas ainda não vimos nenhuma.

Depois de uma viagem monótona, alcançamos, pouco antes do pôr-do-sol, a fazenda da Sra. D. Luíza, às margens do rio Quilombo, distante meia légua de Domingos José de Azevedo. Achamos conveniente pedir permissão para acampar lá mesmo. Fomos recebidos com muita hospitalidade, uma hospitalidade sincera, espontânea. O Sr. João, um jovem de Porto Feliz, casado de pouco com a filha do proprietário, nos fez lembrar os modos e costumes europeus e muito contribuiu para tornar mais agradável a nossa breve estada aqui. (Ver porcos bem criados.)

21/06

Depois de um bom pernoite e após o café da manhã, partimos para Azevedo, a meia légua dali. O caminho é silvoso, e observei algo muito peculiar: perto das plantações ou de uma vila, a natureza se povoa mais. Já quase chegando à fazenda da D. Luíza, por exemplo, vimos bandos de pombas selvagens e vários pássaros canoros. Nosso percurso de hoje, que passava através de bosques e cerrados fechados, foi animado por pássaros canoros, picapaus e falcões de todo tipo.

Chegamos a um engenho de açúcar, que, apesar de novo, dava a impressão de decadência e desleixo, com sua construção mal-acabada e

paredes sem reboco. Custamos a crer que era a casa de pouso de Domingos José de Azevedo, conhecido como um dos homens mais ricos da Chapada. Mas, por insistência do nosso guia, paramos na escada e perguntamos pelo proprietário, que veio logo em seguida e nos acolheu com hospitalidade. Era um típico europeu (de Portugal) de 74 ou 75 anos. Recebeu-nos e foi logo oferecendo a sua casa, com muita franqueza, o que nos tocou muito. Ele falou muito de si e de seus feitos. A usina de açúcar inacabada lhe custou mais de 50.000 cruzados, que ele já pagou; é um dos três proprietários que residem na Chapada e que não devem nada a ninguém; não teve muita sorte, pois perdeu muitos escravos, mas tem a terra mais fértil, que dá colheitas 400 por um.

A mesa estava bem posta e, como é costume ali, bastante farta, servida com talher de prata, faiança inglesa, mas sem exageros. Ele se desculpou, porque grande parte de sua prataria e faianças estava em sua casa na cidade de Cuiabá, onde ele reside às vezes. Como eu já disse, ele gosta muito de falar de si, se compraz quando as pessoas o admiram por seus feitos, não tem muitos escrúpulos em gabar-se de si.

Embora ele nos oferecesse mesa farta todos os dias, ele não parava de se desculpar e lamentar por termos chegado justamente numa época em que lhe faltava tudo em casa, inclusive vinho e sal, o que o impedia de mandar matar um boi. A verdade, porém, é que ele estava economizando, uma atitude que outros poderiam interpretar como avareza. Seus escravos e escravas (alguns, parentes consangüíneos, brancos como ele) eram maltratados, mal-alimentados, andavam quase despidos. Em outras épocas do ano, provavelmente eles andam nus, mas agora penduram, sobre os ombros e na cintura, alguns trapos que há meses não são lavados. As mulheres e meninas recebem, por dia, uma porção de algodão para fiar e a entregam pronta à noite. Quando não dão conta

de sua quota, são obrigadas a compensar trabalhando aos domingos e feriados, quando normalmente não se trabalha. Se, enquanto trabalham na fiação, são chamadas para fazer outro serviço, elas têm que terminar, à noite, o que deixaram de fazer. Perto da casa, há várias árvores frutíferas, como laranjeiras e bananeiras, que agora estão carregadas de frutas maduras. O proprietário, que não gosta dessas frutas, pensa em fazer licor de laranja. Para isso, tenta manter as frutas o maior tempo possível na árvore; algumas vezes chega até a mandar uma escrava até o laranjal para espantar os pássaros (japus)[71], que estão sempre por perto das árvores.

Em nenhuma outra fazenda no Brasil vi escravos serem tratados tão como escravos como aqui. À noite, mulheres e meninas são trancadas atrás de duas portas; e quando já estão todas reunidas num mesmo quarto, que fica exatamente embaixo do quarto do dono, ele abre um alçapão e pega a chave que fica pendurada por um fio através dessa porta. Os filhos saíram da casa do pai, porque não agüentaram conviver com tanta violência; a filha é casada, e o genro não quer saber do sogro. Resumindo, é um estabelecimento pequeno rigidamente controlado.

Todas as colônias e estabelecimentos são construídos onde existe água, ou seja, onde há rios ou riachos, e onde há mata, pois as lavouras só crescem onde há árvores. Foi assim que surgiu este estabelecimento: há cerca de 5 anos, uma lavadeira estava lavando no rio Quilombo, quando avistou uma bela pedra reluzente no leito desse rio de curso lento. Ela apanhou a pedra e a levou para o seu senhor. Era um diamante com 12 vinténs de peso, de primeira água. Ele mostrou a pedra a um conhecido (Capitão Botelho) e, imediatamente, começou a explorar o rio para ver se tinha ouro também.

Realmente, achou uma amostra valiosa, mas, como estivesse mais

preocupado com a sua lavoura, não fez muito alarde disso. Botelho, contudo, um especulador nato, foi ao governador mostrar a peça descoberta. Acorreram pessoas de todas as partes, autoridades deslocaram-se para ali, e, quando menos se esperava, já eram 628 datas, cada uma com 15 braças de largura e 30 de comprimento[72], e escavações para todos os lados.

Azevedo perdeu grande parte de suas terras e, talvez por desgosto, não quis se envolver com a mineração, chegando até a negligenciar várias datas; só manteve aquelas junto ao rio ou, como ele disse, quatro delas: uma data de preferência, uma de socavador, outra de preferência e outra de socavador, que ele comprou para si e proibiu que utilizassem.

N.B.: Quando se descobre uma nova jazida, o Rei ou o Imperador recebe uma data, dita de preferência, bem como o governador civil, agora presidente. O proprietário das terras quer, como proprietário e como descobridor, uma outra data de socavador e quer que um perito examine o potencial da mina.

Para escapar da lei antiga e da proibição de comercialização de diamantes, os mineiros ampliaram o significado da palavra ouro, dando-lhe também o sentido de dinheiro. Quando se diz: "aqui se encontra muito dinheiro", isso quer dizer "muitos diamantes". O ouro propriamente dito eles chamam de "ouro vermelho", e "dinheiro amarelo" quer dizer ouro; "ouro branco" quer dizer diamantes, para diferenciar do "ouro vermelho".

22/06

Naturalmente eu estava muito ansioso para analisar as ocorrências de diamantes do ponto de vista geognóstico, mas minhas expectativas

foram frustradas: foi apenas por um mero acaso que se descobriu, primeiro, esse diamante no rio e, depois, o outro misturado ao cascalho no antigo leito do rio. Foi realmente por mero acaso, não há o que fazer em termos científicos.

[*Desenho da curva do rio Quilombo e o cascalho*]

Em alguma época houve uma grande enchente e, com ela, rolaram pedras e metais rochosos das montanhas para as baixadas. Essa inundação certamente durou muito tempo, talvez até outras enchentes tenham se sucedido, pois seixos duríssimos, quartzo e massas ferrosas foram se desgastando e como que se polindo, tal como os seixos rolados, lá mesmo nos picos mais elevados. Até o próprio diamante parece ter se desgastado sob o cascalho e não se cristalizou muito. As inundações constantes foram tão violentas que, sob o cascalho, encontram-se camadas inteiras de pedras roladas, pesando 15 ou mais libras e também arredondadas, como os pequenos fragmentos de quartzo e de silicato de alumínio. Junto à curva do rio Quilombo (na verdade, um riacho de mata), o cascalho se depositou, formando um aterro, que o mato cobriu; e, embaixo desse cascalho, há terra, barro, areia, cascalho com diamantes, especialmente perto da piçarra, ou seja, a camada sedimentada de diamantes.

[*Desenho do subsolo com as respectivas camadas*]

Montes de terra e cascalhos estão espalhados e amontoados em forma de teatro. Cada um escolhe o lugar onde catar o diamante tal como se aposta em bilhete de loteria: de acordo com o que a mente e o espírito ditarem. Tanto no alto do morro desbastado pela enxurrada, quanto na baixada, a poucos passos do leito do rio, hoje estreito, só se encontra o cascalho quando ele está a céu aberto ou sob o aterro. Mas, em geral, o diamante está sob esse cascalho, com uma diferença: em alguns lugares, pode-se cavar durante dias, semanas, em vão, enquanto que, em outros,

encontram-se essas pedras preciosas amontoadas, como que em ninhos. É a sorte que decide!

23/06

Eu também quis catar diamantes e requisitei um lugar. Sete pessoas para cavar a terra em um dia mais oito para lavar no dia seguinte me trouxeram cerca de 4,5 vinténs de diamantes (e posso dizer que tive sorte!).

Despesas por pessoa: 360 réis x 15=5.400 réis

Alimentação a 80 réis: 80 x 15=1.200 réis

uma pedra comprada a 1.800 réis

Mandar lavar uma pedra parecida de uma terra já lavada: 2.000 réis

Uma a 40 réis dá 6.000 réis

Peso total: 4 vinténs - 80 réis

Olhos-de-mosquito: cerca de 800 réis

24/06

No dia 23, como costumam fazer aqui, mandei desmontar o aterro, escoar o cascalho, raspar bem a piçarra e amontoar tudo. No dia seguinte, esse cascalho foi levado para as canoas[73] para, primeiro, livrá-lo da lama, dos cascalhos grossos e das pedras grandes. Depois disso, só ficaram a areia pura e lavada e pedrinhas. Estas foram novamente amontoadas, lavadas em água limpa numa vasilha de madeira escavada, pouco funda, em forma de pirâmide invertida ou bateias [*desenho da forma da bateia*], onde, finalmente, se pode retirar os diamantes ali depositados. Estes

escorrem para baixo, mais em função da sua forma escorregadia do que do seu peso, e logo são descobertos pelos lavadores. É uma atividade que exige muita habilidade, prática e vista boa, mas estou convencido de que, freqüentemente, o metal precioso escapa dos olhos e acaba sendo jogado fora junto com o cascalho. Nos dias de folga, os negros vêm lavar esse [último] cascalho, por sua própria conta, pois acham que ainda podem encontrar alguma coisa.

Após haver conseguido algumas pedrinhas - pelo menos não saí de lá com as mãos abanando -, retornei à tarde para Azevedo, despedi-me dele e parti, ainda hoje, para a fazenda da Sra. D. Luíza, onde pernoitamos.

25/06

Voltamos à Missão de Santa Ana, passando por aqueles ermos e cerrados de que já falei. Como os atalhos nos campos são todos parecidos, acabamos nos perdemos e chegamos, tanto eu, que havia ido na frente, como os meus acompanhantes, à fazenda da Sra. D. Antônia do Buriti. Tão logo fomos recebidos, pediram-se para examinar vários doentes.

Um deles tinha tido taquicardia grave e sífilis; uma negra estava com a menstruação suspensa; um negro tinha dores reumáticas; e uma escrava de 22 anos, solteira, sem nunca ter tido contato sexual com um homem (foi o que ela me disse), estava com *prolapsu uteri.* Prometi regressar na manhã seguinte.

26/06

Depois de colocar minhas coisas em ordem, cumpri a minha palavra e voltei ao Buriti. No caso das regras suspensas, apliquei cainca,

esperando ter sucesso. À noite, cavalguei até a fazenda de Samambaia, para mandar retirar aquele vespeiro de manhã bem cedo. Com esse objetivo, mandei três empregados meus da Missão até lá e os reencontrei lá mesmo, ao anoitecer.

27/06

[*Desenho do ninho de eixus*[74]]

Extensão e formato de um ninho de vespas chamadas eixus: 1'4" de circunferência e 4'4" de diâmetro.

Antes do amanhecer, dirigimo-nos, com serra, facão, três laços (em lugar de cordas longas) e um saco grande, para aquela árvore onde estava pendurado o ninho das vespas eixus. Estava uma manhã fresca e úmida, com friagem, o que achei muito oportuno para a operação que íamos fazer. O meu escravo negro subiu a árvore com o laço e logo viu as vespas, bem agitadas, voando em torno do ninho; algumas o saudaram hostilmente, com picadas doloridas. O primeiro passo era firmar a corda no galho do ninho, passá-la por outro galho e jogar a ponta para nós. Ele começou a serrar o galho do ninho, que íamos baixando devagarinho, com o auxílio da corda suspensa. Mas o galho caiu sobre um outro, mais forte, e ficou apoiado nele. O negro já havia descido da árvore, pois agora já eram milhares de vespas voando ao redor do ninho. Era impossível serrar ou cortar o galho inferior; precisávamos descobrir um outro meio. Quando as vespas se acalmaram e pareciam estar ocupadas, o negro subiu novamente a árvore, amarrou a outra ponta do laço - uma corda feita com pele de boi trançada - na parte de baixo do galho inferior. Começamos, então, a puxar a corda, tentando arrancar ou quebrar o galho. A outra ponta tinha que ser mantida bem firme, para

que o galho do ninho fosse descendo devagar. O ajudante, com medo de ser picado, soltou a corda na hora em que o galho de baixo quebrou. O ninho caiu com toda a força de seu peso, de uma altura de 20 a 35 [pés], mas não se estragou. Logo os arredores se encheram de centenas de vespas, mas, com o frio e a umidade, elas logo se acalmaram: uma parte voltou para o ninho, a outra ficou do lado de fora, aparentemente sossegada. Tentamos suspender o ninho por meio da corda que ainda estava amarrada ao galho e conseguimos, não sem antes levarmos algumas picadas bem fortes.

De repente, eram tantas vespas que ficou impossível fazer o que pretendíamos, que era colocar num saco o ninho tal como ele estava, pendurado no ar. Tentamos, então, espantá-las fazendo fumaça embaixo do ninho e conseguimos. Uma parte delas saiu voando, a outra se escondeu dentro do ninho, de forma que logo não se via mais nenhum delas por perto. Aquele era o momento certo de cortar todos os galhos em volta e colocar o ninho num grande saco, e foi o que fizemos, desta vez com sucesso. Pouco depois, estávamos de posse do ninho com a maior parte da ninhada.

O proprietário de Samambaia disse que o ninho já está ali há mais de 20 anos. Aqui essas vespas são chamadas de eixus. Sua picada provoca dor forte, mas que desaparece logo, provavelmente por causa do tempo frio. O ninho está dentro do saco. O seu comprimento, tamanho e circunferência só vou poder medir quando a ninhada estiver morta e eu puder liberá-lo. No dia 14 de julho, elas ainda estavam vivas, alimentando-se do mel.

Apesar de todo esforço e sacrifício, ainda não consegui um tatu-canastra. Mas ainda não perdi as esperanças: mandei o empalhador João Caetano ficar mais umas semanas aqui. Estou pensando em ir amanhã

ou depois de amanhã a Cuiabá com meus companheiros, onde espero encontrar, no Correio, correspondências do Rio de Janeiro para mim.

28/06

Durante todo o dia de hoje, tivemos nevoeiro: +13°R, higrômetro, +90. À noite, vento forte, frio úmido e friagem. De manhã, os telhados estavam molhados, havia forte nevoeiro, e não foi possível encontrar os animais no pasto, apesar de estarmos prontos; +12°R, higrômetro, 95.

Como eu estava sem pólvora, João Caetano teve que nos acompanhar até a cidade para repor o estoque. Hoje era impossível viajar ou sair para caçar; foi um dia perdido. A friagem persiste.

29/06

Às 7h da manhã, +9,5°, forte vento Sul e névoa úmida (friagem), que durou também a noite inteira. Os telhados porejavam, as ruas estavam molhadas como se tivesse chovido. Por causa do nevoeiro, não se pôde encontrar logo os animais pela manhã, o que frustrou nossa intenção de deixar hoje a Chapada.

30/06

O céu clareou um pouco, os animais foram logo encontrados, e, após o café da manhã, e de posse do material colhido na Missão, deixamos esse lugarejo miserável, onde não há nada que se possa comprar, nem por todo o dinheiro do mundo. Os pintores retrataram uma grande cachoeira no Boqueirão do Inferno, onde um braço do Coxipó cai de

uma altura de mais de 200 pés, formando um belo cenário. À tarde, nós todos nos encontramos na casa do Comandante Monteiro. Logo depois que saímos da Missão, voltaram a neblina e a friagem, o que nos impossibilitou de colher uma maior quantidade de favas-de-santo-inácio. Essa árvore aparece muito nesta região, mas a maioria estava sem frutos, pois estão na época de maturação, que vai até julho ou agosto. O remédio, que se tornou conhecido pelas mãos dos jesuítas, e por isso levou o nome de seu santo patrono, Santo Ignácio, é tido como muito eficaz. Em caso de cólicas e dores de estômago, deve-se quebrar duas ou três sementes, cobri-las com água quente e beber. A semente consiste de uma parte resinosa e muito amarga [...] e dizem ter propriedades purgativas. Pedi a várias pessoas, que me deviam favores, que me arranjassem algumas plantas, mas, apesar dos meus esforços, só consegui mesmo aquelas que eu mesmo colhi.

01/07

De manhã cedo, parti rumo a Cuiabá, onde cheguei à noite, após percorrer 6 léguas. Ali recebi as cartas do Sr. Kielchen, que, em abril, ainda não sabia da nossa chegada a Cuiabá.

Nesse ínterim, Manoel Dias (ver diário da viagem no Taquari) retornou de sua viagem de pesquisas sobre o Sucuriú, sem ter conseguido nada. Ele havia seguido esse rio até a sua nascente, mais precisamente, no braço direito da forquilha (a Noroeste).

[*Desenho de uma forquilha*]

Mas a falta de pólvora, carne e sal, como ele disse, o forçou a voltar logo, depois de ter vagado durante 3 dias pelos vastos campos, que, segundo ele, se estendem por 60 léguas, à procura das nascentes do

Piquiri. O presidente está muito interessado na abertura dessa via de comunicação, e por isso me comprometi a ajudá-lo nessa missão de procurar as nascentes. (ver anexo.)

06/07

Com a correspondência que saiu de Cuiabá para o Rio de Janeiro em 6 de julho, mandei também um requerimento ao Desembargo do Paço, pedindo um *brevet de découverte* para a cainca (ver ofícios). Mandei-o em duplicata, com informação ao Presidente de Mato Grosso e Goiás.

16/09

Excursão a jusante do rio Cuiabá.

Selamos cedo os animais, mas partimos tarde. Há semanas venho dizendo que vou fazer uma excursão a jusante do rio, para conhecer seus produtos e habitantes no período da seca; mas me deparei com dificuldades de todo tipo, principalmente doentes que me pediam atendimento médico. Se eu fosse atender a todos, teria que abandonar a minha missão principal. Depois de assistir a D. Senhorinha e sua escrava, que deram à luz crianças natimortas, e depois de ver duas mulheres e dois bebês serem enterrados numa mesma casa no espaço de dois dias, achei que precisava de descanso e saí para fazer, então, a excursão.

Tomei todas as providências possíveis para poder partir cedo, mas céus e terras, Deus e o mundo não o permitiram. Choveu ontem o dia e a noite inteiros. Pela manhã, havia friagem com nevoeiro. Meu empalhador tinha saído com o pretexto de ir à missa cedo, mas, às 8h, ainda não tinha voltado. Quando ele chegou, eu já havia despachado

tudo. Também no porto não tinha nada preparado; deviam ser umas 10h quando embarcamos.

O rio estava baixo e fluía bem devagar. No caminho, vimos vários estabelecimentos antigos de pescadores. Eles jogam suas redes, estreitas e compridas, duas a três vezes por dia. De um lado, elas são guarnecidas de chumbo ou saquinhos de pedras para ficarem mais pesadas; e, do outro, pedaços de madeira leve fazem com que flutuem. Os peixes que nadam rio acima (no período da seca) vinham como que em família. Em alguns dias, migram poucos; em outros, muitos.

Nesta época do ano, as espécies mais comuns são: pacuguaçu, piraputanga, curimbatá, alguns dourados, piabas e outros tipos de *Salmo*, além dos peixes de couro, como os barbados e os peixes-palmitos, que são os mais comuns. Peguei ainda alguns sauás e saicangas e espécies novas de *Salmo*, como o peixe-cachorro, *Salmo canis* M[75].

Como partimos tarde e fizemos algumas paradas, cheguei à noite às terras do Capitão Manoel Joaquim Claros, que me recebeu muito bem e me participou várias notícias.

Há 8 ou 10 dias, pescaram, com redes, uma tartaruga muito estranha, nunca vista na região. Segundo a descrição que ele fez, a cabeça ficava onde normalmente fica o rabo, ou seja, na extremidade larga do casco, e a parte central deste era mais abobadada do que nas outras.

O meu anfitrião tem criação de jumentos e muito gado, além de muitas ovelhas, que prosperam bem aqui por causa dos barreiros.

17/09

A noite foi fria e úmida. Pela manhã, muita friagem com névoa, o

que me forçou a ficar mais tempo do que eu desejava. Por volta das 10h, o tempo abriu, mas ainda persistia um forte vento frio do Sul. Embarquei um pouco mais tarde e me despedi, com a promessa de ficar mais tempo aqui na volta.

As margens do rio Cuiabá estavam bem diferentes de quando as vimos em janeiro deste ano: 12 a 15 pés mais baixas. O rio, que serpenteava em todas as direções, tinha bancos de areia que se estendiam acompanhando as curvas, e sobre eles garças grandes e pequenas, gaivotas, *Rhynchops* e *Charadrius*[76] passeavam tranqüilamente.

Nas margens secas, vimos jacarés de todos os tamanhos descansando; sinambus (*Basiliscus*) apareciam, de vez em quando, nas sarambas[77], árvores parecidas com os nossos salgueiros da Europa. Nas margens baixas, que antes vimos inundadas, viam-se agora áreas extensas com plantações de tabaco e de melancias.

Os habitantes chegam a levar, nas canoas, de 40 a 80 dúzias dessas frutas para vender na cidade e conseguem lucrar bastante com isso.

Com o vento Sul soprando no sentido contrário da correnteza, e a todo instante parando para caçar e pescar, acabamos nos atrasando e chegando perto do anoitecer à Capela de Santo Antônio, onde eu havia decidido pernoitar.

A princípio, pensei em mandar pendurar a minha rede junto aos meus e perto da canoa, na margem próxima, mas desisti da idéia, pois era insuportável o zumbido dos mosquitos.

Além disso, eu soube que aqui se costuma acomodar os viajantes num alojamento construído ao lado da igreja, perto da sacristia.

Mandei escaldar alguns peixes que foram trazidos, e eles serviram para o almoço e o jantar.

Em excursões deste tipo, é preciso levar de casa tudo que for necessário, para não correr o risco de ficar sem comida.

Falta até farinha de milho naquelas cabanas miseráveis; os pobres moradores têm que se satisfazer com o que conseguem para cada dia, eventualmente ficam até sem comer.

18/09

A noite estava fria. Não havia sinal de morcegos, o que é raro em igrejas e capelas da região.

Ao romper do dia, fui para a canoa e dei ordens para partir. O vento se acalmou, e a superfície da água estava tão lisa que mal se via a correnteza. Quase uma hora depois, alcançamos o estabelecimento do Capitão Bento Pires de Miranda, que, há algum tempo, me recebeu com muita hospitalidade, sem medir esforços para ser gentil e prestativo. Foi ele que abriu o caminho de Diamantino até o Pará, e, nessa empreitada, sacrificou drasticamente o seu patrimônio. É que, naquela época, não se tinha notícia da existência de nações indígenas hostis e agressivas ao longo do caminho, e isso o obrigou a ficar muito tempo viajando, vindo, inclusive, a enfrentar falta de alimentos.

Ele chegou a perder cerca de 2.000 alqueires de sal. Seu pessoal adoecera, ele reuniu os poucos ainda saudáveis e foi buscar as mercadorias.

Na volta, contratempos o atrasaram, veio o período das chuvas, o rio se encheu mais do que se podia esperar, e o sal dissolveu.

À tarde, fomos, com toda a família, visitar o melancial, uma praia cheia de melancias. Na próxima semana, o proprietário vai despachar 80 dúzias para a cidade, cada dúzia a 480 réis.

19/09

Vieram doentes das redondezas para me pedir consulta médica. Eram meninos com 8, 10 anos, de várias idades, que só queriam que eu os olhasse e lhes desse uma receita. Os moradores pensam que sou um Doutor em Medicina, que tenho uma coleção de receitas prontas e que eu só preciso tirar uma do bolso para curar o doente.

Abateram-se vários pássaros. Aqui não se apanham peixes com redes, mas com anzóis. Isso porque, às vezes, aparecem as piranhas, que despedaçam as redes. Próximo à casa, a ¼ de légua, há um alagado onde aparecem anhumapocas e outras aves palustres. Nos últimos dias, abateram-se:

Vários *Falco* [...], entre outros, um macamã

Columba 2 espécies

Caneroma

Picus Dominicanus

Cassicus cristatus iris cyana (tapuíra)

Ibis (cabeça-seca)

Caprimulgus

Tanagra (vira-bosta)

Le fournier Az^a[78]

?Turdus caturnivorus

Alcedines – 3 espécies diferentes

Rallus melanuros M.

Rhynchops

Caprimulgus forcifatus

Corvus cyanescens Azª

Coati [...]

20, 21 e 22/09

Nossa ocupação diária é caçar e visitar as redondezas. Fomos, por exemplo, ao Pouso, estabelecimento da Sra. Ana Arruda.

A região é bastante baixa e por isso propícia às pastagens e criação de gado.

Os habitantes exibem uma cor amarelada, pouco saudável. Muitos contraíram febres, principalmente febres intermitentes, e procuraram a minha ajuda. A causa principal, e única, dessa doença degenerativa, às vezes fatal, está em um lago pantanoso próximo, de onde os habitantes tiram água para beber. A água tem uma cor amarelo-esverdeada, pois, além de impregnada de urina de gado, cavalos e jacarés, ela está carregada de detritos de folhas, árvores, térmitas e raízes. Seria de admirar se não provocasse doenças. Há 30 ou 40 anos, a maioria das casas ficava bem próxima ao rio Cuiabá, na margem esquerda, mas, aos poucos, os moradores foram se mudando para a margem direita e se fixaram numa área a ¼ de légua daqui. Antes, ainda vinham buscar água no rio, mas, com o tempo, acabaram relaxando e passaram a pegar água perto de casa mesmo, expondo-se, assim, a todo tipo de doenças. Bastaria providenciar algum tipo de transporte ou reconstruir as casas perto do rio para garantir mais saúde aos habitantes.

Da forma como está, um médico não pode fazer muito.

Nos últimos dias, tem feito um calor incomum; está mais quente

do que no alto verão. É que, nesta época, os agricultores brasileiros costumam queimar os campos, dia e noite, ou para transformá-los em pastos, ou para plantar.

E o fogo só faz, então, aumentar mais ainda o calor desta época.

Há muitos veados nas redondezas, mas, como aqui não há cachorros nem pessoas com algum conhecimento, ainda não consegui nenhum.

Nos pastos e nas matas, há infestação de carrapatos, e, no começo da noite e de manhã cedo, ainda aparecem mosquitos em grande quantidade.

Na fazenda do Capitão Bento Pires, trabalham muitos guanás, que recebem, por dia, 80 réis de ouro, ou seja, 150 a 160 réis de cobre. Eles são muito úteis.

João Hilislopes, morador em Óbidos, e Joaquim Rodrigues (Salé) Collares: endereços para Grão-Pará

24/09

De manhã, enviaram 60 dúzias de melancias para a cidade. Aproveitei a oportunidade para mandar uma caixa grande com os espécimes da História Natural que coletei durante minha estada aqui.

Mais tarde, tomei conhecimento de várias novidades da cidade: por exemplo, que o correio do Rio de Janeiro chegou no dia 22 deste mês; que o Capitão Manoel Filipe deu entrada hoje; que, na cidade de Cuiabá, o acontecimento mais importante e interessante foi a chegada da tropa do Rio ou de São Paulo (que vendem barato mercadorias de luxo e de necessidade, como vinho, corais, farinha; e que o Coronel Velasco, um espanhol que há muito eu esperava, pois ia me trazer 200.000 e prata,

também chegou. Todas essas notícias me obrigavam a retornar o mais rápido possível.

Todas as espécies abatidas foram sendo colocadas numa caixa grande, que, em 8 dias, ficou totalmente cheia. O material que ainda não estava seco foi levado aberto, para ir secando no caminho.

Dei ao Capitão Bento Pires a minha canoa grande e pedi-lhe em troca uma pequena, para que pudesse viajar com mais conforto e rapidez. Pouco antes do meio-dia, deixei essa gente, que são pessoas muito honestas, hospitaleiras e retas.

À minha revelia, levaram muitos alimentos para o barco e, mesmo não dispondo de muitos escravos, cederam-me o seu melhor barqueiro, para que eu pudesse subir o rio com mais conforto.

Abatemos hoje um sinimbu, alguns *Psittacus facienda* (maracanã)[79] e outras espécies pequenas, bem como mexilhões de rio, encontrados nas margens e que só aparecem nesta estação do ano, pois os rios estão mais rasos, e esses moluscos vivem no fundo deles. Nesta época, o Cuiabá pode ser atravessado a pé em vários pontos, ou então a cavalo.

Após percorrermos cerca de 4 léguas, a noite caiu, e fomos obrigados a parar no estabelecimento mais próximo. Ao longo do rio, tanto à direita como à esquerda, havia construções de todo tamanho, algumas de famílias muito numerosas.

Nesta época do ano, vêem-se apenas pequenas cabanas nas margens, feitas para vigiar as plantações, principalmente as de melancias e de tabaco, e para protegê-las de ataques de pessoas, pássaros e animais: pombos, pacas, capivaras e preás estragam as melancias.

Para fugir das enchentes, todas as casas foram construídas na parte mais alta, de forma que, do rio, mal se pode vê-las, embora algumas

estejam até bem próximas dele. Hospedamo-nos na casa da família Magalhães, aonde chegamos muito tarde devido aos imprevistos.

É tão grande a pobreza que é difícil entender como esses moradores podem sobreviver, ainda mais com famílias tão numerosas.

Nesta região, é comum uma casa abrigar várias famílias, mas muitas, na verdade, constituem uma só.

Em uma delas, o pai foi casado duas vezes; teve 6 filhos com a primeira mulher e 22 com a segunda, sendo que, desses 22, morreram 15, e dos primeiros 6 filhos, morreram 3 (acredito que por causa da miséria). Quase todos os 10 filhos estão casados, de forma que o pátio mais parecia um formigueiro de netos, aparentados e colonos de todas as cores.

As principais fontes de sustento são o gado e a criação de porcos. As plantações têm que ser bem cercadas ou então feitas bem longe dali. Normalmente as pessoas fazem suas lavouras do outro lado e, para isso, emprestam um pedaço de terra do vizinho.

25/09

Pernoitamos num depósito aberto, onde estendemos nossas redes, e partimos na manhã seguinte. Teríamos que percorrer apenas 1½ légua até a casa do Alferes Manoel Joaquim Claro, mas logo nos entretivemos com a caça. Abatemos alguns *Cuculus tristis*[80], ariranhas que nadavam, *Pelecanus carbo*[81], e alcançamos de manhã cedo o nosso novo pouso, onde abatemos um *Strix alba*[82] tão logo chegamos.

À tarde, jogamos a rede e conseguimos de novo pegar peixes: *Salmo*-banana, assim chamado por causa do seu formato; e *Silurus fidalgo*[83]

O *Salmo*-banana tem uma boca pequena, é um pouco protráctil; mal se vêem os dentes embaixo do queixo, e em cima os dentes são pequenos e afiados; os olhos são grandes, a íris prateada e brilhante; a parte de trás do corpo é cilíndrica e afilada; os lados são cobertos de escamas de tamanho médio; sobre a *linea later. recta media* [*linha lateral reta mediana*], acima e entre *Pinn. Vent. Anal.* [*nadadeira anal*], há uma mancha preta oval. Duas listras pretas longas na cauda. (*Br*: 4; *P*: 17; *V*: 10; *A*: 10; *C*: 24 *D*. 11).

Todas as barbatanas são praticamente do mesmo tamanho, brancas; orifícios em 2/3 da frente para trás, pouco antes do poro anal. Ânus pequeno; a cauda é vermelho-amarelada com listras marrom escuro. A nadadeira adiposa é grande; a nadadeira dorsal é um pouco projetada para a frente, o que mantém o peixe em equilíbrio, e tem 10 polegadas de comprimento do outro lado do centro.

É um peixe muito saboroso, que se deixa apanhar fácil em redes. Tem a cabeça lisa, sem escamas, marrom-avermelhado; costas azul-prateadas furta-cor; barriga branca, em prata cintilante, *nares simplicio* [*narina simples*] grande, aberta e um pouco projetada para a frente.

Silurus fidalgo - chamado pelos europeus de *nobilis Maudi*, por causa de sua delicadeza. *B*: 4; *P*: 14; *V*: 6; *A*: 11; *C*: 22; *D*: 7. Orifício da boca na parte frontal e inferior da cabeça; cabeça lisa e arredondada; maxilar com fileiras largas de dentes afilados da frente para trás; olhos relativamente pequenos; corpo muito liso, pele fina; fios da barba muito finos, quase como linhas, os superiores curtos alcançando a *J. anali* [*nadadeira anal*]. *Linea later. media recta*. Adiposa fina, meio transparente; *nares duplic.* [*narina duplicata*]; comprimento de 1-2 palmos; carne muito macia; o corpo, em cima, vermelho e, em baixo, de um prateado fosco.

Excursão à Vila Diamantino

08/10/1827

Desde que voltei da minha viagem a jusante do rio Cuiabá, tenho estado ocupado atendendo os doentes que vêm das redondezas para se consultar comigo.

Nas relações de doenças mais comuns que fiz anteriormente, esqueci-me de incluir as hemorróidas, que são muito freqüentes e por isso também merecem destaque.

É de praxe aqui, entre os curandeiros e cirurgiões, batizar todas as doenças, não importa de que natureza sejam, e classificá-las sob a rubrica de incuráveis, principalmente as de origem venérea, leprosa ou hemorroidal. Normalmente as febres são febres intermitente ou sezão, ou são febres infecciosas malignas. Se o doente morre, alega-se que não existe remédio para a doença que o matou; mas, se o doente convalesce, seu curandeiro sai alardeando que realizou uma cura extraordinária.

Dentre os doentes que me trouxeram depois que cheguei da viagem pelo Cuiabá, havia uma menina que caíra de uma ladeira íngreme e quebrara o osso do braço, logo acima do cotovelo. Na cidade inteira não havia ninguém que soubesse reposicionar os ossos ou fazer uma atadura - o cirurgião da cidade tinha tirado uns dias de férias. É realmente lastimável a situação da assistência médica na capital da província!

Depois de responder à correspondência, que chega normalmente, do Rio de Janeiro, no dia 24 de cada mês e é expedida todo dia 6, preparei-me para uma excursão a Diamantino, onde pretendo tomar as providências para a longa viagem ao Grão-Pará.

Poucos dias depois, Rubtsov e Florence regressaram de uma excursão a Poconé, Vila Maria e Jacobina. Fizeram, principalmente nesta última vila, desenhos muito interessantes dos índios bororos, que enriqueceram bastante a coleção da viagem científica.

09/10

No dia 9, deixei a cidade antes de amanhecer, para o pesar dos doentes. Uma hora e meia depois, com o dia amanhecendo, cheguei à fazenda da Capela, perto do rio Cuiabá. Ali havia algumas cabanas pobres, onde se viam pessoas ordenhando vacas. O local tinha um aspecto decadente, aparentemente nem capela tinha. Talvez as casas melhores estivessem afastadas da rua principal.

O caminho agora era muito uniforme, monótono, entre campos de areia e capoeiras. Não oferecia ao observador nada de interessante ou de importância; tudo muito desolador, deserto e vazio.

Duas léguas adiante, vimos, à direita, uma cabana de palha bem pobre. Seus moradores não tinham nem milho para o dia-a-dia; por isso, tinham ido à cidade para trocar galinhas por farinha.

Só alcançamos o impetuoso rio Coxipó-açu às 4h da tarde. Na sua margem direita, há uma capela e algumas casas. O rio encolheu, mas continuou impetuoso. No período das chuvas, embora haja canoas aqui, é muito difícil atravessar o rio, pois a correnteza é muito forte. Por que o governo não manda construir uma ponte? O Coxipó é um rio bastante piscoso: encontramos pacus, dourados enormes, curimbatás, piabas e uma espécie diferente de pintado, ainda não observada. Em vez de pontos, seu corpo tinha listras irregulares ou manchas que se confundiam, e a barriga era branco-prateada. [*Desenho das manchas*]

Eu já havia aprendido que, nesta terra, o viajante tem que carregar consigo tudo que é necessário: alimentos, material de acampamento e outros confortos. Hoje essa lição se confirmou: não encontramos nenhum local coberto e seco e nem a panela que esquecemos de trazer. Cozinhou-se feijão com toucinho para o jantar e um pouco de peixe - na verdade, não contávamos com isso.

Durante a noite, o feijão guardado para o café da manhã foi devorado pelos cachorros, que já andavam nos rondando desde a nossa chegada.

10/10

Ainda não amanhecera, a lua ainda estava clara quando foram recolher os animais no pasto. Felizmente eles foram logo encontrados, de forma que pudemos montá-los e partir por volta das 6h.

De Coxipó a Baús são aproximadamente 5 léguas; de Baús a Engenho do Brigadeiro, cerca de 2, aonde chegamos mais ou menos às 3h30, depois de termos tomado café da manhã em Baús, às 10h.

Em Baús, existem algumas cabanas. Seus habitantes se queixaram muito do capelão, porque ele exigia o pagamento antecipado de 6 vinténs para confessar os fiéis. Segundo eles, muitos têm morrido sem confissão.

No Engenho do Defunto Brigadeiro achei vários cocos-de-aguaçu[84], *capsula trilocularis*, e com três sementes "quentes", conforme eles dizem.

[*Desenho de vários cocos e de sua semente*]

Os brasileiros são muito preocupados com a nutrição e têm muita experiência nessa área. Eles classificam as comidas e frutas como "refrescantes" e "quentes". Um médico aplicado poderia, e deveria, aprender muita coisa aqui; um médico que não entende de nutrição não

é levado a sério aqui. Os charlatães, que não conhecem nada, absolutamente nada, tentam impor-se prescrevendo dietas absurdas associadas ao comportamento dos doentes. Por exemplo, um doente que toma purgante não pode, por 3 a 4 dias, se expor ao desejo sexual nem fazer pão. Um doente com febre intermitente não pode pentear os cabelos durante três meses. Na maioria dos casos, o quarto dos doentes deve ficar trancado e escuro. A sangria só pode ser feita em determinadas horas do dia, num quarto trancado e iluminado à luz do círio (N.B: não pode ser lamparina nem velas de cera: tem que ser círio).

"Seja bonzinho, me examine, veja o meu pulso", era o pedido que eu ouvia de centenas de doentes. E, depois de atendê-los, mesmo quando eu dizia que não podia fazer nada, eles iam embora satisfeitos: na verdade, só queriam ter certeza de que iam morrer, para ir fazer sua confissão antes que a morte chegasse.

Para eles, as fases da lua são importantes para todos os tratamentos: sangrias, vomitivos, purgantes; mas também têm influência sobre o plantio, a colheita, o corte de árvores e a salga da carne; sobre todas as formas de dermatoses e outras doenças, até mesmo sobre os partos. Isso pode até ser produto da imaginação deles, mas, algumas vezes, não pude nem quis contestá-los.

11/10

À noite, tivemos tempestade com chuva forte, depois de um dia quente, com temperatura de +27° à sombra; mas, hoje cedo, depois da chuva da noite, ela caiu para +18,5°. Foi um alívio poder respirar bem de novo.

Os animais fugiram durante a chuva e até agora não foram

encontrados, até que o proprietário montou seu cavalo e foi até à floresta próxima onde eles normalmente se escondem. Mais ou menos às 9h ele já estava de volta, quando, então, preparamo-nos para partir. O céu estava encoberto, o calor moderado, e o dia agradável. O caminho era todo igual, monótono. Pouco antes de anoitecer, havíamos percorrido 6 léguas e chegamos à passagem sobre o rio Cuiabá, onde encontramos boa hospedagem numa pequena cabana.

É uma passagem nova, com menos de um ano. Antes, existia uma outra, mais abaixo, mas os habitantes de Diamantino solicitaram ao governador que a transferisse para algumas léguas mais acima, na fazenda do Padre Mestre Tavares.

Provavelmente foi ele quem mais se empenhou em conseguir essa mudança, pois ela representava para ele a possibilidade de vender sua aguardente e ganhar, assim, uma nova fonte de renda.

Esta passagem é arrendada. O arrendatário tinha interesse que ela fosse construída em outro lugar, mais precisamente em suas terras, que ficam mais acima, numa altura do rio que, na sua opinião, oferecia mais vantagens. Mas não houve consenso quanto a essa escolha, e o arrendatário acabou cedendo: mandou levar uma canoa para a fazenda do Padre Tavares e uma outra para a nova passagem, onde ele mandou abrir um caminho às suas próprias expensas, e deixou a cargo dos habitantes escolher entre uma e outra.

O resultado é que quase todos preferiram a nova, porque o caminho é muito bom e, na época das chuvas, não há o problema dos riachos de mata; ao contrário da outra, na fazenda [do arrendatário], que, mesmo sendo 3 léguas mais perto, conforme se alegou, possui uma infinidade desses pequenos riachos e é muito pedregosa. Quanto a mim, fiquei muito satisfeito com o caminho escolhido.

12/10

De manhã cedo, retomamos viagem assim que trouxeram os animais. A travessia exigiu muito tempo. A bagagem foi levada para a canoa. Pagam-se 2 vinténs, para cada animal, pela permissão de atravessar o rio; e cada pessoa, 3 vinténs. As pessoas a serviço do Governo estão liberadas de pagar.

As margens aqui são constituídas de camadas de xisto de alumínio endurecido, que desmoronaram formando uma inclinação íngreme, quase perpendicular. O caminho acompanha, durante algum tempo, a margem direita do rio. Depois chega-se ao ribeirão do Nobre ou Piraputanga, cujas águas são cristalinas e ricas em peixes. A partir daqui, chega-se a um vale fértil, estreito e elevado, cercado por morros cobertos de mata. Uma fazenda de gado prosperaria muito bem aqui, pois o solo parece ser próprio para o pasto, mas o que se vê são belas terras desertas.

Cerca de 5½ léguas mais adiante, sobe-se o morro do Tumbador, uma caminhada muito cansativa e, em alguns trechos, muito perigosa. Um pequeno riacho de mata abre caminho à força por entre as rochas e se precipita, com forte estrondo, de uma altura de algumas braças, sobre a baixada. O caminho tem, no máximo, 1½ palmo de largura. Do lado esquerdo, só rochas íngremes; do outro, um grande abismo, onde um simples escorregão significa morte certa tanto para nós, homens, como para os animais. Essa é a grande estrada por onde se transportam alimentos para o Distrito Diamantino e por onde já passaram muitos milhões de cruzados em ouro e diamantes!

Depois de superado esse perigo (felizmente!), chegamos, às 4h da tarde, à fazenda do Campo dos Veados, onde fomos muito bem recebidos pelo proprietário, o Sr. Antônio Pires. Seu filho, que aparenta ter uns 18 anos, gosta muito de caçar e tem excelentes cães de caça. Consultei-

o e ele me deu a boa notícia de que a região tem várias espécies raras, dentre elas: um tucano-cachorro[85], porque sua voz se assemelha à de um cachorro; um *Vultur* azul[86], que vive isolado; um pequeno pavão, provavelmente *Corvus*[87], que nunca vi antes.

Como ele me prometeu um tatu-canastra, logo me dispus a voltar em breve.

Seu pai sofria de pedras na bexiga urinária, e o único filho estava com exantema. Portanto, ambos tinham interesse em que eu ficasse por mais tempo.

A região é uma chapada extensa, incrustada numa cadeia de montanhas altas, onde há várias nascentes de riachos, dentre eles, as do Piraputanga, que desde ali já é cristalino e piscoso em alguns trechos.

A fazenda fica num lugar aberto e limpo, é bem administrada, tem uma engenhoca e produz tudo com fartura: pasto para o gado, lavouras, pomar de laranjas e bananas, milho e cana-de-açúcar. À noite me ofereceram um vinho que eu juraria ser um bom *Malvoisie*, se não tivessem me garantido ser vinho de tamarindo feito ali mesmo. O vinagre de tamarindo é de excelente qualidade.

13/10

Com os animais já reunidos, e após beber uma xícara de café com leite, retomamos viagem. O caminho percorria vastos campos, cerrados, capoeiras e outros bosques. Duas léguas adiante, um pequeno estabelecimento às margens de um riacho; em seguida, um pequeno morro, e novamente campos, colinas e chapadas se alternando, até chegarmos ao Morro Vermelho, depois de percorrermos cinco léguas. Dali, avista-se um grande vale, com cerca de meia légua de extensão,

que, outrora, sem dúvida - as características o comprovam - já foi o leito de um grande lago ou rio, cujas margens são íngremes e caem abruptamente.

Nesse vale e ao longo do caminho, vêem-se, à esquerda, vários buritizais, ou seja, bosques de buritis[88], árvores que só crescem em alagados úmidos de planaltos, geralmente margeando nascentes de rios, como, por exemplo, o buritizal das nascentes do rio Paraguai. A essas nascentes se juntam muitas outras, umas próximas das outras, e acabam formando um ribeirão de tamanho considerável.

Este vale também é rico em diamantes; nos leitos de todos os riachos destes terrenos aluviais encontram-se essas pedras preciosas.

Lugares onde se acham essas pedras: Santa Ana, nascentes do rio Paraguai, Areias, Diamantino e São Pedro.

Cheguei, à tarde, na Vila Diamantino, onde eu estava sendo aguardado há vários dias, na casa do Capitão José Paes. À tarde mesmo, visitei o capitão-mor e, em seguida, recebi as boas-vindas de várias pessoas do local.

14/10

Na manhã seguinte, vieram me visitar todos os empregados e moradores do local, menos o cirurgião, ao que tudo indica, por ciúme profissional. Mal sabe ele como é desagradável para mim cuidar de doentes.

O capitão-mor retribuiu a minha visita já à tarde. Para mim, ela era muito importante, pois eu estava interessado em tratar da minha longa

viagem.

Só encontraram duas mulas e três fugiram. As demais foram trazidas pelo capitão-mor, que acabou chegando tarde, pois estas tinham tomado o caminho para Cuiabá.

15/10

Não pude deixar de dar atendimento médico a alguns doentes. As doenças observadas até agora foram: febres quartãs, terçãs, hemitríticas, febres intermitentes simples, associadas às suas conseqüências diversas, como, por exemplo, exantemas, prisão de ventre, início de hidropsia, dermatoses e icterícia. Viver em lugar alto e bócio são sinônimos; portanto, aqui vêem-se de novo muitos casos dessa doença.

Diamantes

É possível encontrar cativos[89] sem diamantes, mas nunca diamantes sem cativos. Os cativos daqui são um tipo especial de cascalho de xisto de alumínio endurecido.

Redes de dormir

As redes constituem a mobília principal dos cômodos da casa, da mesma forma que os sofás em nossa terra. Os habitantes daqui passam o dia e a noite se balançando nelas, ora deitados, ora sentados, e é o assento que oferecem às visitas ou estranhos.

A esposa do mais rico comerciante de Cuiabá acompanhou seu marido numa viagem ao Rio de Janeiro e voltou de lá dizendo que não tinha gostado do lugar, pois não encontrara, nas casas, um cômodo onde se pudesse armar um rede de dormir.

Vale a pena reproduzir aqui uma conversa que tive com uma senhora

de boa classe: ela me perguntou se, na minha terra, as pessoas usavam redes de dormir. Ela não conseguiu entender como se pode viver sem elas.

Tenho observado que elas são muito úteis no caso de enfermidades longas, pois evitam a formação de feridas e escaras.

Usos e costumes

As mulheres raramente, para não dizer nunca, comem à mesa com os homens: ficam todas na cozinha. São os homens que se sentam à mesa com os convidados. Normalmente servem água e um copo de vinho para todos. Na casa do cidadão mais simples vêem-se garfos e colheres de prata, mas no máximo duas facas. As mulheres de elite comem feijão, farinha, etc., amassando-os na própria mesa e formando bolinhos com as mãos e os dedos; segundo elas, comendo assim, a comida fica muito mais saborosa.

Por causa desse costume, logo depois da refeição, oferecem água - e aqui exibem outro luxo - em bacias de prata e uma toalha de mão enfeitada com bicos de renda finíssimos, para o convidado lavar as mãos, mesmo que ele não tenha comido com elas.

Assistência médica

As pessoas aqui não sabem o que é receber cuidados médicos. Quando eu as atendo, tudo que elas querem é que eu lhes diga o nome da sua doença e que eu lhes tome o pulso; e pensam que toda enfermidade, não importa o nome, pode ser curada com um único remédio. Por que será que essas pessoas fazem tanta questão que eu lhes tome o pulso?

Algumas me pedem até humildemente, mas com insistência. Certa feita, trouxeram-me uma menina, ou mulher, e me pediram que sentisse o seu pulso para ver se ela estava grávida. Disseram-me também que

existe uma velha senhora que sabe sentir o pulso melhor do que um médico e que ela nunca se enganou. Eles me acharam um ignorante quando confessei, com toda franqueza, que eu não sabia identificar uma gravidez pelo pulso.

Latidos de cães e cacarejar de galos

Nunca ouvi tanto cão latindo à noite e nem tanto galo cantando de manhã como aqui; nas fazendas mais simples cultiva-se o canto de galos. No Kamchatka, os latidos e uivos de cães são mais fortes, mas o canto de galos aqui é mais forte do que em qualquer outro lugar.

Na verdade, em São Paulo, ele é mais bonito; aqui eles só gritam, como na Europa. De manhã cedo, é uma gritaria sem fim. Em toda casa, em todo pátio, em toda cabana, por menor que seja, há pelo menos 4 ou 6 galos; basta um começar, e todo o exército se levanta.

Eles não têm uma hora certa para cantar. Se alguém começa a imitar o cacarejar dos galos numa hora em que esteja tudo em silêncio, lá pela meia-noite por exemplo, logo todos os galos das redondezas respondem.

A Província de Mato Grosso é o lugar onde mais se criam galinhas; em nenhum lugar se come tanto dessas aves como em Diamantino - por causa das doenças.

Doenças

Não posso deixar de dizer algumas palavras sobre a disseminação generalizada de doenças e sobre a falta de cerimônia com que as pessoas falam das suas próprias enfermidades. Um de meus doentes, com bubões abertos, sentou-se no meio da sala, onde pessoas entravam e saíam e onde havia uma moça amamentando; e deixou que lhe fizessem o curativo ali mesmo. Não é raro ouvir mulheres e meninas contando abertamente que têm ulcerações recentes, ulcerações nasais ou condilomas.

Bócio (*Struma*)

Acredito já ter dito isto antes: como em todas as regiões elevadas, como em nascentes de montanha e grandes rios, aqui existem muitos casos de bócio, que deixa os habitantes desfigurados.

Gás carbônico

É provável que a causa principal dessa endemia seja a ingestão de água sem ácido carbônico. Por isso, valeria a pena analisar, quimicamente, todos os cursos de água das regiões montanhosas do Brasil, pois tudo indica que as ocorrências de bócio aqui estão estreitamente ligadas à natureza da água que se bebe.

Da mesma forma, as condições atmosféricas peculiares, incluindo a ausência de eletricidade no ar, certamente provocam o bócio.

No Brasil, não são nos vales, mas nas montanhas e regiões abertas que grassa o bócio, regiões onde não se observa o cretinismo.

Aqui em Diamantino, existem algumas nascentes cujas águas são poucos utilizadas; provavelmente elas atravessem camadas calcárias, que lhe dão um gosto levemente salgado; dizem que, às vezes, elas curam pessoas acometidas de bócio.

Medicamentos

Mandei aplicar um pó contra o bócio, que superou todas as expectativas. Uma pessoa que sofria da doença há 20 anos, já em estado avançado, ficou logo curada, depois de ter tomado, em vão, doses grandes de espuma-do-mar (*spongia usta*). A composição, ou seja, a receita está em algum dos meus papéis; vou procurá-la e incluir aqui:

Spongiae Ustae: 3

Pó: *dotonnant, scheisst dict*:

antimon: *crudi*

Tártaro: vitriolado

Pó: *cort: aurant:* 3

Mexact - Tomar uma colher de chá cheia, três vezes por dia.

Além disso, fiz uma fricção com álcool canforado e mandei o doente gargarejar água com sal várias vezes por dia.

Eu havia decidido que, caso o remédio não surtisse efeito, eu tentaria a seguinte composição:

Op. Sulphur antim: aurat.

Calomelano *opt.* [...]

Pó: *cort. aurantios:* 3

Spongiae ustae 3

Mexact: Consumir em 6 dias.

Dei preferência ao primeiro remédio, porque, estranhamente, aqui no Brasil, às vezes, o calomelano provoca salivação nas pessoas, mesmo quando ministrado em quantidades pequenas.

Foi o caso de um paciente meu que já tinha tomado 6 pílulas de calomelano e ópio, uma a cada noite, antes de deitar, e começou a salivar muito alguns dias depois.

Já por duas vezes receitei, a duas senhoras diferentes, pílulas laxantes de *Resina Jalapae*[90], sabão e calomelano, mas o remédio, além de não surtir efeito, ainda provocou em ambas, alguns dias depois, salivação intensa, que se prolongou por 14 dias seguidos.

Mas fiquei muito orgulhoso por ter conseguido fazer, na Província de Mato Grosso, tantas curas milagrosas, como se diz aqui. Curei, por

exemplo, uma erisipela sem remédios [...], mas com vomitivos e purgantes. Fui o primeiro *Doctor medicinae chirurgiae* a chegar a esta província e, como tal, tive que passar por algumas situações difíceis: sempre que tratava de um doente grave, eu precisava proibi-lo terminantemente de ingerir remédios de qualquer curioso, curandeiro ou velha senhora.

O médico da freguesia ou do governo (até hoje não houve nenhum) deveria proibir expressamente, pelo menos no âmbito de sua administração, a atividade dos charlatães.

O único doente que perdi em Diamantino foi o Sr. Joaquim Gomes Bezerra. Ele teve febre infecciosa e febre tifóide agudas, e eu lhe prescrevi uma mistura refrescante de sal amoníaco com quina; mas deram a ele, à minha revelia, três "pílulas da família" (*family pills*), um remédio inglês de charlatães. Na minha opinião, foi isso que matou o doente. Ao que me parece, essas pílulas consistem de uma mistura de calomelano, *Resina jalapae* ou extrato de aloína, ruibarbo *suie. liquirit* e *Crocus orient.*[91], pesando cada uma cerca de 14 a 15 grãos.

Curei, ainda, uma oftalmia, de origem gástrica, com um purgante de calomelano. Hemorragias nasais, sífilis em mulheres, dores nos ossos são consideradas doenças incuráveis aqui; portanto, as pessoas não conseguiam entender como era possível curá-las totalmente em poucas semanas, inclusive doenças venéreas e cutâneas, chamadas aqui de lepra.

<u>Igreja</u>

Para se poder avaliar as diferenças de caráter entre os habitantes daqui e os de Minas Gerais e São Paulo, basta verificar que, já se passaram 26 ou 28 anos desde a colonização, e ainda há tão poucas igrejas no Mato Grosso. Naquelas províncias, a primeira coisa que se faz é construir uma capela e depois uma igreja, de forma que seu estilo e riquezas revelem

ao viajante a época em que foi erguida. As igrejas de Ouro Preto, de São José, próximo a São João del Rei e muitas outras são os exemplos mais vivos [do caráter de um povo].

Aqui, ao contrário, ninguém se preocupa com igreja ou espiritualidade; tampouco coronéis, bispos e presidentes se preocupam com este lugar, que é tido e temido por todos como extremamente insalubre. A igreja local consiste de quatro paredes despidas, sem nenhum enfeite, sequer um grãozinho de ouro, um mínimo sinal da riqueza incomensurável que existe aqui. Ela é pequena, não comporta nem a metade dos habitantes e, mesmo assim, está quase sempre vazia. Em lugar de lustres de prata, existe uma armação de madeira onde, em dias de festa, colocam-se velas. Vimos centenas de capelas particulares, muito mais ricas do que essa igreja, que foi erguida apenas por uma questão de necessidade, e isso na freguesia mais rica do mundo!

A Vila Diamantino é cercada de morros por todos os lados; fica dentro de um vale estreito, na confluência dos ribeirões Dourado e Diamantino, sendo que este último deságua no Paraguai.

O local é considerado altamente insalubre, quase ninguém escapa da febre intermitente maligna. Vou tentar, durante a minha permanência aqui, pesquisar as causas dessa febre e doenças: localização e características físicas, temperatura (variações repentinas), tipo de vida dos habitantes, ocupações, alimentação e dietas, água, recursos medicinais, falta de assistência médica, sistema de construção das casas: sem assoalho, úmidas e abertas.

Diamantino está situada em uma cadeia de montanhas, onde nascem os rios Paraguai, Diamantino, Cuiabá e vários outros. É um planalto de superfície irregular, com morros, colinas e vales. Nas vizinhanças das várias nascentes, há lagos, alagados e, como em todas as nascentes,

buritizais e bosques de arbustos baixos e fortes. Portanto, perto das nascentes acumulam-se folhas apodrecidas, troncos, frutas, peixes, jacarés. Com a falta de ventilação e de ar puro, formam-se correntes de ar produzindo vapores mefíticos, o que torna insalubres não apenas as imediações das nascentes mas também toda a região circundante.

As nascentes do Paraguai (Diamantino), de certa forma por causa das escavações de diamantes, são menos insalubres, pois, sendo uma região mais livre e aberta, elas não bloqueiam tanto a entrada de ar como acontece naquelas terras ao norte, do outro lado das montanhas divisoras de águas, onde as nascentes de afluentes do Amazonas jazem quase que no seu caos original. É o caso, por exemplo, das nascentes do rio Preto, que são tão nocivas e pestilentas que nunca são visitadas, nem no período da seca, nem na estação das chuvas, principalmente no seu início, quando certamente faz muito frio e grassam as temidas febres frias, infecciosas e tifóides e o tifo. O ar fica bloqueado dentro das matas impenetráveis e se enche de material orgânico em decomposição.

Dizem que aí o perigo é maior, pois os vapores exalam um odor almiscarado.

De 20 anos para cá, por ignorância e ganância por dinheiro, muitas pessoas têm vindo para cá. Mais de 100 já foram vítimas de febres infecciosas e intermitentes originárias das nascentes do rio Preto. Foi só neste ano de 1827 que ocorreu a um comerciante (acredito que Domingos José Pereira) conhecer melhor os sertões, as nascentes e o curso do Arinos e abrir um caminho até lá. Ali ele encontrou uma região muito mais aberta (de campos), sendo que o rio, que fica a uma distância de 4½ léguas da vila, oferece condições mais confortáveis e vantajosas de navegabilidade num trecho de, no mínimo, 6 ou 7 léguas.

Os arredores são mais livres e saudáveis, ele fica a apenas 3½ léguas

de Diamantino e oferece um caminho melhor. Em suma, ganha-se muito mais em todos os sentidos.

Comércio

Nunca se viram aqui tantas canoas em viagem para o Pará como agora, o que leva a crer que o comércio está se intensificando desde aqui até essa província. Um comerciante local contou-me que, neste ano, cerca de 30.000 cruzados em dinheiro vivo e cobre saíram daqui para Santarém.

Causas das doenças

As doenças proliferam aqui, em grande parte, por causa da total falta de atendimento médico. São causas dessas doenças: chuva, especialmente no início da estação chuvosa, do início até final de outubro; pés molhados nas lagoas pantanosas impregnadas de substâncias podres; mudanças repentinas de sol muito quente para pancadas de chuva fria; transpiração reprimida.

Some-se a tudo isso a predisposição a doenças de organismos depauperados, debilitados, esquálidos, ictéricos, vítimas da vida desregrada que levam e dos excessos que cometem: jogam cartas dia e noite, comem e bebem sem comedimento ou regularidade: ou bebem vinho e aguardente em excesso, ou não bebem absolutamente nada. Jogo, vinho e mulheres.

A água é fria e impregnada de material putrefato, embora seja uma água de nascente cristalina, naturalmene filtrada.

Eles são obrigados a ficar expostos ao sol quente horas, até dias, e depois tomam banho de água fria.

A alimentação é ruim. Ela consiste de carne bovina fresca ou seca, carne de porco, feijão e toucinho, canjica de milho. Por volta das 10h,

tomam o café da manhã, almoçam mais ou menos às 4h, e não jantam. Comem pouquíssimos vegetais ou nenhum.

Não há assistência médica para ninguém: ficam entregues à própria sorte. Um capitão de milícia se diz cirurgião, ganha muito dinheiro com isso, mas não presta nenhum benefício à comunidade; pelo contrário, contribui para aumentar ainda mais o estado de calamidade.

Os comerciantes vendem alguns remédios como ruibarbo, *Manna*[92], antimônio, [...], sal de Glauber, ou seja, sal catártico ou da Inglaterra.

Água: um simples banho de chuva ou banho de rio sob o sol quente pode provocar a febre fria e a febre infecciosa fatais.

Verifiquei que a temperatura da água guardada em um recipiente era de 18°, ou seja, 6° mais fria do que a temperatura externa, que é de +24°.

Se a água do rio é insalubre para o banho, será que ela é própria para beber?

Dizem que existe uma fonte inesgotável aqui na vila, mas ninguém ainda pensou em explorá-la para aumentar a sua vazão e utilizar suas águas apenas para beber. Seria preciso tentar.

Mudanças atmosféricas repentinas

No dia 15 de outubro, pela manhã, o termômetro registrava +18°; ao meio-dia, +22°; e por volta das 3h, +24,5°, na sombra. Sob o sol, às 2h, +33°. Às 3h, tivemos tempestade com chuva e ventania; a temperatura era de +18°; no quarto, +19°. No espaço de uma hora, o tempo passou de extremamente seco para úmido.

Casas

As casas são muito mal protegidas contra chuvas. O chão é de barro,

sem assoalho e úmido; o telhado é aberto, sem uma única cobertura. Em toda a vila não se vê nenhuma casa de dois andares. O contato constante com o piso úmido, pois geralmente andam descalços, somado à ventilação úmida certamente são responsáveis por muitas doenças. Dizem que as doenças aumentaram nos últimos anos; eu até admito que tenha havido muitas mortes, mas esse aumento da mortalidade se deu mais em função do crescimento da população do que propriamente das doenças.

Vida desregrada

Quando falei da vida desregrada que levam aqui, quis me referir aos excessos que cometem em noitadas e mais noitadas de jogatina ininterrupta, muito vinho e mulheres. Muitas vezes, até se esquecem de almoçar e jantar, e isso acaba enfraquecendo muito o organismo humano. Embora a experiência já tenha provado que o banho de rio frio à noite é prejudicial à saúde, nem por isso as pessoas deixam de fazê-lo.

O ribeirão Diamantino nasce a Nordeste do planalto, que é a linha divisória das águas das bacias dos rios Paraguai e Amazonas. Suas nascentes, assim como todas as demais que existem nesta região, estão em alagados cercados de mata, sobretudo das palmeiras buritis. Onde se vêem palmeiras desse tipo, mesmo de longe pode-se ter certeza de encontrar água, e água de pântano. Às vezes, as nascentes e riachos secam, de forma que não se vê uma gota d'água em 6 léguas de distância. Nessas ocasiões, ao avistarem buritizais, as pessoas correm até eles para saciar a sede, e bebem com avidez dessa água parada, nojenta, enegrecida de tantas folhas, raízes e frutos podres.

Na época das chuvas, as águas podres e fermentadas desses alagados transbordam, escorrem pelas matas e campos, juntam-se a riachos e ribeirões, indo alcançar, muitas léguas adiante, a Vila Diamantino. É por isso que ali não se encontra nenhuma outra água potável que não seja a

do ribeirão Diamantino. As pessoas já se acostumaram tanto a beber daquela água que ninguém consegue convencê-las de que são insalubres. Na Alemanha, se os médicos declararem que, em Mannheim, por exemplo, na confluência dos rios Neckar e Reno, ou na cidade imperial de Munique, a água é imprópria para o consumo, os príncipes da região certamente vão investir 1000 [...] para suprir as cidades de água potável.

O que deveriam dizer, então, os médicos daqui, sabendo que um simples banho de rio já provoca a febre fria? Mas moradores daqui não se decidem a cavar poços e retirar dali a água de beber, em lugar de consumir água de rio.

Existe uma diferença aqui: o governo não move um dedo para preservar a saúde de suas populações.

Não existe nenhum cirurgião nesta parte povoada da província, com exceção de um barbeiro que, durante 5 anos, se fez passar por médico e soube ganhar 40.000 cruzados à custa de muitas vidas humanas.

As pessoas não só bebem dessa água como ainda a usam para lavar roupas, deixando lá suor e sujeira de todo tipo. Há uma boa prova de que a água é um dos maiores agentes causadores da febre fria: neste ano de 1827, até o dia de hoje (18-19), ainda não choveu, o que significa que o período das chuvas está se iniciando com tempo seco.

Pois bem, não houve ainda nenhum caso de febre fria, embora, nesta época, ela seja muito freqüente.

As poucas ocorrências dessa doença ainda são decorrentes da última estação chuvosa: é o caso, por exemplo, de uma criança de um ano ou 14 meses que, há 6 meses, se contagiou através da sua ama.

Receitei infusão de quina para a ama; para a criança, quina com leite.

19/10

Às 7h da manhã, a temperatura é normalmente de +20°R.

Concordo com os pesquisadores quando dizem que não existe a febre intermitente pura e simples. No entanto, para ser mais exato, seguindo as repetidas experiências feitas, reconheço, em última análise, que pode haver realmente casos normais de febre intermitente, mas o seu começo, a sua causa, pode ser a natureza agindo para restabelecer o equilíbrio entre doença e saúde.

Partida de Cuiabá, em 4 de dezembro de 1827

Finalmente marcamos a nossa partida para a manhã do dia 4, e tudo estava pronto para esse fim. Vários amigos, entre eles Natterer e Marso, vieram ter conosco na noite do dia 3, para se despedir. Por acaso, nessa mesma noite, vieram várias pessoas de má-fé oferecendo ouro em pó, ou melhor, ouro em grão. O preço do ouro está muito alto. Um *Quentchen* valia antigamente 1.200 réis; hoje vale normalmente 960-980 réis. Muitos dão o dobro: pagam 1.200 em dinheiro ou 1 *Quentchen* com 2 *Quentchen*, ou seja, com 2.400 réis.

Desde minha chegada a Cuiabá tentei conseguir algumas pedras metalíferas com ouro cristalizado, ou cristais de ouro isolados, mas em vão. As poucas que consegui não eram muito bonitas, apesar de eu ter pago prêmio dobrado.

Depois de ter feito uma espécie de acordo, trouxeram-me, hoje à noite, algumas pedrinhas metalíferas e vários *Quentchen* em ouro

cristalizado, entre eles, alguns exemplares belíssimos. Todas elas provinham de uma mina em Conceição, de propriedade do Capitão Joaquim da Costa.

Dizem que a mina tem cerca de 100 palmos de profundidade - o que, para o tipo de mineração local, é muito -, e está assentada em puro quartzo e cristal de rocha. A pedra-mãe fica em cima da piçarra[93], como chamam aqui, ou seja, terrenos não-argilosos. Aqui se pratica a exploração exaustiva, isto é, procuram-se apenas os veios principais de ouro. Aqui ele aparece na forma cristalizada e é de um amarelo belíssimo.

Recebi permissão para examinar uma pequena quantidade de 8 *Quentchen* (= 1 onça) e encontrei 3½ *Quentchen* de cristais perfeitos e muito bonitos. Como se explica o fato de não se encontrar um único cristal em quantidades enormes de ouro, que podem chegar a milhares de arrobas, e de repente se achar ouro totalmente cristalizado? Além do Distrito Diamantino da Província de Minas Gerais, até onde eu sei, não se encontra nenhum cristal, nem mesmo nas minas mais ricas. Asseguraram-me que aqui, em Conceição, às vezes aparecem aglomerados de cristais onde o ouro se encontra cristalizado por libras.

04/12

Na manhã do dia 4, estava tudo pronto para a partida; só faltavam as mulas e o tropeiro. Em tais circunstâncias, a impaciência não resolve nada; por isso resolvemos nos conformar e permanecer mais tempo na cidade. Isso me deu oportunidade para escrever mais algumas cartas, que vou mandar, amanhã, com o correio que segue para o Rio de Janeiro,

bem como para visitar o presidente, que estava com um dermatoma nos pés.

05/12

No dia seguinte, estávamos de novo na mesma situação: a metade das mulas que eu havia emprestado do Capitão José Paes chegaram a tempo, mas não se tinha notícias das outras seis. Decidi, nesse meio tempo, partir hoje mesmo com o mínimo necessário de bagagem. Já era meio-dia; fazia um calor insuportável de +27,5°R quando a tropa partiu. Rubtsov, Florence e eu ainda ficamos à tarde na cidade, e à noite, já um pouco mais fresco, fomos à fazenda da Capela, para onde a tropa também tinha seguido.

Essa fazenda revela o caráter da sua proprietária, D. Isabela, uma senhora com idade entre 96 e 100 anos. Ela mora na cidade e raramente vem para cá. Todas as casas estão abandonadas e em ruínas: seus moradores agora são morcegos e corujas. Não encontramos mantimentos, nem mesmo milho; só um pouco de aguardente e leite. Não se faz lavoura aqui por causa da criação de gado.

06/12

A fazenda fica nas margens do Cuiabá, perto de uma cachoeira, onde tomamos um bom banho. Os negros, geralmente crioulos, são ladrões de cavalos. Como ainda faltavam dois dos seis animais do nosso tropeiro, ele não pôde ir ontem para a cidade. Mas, finalmente, hoje de manhã, todos foram encontrados. Partimos a tempo de chegar a Coxipó, a 4 léguas daqui, a fim de esperar ali pelo tropeiro.

Mal havíamos deixado o acampamento, vieram ao nosso encontro

alguns camaradas de uma tropa que, há dois dias, se encarregara de levar grande parte da minha bagagem para Diamantino. Eles disseram que estavam à procura de dois animais que haviam perdido no caminho, junto com a carga, em pleno dia. Um deles, o que levava um carregamento de espingardas, foi achado próximo da Capela; parece que o outro carregava material da coleção científica.

Como é difícil viajar por terra: a cada dia ocorre um incidente. Já se ouviu falar de animais que foram roubados, levados para a mata próxima, descarregados e liberados em seguida, mas não posso entender como um tropeiro não consiga encontrar, numa distância de 4 léguas, um animal que tenha fugido com a carga e em pleno dia.

O calor insuportável obrigou-nos a parar por volta das 12h na casa de Antônio dos Santos Velho. Lá mandamos preparar nosso almoço e ficamos até a tardinha, pois só tínhamos que percorrer uma légua até o riacho que passa no estabelecimento de Coxipó, aonde chegamos pouco antes do pôr-do-sol.

Em Coxipó, encontrei Antônio Fernandes Pinto, uma pessoa que já fez três vezes a viagem pelo Arinos e se ofereceu como marinheiro - uma oferta que é sempre bem-vinda e que espero receber mais daqui para frente.

À noite, logo depois do temporal, chegamos a Coxipó, onde todos os habitantes tinham ido a uma festa da igreja. Nem por muito dinheiro conseguimos comprar os mantimentos que, por descuido dos negros, estavam nos faltando.

07/12

Hoje foi dia de descanso, para que procurassem os animais fugitivos

e a bagagem perdida - que, felizmente, foram trazidos à noite. Floriano, que ficou na Capela por causa dos animais perdidos, pretendia vir hoje, mas não veio. O lugar estava abandonado. Recebemos a visita de um tal Coronel Antônio José Pinto. Ele tem uma fazenda nas redondezas e é proprietário de todas as terras da região, mas, mesmo já estando em idade avançada, não conseguiu tirar muito proveito de seus bens. Na estação seca, ele mandou 6 escravos a Coxipó para lavar ouro e diamantes e encontrou boa quantidade: 8 *Quentchen* de ouro e ½ *Quentchen* de diamantes. Um dos escravos encontrou um grande diamante de 1 *Quentchen* e 4 vinténs e fugiu com ele. Isso desanimou tanto o velho homem que ele acabou desistindo do negócio.

Choveu muito pouco este ano; o milho e o feijão secaram. Tiveram que plantar às pressas mandioca, para se prevenir contra a fome que ameaça a região.

08/12

No dia 8, encontraram os animais a tempo, mas estes tiveram que partir de barriga vazia, pois não havia milho. Cerca de 2½ léguas adiante, chegamos a uma região bastante povoada chamada Baús, onde se vêem várias cabanas dispersas e um pequeno rancho. Um rapaz confortavelmente refestelado numa rede em uma das cabanas aguardava a minha chegada.

Um certo Capitão Pinto, com terras e casa do outro lado do rio Cuiabá, ouviu falar da minha passagem por Coxipó e mandou esse jovem para me esperar e informá-lo imediatamente da minha chegada. Imaginando que, após percorrer 3 léguas, eu chegaria cansado e acamparia aqui, ele quis, então, me convidar para ficar em sua casa. Ele estava com

problemas de saúde e trouxe ainda outros doentes para se consultarem comigo, pois já ouvira falar muito de minhas curas milagrosas - para usar as suas palavras. No caso dele, de fato, eu precisaria fazer mesmo um milagre: há três anos, ele sofre problemas de digestão, prisão de ventre e dores na região do fígado. Tudo que ele queria era que eu lhe receitasse um único remédio que o curasse. Lamentei muito não ter trazido nenhum medicamento. Mas é assim que as pessoas fazem aqui quando estão doentes: procuram um curioso ou charlatão, que às vezes mora a 12, 15 léguas ou até mais longe daqui, contam-lhe que sofrem dessa ou daquela doença e pedem um remédio. O charlatão lhe dá qualquer coisa e cobra caro por isso: uma garrafa cheia custa normalmente a quantia absurda de 7 a 8 táleres. Eu soube, por exemplo, que já chegaram a cobrar 8.400 réis por uma garrafa de *Manna* com cascas de laranja amarga. Depois de dar o remédio, ele não acompanha o doente; este pode melhorar ou morrer. É assim que as pessoas aqui querem ser tratadas; não fazem idéia do que seja um verdadeiro tratamento médico.

De Baús, chegamos a um povoado com várias cabanas e habitantes, chamado Curangal. A água que bebem é fétida e salgada, pois corre por morros calcários com teor de salitre e alume.

Desde Coxipó, temos observado que há muito mais mulheres e meninas do que homens.

Chegamos ao Engenho antes do pôr-do-sol, onde não encontramos ninguém a não ser alguns negros. Mesmo pagando, só conseguimos alguns gêneros alimentícios.

09/12

Nossos homens tiveram que partir com apenas um pouco de jacuba

no estômago. Hoje tínhamos mais 6 léguas para percorrer. Felizmente, encontraram logo os animais. O caminho era bom. Perto das 10h30, chegamos ao ribeirão do Engenho, um rio que corre muito lento e com pouca água. O calor nos convidou a parar e tomar o café da manhã, e aproveitamos para pescar alguns peixinhos. Eram *Salmos*, que puseram dentro de uma garrafa de aguardente.

À noite, chegamos à Passagem, sem nenhuma ocorrência especial, e ali encontramos milho, farinha e toucinho.

10/12

Hoje foi um dia de folga, porque Florence e o jovem Francisco Silva não estavam bem, além de termos recebido a notícia desagradável de que todos os comerciantes já haviam partido para o Pará.

Se eu, por acaso, não encontrar nenhum guia, vou ficar numa situação bem difícil, e a culpa é do Presidente da Província. Surgira um imprevisto, e acabei confiando <u>demais</u> na palavra dele. Serei obrigado a discutir o assunto com ele.

Nos arredores da Passagem, moram pessoas pobres, mas boas e inocentes, que me receberam muito bem.

Estamos aguardando a tropa de Ramos e Costa. Ele deveria ter chegado ontem, mas, por causa da fuga de um animal, teve que parar por um dia.

Hoje cedo vimos um jovem em trajes estranhos.

É preciso lembrar ao leitor europeu que nos encontramos em plena zona tórrida, onde até as pessoas mais civilizadas só se vestem com as roupas mais leves possíveis; negros e índios andam praticamente nus, só

cobrem mesmo as partes íntimas. Esse jovem a quem me refiro agora, que parecia ter alguma instrução, estava usando calças pretas e, por cima delas, uma camisa preta comprida. Suspeitei que fossem roupas de luto, e ele me confirmou, contando que perdera seu pai há pouco. Portanto, o luto aqui se demonstra por meio de roupas pretas.

11/12

Na manhã seguinte, dia 11, retomamos viagem. Na noite anterior, os animais tinham sido levados para o outro lado do rio, e os homens dormiram na margem direita do rio Cuiabá. Inicialmente, o caminho passa por campos baixos e planos, não muito longe do rio, onde se via muito gado pastando. Eles gostam daqui por causa dos barreiros (terrenos de argila impregnada de salitre); todos os dias eles vêm lambê-los e, com isso, engordam bastante. Pelo que pude observar, os barreiros estão sempre nos arredores de veios calcários. Talvez eles possam levar à descoberta de fontes salinas.

Após percorrer uma boa légua, passa-se por várias cabaninhas pobres e algumas casas. Seus habitantes vivem geralmente da criação de gado, mas não aproveitam o leite para fazer manteiga e queijo. Eles plantam milho nos capões ao longo do rio e de riachos, e com ele fazem a farinha, que constitui o seu alimento principal.

Uma hora depois, chegamos a um riacho cristalino, impetuoso e cheio de peixes, o ribeirão dos Nobres, que desemboca, não muito longe daqui, no rio Cuiabá. Cumes arredondados de morros cobertos de vegetação entrecortam a chapada, formando vales belíssimos e férteis. São pastos naturais maravilhosos cercados por colinas e montes.

Estamos subindo e nos aproximando cada vez mais daquela cadeia

de montanhas que teremos que transpor: o Tumbador. Esse nome significa terreno alto com encosta escarpada; já indica, portanto, a natureza e características do lugar. Com efeito, trata-se de um morro de acesso muito difícil e perigoso; não chega a ser muito elevado, mas é o caminho mais abominável que já percorremos em todo o Brasil. À direita, um abismo profundo; à esquerda, rochas escarpadas bem próximas. É uma trilha com pouco mais de um palmo de largura; por ela só passam as mulas com ancas pequenas e passos seguros; cavalos, só arriscando muito.

Quando passei a primeira vez em Cuiabá e depois quando lá retornei, minha primeira providência foi informar o Presidente da Província sobre o estado dessa passagem. Lembrei-lhe, na ocasião, que o magistrado (Câmara) de Diamantino estava bastante inclinado a providenciar melhorias nesse caminho, mas, como ele tinha muitas despesas fixas com os serviços públicos e da Coroa, precisaria receber uma ordem especial que o autorizasse a dar prioridade a essa obra, em função de sua importância para o comércio e comunicação na região. Pois bem: agora encontro o caminho tal qual estava antes. Acho que só vão tomar uma providência no dia em que um animal quebrar o pescoço e perder a carga.

Para uma pessoa preocupada com o bem-estar comum e com o progresso da civilização, assistir a tanto descaso é de cortar o coração. A cada passo que dou, eu penso: "Meu Deus, como esta terra poderia ser rica, se não fosse tão mal-administrada!"

O governador geral da Sibéria convidou-me para passar algum tempo em Tobolsk. Ele queria que eu lhe transmitisse as minhas impressões sobre o Kamchatka e aquelas longínquas paragens da Sibéria, pois ele ouvia as notícias sobre o lugar apenas do lado de seus funcionários. Em função disso, escrevi vários memoriais, que resultaram em mudanças positivas não só para o bem-estar dos habitantes daquela

província, como também de todo o Estado. No caso do Brasil, eu esperava convencer as autoridades da necessidade das melhorias que sugeri, pelo menos em gratidão pelo meu interesse e em respeito à minha idade avançada. Mas os meus esforços acabaram redundando em nada.

12/12

Ontem chegamos, em boa hora, ao Campo dos Veados, onde fomos bem recebidos na casa do Sr. Antônio Pires, embora nem ele nem seu filho único Luís estivesse em casa naquela hora. Por isso, resolvemos ficar no engenho. Passamos frio à noite, pois o Campo dos Veados fica, pelo menos, 500-600 pés mais alto do que Cuiabá. O lugar é banhado pelo belo ribeirão Piraputanga, que, mais adiante, recebe o nome de ribeirão dos Nobres.

Entre os alimentos que nos trouxeram na chegada, havia pequenos melões redondos. O proprietário nos contou que aqui eles vingam muito bem. Tão logo nasce, a planta já dá frutos, de forma que os primeiros frutos maduros ficam a poucas polegadas dos brotos de raízes.

Mandei meus caçadores João Caetano e Joaquim visitarem as vizinhanças com o filho do nosso anfitrião. Partimos depois de um farto café da manhã. O caminho era bom em toda a sua extensão. Embora a estação chuvosa já esteja bem avançada, até agora quase não choveu; houve apenas algumas nuvens de chuva passageiras. Uma hora depois, chegamos ao ribeirão Piraputanga, o mesmo que atravessamos ontem com o nome de ribeirão dos Nobres. Como eu já disse, suas águas desembocam no Cuiabá.

Uma meia hora depois, subimos, a partir de Campo dos Veados, uma colina ou serra no sentido Leste-Oeste, que é um divisor de águas.

Uma légua adiante, alcançamos outro ribeirão, cujas águas correm para o rio Paraguai, assim como todos os outros ribeirões a partir daqui. A 2½ léguas de Campo dos Veados, há um pequeno riacho de mata aterrado, onde existe um novo povoado. Dizem que a região é muito fértil. Após percorrer, durante 1½ hora, campos bons e menos íngremes, chega-se a Morro Vermelho, que limita as margens altas do vale do Paraguai, e, em seguida, ao vale propriamente dito.

O caminho é um dos piores em todo o Brasil. As nascentes do Paraguai, ou melhor, o local onde o rio se torna navegável fica perto daqui e se chama Sete Lagoas. Vários outros riachos afluem para lá vindos do Leste, depois de percorrerem de 1½ a 2 léguas. O vale do Paraguai que atravessamos deve ter entre 1½ e 2 léguas de largura. É uma caminhada incômoda, pois uma hora passa-se por cascalhos de quartzo; outra hora, por terrenos de areia; depois, por campos e capoeiras, onde correm riachos de mata em gargantas. Agora eles estão quase todos secos, mas, em outras épocas do ano, eles impõem ao viajante atrasos e obstáculos.

Às 4h da tarde, após percorrermos 5 léguas, chegamos finalmente à Vila Diamantino, onde fui recebido com amizade por meus antigos conhecidos.

Acontecimentos especiais durante minha estada em Diamantino de 20/12/1827 a 10/03/1828

Vir à terra dos diamantes e não levar nenhuma lembrança do lugar pareceu-me um despropósito. Mesmo não sendo nenhum comerciante ou especulador e mesmo conhecendo muito pouco sobre preço de pedras preciosas, não quis perder a oportunidade de conseguir a prova cabal de que estive aqui.

Mal manifestei a minha intenção de comprar pedras preciosas, eis que, de todos os lados, acorreram pessoas me oferecendo diamantes. Em pouco tempo, adquiri alguma experiência e logo me familiarizei com os preços correntes das pedras; só aceitei pagar valores mais altos quando me dei o luxo de adquirir exemplares de determinados filões especiais.

20/12

Hoje, dia 20 de dezembro, trouxeram-me um belo cristal de diamante octaédrico de 15 vinténs, isto é, cerca de $7\frac{3}{4}$ quilates, puro e não totalmente branco. Pediram-me 144.000 réis por ele; negociei e o acabei comprando por 132.000. Um cristal gêmeo de 2 vinténs eu comprei por $5/8^{a}$, isto é, 6.000.

N.B.: Ninguém, na vila, se lembra de ter visto um cristal gêmeo; um octaedro puríssimo de um vintém eu adquiri por $3\frac{1}{2}/8^{a}$.

Doenças

A característica comum das doenças são as febres intermitentes de toda espécie. As febres reumáticas vêm associadas a uma *fibris intermittens rheumatica*. Quando há suspensão das regras depois de um resfriado aparece uma *fibris intermittens complicata*.

A água potável em Diamantino

Tendo em vista a formação rochosa típica da região, cavar poços seria muito dispendioso, mas a natureza pode oferecer outros recursos. A opção de utilizar fontes de água potável também não é viável.

Em lugar de cavar poços, eu proporia a construção de cisternas, públicas e particulares, tal como se faz em muitas cidades de Portugal e Espanha.

29/12

Como choveu muito nos últimos dias, diariamente chegam, do campo, pessoas acometidas de febre fria. Depois das primeiras evacuações dos remédios amargos, normalmente a febre desaparece.

Uso de cainca para menstruações

Duas jovens já totalmente desenvolvidas nunca haviam menstruado e estavam apresentando alguns problemas de saúde, como cãibras, emagrecimento, falta de apetite, clorose.

Tomaram cainca, e as regras desceram poucos dias depois.

Prisão de ventre

As prisões de ventre estão associadas à transpiração constante.

Exantemas são comuns, mas ninguém sabe curá-los; às vezes, eles

inflamam e supuram, chegando até a provocar morte. Doenças venéreas aparecem nas suas mais diversas formas: *chaneres*, bubões, gonorréias, ulcerações na garganta e no nariz. Aqui vêem-se, com mais freqüência do que na Europa, dermatoses, manchas de pele amarelo-claro, sendo que, nas mulatas, elas são bem brancas. Vêem-se também muitos casos de tumores verrugosos de origem venérea, que se manifestam em todas as partes do corpo, e que aqui chamam de bouba. Tudo isso são sintomas benignos de doenças venéreas, se é que posso dizer assim, mas, como são tratados com negligência total, muitas vezes se tornam incuráveis e até fatais, além de serem transmissíveis de pais para filhos.

A antiga escrita dos médicos com sinais, ou seja, de 100 anos atrás, tem certamente suas vantagens. Muitas vezes sinto necessidade de voltar 100 anos no tempo ou de me imaginar 100 anos na frente. As pessoas aqui estão tão atrasadas em termos de conhecimentos que acabam tendo que recorrer mesmo ao charlatanismo. Muitos desses charlatães pensam que eu escondo fórmulas de remédios "para tudo" ou panacéias.

Quando saí de Cuiabá, um curandeiro de lá me pediu algumas receitas para febres infecciosas, epilepsia, suspensão das regras menstruais e outras doenças, pois, como ele mesmo disse, eu havia curado essas doenças com um remédio muito eficaz.

Aos curiosos que me procuraram para conhecer meus remédios expliquei que eles não existem no Brasil, mas que eu os trouxe da Europa. Foi nessa ocasião que os sinais [da escrita médica] e a língua latina me foram de grande utilidade: todos os frascos e remédios estavam identificados por nomes incompreensíveis. Para o meu remédio favorito, o *Radix Caicae* (em São Paulo, cipó-cruz), inventei, por exemplo, a seguinte indicação: [*segue uma fórmula de remédio escrita com símbolos e sinais indecifráveis*].

30/12

Clima

A estação de chuvas propriamente dita começou há alguns dias e com toda a força, bem mais tarde do que de costume.

Os pequenos riachos viraram, de repente, grandes rios e corriam com uma impetuosidade indescritível.

As gotas d'água eram tão grandes que cada uma isoladamente formava uma mancha de 4 a 5 polegadas de diâmetro sobre uma pedra lisa e seca.

Mineralogia e Geologia

Disseram-me que nos tabuleiros, ou seja, leitos antigos de rios, próximos a veios onde existem diamantes - aparentemente, terras aluviais - vêem-se troncos de árvores ocos e apodrecidos em meio aos entulhos ou cascalhos.

Diamantes

Os habitantes se queixam de que, hoje em dia, já não se acham mais tantos diamantes como antigamente - se é que antes isso era verdade. Mas, mesmo nessas circunstâncias, vi diamantes sendo vendidos em libras e pude escolher várias cristalizações e pedras maravilhosas.

Mendigos

Aqui não se vê um mendigo, o que é surpreendente, sobretudo quando se vem de Cuiabá, onde há um sem-número deles pelas ruas.

Observações médicas

Obstruções abdominais são muito freqüentes. Em um mês, ainda não consegui descobrir um purgante que seja eficaz para todas as pessoas.

As pessoas aqui transpiram constantemente e, por isso, têm problemas digestivos, conforme se pode verificar pela dissolução de obstruções nas vísceras.

Fontes na vila

Na encosta da montanha, na margem esquerda do rio do Ouro, há várias fontes boas de água potável, mas elas não são usadas.

Cristalização dos diamantes

A cristalização dos diamantes se dá de formas variadas. Durante este mês, pude colher alguns exemplares notáveis, que irão enfeitar todas as salas do museu[94].

Termômetro

De manhã, faz normalmente +18°, +19°R; todos os dias temos chuvas rápidas com sol.

Diamantes com muitos [...]

Desde que se descobriram os primeiros diamantes, há 20 anos, calcula-se que se produziram, em média, 1.500 *Quentchen* de diamantes por ano.

Locais onde se encontrou maior quantidade de diamantes: Buriti, Buritizal (nascentes do Paraguai), Rodeio, Santa Ana, Areais, São Pedro, Morrinho, Arraial Velho. Os preços praticados atualmente são:

Uma oitava de pedras pequenas [olho-de-mosquito] até 1-2 vinténs	70.000-75.000
Um pouco maiores e misturadas até	80.000
Misturados com pedras de 4-5 vinténs	90.000
Um vintém de pedra fina e boa	3.600
Com cor turva e ruim	3.000

Refugo é o nome que se dá às pedras impuras e escuras. São vendidos pela metade do preço, ou seja, o vintém a 1.600 ou menos; ou o *Quentchen* a 40/8ª ou menos.

Em Santa Ana e Areias, existem apenas diamantes pequenos, que, às vezes, ficam boiando na água; raramente se encontram pedras de ½/8ª.

Um dos maiores diamantes encontrados aqui foi um refugo que pesava entre 3/8ª e ¾/8ª. Como ele era muito escuro, ninguém queria comprá-lo, e acabou sendo vendido por 80/8ª. Entre as pedras coloridas, encontra-se uma grande variedade de cristalizações.

Entre as pedras puras, uma das mais raras cristalizações é o cubo puro. Só cheguei a ver dois deles: um branco, em Tejuco, em poder de Robert Maiden; e um pequeno refugo que encontrei, há pouco, no meio de uma pequena quantidade. A cristalização mais freqüente, que é vendida em todas as cores, é o octaedro, que aparece ora regular, ora trincado nas bordas, ora irregular, ora defeituoso. Uma coluna de 6 faces com ponta romboidal tripla, na verdade, uma pedra irregular: um dodecaedro [*desenho*], um 24-edro, um 42-edro.

[*Desenhos de vários formatos de pedras*]

Às vezes, aparecem diamantes totalmente amorfos.

Um meio octaedro, ou seja, com forma piramidal, aparentemente sem a metade inferior, mas com a face cortada na metade, é uma das raridades [*desenho*]; assim como as cristalizações imperfeitas, onde quase se pode reconhecer as camadas bem regulares de moléculas integrantes. Embora todos os habitantes conheçam muito bem os preços, pode-se, às vezes, comprar dos negros, bem baratas, pedras roubadas belíssimas. Pedras bonitas e puras de 12 vinténs custam normalmente 60-70/8ª; de 15-16/8ª; de 110-115-120/8ª; de ¾/8ª; de 300/8ª; 1/8ª - 1.200.000.

Observações sobre as doenças

As doenças mais comuns são as prisões de ventre, infartos, exantemas, com todas as suas conseqüências, e a maior dificuldade é a carência de purgantes potentes e eficazes. Calomelano e pílulas de *Resina Jalapae* não têm surtido efeito, além de provocarem instantaneamente salivação excessiva. Sal, ruibarbo e *Manna* não existem neste país, mas quanto ao óleo de rícino, não se pode entender por que não se encontra aqui, logo nesta terra onde ele é largamente conhecido. Com muito esforço, consegui colher feijão de rícino (um tipo pequeno, mamona branca) e mandei espremer o seu óleo com a prensa de encardenação. Foi o único purgativo fresco seguro que consegui obter e que me prestou um serviço magnífico. Quando os outros medicamentos fracassavam, eu utilizava, algumas vezes, a cainca, que é um purgativo abrasador eficiente.

Minhas pesquisas e observações levaram-me à conclusão de que a ingestão da água parada da lagoa é a causa principal da febre intermitente. Recomendei aos habitantes que adquirissem vários potes grandes de água, deixassem correr a água, de tempos em tempos, sobre carvões para livrá-la de todas as impurezas. Estou firmemente convencido de que, se seguirem as minhas instruções, sofrerão muito menos dessa doença no futuro.

Exantemas, até mesmo de natureza maligna, curei em pouco tempo com laxantes de mercúrio, pílulas de cainca e com a aplicação externa de folhas dessa planta. Diz-se que as doenças venéreas são menos perigosas no clima quente do que no frio, mas elas se expandem muito mais com o calor e não têm cura conhecida. Em pouco tempo, curei vários casos de ulcerações no nariz e no céu-da-boca. Mulheres das melhores famílias queixam-se, sem constrangimento, de terem sido infectadas por seus maridos.

[...]

No dia 22 de janeiro, uma negra, com hidropisia em alto grau, deu à luz uma criança sadia.

Em muitos casos, a cainca até conseguiu purgar o líquido rapidamente, mas ele logo voltou a se acumular na barriga. Em ulcerações renitentes, as folhas, que têm cheiro idêntico ao do chá verde chinês, foram de uma eficácia extraordinária.

23/01

Finalmente pude observar um verdadeiro caso de febre intermitente maligna. Uma mulher de meia idade teve um ataque dessa febre com calafrios e perdeu totalmente a consciência e a voz. Era noite e já haviam lhe dado tudo que costumam dar aqui: pílulas de "corrapeão"[95], pimenta espanhola, tabaco, vitríolo de moscas espanholas. Resolveram, então, me procurar, e eu dei à moça uma dose dupla de vomitivo e doses altas de quina. A enferma vomitou e começou a gemer. De manhã, um novo [...]. Depois de várias pancadas de chuva, os mineiros voltaram a trabalhar com afinco e têm encontrado muitos diamantes. A maioria dos comerciantes já partiu para o Rio de Janeiro, de forma que há poucos compradores de pedras.

As notícias sobre os baixos preços do diamante no Rio de Janeiro neste momento e sobre os altos preços do ouro não são bem-vindas aqui. Os preços do diamante são baixos lá, porque não há compradores. Eu continuo comprando apenas raridades, que aparecem todo dia.

Hoje, por exemplo, consegui uma pedra de 9 vinténs, que me [...] 7/8ª = 32.400 réis.

Usos e costumes

Volta e meia observamos fatos estranhos, que contrastam com os nossos costumes, mas, aos poucos, vamos nos acostumando a eles, de tal forma que já não nos chamam mais a atenção como antes, embora alguns europeus ainda façam comentários a esse respeito.

As mulheres de boa situação, que trabalham em casa, normalmente se vestem com blusas e saias de malha de boa qualidade.

As crianças, sobretudo os meninos, até 6 ou 8 anos de idade, andam quase sempre nus, no máximo, com uma camisa. As meninas também só usam uma camisa. É estranho ver uma negra bem vestida carregando no colo uma criança européia nua. As lavadeiras lavam as roupas no rio, inclusive as do próprio corpo. Um pouco de sol é suficiente para secar a roupa.

Clima em janeiro

Neste mês, tivemos bastante umidade praticamente todos os dias. De manhã, normalmente, faz entre +18° a +20°; ao meio-dia, entre +22° e +24°.

Pérolas finas

Em janeiro de 1827, descobriram pérolas finas e belas em moluscos dos lagos salgados próximos ao rio São Francisco.

É provável que também encontrem algumas nos lagos do Paraguai.

Unha do polegar

As unhas dos dedos da mão, principalmente a do polegar nos homens, são enormes, que eles exibem com orgulho, pois são uma prova de que não fazem nenhum trabalho braçal. As unhas são mais fortes e crescem mais rápido do que na Europa ou outros lugares que conheço.

02/02/1828

Notícia da morte de Taunay. Ver carta de Riedel.

Uma notícia muito dolorosa para mim, embora eu tivesse muitos e muitos motivos justos para estar descontente com o comportamento do falecido. Taunay tinha muitos talentos natos: era um verdadeiro artista, um gênio em todos os sentidos; tinha imaginação aguçada, talento para a música, mecânica, pintura, mas, ao mesmo tempo, era de uma imprudência e audácia sem limites. Graças à sua grande facilidade para desenhar, à sua imaginação fértil e à sua displicência, ele esboçava croquis que só ele e ninguém mais era capaz de finalizar. Por isso, eu, às vezes, o advertia amistosamente. Quando ele realmente queria trabalhar - o que era raro -, ele conseguia produzir em uma hora mais do que qualquer outro artista em meio dia. A genialidade de seu talento se revelava na sua capacidade de representar graficamente o que via sem precisar fazer correções no desenho, nem limpar o pincel. Ele se tornou pintor praticamente sozinho, sem ter estudado para isso; mas gostava muito de ler e tinha uma memória muito aguçada, o que estava diretamente relacionado com o seu grande potencial imaginativo. Ele conseguiu retratar de memória, e com muita fidelidade, seu pai e seu irmão. Pintou também o Imperador Pedro I e fez caricaturas fidelíssimas de pessoas com traços marcantes de fisionomia, que ele só vira uma ou duas vezes na rua, de passagem. Para dizer a verdade, ele não era um bom retratista, porque trabalhava muito rápido, sem se esmerar muito em seus desenhos.

Fevereiro começou com muitas pancadas de chuva. Riachos e rios se encheram e se transformaram em fortes correntes. Era praticamente impossível pensar em partir. O próprio guia me advertiu para o perigo; teria sido uma insensatez se tivéssemos desprezado esses avisos e partido mais cedo.

O Arinos é um rio impetuoso; em alguns pontos, ele se espreme tanto entre as rochas escarpadas, que forma ondas altíssimas e muito perigosas para as canoas. Mas achei necessário mandar meu pessoal ir preparando as canoas para a viagem; mandei o guia e a tripulação até o rio Preto para testá-las: eles as afundaram de propósito no rio para que elas deslizassem mais rápido depois.

Hoje, 2 de fevereiro, recebi a notícia de que elas estão em péssimo estado e que necessitam de grandes reparos.

O tempo estava muito frio e úmido. Chovia sem parar. Às 10h da noite, fazia +19°. Pela manhã, com chuva, +18,5°; ao meio-dia, com chuva, +20°.

Febres intermitentes e outras são freqüentes.

A negligência com a saúde, as moradias péssimas e úmidas e a má alimentação são os principais causadores das doenças aqui.

Diamantes

Garimpeiros é o nome que se dá aos compradores que ficam circulando pelas minas e compram dos negros todos os diamantes que acham ou que roubam, que é o mais comum; em troca, fornecem-lhes aguardente e todos os meios de subsistênca. Dizem que, para conseguir diamantes por preços baixos, eles se sentam com os negros durante horas, dias a fio, fazem amizade com eles e os adulam de todas as formas.

A gupiara é a parte mais alta do antigo leito do rio, onde ficam normalmente os seixos ou cascalhos maiores, normalmente nas encostas de colinas. Aqui se encontram os maiores diamantes.

Tabuleiro é a região mais baixa do antigo leito do rio. Tanto ele como a gupiara estão hoje muito longe do verdadeiro curso do rio, que hoje corre dentro do vale.

Observações sobre pesquisas científicas em geral:

Para um pesquisador científico tirar o máximo proveito de sua viagem, é necessário que ele tenha boa capacidade de observação e conheça, de uma maneira geral, todos os ramos da História Natural.

Isso o ajuda a utilizar o seu tempo de forma mais racional em quaisquer situações ou ocorrências. Do contrário, ele pode se perder em suas viagens.

A Província do Rio de Janeiro, por exemplo, oferece material de observação e pesquisa para todo pesquisador, seja botânico, zoólogo ou mineralogista.

Mas a Província de Mato Grosso, de uma maneira geral, oferece bem menos material de pesquisa ao entomologista do que ao ictiólogo, botânico ou ornitólogo.

A Vila Diamantino me ofereceu muito pouco em termos de insetos, plantas, peixes ou aves, mas, em compensação, em termos de cristalografia, pude formar uma boa coleção de cristais de diamantes maravilhosos: todos os dias eu adquiria um novo exemplar, um feito que ninguém antes de mim conseguiu fazer.

Qualquer museu terá orgulho em expor essa coleção um dia.

Graças aos meus escassos conhecimentos mineralógicos, pude atentar, por exemplo, para as cristalizações, que, conforme registradas no anexo da coleção, já dão uma ligeira idéia dos diamantes.

Anexo: índice das cristalizações coletadas em Diamantino para o Museu Imperial:

	Peso em vinténs	Valor em réis	grãos
1. 4 octaedros: 3 brancos e 1 amarelado	10	7.200	40
2. um octaedro deslocado, cortado nas arestas, branco transparente		1.809	10
3. um hexaedro, pirâmide dupla de seis faces, chapéu-de-frade[96], em forma de chapéu, branco e bonito	10	1.800	10
4. quatro dodecaedros, em losangos, puros e brancos	2	7.200	40
5. um fragmento de diamante amorfo, interessante, sem forma determinada, branco	1½	5.400	30
6. um hexaedro: com 3 faces, mas que foi novamente dividido e se tornou quase um dodecaedro triangular, amarelado e bom	1	3.600	20
7. um 24-edro irregular, alongado, branco puro, transparente	2	7.200	40
8. um X arredondado, irregular, branco, com partículas incluídas.	6	18.000-20.600	120
9. um octaedro irregular, deslocado, com moléculas integrantes visíveis, agregadas, cristalizadas, amarelado		1.800	10
10. redondo, com superfícies ásperas, revestimento cor de chumbo, cinza escuro		6.000	40
11. dodecaedro com superfície romboidal irregular, verde gelatinoso		5.400	30
12. fragmento amorfo, escuro, pouco transparente, refugo de brilho metálico marrom avermelhado		3.600	40
13. irregular, parecido com um dodecaedro, com 3 superfícies angulares e romboidais, redondo, liso, comprimido, com cantos laterais afiados, puxando para o amarelo, impuro, refugo ou ponta heptaédrica, pequenas colunas com 6 faces		1.800	20
14. dodecaedro irregular, em camadas, moléculas integrantes salientes, vermelho sujo		5.400	60
15. dodecaedro com uma face fragmentada, vermelho grená		1.800	30
16. cubo com crostas ligeiramente arredondadas, escuro, de beleza insignificante		1.800	10

N.B.: Essa cristalização raríssima ainda está classificada como refugo nº 01. Caso eu não consiga uma segunda, sinto-me na obrigação de devolvê-la, sobretudo porque, além de não ter um valor intrínseco, ela não foi comprada, mas adqurida em troca de cuidados médicos.

	Vinténs	Réis	grãos
17. Dois diamantes, redondos, superfície externa áspera; um 12-edro imperfeito, formando algo parecido com grãos de chumbo.			
18. Uma massa diamantífera amorfa, marrom-escuro, brilho metálico; de um lado, parecido com um seixo, do outro, em forma de mamilo; faces irregulares, semelhante a um fragmento arredondado.	5	6.400	10
19. Um 24-edro escuro, transparente, puro e perfeitamente cristalizado.			
20. Um cristal gêmeo, dois octaedros claramente cristalizados e unidos, sendo que um deles é branco, puro e transparente; e o outro, grudado a partículas estranhas que lhe dão um aspecto escuro. Dizem que, até hoje, nunca se viu outro fenômeno parecido. De qualquer forma, é uma raridade.		7.200	
21. 30 diamantes de diversas cristalizações e cores, geralmente impuras; como é considerado refugo, custa a metade do preço.	10	12/8ª 14.000	18
22. Um octaedro provavelmente alterado durante a cristalização, formando uma pirâmide de 4 faces, ou seja, um octaedro cortado ao meio. [*desenho*]			
23. Uma cristalização piramidal extremamente rara e irregular; uma base de três lados com três recortes de 3 lados e com 3 pontas romboidais, visto de um lado ou de outro; cor: amarelo transparente, puro. As arestas não são pontudas, mas um pouco arredondadas. (2 vinténs, quer dizer, 40 réis ou 1 quilate) [*desenho*]	2	7.200	
24. Uma cristalização belíssima, pura e rara. Coluna de 6 faces, em ambos os lados com pontas de 6 lados. A coluna é composta de duas superfícies contrapostas, um pouco larga, de uma água puxando para o amarelo. [*desenhos*]	30	6.400	

Cópia:

1) Cristais de ouro para Sua Majestade a Imperatriz de todos os Russos.

2) Quatorze cristais de ouro em quartzo para a Academia Imperial de Ciências de São Petersburgo.

3) Ouro sobre pedra ferrífera para a mesma.

4) Cativos (cristais encontrados em seixos rolados ou cascalhos de

diamantes).

5) Oito cativos de outro tipo.

6) Ouro do rio Paraguai (tamanho X).

7) Quatro pedras pontiagudas de ouro em pó de Diamantino, na Província de Mato Grosso.

8) Ouro em pó (tamanho 54) da Província de Mato Grosso.

9) Cinco pedras pontiagudas de um ouro em pó de Diamantino.

10) Uma onça de ouro cristalizado.

Coleção de valiosas cristalizações colhidas e compradas em Diamantino, no período de dezembro, janeiro e fevereiro de 1828, de minha propriedade:

N.1- Um octaedro com faces e arestas caídas, originando um 20-edro do lado de cima, tamanho natural, cor branco-amarelada, puro, transparente. Esse tamanho não é muito comum aqui em Diamantino: ¾ *Quentchen*, 20 réis; comprado por 360.000, quando o preço normal é de 425.000. Minha propriedade.	360.000
N.2- Um diamante, mesmo formato, arestas laterais um pouco mais arredondadas: 295 réis, 14¾ vinténs; comprado por 144.000, quando o preço normal é de 200.000. Minha propriedade.	144.000
N.3- Um triângulo achatado liso, com brilho forte, com faces laterais irregulares e caídas, tamanho natural, puríssimo, todo branco e transparente: 9 vinténs; preço normal é de 60.000 a 70.000 (54.000), mas paguei 40.000. Minha propriedade.	40.000
N.4- Coleção de cristalizações selecionadas: peso 2½/8ª - 4½ vinténs; valor: 320.000.	320.000
N.5- Coleção de duplicatas: 1/8ª por 3 vinténs; valor de 132.000. Adquirido para São Petersburgo (está registrado na lista anterior).	132.000
Total:	996.000

09/02

No dia 9, comprei, por acaso, uma pedra de 18 vinténs = 9 quilates por 70/8ª, e paguei 84.000 réis.

A pedra vale de 300.000 a 320.000 réis. Minha propriedade.

N.B.: Massa diamantífera preta, escura, amorfa, recebe aqui o nome de carvão. Ela realmente se parece com carvão e é carvão.

27/02

Um 24-edro pequeno, puro, mas de cor não muito bonita, totalmente cristalizado: peso de 1 vintém, comprado por 3.000 réis.

07/03

Meus diamantes coletados até agora perfazem um total de aproximadamente 14 *Quentchen*. Supondo que cada *Quentchen* vale em média 120.000 =	1.680.000
Um *Quentchen* para Natterer a 120.000 =	120.000
Para o Museu Mineral Imperial Russo, valor mínimo =	200.000
Total =	2.000.000

Deixo para trás hoje ainda grande parte dos corais não-vendidos e da pólvora que eu trouxe, uma vez que me ofereceram voluntariamente, com 100% de lucro, diamantes a preços ínfimos. Com isso, acho que vou poder aumentar a minha coleção em mais 3 ou 4 *Quentchen* em pedras finas, perfazendo o total de cerca de 18 a 20 *Quentchen* de diamantes, ou seja, o equivalente a aproximadamente 6.000 cruzados.

Ora, cheguei aqui com 900.000, ou seja, 300 cruzados, em dinheiro vivo; com esse valor, custeei os preparativos da viagem, o salário dos empregados, alimentação, demais provisões da expedição, marinheiros e outras coisas. Pois ainda tenho 200.000 cruzados em espécie.

Dat galenus opes!

Em consultas médicas, ganhei aqui, no mínimo, entre 1 e 1,5 contos de réis, ou seja, 4.000 cruzados, sem contar aqueles numerosos doentes que atendi gratuitamente. (Ver, mais adiante, dia 09 de março de 1828.)

A prática da medicina e do comércio me transformaram em um homem rico aqui.

[*Segue tabela com títulos em inglês, mas contendo apenas números em termos de vinténs, quilates, grãos, réis, sem indicação do que se trata realmente.*]

Observações a respeito da Administração do Distrito Diamantino. Retrospectiva sobre a administração local, fragmentos e breves comentários

Observação: a Administração está sempre em débito com a Câmara, isto é, suas despesas são sempre maiores do que as receitas.

Situação atual da administração das minas e do comércio.

Estudar o que seria melhor: liberar o comércio de diamantes ou deixar que continue sendo explorado às expensas do governo.

Quero crer que o meio-termo entre ambas as alternativas seria o melhor.

Atribuições que a Administração deveria assumir:

1. Pagamento dos salários correntes;

2. Pagamento dos atrasados do governo;

3. Redistribuição das datas entre particulares, de acordo com um mapa preciso.

4. Direito exclusivo do governo sobre a propriedade industrial;

5. Imposto territorial: quem não conseguir entregar ao governo a quota de diamantes que cabe a cada lavra perderá os direitos sobre ela;

6. Compra de escravos próprios para trabalhar com o ouro;

7. Bloqueio do distrito; sistema de construção de [...].

Compra de todos os diamantes da Coroa e venda livre. Certificação de cada pedra a ser exportada, contendo dados sobre a lavra de procedência e o peso.

Lapidação e comércio de diamantes.

Regulamentação anual do número exportável de diamantes.

Medidas de segurança para a exportação e distribuição militar dos produtos das lavras de diamantes: metade para o governo, metade entre oficiais, suboficiais e soldados; ou metade para o governo, um quarto para o descobridor e liberdade para seus escravos, quando um quarto ultrapassar 400.000.

Os guardas não devem ser fixos, mas alternados em períodos não-definidos.

As mulheres são vistoriadas por mulheres. Nenhum tropeiro estranho, de fora, pode entrar ou sair do Distrito Diamantino sem ser revistado.

Talvez fosse mais racional levar o provisionamento nos meios de transporte do governo, que buscariam as provisões na fronteira e as levariam para Tejuco; do contrário, os tropeiros devem ser rigorosamente fiscalizados pela polícia de inspeção em Tejuco.

É necessário declarar entradas de dinheiro vivo. Autorização especial para tropeiros transportarem alimentos.

Dificultar o acesso às lavras. Espiões secretos.

Se, até 6 meses depois do recebimento da data, seu proprietário não descobrir diamantes, a Coroa assume a sua propriedade.

A Coroa dispõe de inspetores de datas, jurados que presenciam as purificações. Eles são trocados, de preferência, diariamente.

O proprietário de datas tem que declarar quando trabalha, que tipo de trabalho exerce, quantos escravos tem e o lucro.

O escravo que descobrir uma fraude que signifique um conto de réis e puder comprová-la ganha a sua liberdade.

Na primeira fraude, confisca-se a lavra; na segunda, confiscam-se os escravos; na terceira, confiscam-se todos os bens do proprietário, e este é levado para o exílio em Mato Grosso.

Nenhum funcionário da Coroa pode ter escravos próprios e lavras. Quem conseguir plantar mais milho, mandioca ou feijão no Distrito

Diamantino ganha uma gratificação especial.

Ficam cancelados todos os dízimos no Distrito Diamantino.

Serão construídos portões na cidade de Tejuco, e todo transeunte será rigorosamente fiscalizado.

O governo vende 3% mais caro do que o preço de compra.

A nenhum particular é permitido enviar correspondências que não seja pelo correio, ou seja, toda correspondência tem que ser entregue pelo correio.

Todas as mercadorias que entram e que saem têm que ser declaradas.

Será construído um comércio específico, ranchos e vendas, em frente

aos portões ou nos arredores de Tejuco; as casas de loteria serão arrendadas ou alugadas.

Todos os viajantes estrangeiros e tropeiros devem permanecer fora da cidade, só podendo nela entrar durante o dia.

Depois da Ave-Maria, tudo ficará trancado com ferrolhos e vigiado.

Breve explicação de como os diamantes são comprados pelo Governo no Distrito Diamantino

Uma oitava ou *Quentchen* contém 72 grãos[97].

72 grãos = 18 quilates ingleses

18 quilates ingleses = 32 vinténs = 17,5 quilates portugueses.

Pedras de 10 réis ou abaixo	1.600
Pedras de 10 réis até 3 vinténs	4.600
Pedras de 4 vinténs a 7 vinténs	4.800
Pedras de 8 vinténs a 11 vinténs	6.000
Pedras de 12 vinténs a 15 vinténs	8.000
Pedras de 16 vinténs a 19 vinténs	10.000
Pedras de 20 vinténs	14.000
Pedras de 20 vinténs a 24 vinténs	20.000

Uma pedra de 1 *Quentchen* = 32 vinténs – 1.200.000

Uma pedra de 1 vintém = 2½ grãos

Uma pedra de 4 grãos = 1 quilate = cerca de 2 vinténs

Uma pedra de 2 vinténs = 4½ grãos ou alguma coisa mais do que

1 quilate

Preço que pagam os Cofres pelos diamantes:

"De uma oitava para cima se quadrarão pelo seu preço e se pagarão 4.000 por quilate. Adverte-se que as de ½ para cima pelo preço dito acima, sendo de boa configuração ou de boa água e sem jaça. Não sendo perfeitos, se convencionarão os proprietários com as caixas."[98]

	Vinténs	Oitava
Diamantes de menos de 10 réis até 1 vintém de peso	1.600 réis	51.200 réis
Diamantes de 10 réis até 3 vinténs	4.000	128.000
Diamantes de 4 até 7 vinténs	4.800	163.600
Diamantes de ¼8 até ¼3 = 11	6.000	192.000
Diamantes de ¼4=12 ¼7=15	8.000	256.000
Diamantes de ½4=16 ½3=19	10.000	320.000
Diamantes de ½4= 20 ½7=23	12.000	384.000
Diamantes de ¾0=24 ¾3=27	14.400	460.800
Diamantes de ¾4=28 ¾7=31	20.000	640.000

LISTA DOS MINERAIS TRAZIDOS DAS MINAS

1. estalactito de limonita de Antônio Pereira
2. pedra-sabão do rio das Contas
3. argila preta de Santa Luzia
4. cristal de ferro octaédrico do Distrito Diamantino
5. cascalhos de ilmenita em terreno aluvial do Gongo Soco
6. ferro das redondezas de Vila Rica
7. galena argentífera de Sumidouro
8. ouro em ferro de Gongo Soco
9. cascalho de ferro de Gongo Soco
10. quartzo e minério dos garimpos de diamantes
11. areia da qual são lavados os diamantes de Pagão
12. areia lavada da mina de diamantes de Pagão
13. ferro denominado canga, em cuja vizinhança sempre se encontram diamantes de Pagão
14. arenito quartzífero, no qual e em cuja vizinhança se encontram

diamantes de Pagão

15. cristal de rocha do Distrito Diamantino
16. cascalho ou pedras dos quais foram lavados diamantes
17. grande cristal de rocha de Capão[?]
18. calcopirita de Sumidouro
19. cristal de rocha de Capão, contém freqüentemente água
20. cristal cúbico de pirita sulfurosa da mina de diamantes de Pagão
21. xisto micáceo de Vila Rica
22. (?)cobre de Sumidouro
23. argilas de Antônio Pereira
24. ferro de Santa Ana
25. minério de ferro
26. argila para branquear e limonita de Antônio Pereira
27. cristal de rocha com agulhas de titânio de Capão
28. diamante
29. ferro
30. canga de Cachoeira
31. limonita
32. rochas da Serra do Caraça
33. limonita do Distrito Diamantino
34. talco de Antônio Pereira
35. antimônio de Passagem
36. xisto de talco de Vila Rica

37. cristais cúbicos de ferro de Brumado
38. hematita de Minas
39. limonita drenosa
40. amianto de São João del Rei
41. itabirita
42. moldes de folhas em hematita de Gongo Soco
43. tronco de árvore do Distrito Diamantino
44. molde de folha de *Laurus* de Gongo Soco
45. rochas alteradas como sistema-mãe dos topázios de Capão
46. brecha diamantífera de Medanha
47. ferro de Nossa Senhora da Piedade
48. ferro de Itabira
49. pirita sulfurosa de Vila Rica
50. seixo rolado de quartzo de um rio de montanha

N.B.: essas duas peças foram remetidas à Sociedade Mineralógica

51. areia ferrosa das minas auríferas de Minas Gerais
52. incrustação de ouro em ferro de Gongo Soco
53. cristal de rocha de são Francisco
54. ferro de Gongo Soco
55. pedra-sabão do rio das Contas
56. canga ou o assim chamado sistema-mãe dos diamantes do Jequitinhonha
57. canga de Pagão, areia diamantífera lavada de Pagão

58. galena argentífera de Sumidouro
59. argila derretida em fogo brando com vidrado natural de Lages
60. arenito quartzífero na vizinhança dos diamantes de Pagão
61. brecha ferrosa diamantífera de Medanha
62. moldes de folhas de vegetais recentes de Gongo Soco
63. moldes de folhas e madeira em hematita de Gongo Soco
64. itabirita de Antônio Pereira
65. ferro octaédrico do Distrito Diamantino
66. rochas alteradas como sistema mãe dos topázios de Capão
67. ferro de um monte ferrífero elevado de Itabira
68. galho de uma árvore transformado em hematita de Gongo Soco
69. cascalhos de ilmenita de diversas regiões da Província de Minas Gerais
70. cristal de ferro de Brumado

"Meu caro senhor,

A lista é destinada a material perfeito e com boa configuração, isto é, a parte externa. O valor deve ser o mais baixo possível. Topázios muito bons – flor-de-matias[?] e 1.000 réis por oitava. Eu o aconselharia a não perder de vista minhas boas mercadoria. Boas águas-marinhas estão com muita demanda. O senhor pode oferecer o mesmo preço por elas. Na verdade, qualquer mercadoria de boa qualidade sempre encontra um bom mercado. Se o senhor enviar minhas mercadorias, pode entregá-las ao Sr. Coucher.

Eu corresponderei à gentileza deles devidamente

Com os melhores votos para a sua saúde e felicidade.

Sempre sinceramente seu

Robert Maiden

06/03/28

Observação:

Os preços dos diamantes vêm caindo consideravelmente há algum tempo.

Há poucos dias, mandei alguém a Buritizal, que retornou com os seguintes negócios feitos:

½/8ª - 4 vinténs de diamantes a 75	46. ¾/4
¼/8ª - 4 vinténs de diamantes a 72	18. ¾/4
¼/8ª - 4 vinténs de diamantes.a 76	19. ¾/4
	83. ¾/4
¼ de refugo a 1/8ª	88. ¾/4
4 vinténs de diamantes a ¾	3. ¾/4
	94. ¾/4

Esses foram os diamantes mais baratos que adquiri aqui, especialmente porque foram pagos com a pólvora, o chumbo e os corais que eu trouxe, e onde obtive um lucro de 125%.

10/02/1828

Temperatura - Estação de chuvas

Nas últimas semanas, choveu quase que ininterruptamente. Inicialmente as chuvas vieram acompanhadas de trovoadas, mas agora não mais. Elas caem em pingos enormes: uma única gota chega a formar uma mancha de 2,5 a 3 polegadas sobre uma pedra quente e lisa. Portanto, ela deve ter 4 polegadas; e isso eu observei não apenas uma vez, mas várias.

[*Desenho de um pingo de chuva sobre uma pedra*]

Há quatro dias, o rio Paraguai estava mais alto e seu volume de água maior do que nos anos anteriores. Contaram-me que, durante essas enchentes, grande quantidade de peixes fica encalhada nas margens planas vizinhas.

Embora estejamos em pleno verão, a chuva e a umidade amenizam o calor: de manhã, faz normalmente entre +18 e +19°; ao meio-dia, quando está chovendo, faz entre +20 e +22°; mas, com sol e com a rápida evaporação, a sensação térmica chega a insuportáveis +24°.

Doenças

A exposição constante à umidade; banhos de chuva sobre o corpo suado; resfriamento dos pés; banhos de rio recém-inundado; ingestão de água de rio impregnada de material em decomposição; outras circunstâncias semelhantes, tudo isso pode ocasionar febres intermitentes, febres infecciosas e tifo.

Febres intermitentes isoladas são raras: normalmente elas ocorrem em conseqüência de outras febres. A febre mais comum é a febre remitente diária e não a intermitente.

Muitos fatores contribuem para as doenças: organismos enfraquecidos por vários motivos; casas abertas semelhantes a celeiros, sem telhado ou forro, expostas assim às pancadas de chuva; umidade constante; roupas inadequadas; pés descalços. Não me admira que, nesta estação do ano, apareçam tantas doenças. Eles preferem tomar a água suja do rio, impregnada de barro e outros elementos estranhos do que aproveitar a água limpa da chuva (eu poderia dizer destilada).

Falta fiscalização médica e policial, falta um médico ou um cirurgião oficial sensato, falta um magistrado esclarecido e patriota, falta um governo preocupado com o bem-estar de seus cidadãos.

Numa população de cerca de 3.000 habitantes, morrem anualmente por volta de 100 pessoas, que nem chegam a ser registradas nas listas de população, pois, todo ano, chegam levas de habitantes em busca de ouro e diamantes.

Costumes e modo de vida

As pessoas vivem em cabanas miseráveis dispersas, não têm nenhuma ocupação fixa e por isso não se preocupam em juntar dinheiro para construir uma boa casa e mobiliá-la. São cabanas de palha, totalmente vazadas dos lados, com alguma proteção contra as chuvas; dentro delas, apenas redes penduradas, para o descanso noturno, uma pele de boi estendida no chão úmido ao lado de esteiras de palha, que servem de mesa e cama; malas prontas para viagens de última hora, colocadas displicentemente sobre toras de madeira, para protegê-las da umidade penetrante: esses são os únicos móveis. Quase não se vêem assentos, mochos ou tabuleiros; mesmo nas melhores casas, é difícil ver uma cadeira. Quando as pessoas se reúnem em alguma casa da vila, trazem-se assentos das casas vizinhas. Mudanças de uma casa para outra são feitas rapidamente. Nas casas maiores, dos moradores ricos, existem

no máximo 2 ou 3 mesas, grandes, pesadas e sem forma definida; uma mesa de jantar e outra de jogos, alguns bancos, uma ou duas gamelas grandes ou malas para guardar as roupas de cama, banho e de vestir, em vez de armários ou cômodas, que são móveis desajeitados e pesados para se transportar. Uma dúzia de pratos, um copo para toda a família, sopeiras, algumas xícaras e garrafas, meia dúzia de colheres e garfos de prata, uma ou duas facas normalmente ficam trancados num armário de parede.

Ponche

Recordo-me da observação que um conhecido me fez certa noite, há algum tempo: "*Ao ler seus escritos sobre suas viagens pelo mundo, descobri, por exemplo, que o senhor adora ponche. Portanto, vamos beber um.*" Esse fato me chama a atenção mais aqui do que em qualquer outro lugar. Há anos gosto de beber, à noite, um copinho de ponche ou de chá misturado com um pouco de rum ou aguardente, um *grog*. Sem me exceder, isso me dá um certo bem-estar, me sinto fortalecido, mais animado, além de ser um agradável convite ao sono.

11/02

São 10h da noite do dia 11 de fevereiro. Escrevo depois de beber meu segundo ou terceiro copinho de ponche fraco. Um conhecido me contou que, antes da minha chegada, ele não conhecia essa bebida deliciosa, e agora ele a toma regularmente. No início, a toda hora do dia, perguntavam-me se eu não queria beber alguma coisa, e eu recusava sempre. Mas, à noite, quando eu ia a algum lugar, eu exigia um ponche fraco ou aguardente misturada com licor e açúcar. Hoje, aonde quer que eu vá, já me servem essa bebida, sem que eu peça. Pensei que as pessoas

aqui também tivessem o mesmo hábito; só hoje descobri que fui eu que o introduzi aqui e que ele faz bem a muita gente. Muitos pupilos meus também seguem o meu exemplo, quando precisam de algo que os fortaleça. Portanto, se mais não fiz em Diamantino, pelo menos tive o mérito de introduzir ali o costume de beber ponche. Ponche à noite e *Tinct. Robert Whytti*, em jejum, às 5h da manhã são duas coisas excelentes, pelo menos aqui nestas terras.

Criação de galinhas

Eu nunca tinha visto uma criação de galinhas tão grande como nesta província, e em nenhum lugar ela parece ser tão necessária como neste distrito. Aqui existe essa crença estranha, que provém de tempos imemoriais, de que doentes só podem comer canja de galinha. E como aqui agora é época de muitas doenças, as galinhas estão 300 ou 400 réis mais caras do que nas outras províncias.

Distrito Diamantino

Segundo eu soube, a repartição das terras do Distrito Diamantino começou aproximadamente em 1801. Nos primeiros anos, extraiu-se muito diamante, mas, de algum tempo para cá, a exploração diminuiu por causa da insalubridade da região.

A meu ver, contudo, foram as pessoas que a tornaram insalubre. Elas começaram a acumular resíduos onde antes não havia, para provocar a inundação do rio e, assim, poder levar a água para lugares distantes. Com isso, formam-se os alagados, e é dessa água putrefata que os mineiros bebem. Apesar disso, continua sendo uma terra rica, e, para dar uma idéia dessa riqueza, apresento a seguir uma lista das receitas obtidas com

a exportação de diamantes extraídos aqui nos últimos anos, lembrando que essa produção diminuiu bastante de um tempo para cá:

Produto da venda dos comerciantes:	*Quentchen*
A	300
B	500
C	480
D	160
E	400
F	64
G	32
H	40
I	32
J	16
K	18
L	32
M	82
N	500
O	120
P	40
Total em *Quentchen:*	2.438[?]

Comércio de diamantes

Suponhamos que, numa estimativa bem moderada, se tenha exportado, deste distrito, em 25 anos, apenas 1.500 *Quentchen*. Isso resultaria a soma de tantos *Quentchen* - 1.500/8ª; 9 arrobas - 28 libras[99]

e 52/8ª ou 10 arrobas. O *Quentchen* cotado a apenas 100.000 réis resultaria, no total, cerca de 4.050 contos de réis. (Ver meu relatório de Minas Gerais, Distrito Diamantino.)

16/02

Cristalização

Cristalizações em diversas variedades ocorrem isoladamente. Hoje, dia 16 de fevereiro, trouxeram-me um diamante onde havia uma pirâmide de 3 lados sobre cada superfície do octaedro, com exceção de duas: numa faltava a pirâmide e, no lado oposto, havia uma pirâmide dupla.

Trouxeram-me também uma massa diamantífera opaca e amorfa, tida como uma raridade. Realmente deveria ser uma raridade, mas sem valor nenhum. O material diamantífero, se é que posso chamá-lo assim, no momento em que se formou entre outras pedras ou na terra, foi espremido para dentro de um vácuo com o formato de sela. Isso explica por que esse diamante, de cerca de 5 vinténs, tomou essa figura disforme.

[*Desenhos de várias pedras*]

As superfícies externas a x b brilham quase como fraturas brilhantes, mas as superfícies internas c x d[100] são nítidas, dando a impressão de um corpo estranho.

Toda a massa ou o interior da pedra era sujo, como que misturado com areia ou outras partículas de terra. Pois bem, por esse refugo de má qualidade, pesando 5 vinténs, me pediram 12/8ª, ou seja, 14.400 réis, mas ele não valia mais do que 6.000, não tinha valor comercial nenhum e muito menos do ponto de vista cristalográfico.

Há alguns dias, incumbi uma pessoa de me conseguir, sem falta, um cubo cristalizado uniforme, e hoje à noite o encarregado regressou

contando que tinha encontrado dois deles. Amanhã saberemos se o são realmente.

N.B.: Não eram cubos, mas octaedros. É estranho: essas pessoas vivem jogando dados, mas não sabem distinguir um octaedro de um cubo.

Dizem que os preços dos diamantes estão muito baixos em conseqüência das últimas notícias vindas do Rio de Janeiro, ou seja, de que lá as pedras sofreram uma desvalorização, tendo em vista que a maioria dos negociantes já foi embora para lá.

Efetivamente, aqui agora só se vê um ou outro comprador. Pedras brancas e boas são vendidas por 100.000 réis e um bom refugo, por 40.000-50.000 réis.

Apesar de não entender de comércio, acho muito vantajoso comprar refugos. Muitas vezes, essas pedras são sujas por fora, parecem cobertas por uma espécie de crosta ou areia, mas, internamente, são de primeira água.

Pode até ser que algumas adquiram outra cor na hora da lapidação ou depois de lapidadas, mas elas são bem puras. Os refugos que apresentam, em seu interior, grãos de terra ou de areia, mas que exibem uma cristalização pura, podem ser úteis para coleções de Ciências Naturais.

Garantiram-me que, nas minas, se pode determinar *a priori* onde os diamantes são mais ou menos puros, em função do tipo de terra onde eles são encontrados: se ela é amarelada, assim também serão os seus diamantes.

Próximo a Arraial Velho, há um pequeno distrito, coberto de barro vermelho escuro, que é o único lugar onde se encontram diamantes cor de rubi - pelo menos é o que dizem.

Na minha coleção, tenho diamantes das cores mais variadas: azul leitoso e branco, amarelado e avermelhado, vermelho escuro, marrom quase preto, azulado, cor de ferro, transparente e opaco, com inclusões de grãos de terra estranhos.

18/02

Carnaval em Diamantino

É a forma de prazer mais grotesca e absurda de pessoas que se dizem civilizadas. Umas respingam ou besuntam lama com água nas outras ou qualquer outra coisa que lhes chegue às mãos. Derramam bacias de água na cabeça dos outros.

Estes trocam a roupa e começam tudo de novo. Algumas pessoas ficam doentes, outras desmaiam, mas acabam voltando [para a festa].

Quando há riachos por perto, levam uma por uma para ser mergulhada lá. Nunca desejei tanto poder ir embora daqui como nestes dias. Nem ouso me transportar em pensamento para a Europa e me imaginar assistindo a um enredo carnavalesco espirituoso, ou participando de um baile de máscaras, enfim, entre seres humanos. Sim, porque esses bandos de negros e negras despidos, perambulando pelas ruas aos berros, com bacias de água e bandeiras nas mãos, não posso chamá-los de seres humanos.

19/02

Comércio

Em dezembro, janeiro e fevereiro, todos os comerciantes vão para

o Rio de Janeiro fazer compras e voltam carregados na estação seca, normalmente em agosto, setembro, no mais tardar, em outubro. A única mercadoria que levam para lá é ouro e diamante. Antes levavam também moedas de prata, mas hoje quase não se vê mais delas; muitas vezes, eles são obrigados a se carregar de moedas de cobre. Uma mula não consegue levar mais do que 600.000 réis em moedas de cobre. Esse dinheiro é trazido para cá às expensas da Coroa: uma parte dele vai para o Pará via transações comerciais, e a outra parte retorna para o Rio de Janeiro.

O escravo tem que pagar impostos aduaneiros quando vai de uma província a outra. É proibida a remessa de dinheiro de um porto para outro. No Rio de Janeiro, é preciso pagar pelo menos 10 tributos, mas daqui saem milhares de cruzados para o Pará (neste ano, foram cerca de 30.000 cruzados) sem que ninguém se dê conta disso.

Hoje o último comerciante, Tenente José Antônio Ramos e Costa, partiu para o Rio de Janeiro com 100/8ª. Agora já não há mais compradores de diamantes aqui, e as notícias do Rio de Janeiro são de que os preços dessas pedras caíram muito. Dizem que o preço do *Quentchen* não chega a 100.000 réis - aqui valeria cerca de 80.000 réis.

O tempo começou a melhorar ontem, de modo que preciso tomar providências para a viagem. Já está quase tudo pronto; falta apenas levar as mercadorias para o rio Preto. O condutor Floriano me prometeu, há vários dias, vir buscá-las e levá-las para lá, mas ainda não chegou.

As doenças diminuíram consideravelmente, quase não tenho doentes para tratar.

Estilo de construção de casas

[*Desenho de casas*]

Ainda não comentei o tipo de construção de casas desta região.

Notei uma diferença: aqui preferem as meias-águas, ou seja, telhados de um só plano.

Da rua, tem-se a impressão de que são casas altas e boas, mas, por dentro, são baixas e ruins, extremamente úmidas, pior do que os nossos estábulos de fazendas. Mas, ao mesmo tempo, reconheço sinceramente que esse tipo de construção em encostas de montanhas, como acontece aqui, tem suas vantagens, principalmente num país onde é dificílimo encontrar telhas para comprar.

Os pilares são geralmente de aroeira-do-campo, um tipo de madeira que nunca apodrece, mesmo quando exposta às chuvas e ao ar livre.

Indumentária

Homens e mulheres andam normalmente vestidos com capas de tecido escocês; à noite, é difícil dizer se é uma pessoa do sexo masculino ou feminino. Aos domingos, os homens de classe e cultos (se é que posso dizer assim) se vestem mais ou menos como os europeus. As mulheres, tanto de classe alta como baixa, usam capas de baeta, um tecido rústico de lã preta. As mulheres dos ricos usam capas de tecido fino preto, embainhadas com o mesmo tecido para aumentar a peça. Isso dá ao ambiente um aspecto tristíssimo.

Não se vê o rosto das pessoas, muito menos a forma do corpo. Há mulheres e moças bonitas, jovens e encantadoras, mas, vestidas assim na igreja, ficam irreconhecíveis. Normalmente elas ficam trancadas em casa. Quando saem para passear com toda a família, o que acontece raramente, usam aquela capa de tecido escocês. Enfim, não é fácil, nesta terra, ver o contorno dos corpos femininos em público. Mas quem estiver disposto a começar um romance não terá dificuldade. É como se diz: os frutos proibidos são sempre mais saborosos do que os permitidos.

23/02

Diamantes

Hoje trouxeram-me meio *Quentchen* de diamantes selecionados, belos e brancos, pesando de 1 a 3 vinténs. Em termos de cristalização, eles não tinham nada de especial, mas, como estavam baratos, à razão de 78/8ªpor *Quentchen* = 93.600 réis, resolvi comprá-los.Cabra é o nome que dão aqui ao mestiço de negro com índio ou nativo do Brasil. Na verdade, a palavra é uma corruptela de caipora ou caapora. Se não me engano, na língua geral do Brasil, *caa* ou *cai* significa mato; e *pora* quer dizer homem, pessoa. Portanto, caapora ou caipora é o habitante do mato.

Fraudes com diamantes

Durante minha estada em Minas Gerais, em Serro do Frio, já mencionei, em meus diários, que a resina do jatobá brilha, sobretudo à noite, como um diamante, e isso tem dado ensejo a fraudes.

Aqui elas não são muito comuns, mas, há alguns anos, aconteceu o seguinte fato: certa noite, um crioulo chamado Conrado, escravo de um tal Garcia, foi, com vários comparsas seus, à venda de um conhecido que já tinha comprado dele, várias vezes, diamantes roubados. Ele bateu à sua porta, perguntou se ele estava sozinho e disse: "*Hoje temos um grande negócio para fazer.*" O vendeiro respondeu: "*Vamos ver o que é.*" Conrado pediu-lhe que mandasse embora sua mulher e os comparsas, pois precisava falar a sós com ele. Pediu-lhe discrição, ou ele ficaria numa situação difícil. Depois que o vendeiro lhe prometeu silêncio, ele desembrulhou um saquinho (uma bolsa onde os negros guardam todos os seus pertences), com muita cerimônia, foi tirando de dentro dele trapos e farrapos e pediu: "*Antes de mais nada, dê aos meus companheiros uma*

boa aguardente, pois eles fizeram por merecê-la." O vendeiro, com grande ansiedade, viu, finalmente, sair de lá um diamante de tamanho extraordinário. Conrado disse: "*Você quer comprá-lo, independentemente do peso? O que acha de me pagar um Quentchen? Com certeza, não é muito.*" (Uma observação: qualquer um aprende bem rápido a avaliar uma pedra. Passei aqui poucos meses, mas já sei avaliar, de olho, exatamente o peso de um diamante.)

Pois bem, o comprador, que não tinha um olho, percebeu logo que a pedra pesava pelo menos 2 *Quentchen* e aceitou a oferta, sem nenhuma restrição à avaliação feita. Conrado: "*Quanto você dá pelo Quentchen?*" O preço normal é de 3.000 cruzados. O comerciante respondeu: "*Uma libra de ouro.*" Conrado: "*É muito pouco.*" O comerciante: "*Não dou mais do que isso.*" Conrado se dirigiu a seus camaradas, que estavam de pé à porta, e perguntou-lhes: "*E vocês, o que dizem sobre isso? Foram vocês que acharam a pedra. Querem deixá-la por esse preço?*" Eles conversaram entre si e, depois de algum tempo, responderam: "*A pedra pesa ¼ de libra, mas nós precisamos do dinheiro agora.*" O comerciante aceitou com um aperto de mão, pagou, e Conrado e seus comparsas partiram.

O comerciante, dando pulos de alegria, chamou sua mulher e lhe disse: "*Graças a Deus, hoje ficamos ricos!*" Estava tão eufórico que quebrou os poucos móveis que possuía. Mandou buscar os pratos da balança. Ele achava que a pedra pesaria no mínimo 2 *Quentchen*, mas ela tinha menos do que 1½ ou 1¼. Ele disse: "*Impossível!*" Finalmente, pegou o diamante falso, colocou-o entre os dentes, mordeu-o com força e descobriu o engodo. Mas já era tarde demais, e contra essas gatunagens não há leis aqui. O comerciante foi se queixar com o proprietário do escravo, Garcia, que mandou, então, chamá-lo. Conrado perguntou-lhe: "*Meu senhor, se*

tivéssemos encontrado, a seu serviço, uma pedra desse tamanho e a tivéssemos roubado e vendido escondido por um preço desses, o que o senhor faria conosco?" O proprietário não soube o que responder. Desse dia em diante, o comerciante passou a ficar mais atento na hora de comprar.

Cura de hidropisia

A proprietária de uma escrava que tinha [hidropisia] pediu-me uma consulta. Achei que era o caso de receitar-lhe cainca. Dei-lhe a raiz e mandei que fizesse um decocto, recomendando à doente tomar diariamente duas xícaras cheias: uma de manhã e outra à noite. Mas a proprietária me disse: - *"Não vou fazer isso; a doente já tem água suficiente no corpo, e o senhor ainda quer que ela tome duas xícaras todos os dias?! Isso não vai lhe fazer bem de jeito nenhum!"*

De 01/03 a 01/04/1828

01/03

As providências finais para a nossa partida de Diamantino já tinham sido tomadas. Havia caixas e mais caixas prontas. Aguardei ansiosamente um carregador, um tropeiro, um arrieiro ou qualquer outra pessoa que se dispusesse a levar a bagagem para o rio Preto. Finalmente, ele apareceu há cerca de 8 dias, e assim foi feito o transporte da carga em 30 mulas para o rio Preto. Achei necessário ir lá para verificar se minhas ordens estavam sendo cumpridas. Na vila, só haviam ficado nossas malas, instrumentos, alimentos, medicamentos, enfim, as últimas coisas, que talvez dessem ainda uns 20 ou 30 carregamentos.

Meus companheiros Rubtsov e Florence acompanharam-me.

O caçador Joaquim e o empalhador João Caetano já estavam nos arredores do rio Preto há alguns dias, para vigiar os objetos trazidos e caçar exemplares para a coleção zoológica. Ainda tive que tomar várias providências hoje cedo (dia 1 de março) na vila, o que retardou nossa partida para as 11h. Partimos com uma mula, carregando os apetrechos de viagem necessários aqui, tais como redes de dormir, barracas, provisões, saco de roupas ou de dormir e instrumentos.

Uma hora depois, uma chuva rápida e forte nos alcançou. Depois o tempo melhorou, mas só por volta das 2h30 conseguimos chegar à fazenda ou engenho d'Água Fria, distante 1½ légua da Vila. Além de alguns negros e índios apiacás, não encontramos ninguém que nos servisse de guia. Acabamos tendo que montar acampamento aqui mesmo, pois ainda tínhamos que percorrer 3 léguas até o rio Preto, e já era muito tarde.

O caminho da vila até a fazenda não era de todo ruim. Um quarto de légua adiante, passamos pela fazenda do Capitão Moreira, subimos um morro e nos deparamos com um caminho ruim e pedregoso. Vimos muitos desmatamentos e algumas roças. Após subir o morro, chegamos aos campos de cerrado. A vegetação não tem nada de especial. De vez em quando, encontramos cascalho sem água, ou seja, indícios de ouro e diamantes que não puderam ser explorados por falta de água.

Estávamos, então, sobre um planalto, que é um divisor de águas no sentido Sul-Norte: de um lado, as águas do Diamantino se dirigem para o Paraguai; de outro, as do rio Preto desembocam no rio Amazonas. Uma hora depois, chegamos a um ribeirão cujas águas afluem para o rio Preto.

Tão logo chegamos ao engenho, vieram nos oferecer a casa dos

brancos (do proprietário), onde fomos logo pendurando nossas redes. Bebemos chá com aguardente e açúcar e comemos uma porção generosa de arroz e toucinho que havíamos trazido, pois eram o nosso almoço e jantar.

Sem a aguardente com açúcar, o arroz não teria ficado tão saboroso.

Experiência médica no tratamento da febre fria

A fazenda d'Água Fria (do Caracará) é tida, injustamente a meu ver, como insalubre. A febre fria é muito temida em todas as redondezas. De uma maneira geral, a experiência que os habitantes daqui vêm acumulando há anos nesse sentido é importante e precisa ser levada em consideração. Por exemplo: eles observaram que a ingestão de doces é prejudicial à saúde das pessoas, principalmente depois de terem tido febre intermitente ou uma febre intermitente mal curada. Da mesma forma, melado e rapadura (açúcar não-refinado) são nocivos; em contrapartida, o açúcar refinado pode ser consumido. A banana também é prejudicial, pois provoca recidiva da febre fria.

02/03

À noite, recebemos as boas-vindas - bem hostis - dos piuns, que são pequenos mosquitos. Elas acharam nosso sangue delicioso e nos perseguiram implacavelmente. Algumas horas depois, estávamos com rostos e mãos inchados; só tivemos sossego já noite alta. Durante uma excursão na mata, alguns carrapatos me pegaram e não me deixaram dormir à noite. No escuro mesmo, fui tateando pelo corpo, consegui sentir três deles e os matei.

Lá fora chovia muito forte, e, quando o dia nasceu, tomamos um *Tinct. Robert Whytti* e uma boa xícara de chá.

Por volta das 9h, parou de chover. Como a água escorre rapidamente nos campos, os caminhos estavam excelentes, de forma que logo montamos nossos cavalos e seguimos nossa viagem para o rio Preto.

O Sr. Florence aproveitou a breve parada antes do café da manhã para desenhar um dos apiacás que estavam por aqui. Dentre as várias tatuagens que ele tinha, havia uma de um homem e outra de um pássaro no braço, não muito diferente daquelas que se vêem nos Mares do Sul.

Percorridas 3 horas, chegamos àquilo que chamam porto. Inicialmente, o caminho era coberto de campos de cerrado ou matas baixas e densas, mas, logo depois, entramos em uma mata alta e densa, com árvores finas e altas e alguns troncos grossos.

Na última metade do caminho, vimos as pacovas ou bananeiras silvestres. Na verdade, não são bananeiras, mas suas folhas se assemelham às delas. A meu ver, devem pertencer ao gênero *Heliconia*[101] . Quase todas têm troncos altos e folhas enormes.

Logo após a nossa chegada, tomei as medidas de comprimento e largura das canoas para mandar fazer barracas e cobertas para elas. À tarde, retornei com meus companheiros de viagem para a fazenda d'Água Fria, onde pernoitamos.

Medidas das canoas para as cobertas:

1 grande: 38 palmos - largura de baeta e meia

1 grande: 38 palmos - largura de baeta e meia

1 batelão: 38 palmos - largura de baeta e meia

Barraca do batelão:

10 palmos de comprimento e 5 palmos de largura

Mosqueteiro para João Caetano

24 pregos para as barracas

24 pregos para as cavernas das canoas

Calafeto

Martelo

Aqui caberia um comentário a respeito da construção das canoas. Elas são feitas de troncos de *Bertholletia*[102] e são enormes, muito maiores do que as de Porto Feliz: têm 7 palmos de largura, 60 de comprimento e 4½ a 5 de altura. Cada uma dessas canoas custou, neste ano, cerca de 1 libra de ouro, ou seja, 143.600 réis.

Os homens jogam cartas; os escravos dançam e aproveitam mais a vida do que seus senhores.

Observação

Na estação das chuvas, são poucos os que se sujeitam à inspeção da lavação de diamantes. Eles pagam os negros a jornal, ou seja, os escravos têm que lhes entregar um vintém de diamante por semana. Mas, na verdade, eles fazem o que bem entendem. Se dizem que não encontraram nada, o senhor tem que acreditar, pois ele sabe muito bem que também a ele pode acontecer de trabalhar semanas a fio em vão. Quando o escravo encontra uma pedra grande, ele a vende a um garimpeiro, guarda para si o que exceder a 1 vintém e dá ao seu senhor o vintém que lhe é devido. Por isso, é raro o proprietário de uma lavação receber as pedras grandes; estas devem ser procuradas com os negros e garimpeiros.

Hoje as mulas levaram o quarto carregamento para o rio Preto. Mandei logo as provisões e acredito que poderei partir para lá dentro de oito dias.

Ainda temos tido, todos os dias, pancadas de chuva com trovoadas.

As chuvas fortes contínuas cessaram, mas me disseram que, em março, os rios ainda se enchem bastante.

As raças da população

Aventuras de todo tipo. Brasileiros e portugueses vêm para cá para tentar a sorte nas escavações de ouro e diamantes. Eles chegam solteiros e, com uma parte do lucro, fazem casamentos ilícitos. Muitos preferem mulatas ou negras. Se não encontram uma moça que lhes satisfaça os prazeres carnais, compram ou alugam uma escrava e fazem filhos com elas. Depois de alguns anos, vão embora com todos os bens acumulados, abandonando-as com as crianças, ou vendendo as escravas e escravos a um outro, sem a mínima preocupação quanto ao seu futuro. As meninas abandonadas se transformam em prostitutas, e os meninos, em vagabundos. Ou então eles se casam depois. Assim, não é raro encontrar, em famílias honradas, uma mistura de todo tipo de crianças. Isso cria, freqüentemente, situações embaraçosas, pois não se sabe se as crianças são escravos ou filhos agregados; pelas roupas também não é possível distinguir, pois as escravas às vezes andam muito bem vestidas, e os próprios filhos do senhor andam nus como escravos.

A essas crianças agregadas ou nascidas fora do casamento dão-se vários nomes, tais como enjeitados, afilhados ou filhos naturais. Raramente se vêem mulatos entre eles. Ninguém sabe de quem é realmente a criança.

Dá-se o nome de aparentado ao filho nascido fora do casamento, mas não reconhecido publicamente como tal. Ele é tratado como escravo: não recebe nenhuma educação, não aprende a ler e escrever.

O povo de Diamantino, de uma maneira geral, é um povo imoral, de maus costumes, escravo da luxúria, constituído de muitas misturas

de raças e de cores, entre negros, índios, mulatos, brancos e outros. O mais terrível é que as mulheres brancas realmente honradas se acostumam, desde a juventude, a assistir aos maus exemplos de infidelidade dos homens, que, todos os anos, trazem crianças estranhas para dentro de casa. Elas acabam se deixando contaminar por esse espírito e passam a achar que têm o mesmo direito, ou seja, que podem retribuir na mesma moeda a infidelidade dos homens. Acho que posso dizer que não conheci nenhuma esposa fiel nesta província.

Apesar de raros, há exemplos de comerciantes brancos que se casaram oficialmente com escravas negras com quem tinham vivido muitos anos e gerado filhos. Crianças geradas com escravas são criadas freqüentemente como escravos. O irmão é o senhor; a irmã é escrava, ou vice-versa. Por outro lado, não é raro, pelo menos aqui em Diamantino, um negro rico em diamantes se casar com uma bela mulata ou até com uma branca. Não deixa de ser uma forma de regenerar a raça. Os homens mantêm, sob o mesmo teto, a esposa e as concubinas; ambas as proles crescem juntas.

06/03

Adiamento da minha viagem

Todos os dias sou obrigado a retardar a data da minha partida, e com isso surgem novas dificuldades. Vários membros da expedição foram acometidos hoje por forte acesso de febres intermitentes e estavam sem condições físicas para ir ao porto do rio Preto.

<u>Estranha declaração de óbito</u>

Hoje à noite, por volta das 9h, ouvi uma gritaria horrível na rua. A

princípio, pensei que fosse uma negra sendo brutalmente açoitada. Todos abriram as janelas e perguntavam o porquê da gritaria. "*Meu senhor fulano de tal morreu! Deus me ajude!*"; e assim ela percorreu todas as ruas da vila. Era uma das mulheres negras de um falecido. Este era um homem casado, muito íntegro, jovem, bravo, que morreu das conseqüências de uma febre intermitente contraída há vários anos e nunca debelada, que acabou se degenerando em febre contínua: um exantema antigo inflamou e o matou.

Em todos os enterros, distribuem-se velas de cera na casa do falecido. Todos, conhecidos e desconhecidos, comparecem para receber uma, até os negros.

Na verdade, só deveriam recebê-la as pessoas que acompanham o corpo, mas, na prática, acabou virando um abuso: muitas pessoas ficam por ali, ou dentro ou na frente da casa, e vão embora assim que recebem a vela. As pessoas de posses e os parentes levam o corpo até a igreja, depois deixam as velas lá mesmo e vão para casa.

Não rezam nem um Pai-Nosso para o defunto na igreja. Mas, no percurso entre a casa do falecido e a igreja, as pessoas cantam alguns momentos, e depois cada uma recebe uma certa soma em dinheiro, acredito que 4/8ª/ 4 *Quentchen* de ouro.

Convidaram-me para ter a honra de ser um dos seis carregadores do caixão, e, como o falecido morava longe da igreja, tive que carregá-lo durante meia hora. Não foi fácil.

Ao voltar para casa, encontrei velas grandes de igreja, pesando quase 2 libras, que me enviaram por ter carregado o caixão.

Como estava perto da partida, mandei o meu servente ir procurar os meninos de rua que ficavam na frente da casa do defunto esperando

receber uma vela de cera; eu queria que ele comprasse deles as velas, pois elas seriam de grande serventia na viagem. Ele voltou logo depois trazendo 5 libras de velas, que comprara a preço baixíssimo.

N.B.: Os verdadeiros acompanhantes levam as velas acesas; os meninos e outras pessoas que acompanham o caixão apenas por interesse não acendem as velas, para elas não perderem o valor.

07/03

Meu condutor só partiu hoje, com 9-10 mulas. Eu havia decidido partir também para o rio Preto, mas fui obrigado a ficar, pois vários marinheiros ficaram doentes. Dei-lhes vomitivo e quina.

08/03

Às 7h da noite, fez +22°; às 7h da manhã, +19°; ao meio-dia, +20°.

Depois de várias semanas, voltaram as chuvas fortes, repentinas e constantes à noite, que vieram substituir as tempestades passageiras diárias das últimas semanas.

Jazidas de diamante

Hoje à tarde, encerrei todas as minhas atividades, tomei todas as providências para a minha partida de Diamantino, prevista para amanhã, quando o arrieiro Floriano voltar - pelo menos é o que tudo indica. Ontem tive a notícia de que um certo Antônio Antunes descobriu uma mina muito rica de diamantes, onde, em poucas semanas, ele encontrou, com 40 escravos, entre 2 e 3 *Quentchen* de diamantes por dia. Dizem que é uma espécie de ilha que se formou com o cascalho que se depositou

ali, ou seja, uma ilha cercada de terra por todos os lados.

Ao ser explorada, encontraram três camadas bem distintas de solo, e, na camada mais inferior, havia grande quantidade de diamantes.

O proprietário já tinha sido oficialmente notificado de que deveria suspender os trabalhos nas terras, mas ele conseguiu engabelar os funcionários do governo, e ainda obteve uma autorização temporária para continuar trabalhando. Ouvi dizer, contudo, que as pessoas voltaram a protestar e a exigir do governo que fizesse a repartição do terreno em datas, pois a mina era grande demais para ser explorada apenas por uma pessoa.

Como se pode conceber que uma província e um país com tantas dificuldades financeiras sejam tão negligentes em relação a uma questão tão importante como o são as minas de diamantes?

Antônio Antunes, um sujeito muito esperto, conseguiu extrair, no espaço de um mês, cerca de 50 *Quentchen* de diamantes por dia; e o governo nem tomou conhecimento disso, pois não foi reclamar a sua parte. Desde que essas minas foram descobertas, há 24 ou 26 anos, nunca ocorreu a nenhum governador ou presidente vir a esta região (o que, na verdade, seria uma obrigação sua), para fazer, *in loco*, um levantamento de suas fontes de riquezas e explorá-las em prol do Estado.

Estas terras têm tanta fama de serem insalubres que nem o governador, nem o bispo, nem outra pessoa qualquer ousa vir aqui, a não ser por absoluta necessidade; muito menos na época das chuvas, que é justamente quando mais se trabalha nas minas, pois, na seca, falta água na maior parte da região.

Enquanto esses mineiros (se é que posso chamá-los assim) ou catadores de diamantes estão trabalhando satisfeitos, se sentindo recompensados pelo seu esforço, raramente ficam doentes. Mas quando ficam, dia e noite, expostos ao sol escaldante e à chuva, imóveis, tensos e

ansiosos, ou quando trabalham semanas a fio em vão, então o mau humor e a doença tomam conta deles.

Com medo de serem roubados pelos negros, eles evitam se afastar muito da lavação; com isso, se descuidam do corpo, comem mal e bebem daquela água parada e podre, sem se preocupar com o risco de contrair febres infecciosas e intermitentes, e que fatalmente contraem.

Hoje à tarde, vesti metade do uniforme, com uma espada pequena ou espécie de punhal de guarda florestal, um chapéu de três pontas e comecei a me despedir. Só então as pessoas se convenceram de que eu partiria mesmo e vieram, então, tentar me explicar que seria impossível fazê-lo assim tão rápido (na verdade, tão lentamente).

Da minha parte não estava faltando mais nada; mas, da parte do governo ou da Fazenda Pública, eu diria que faltava tudo.

Nem a metade da provisão de alimentos, que é o principal, havia sido providenciada. Precisei envidar todos os esforços para conseguir, pelo menos, o carregamento de 9 mulas para amanhã.

09/03

Hoje cedo, finalmente, o provedor da Fazenda Pública tomou providências para acertar as contas e as trouxe para eu assinar.

O provedor, o capitão-mor e o comandante haviam decidido que eu só poderia partir depois de regularizá-las.

No sábado, dia 7, eu estava pronto e no domingo, dia 8, peguei meu chapéu e meu punhal e fui me despedir formalmente, como gostam os portugueses. Só então eles se dispuseram a tomar as providências e a me ajudar. Faltavam os alimentos, e despacharam um expresso para ir buscá-los.

Os brasileiros portugueses não se importam de adiar suas viagens de um dia para outro e, por isso, não conseguem entender por que os outros não podem fazer o mesmo.

Por volta das 10h, chegou o condutor e ficou feliz de encontrar o carregamento de seus animais pronto, conforme ele queria. Ele deixou a vila à 1h, com 9 animais carregados.

A seguir, uma relação de gastos que tive com esta expedição:

- aquisição de três canoas, a 128.000 cada	384.000
- reparos nessas canoas para deixá-las em bom estado - toldos e cobertas de baeta: desconhecido - 100 côvados de baeta =	100.000 100.000
- estoque de alimentos para dois meses - aluguel de 30 marinheiros e tripulação: guia, pilotos, proeiros, pedestres - alimentação dada aos marinheiros e tripulação desde fevereiro	400.000 180.000 100.000
Total	1.264.000

Não estão incluídas aqui as despesas com acomodações. Em Cuiabá, elas são muito mais baratas e melhores.

Meu amigo José Paes de Proença me cedeu sua casa espaçosa, o que representou, para mim, uma economia de 10.000 a 20.000 réis por mês, no mínimo. Os doentes que tratei aqui me mandavam, como pagamento, galinhas, porcos, toucinho, doces, açúcar, vinho.

Assim, vivi melhor e consumi menos do que em Cuiabá. Além disso, consegui formar aqui uma boa coleção de cristalizações.

Ainda hoje, último dia de minha permanência aqui, aumentei-a em 3 *Quentchen* a 75.000 réis, ou seja, 225.000 réis, que paguei com corais, com lucro de 100%, em lugar de 150%-200% [103].

O toucinho estava acabando, faltava a cobertura das canoas, etc. Primeiro foram feitas as contas. As pessoas ficavam me rondando não para me ajudar, mas para eu assinar as suas contas.

O comandante achou de exigir de mim uma lista das matrículas da tripulação, de copiar os vistos que já foram expedidos.

Enfim, ao invés de me ajudar, eles me atrapalhavam, cada hora com uma exigência nova: ora um documento que eu já havia despachado, ora outro que eu já havia empacotado.

Acabei não podendo realizar o meu desejo de partir hoje, domingo.

10/03

Finalmente, no domingo à noite, estava tudo pronto, e na segunda-feira, às 9h, partimos de Diamantino. Nunca vi tanta frieza e indiferença numa despedida, principalmente depois de uma permanência de tantos meses num lugar! Isso reflete o caráter mercantilista e mesquinho dos habitantes daqui. Atendi tantos doentes gratuitamente, restituí a vida a tantas pessoas, e ninguém, absolutamente ninguém veio se despedir de mim. Uns 20 ou 30 doentes que tratei não se deram o trabalho de vir me agradecer pelo tratamento, nem ao menos de perguntar o preço dos medicamentos. Alguns até perguntavam ou mandavam perguntar, mas, quando o valor era muito alto, eles pagavam apenas a conta dos remédios, mas não pelo tratamento médico. Se eu não prezasse tanto a minha dignidade, eu teria ido cobrar deles o que me deviam pelos meus serviços.

Certamente, Antônio Rodrigues de Barros e Francisco Paes teriam perdido seus filhos; um deles estava muito mal, praticamente sem esperança de sobreviver, mas acabou se recuperando.

O pai então me disse: "*Também teria sido bom se ele tivesse morrido; crianças só dão trabalho, e eu já tenho filhos suficientes.*"

A imoralidade continua grassando como nos outros lugares. Eu estava feliz em poder deixar esse ninho empestado.

Hoje, dia 10, só conseguimos ir até o engenho do Capitão Xavier, onde pernoitamos.

11/03

No dia seguinte, fomos para o rio Preto, aonde chegamos em boa hora. Não havíamos comido nada no engenho, pois o ambiente lá estava muito hostil.

Logo após minha chegada, mandei tomarem as providências necessárias para tornar a nossa vida aqui, neste fim-de-mundo, pelo menos suportável. Montamos nossas redes com toldo, abrimos a mala onde estavam as velhas garrafas de vinho do porto e a matalotagem, ou seja, a provisão de mantimentos trazidos da Vila; enfim, tentamos fazer o possível para tornar a nossa vida aqui um pouco mais agradável. (Ver dia 13/03 mais adiante.)

Durante o percurso de meia légua entre o engenho e rio Preto, observei, na mata, grande quantidade de insetos. Capturei vários.

Fiquei admirado com as rápidas mudanças da natureza. Aqui é o divisor de águas dos rios Paraguai e Amazonas. Embora seja uma pequena faixa de 1½ légua, apresenta grande variedade de espécies de História Natural, tais como *Tanagra*[104], *Oriolus*, rãs e peixes nunca vistos antes, além de novas espécies de insetos, que, na Província de Mato Grosso, quase não se vêem.

Hoje não era um dia muito apropriado para a caça, pois havia muito que fazer: providenciar redes de dormir, mantimentos, etc.

12/03

De manhã cedo, fui a pé, com o guia Francisco Gomes, ao sítio do Defunto Felizberto, um estabelecimento que fica a uma légua disso que chamam porto.

Eu já tinha escrito ao proprietário há alguns dias, dizendo-lhe que gostaria de adquirir uma certa quantidade de feijão preto seco, pois, na Vila, não consegui comprá-lo nem por 4/8ª= 4.800 o alqueire.

Fiquei satisfeito quando soube que poderia comprar 20 alqueires e por um preço baixo, isto é, 1½/8ª. Era um estabelecimento muito mais agradável e melhor do que o do Capitão Xavier.

O caminho do rio Preto até a fazenda é muito bom.

Ele passa por formações de ouro e diamantes, ou seja, de quartzo bastante fragmentado, mas que não chegam a ser propriamente seixos rolados tais como os que se vêem em outros lugares.

Minha coleta entomológica de hoje foi muito rica: algumas borboletas novas dos Hesperídeos e muitos Reduvídeos, que foram muito bem-vindos.

Os moradores do sítio do Felizberto nos receberam muito bem, com simplicidade e tranqüilidade, e não quiseram receber nenhum pagamento por isso. Mas a pobreza era muito grande; nem ovo havia para comprar. Meu guia teve que andar mais uma légua para comprar feijão para a expedição.

13/03

13 de março. Muitas pessoas podem não gostar da vida no isolamento do sertão, mas a mim agrada muito. Alegro-me por estar novamente na natureza livre, aberta, nestes vastos campos de observação. Fico feliz também porque meus dois companheiros Rubtsov e Florence estão com ânimo renovado, reencontraram o entusiasmo de trabalhar para a expedição. Retomaram voluntariamente suas atividades, embora o rio Preto, temido por todos os habitantes da Vila, prometa uma estada triste e deplorável.

Mandei desmatarem e limparem um pequeno trecho na mata fechada da margem esquerda do rio, onde mandei construir uma cabana para guardar nossa bagagem.

Tão logo chegamos, montamos a grande barraca com uma mesa de campanha e nossas redes toldadas. Tivemos que fazer tudo às pressas por causa da chuva persistente que cai todos os dias. Só hoje, que ela parou um pouco, pudemos pensar em montar um acampamento mais confortável, arrumar melhor a nossa barraca e colocar nossas roupas pessoais e roupas brancas para secar.

À tarde trouxeram o boi que comprei por 5 *Quentchen* de ouro (6.000 réis) e um pouco de feijão. O pessoal costurou sacos às pressas; o boi foi abatido.

Também mandei comprar uma dúzia de galinhas, pois várias pessoas caíram doentes em conseqüência da vida desregrada que têm levado, do excesso de umidade, da falta de roupas limpas para vestir. Apesar das minhas advertências, os que ainda estavam saudáveis continuavam a tomar banho de rio todos os dias. Eles nem precisavam se preocupar se teriam ou não o que comer: eu não deixava faltar nada, e isso os deixava animados.

Os doentes recebiam remédios e canja de galinha; os saudáveis, cachaça amarga e aguardente, e, à noite, ponche quente. E depois ouvíamos o canto alegre da mata, acompanhado do rumorejar do rio.

No acampamento, nossa maior tortura eram as pequenas mutucas e as formigas-correição. Provavelmente os alimentos as atraíram, além de estarem fugindo das chuvas intensas. Em alguns lugares, elas cobrem de preto grandes faixas de terra, e sua picada é muito dolorida.

Minha coleção entomológica cresce a cada dia; pela primeira vez tenho conseguido um ou dois exemplares, por dia, do grande e belo *Ateuchus*[?] cornífero (aquele que o Conde de Hoffmannsegg levou, pela primeira vez, às coleções européias) e borboletas verde-ouro que eu ainda não tinha.

Hoje comprei também um porco cevado e toucinho a 4.800 réis; o feijão custou 2.400 o alqueire.

Ontem, enquanto eu estava no sítio do defunto Felizberto, o tropeiro chegou com alimentos (farinha e aguardente), mas não trouxe nem os toldos nem as barracas para as canoas, porque ainda não estavam prontas. Isso me desgostou, pois significava que ainda não poderíamos embarcar; enquanto isso, a cabaninha ia se abarrotando de alimentos; íamos ter que esvaziá-la de alguma forma.

Na vida acontecem muitas coisas que prendem o espírito de várias maneiras.

Não consegui dormir durante a noite. Durante o dia não pude me ocupar nem mental nem fisicamente.

Distribuí as tarefas necessárias, tratei meus doentes, providenciei a aquisição de mantimentos, capturei alguns insetos, fiz uma nova arrumação na nossa barraca, na cozinha e na barraca de mantimentos;

mandei costurar sacos para o feijão e outras coisas. A noite se aproximava, e mandei distribuir ponche quente para todo mundo.

Por volta das 8h30, tomei um caminho de terra e deixei meus dois companheiros de viagem e amigos sozinhos, insones, numa grande barraca aberta, nessa região erma, temida e, como se diz, empestada. Mas eu estava satisfeito, pois estava certo de estar cumprindo o meu dever, melhor do que cem ou milhares de pessoas.

Lá fora chove terrivelmente. Tudo é silêncio ao meu redor; só se ouve o bater de asas, o gorjeio de alguns pássaros e o canto dos grilos.

O dia inteiro, torturado pelas picadas dos mosquitos, fiquei sentado com toda a calma - se alguém pode dizer assim -, absolutamente sozinho, descalço, com as pantufas na mão e um gorro na cabeça.

Se, de repente, um europeu me visse assim, neste fim-de-mundo, certamente iria se espantar ou pensaria que se perdeu ou que teria vindo com as botas-de-sete-léguas. Minha barraca e minha mesa nem parecem de um europeu. Vejo à minha frente 7 garrafas e, por diversão, vou ver o que elas contêm ou continham:

N° 1: restos do melhor vinho do Porto.

N° 2: uma garrafa vazia que antes continha aguardente, que dei para o meu pessoal fazer ponche.

N° 3: licor misturado com água, praticamente cheia, sobre a mesa desde hoje cedo.

N° 4: aguardente, caso a número 2 não fosse suficiente.

N° 5: uma garrafa com vinagre e páprica ou pimenta-cumari, que é o tempero que se costuma usar aqui.

N° 6: resto de uma garrafa de aguardente que dei ao pessoal, desde

ontem em cima da mesa.

N° 7: uma garrafa de licor de hoje cedo ou de ontem à noite, praticamente vazia - por isso buscou-se a de número 3.

Eu, em um ermo, cercado por um castelo de garrafas, tão longe da Europa, tão longe da minha família!... Apesar disso, feliz por cumprir o meu dever e abastecido de tudo.

O tempo está úmido: 90%. Estou vestido só de camisa, mas saudável e feliz. Como posso agradecer ao Todo-Poderoso Deus por Sua bondade, por Sua Graça, por Sua misericórdia?

14/03

Acabei de ler meu diário de ontem e achei muitas repetições; a pena fluiu rápida no papel. Hoje não tenho muito para acrescentar.

O dia transcorreu em meio a algumas atividades.

Ontem à noite abateram o boi e hoje ele foi vigiado quase que a ferro e fogo. Cortaram toda a carne em fatias pequenas (ver o diário de Minas), besuntaram-na ou esfregaram-na no sal, guardaram sob uma proteção que prepararam de última hora, por causa da chuva, e a defumaram com fogo e fumaça (é a chamada carne moqueada).

Como o nível das águas está alto, todas as tentativas de pegar peixes foram frustradas.

Vários dos meus homens foram acometidos de febre, em conseqüência de abusos antigos. Eles acabaram de chegar de uma expedição que saiu para procurar negros fugitivos. Levaram mantimentos para 10 dias, mas só voltaram no décimo quarto dia, tendo, portanto, passado 4 dias sem comer nada. Expostos às chuvas diárias, sem comida,

sem muda de roupa, até me admiro que apenas alguns tenham adoecido e não todos.

Estamos acampados perto da foz de um córrego cristalino no rio Preto. A água de uma pequena nascente é pura e parece muito mais saudável, mas as pessoas vão sempre beber a água suja e turva do rio Preto, apesar das minhas advertências.

Todos os dias recebíamos provisões de mantimentos, especialmente de feijão e toucinho, que ontem não conseguimos por dinheiro nenhum na Vila. Eles são entregues no porto normalmente pela metade do preço, ou seja 2/8ª.

Minha tropa também voltou da Vila e trouxe toucinho, aguardente, dois toldos para as canoas e duas barracas para a terceira canoa, que ainda não tinha cobertura, e mais algumas miudezas. Mas ainda faltavam muitas coisas, sobretudo farinha.

Aos poucos, minha tripulação vai se reunindo. Hoje chegaram mais quatro; estamos praticamente completos. Hoje pedi ao comandante mais duas pessoas, pois os homens estão adoecendo um após o outro. Continuo afirmando que a causa é o descaso em que vivem, dia e noite expostos à umidade, sem o mínimo cuidado com a saúde.

Chove todas as noites e a maior parte do dia. Eu e meus companheiros de viagem estamos tomando muito cuidado.

Até agora, graças a Deus, ainda não se concretizou a profecia dos habitantes de Diamantino de que iríamos adoecer. As chuvas constantes nos impedem de fazer aquela excursão ao sítio seguinte, a uma légua daqui, prevista desde a nossa chegada. Além disso, ainda preciso providenciar algumas coisas importantes para o nosso conforto durante a viagem, tais como torrar o café e refinar o açúcar.

Os habitantes dos estabelecimentos distantes da Vila são mais ingênuos, de sentimentos e ações puros. Mas abomino, cada dia mais, o caráter dos habitantes de Diamantino. Enquanto puderam se aproveitar de meus serviços como médico, foram atenciosos, aduladores, hospitaleiros e amáveis. Mas, tão logo anunciei a minha intenção de não regressar, esqueceram tudo: que lhes dei remédios de graça, que aceitei as mixarias que me davam como pagamento por ter salvo suas vidas e as de seus filhos. Não se dignaram a me dizer um mísero "muito obrigado", nem a me fazer uma visita de despedida. Quanta mesquinhez! Em termos de ingratidão, Antônio Rodrigues de Barros Neves, um dos habitantes mais ricos e cujo filho salvei da morte, é o primeiro da lista.

16/03

A mata úmida estava me causando repugnância; por isso decidimos fazer uma pequena excursão até o sítio vizinho, o do defunto Felizberto, a uma légua de distância, e aproveitei para fazer incursões entomológicas. Um trecho de três quartos de légua do caminho passa por dentro de mata espessa, onde vi alguns pássaros: mutums, jacus e japus.

O tempo estava bastante favorável. Saindo da mata, aparecem novamente os campos. Depois de um longo tempo, finalmente voltei a respirar livremente. O ar estava bastante seco, para a alegria dos pobres moradores de uma cabana humilde.

Eu já havia deixado um aviso: se eu não voltasse, era para eles me mandarem minhas roupas de dormir e meu gorro. À noitinha, vieram me trazer a notícia de que o correio de Cuiabá havia chegado no porto do rio Preto com carta do Rio de Janeiro para mim. Mas já estava muito tarde para eu ir para lá.

17/03

Voltei de manhã cedo e recebi a correspondência, pela última vez nesta província. Entre outras coisas, vieram as provas tipográficas de minhas observações sobre a cainca. Eu estava esperando o último ou penúltimo carregamento com os meus pertences vindos da Vila.

Até as 3h da tarde, o tropeiro ainda não havia voltado.

Como meus companheiros e eu queríamos respirar, de novo, um pouco de ar fresco, propus-lhes, ao meio-dia, fazer um passeio até o sítio próximo, onde poderíamos passar a noite em uma casinha boa e seca que havia ali, que certamente estava destinada a ser uma capela.

Eu já havia pedido a permissão do proprietário para ocupá-la.

O caminho até ali é bastante bom. Passa por dois ou três córregos, que correm rumorejando dentro do vale estreito. As colinas que formam o vale são terras aluviais de quartzo quebrado, que aqui recebem o nome de formação, ou seja, *formatio*, onde se encontram ouro e diamante. São poucas as pessoas que exploram essas jazidas, a região é quase desabitada e muito distante de outros estabelecimentos.

Chegamos à casa do Sr. Luiz Ferreira pouco antes do pôr-do-sol. Este havia ido hoje para a Vila, a 4 pequenas léguas daqui, mas seus escravos nos deram acolhida.

Já era hora de sair dessa mata úmida e abafada. Rubtsov tinha febre e vômitos; Florence, dor de cabeça.

Tudo que conseguimos aqui foi um frango. Todos esses estabelecimentos pequenos são de uma pobreza extrema. Com muita dificuldade conseguimos um pouco de farinha de milho, pois as pessoas aqui só preparam a farinha que vão consumir naquele dia. Trouxemos um pouco de chá, açúcar e aguardente, comemos um jantar bastante frugal e dormimos maravilhosamente.

18/03

O dia foi muito bom sob vários aspectos.

De manhã cedo, tivemos chuva fortíssima, mas aqui era mais fácil suportá-la do que no porto.

O pior foi que não estávamos preparados, não havíamos trazido nada para ficar aqui hoje. Tínhamos que voltar ao porto, sem falta, para dar corda no cronômetro. Como eu estava em melhores condições físicas do que os outros, ofereci-me para ir até lá, inclusive porque eu esperava receber as mulas.

Aproximadamente às 9h, deixei os campos e entrei de novo na mata escura e úmida. Cheguei uma hora depois, montado em um matungo. Cheguei muito mais cansado e molhado do que se tivesse ido a pé. Mas preferi ir a cavalo, porque talvez precisasse transportar algum doente ou mantimentos. Tão logo cheguei ao empestado rio Preto, naquilo que chamam de porto, fui correndo trocar as roupas molhadas por roupas secas e lavar meus pés com aguardente.

Mandei tomarem diversas providências. Ao meio-dia, dei corda no cronômetro e recebi as encomendas da expedição, ou seja, o último carregamento de alimentos. Ao que sei, agora só estavam me faltando os remadores, um toldo para o batelão, pagar o transporte, alguns marinheiros que haviam fugido e o comissário Manoel de Carvalho Guedes Mourão, que me foi recomendado pelo General das Armas Gavião, em Cuiabá, como sendo um ajudante de confiança. Durante a minha permanência em Diamantino, ele me dispensou muita atenção e me prestou grande serviço.

Hoje, eu estava ocupado com os animais que haviam retornado descarregados, dando as últimas ordens para o pessoal, quando fui

importunado com a visita de cortesia do Capitão Xavier (pelo menos, foi o que ele disse). Na verdade, porém, a sua intenção era procurar o índio apiacá Alexandre, que trabalhava em seu engenho, mas, por causa do salário baixo, veio se juntar a nós.

Ele pretendia levá-lo de volta, mas o índio tinha saído, por acaso, com Rubtsov e Florence e não pôde ser encontrado. Além disso, esse capitão tinha afundado um pequeno barco no ribeirão. Nós o encontramos e, como não sabíamos quem era o dono, pensamos em ficar com ele, pois era um bom achado; mas, depois dessa visita, fomos obrigados a devolvê-lo.

Passei o dia inteiro debaixo de chuva, envolvido com muitas ocupações e tendo que aprontar as mulas.

Eu não estava com muita fome e ainda precisava cuidar dos meus doentes, principalmente de Rubtsov e Florence, que deixei adoentados hoje de manhã. Reunimos rapidamente alguns alimentos, vomitivos, flor de camomila, um pouco de açúcar, chá, sal, arroz, farinha, cobertores, pantufas e outras coisas, tudo embalado junto.

Uma parte foi posta no cavalo e a outra foi carregada por alguns marujos. E assim, deixei o porto por volta das 4h30, montado em cavalo e debaixo de chuva. Uma hora mais tarde, pouco antes de o sol se pôr, cheguei de volta à casa de Luiz Ferreira e encontrei meus dois companheiros com febre e dor de cabeça. Cheguei muito mais cansado do que se tivesse vindo a pé e com tempo bom.

Meu casaco grosso e pesado conservou meu corpo seco, mas meus pés ficaram molhados desde que o dia nasceu. Fui logo me jogando na rede, com fortes dores de cabeça; depois, troquei a roupa, fiz um escalda-pés e me aqueci o máximo possível, mas me senti mal a noite inteira.

19/03

O Sr. Rubtsov passou a noite com febre e sede e, de manhã cedo, tomou um vomitivo. Florence estava se sentindo melhor, assim como eu. Choveu durante a noite, mas a manhã prometia um dia seco.

No entanto, ficamos todos em casa, deitados nas redes.

Talvez eu esteja ficando um pouco minucioso demais, mas acho necessário fazer aqui uma digressão, para mostrar aos meus leitores o que realmente representa uma viagem dessas e que tipo de dificuldades ela envolve. De mais a mais, é muito mais fácil sacrificar alguns minutos lendo algumas páginas do que passar dias, semanas, meses se sujeitando aos rigores do tempo e das estações, a uma vida desconfortável e a doenças endêmicas sem nenhum recurso. Não fossem meus conhecimentos médicos, a minha pele curtida e meu corpo já acostumado à fadiga, eu não sobreviveria a todos os transtornos de uma viagem como esta.

Fico animado quando penso que, daqui a poucos dias, poderei finalmente partir para essa viagem, sem dúvida, perigosa, mas meu pensamento está totalmente voltado para as mil providências que ainda terei que tomar.

A arte da cerâmica

Dentre as atividades artísticas desenvolvidas pelas nações indígenas, a cerâmica é uma das mais antigas, sobretudo entre os Incas, habitantes do Peru, que estavam num nível cultural bem mais adiantado do que os índios daqui.

Quis adquirir alguns potes para a viagem, para não ter que beber a água diretamente tirada do rio. Trouxeram-me alguns potes pequenos, mas não fiquei satisfeito. Durante minha estada na casa de Luiz Ferreira,

vi uma senhora com algumas dessas vasilhas grandes e perguntei-lhe de onde elas vinham. Ela me disse: "*Foram feitas aqui.*" Perguntei: "*Por quem?*" "*Por mim.*" "*Aqui há argila boa para cerâmica?*" "*Não.*" "*De onde vem a argila então?*" "*Algumas léguas abaixo da Vila, na direção do rio Paraguai.*" "*E como se fazem esses potes?*" "*Nos dias quentes de sol, moemos o barro num pilão de madeira; depois o peneiramos e o umedecemos. Pegamos, então, as cinzas de casca de pau, um córtex especial, e fazemos o mesmo com elas; misturamos os dois ingredientes em partes iguais (um prato cheio de cada um) com água, amassamos com as mãos e vamos fazendo os potes.*" "*Mas como você dá forma a eles?*" "*Pega-se uma tripa fina ou grossa, dependendo do tamanho do pote, dessa massa de argila umedecida e misturada e vai se colocando uma em cima da outra, começando pelo fundo do pote, sempre umedecendo e alisando a massa com a mão um pouco molhada. Dá-se à cerâmica a forma que se desejar. Depois, ela é deixada à sombra para secar bem. Uma vez seca, é levada ao fogo vivo feito com madeira seca e mantida ali durante algum tempo.*"

19 a 23/03

Do dia 19 para cá, essa é a primeira vez que pego na pena para retomar o meu diário, mas não sei quanto vou conseguir escrever.

No dia 20, estive na casa de Luiz Ferreira. À tarde, tive pequenos calafrios, e febre alta durante a noite toda. Eu não tinha remédio e nem tinha apetite. Mandei buscarem rápido vomitivo; à noite, eu estava exaurido.

Na manhã do dia 21, eu já estava melhor - a água é melhor - e me sentindo forte o suficiente para percorrer uma légua até o porto, e lá cheguei ao meio-dia. Peguei várias borboletas no caminho. Assim que

cheguei, tive um forte acesso de febre. Tomei um laxativo refrescante e passei muito bem à noite. De manhã, as circunstâncias exigiam que eu escrevesse as últimas cartas para o Rio de Janeiro, para o presidente e para o Governador das Armas de Cuiabá. Mas, mal acabei de escrevê-las, ainda nem as havia selado quando a febre voltou mais forte do que nunca. Passei muito mal à tarde, mas, à noite, eu estava melhor. Hoje cedo estou sem febre, mas me sinto doente e sem fome; não como há cinco dias.

Tomei uma dose dupla de vomitivo, mas ainda não surtiu efeito. Sinto a cabeça fraca.

Na noite passada, caiu uma das tempestades mais terríveis que já presenciei; e eu aqui, nesta barraca, doente, abandonado por meus companheiros, que estão na casa de Luiz Ferreira.

24/03

Outro dia, encontraram, em um outro lugar, o meu relógio que tinha sido roubado.

Às 7h da manhã, fazia +19°; no riacho dentro da mata, +18°.

Ontem à noite, eu me senti bem melhor; já tive um pouco de apetite e, na noite do dia 23 e manhã do dia 24, já estava novamente envolvido com minhas ocupações. O Carvalho veio da Vila com todos os pertences e me trouxe também a conta. Percebi logo a forma extremamente indelicada com que a Provedoria da Fazenda Pública estava me tratando, e, no entanto, tudo que eu lhe pedia era de forma delicada.

Desde que deixei Diamantino, o Carvalho só tem conseguido, e mesmo assim com muito custo, o material estritamente necessário, aquele

que já paguei. Com isso, eu me vi forçado a lavrar um protesto contra a Provedoria e a me dirigir novamente ao presidente e ao capitão-mor.

Quanto à carência de pessoal para a tripulação, queixei-me junto ao comandante e lhe requisitei, pela última vez, mais dois pedestres.

Toda essa questão me desgastou muito, pois eu ainda estava fraco e adoentado, mas consegui superar essa dificuldade. Na manhã do dia 24, o próprio Carvalho partiu para a Vila com aquele protesto, queixas e comprovantes da minha grande insatisfação. Haviam me subtraído cerca de 60.000. A necessidade de tomar algumas medidas de precaução me detiveram hoje ainda aqui. Os remadores ainda não chegaram.

Hoje o guia veio me dizer que examinou a canoa maior e verificou que ela não está em condições de uso. Por sorte, ainda havia outra canoa imersa na água, e, sem maiores consultas - todas as quatro pertencem a um único e mesmo dono - trocamos a maior por essa menor, que, no entanto, estava em muito melhor estado.

Retiraram-na da água e fizeram os devidos consertos.

Juntamente com ela vieram alguns peixes, que enriqueceram a nossa coleção. Os nºs 75, 76, 77 foram desenhados por Florence.

25/03

Rubtsov e eu não estávamos bem. Rubtsov teve um surto de febre intermitente à tarde. Graças a Deus, estou um pouco melhor, mas continuo sem apetite, não consigo comer nada nem beber; Rubtsov só come canja de galinha, assim como Florence e os outros doentes. Alguns estão melhores hoje, outros como nos dias anteriores e outros ainda piores. Trabalhou-se bastante hoje na reforma e construção das canoas.

Velhacaria em Diamantino. Traço principal do caráter dos seus habitantes

Ainda tenho muitas coisas para falar sobre o caráter dos diamantinenses, de como podemos ser enganados pelos homens. São tantas histórias novas que se ouvem todos os dias que não sei quando vou terminar de contá-las. Os primeiros habitantes são ladrões, velhacos e impostores, que se roubam uns aos outros por causa de diamantes, pois sabem que as denúncias de contrabando não são levadas a sério. Naturalmente, são todos contrabandistas.

Há cinco anos, uma sociedade de cinco pessoas fazia grandes negócios com diamantes; tudo ficava guardado na mala de um deles, o Felizardo. Quando conseguiram juntar 19 *Quentchen* e uma parte em ouro em pó, um deles procurou o Felizardo e o convenceu a ir à missa no domingo cedo, quando ainda estava escuro. Ele concordou e foi. Quando saía da missa, alguém o deteve, e, ao chegar em casa, encontrou as portas trancadas, do jeito que as deixara quando saiu, mas descobriu, apavorado, que a caixa com os diamantes havia desaparecido. Ele começou a gritar, até que os vizinhos vieram lhe contar que haviam visto dois grandes amigos dele, inclusive um que fazia parte da sociedade, abrirem e fecharem a casa e outros carregarem a caixa nos ombros. O amigo e sócio foi detido por um funcionário civil, seu comparsa levou algumas pedras bonitas para o comandante militar, pediu-lhe que intercedesse pelo amigo. E o velhaco, que ficou com as pedras preciosas e foi aceito como membro naquela sociedade, é tido como um dos cidadãos mais honestos da vila... Oito dias depois, o homem que carregara a caixa vendeu os diamantes a um homem totalmente inútil, de forma que a queixa do antigo proprietário das pedras acabou não redundando em nada.

O Coronel Caldas, de Goiás, também foi vítima de uma situação semelhante. Ele foi enganado, ludibriado, passado para trás, e, no final, ainda alegaram que ele sofrera prejuízos porque não entendia nada de comércio de diamantes.

Se há algum homem honesto em Diamantino, que Deus o guarde! Mas, para dizer a verdade, acho que não há nenhum: são todos ciganos. A classe honesta é a dos proprietários de terras da região. Estes possuem casa na Vila, mas só vão lá com a família aos domingos - como acontece em todo o Brasil - ou quando estão doentes, mas sempre por pouco tempo e carregando consigo todos os mantimentos. Todo proprietário de terras tem uma venda na Vila.

No dia em que o governo estabelecer normas, leis e medidas mais liberais e razoáveis para o comércio de diamantes, tanto legal quanto ilegal, então terá fim toda inescrupulosidade, e as gerações futuras terão, pelo menos, mais senso de moral. Evidentemente, será necessário mais rigor na observância das leis, pois não pode existir um Estado onde aos direitos da sociedade se sobrepujam os interesses de parentes e compadres.

O Capitão-Mor de Diamantino

O Capitão-Mor Antônio José Ramos e Costa, o homem mais rico do lugar, um europeu, comanda sozinho a congregação. Ele foi escolhido e nomeado pelo Presidente José Saturnino da Costa Pereira entre três cidadãos, embora tivesse recebido menos votos do que os outros.

NB.: Em caso de morte, são indicados três nomes para uma nova eleição.

Toda a Vila se insurgiu contra a escolha do presidente; não queriam lhe dever obediência e, por isso, fizeram um abaixo-assinado com mais de 300 assinaturas. Na realidade, Ramos e Costa era o único que tinha senso de justiça, além de ser um homem incorruptível, mas isso não

mudava nada para as pessoas. No final, o presidente acabou confirmando a nomeação.

É fácil imaginar em que condições difíceis aquele homem exerce as suas funções. Ele não tem contato com ninguém, pois sabe que todos estão contra ele. Mas, apesar de tudo, é um homem justo, pelo menos tem agido conforme seus princípios e convicções e não incomoda ninguém.

Clima

Após dois dias de tempestades terríveis, o tempo melhorou, e o rio baixou consideravelmente.

Hoje à noite, finalmente chegaram os remadores; está tudo pronto para a viagem.

Doença

Infelizmente, de todos, Rubtsov é o que está mais doente. As canoas ficaram prontas hoje. O Carvalho ainda não voltou da expedição.

Ainda tenho algumas observações a fazer sobre a incidência das febres intermitentes aqui. Além de ter curado muitas, agora eu próprio estou passando por isso; portanto, posso falar por experiência própria.

Aqui não existe o trabalho comunitário; estradas estratégicas e trilhas secas e largas simplesmente não existem. É minha obrigação dar assistência ao meu companheiro Rubtsov, que agora está com a saúde abalada por causa do tempo úmido e frio [...].

No acampamento, dei-lhe vomitivo. Passei o dia com os pés molhados e, no dia seguinte, tive um pouco de febre, dor de cabeça, dificuldade de andar, respiração difícil, fraqueza e inapetência. Tomei um vomitivo, vomitei bílis pura, e mesmo assim não melhorei. A prisão de ventre me levou a tomar uma *mixtura salina*. Era sempre a mesma

coisa: inapetência, 3 vomitivos, 3 laxantes e nada de comida durante 5 dias. Quando senti, pelos meus conhecimentos médicos, que a primeira e a segunda via estavam totalmente lavadas e que cessara o derramamento de bílis no estômago (não sei de onde), tomei um remédio amargo. Durante seis dias, mesmo sem apetite, alimentei-me moderadamente de água, vinho, canja de galinha, etc. No sétimo dia, eu estava com mais apetite; no oitavo, tomei de novo meus remédios amargos, de forma que, à noite, pude me levantar para tomar meu ponche. Embora eu não tenha tido nenhum acesso de febre nesses últimos dois ou três dias, a pulsação continuava acelerada, mas eu me sentia muito melhor. No dia seguinte, senti tanto frio que nem duas cobertas foram suficientes para me esquentar. Nenhuma evacuação, apesar de eu ter tomado ruibarbo com catártico. Provavelmente foi por causa da quina e *gentiana* com *cinnamun* (canela). À noite, senti-me muito melhor do que nos últimos dez ou doze dias.

Tivemos três dias de tempo bom: pela manhã, +20°; a água do riacho na mata, +18°; rio, +20°; atmosfera, +17°; à tarde, chuva com trovoadas; antes disso, +30°.

27/03

Às 6h30 da manhã, +15°; riacho a mata, +18°; rio, +20°.

Finalmente, ontem, todas as canoas estavam prontas para a viagem, e hoje, dia de embarcar as mercadorias.

O Sr. Rubtsov teve uma recaída. Com isso tive que assumir o comando de todas as atividades, pois o Sr. Florence não tem nenhum talento para dar ordens.

Foi um dia muito quente: fazia +26° na sombra. Deus, não sei

como lhe agradecer por me restituir a saúde e as forças e me deixar providenciar o embarque! Nas duas canoas grandes colocaram caixas e caixotes, e no batelão, de preferência as caixas. Os mantimentos ficaram por cima dos caixotes.

Anteontem, dia 24, encontraram a canoa grande totalmente inutilizada, e a trocamos por uma menor que estava no porto. Com isso, hoje, foi difícil acomodar toda a carga nas canoas. À noite, estava tudo pronto; só o Carvalho ainda não tinha voltado da Vila. Isso me deixou contrariado, pois o atraso não se deu por causa do tempo, que até tem estado bom e seco. Ele chegou mais ou menos às 9h da noite, e pôs-se tudo em ordem.

O comandante mandou 12 pedestres e 5 homens. O Provedor tinha transferido todos eles. Gonçalo ainda comprou o restante dos corais e ainda mais de 200.000 em diamantes. Pela manhã, às 7h, +16°; ao meio-dia, +26°; dentro da nossa barraca, +29°. O tempo estava bom, e a nova tripulação requisitada chegou à tarde. Portanto, eu até poderia partir amanhã; mas Gonçalo, o comerciante, ainda não tinha chegado com suas pedras brilhantes; era um negócio que representaria para mim um lucro de aproximadamente 100.000 réis. Pela primeira vez, um motivo de interesse pessoal me fez decidir permanecer mais tempo em um lugar; mas, por outro lado, isso me daria tempo de me recuperar um pouco da doença. Rubtsov e meu empalhador João Caetano estão bem melhor, assim como os demais doentes.

29/03

De manhã, às 6h, +17°.

Se eu fosse um poeta, eu poderia descrever com mais plasticidade

os nossos acessos erráticos de febre, a natureza, [...] e tudo mais.

Hoje, logo que anoiteceu, surgiu uma lua cheia prateada, do lado oposto ao sol poente, atravessando a mata sombria, escura e densa, onde só se ouviam, de vez em quando, alguns pássaros e insetos. (Fui interrompido justamente neste momento em que eu tentava esboçar um quadro do que vejo.)

Formigas-correição

Ao embarcarmos a carga anteontem, algumas caixas estavam cheias de formigas-correição. Achei estranho e as abri: encontrei alume em todos os ninhos e em todas as caixas, o que me leva a concluir que elas gostam dessa terra de alume e foram atraídas por ela.

Ao meio-dia, dentro da nossa barraca, +28°; rio, +20°; atmosfera na sombra, +26°; à noite, por volta das 7h30, +19,5°.

Estrídulos e gorjeios. As únicas criaturas a animar a natureza aqui são gafanhotos e grilos de toda espécie.

O rumorejar do rio e dos ribeirões próximos diminuiu com as chuvas fortes. Não há vida ao meu redor: apenas alguns sinais de fogo e alguns raios de luz aqui e ali penetrando a sombra fechada.

Isolado neste canto da Terra, o lugar mais insalubre do mundo, cercado de um punhado de miseráveis, que só me acompanham para garantir o seu sustento, aqui estou eu sentado em minha barraca, rodeado de doentes, entre eles, Rubtsov, o mais próximo de mim. Meu caçador João Caetano também está muito doente; entre 8 e 10 membros da tripulação apresentam febre intermitente em graus variados.

Do depósito de mantimentos, agora vazio, vem o som de uma viola e cantos. Ouço a canção de Monroi, composta há cerca de 28 anos, na época em que eu estava em Lisboa.

De repente, eu me transponho destes ermos para lá, para aquele tempo em que nos embevecíamos ouvindo os cantores Catalono e Crescentini e vendo as dançarinas Monroi e Hatin.

Aqui estou eu sozinho, isolado, vivendo de feijão e toucinho, porque arroz e frango assado são comida de luxo. Ainda tenho um pouco de carne e um bom e velho vinho do porto que mandei buscar no Rio de Janeiro, mas que reservei só para os doentes.

Nossas refeições no dia-a-dia consistem apenas de água e aguardente, carne seca, farinha de milho e nada mais.

Compramos todas as galinhas e frangos que havia nas redondezas; não há mais criações em nenhum outro lugar. "*Está na hora de deixar este lugar*", disse eu "*embarcamos assim que recebermos as últimas notícias da Vila, de manhã cedo.*"

Acabei de ouvir, apavorado, que Rubtsov teve outro acesso de febre intermitente. Este porto do rio Preto é realmente um fim de mundo!

30/03

Não sei como perdi um dia do meu diário; acho que foi enquanto eu estava doente. Diariamente ainda chegam notícias da Vila.

Todos os dias eu vinha tendo controvérsias com a Provedoria e com o comandante, até que me irritei e resolvi escrever, em nome do Imperador, uma ordem para o comandante solicitando, ou melhor, exigindo mais pessoal.

Fui atendido de imediato: hoje recebi mais pessoal e tudo mais que eu precisava.

À noite, finalmente estava tudo pronto para a partida.

31/03

<u>Partida do porto de rio Preto</u>

De manhã cedo, veio ter comigo um comerciante de nome Gonçalo, que chegara ontem à noite e ficara do outro lado do rio, no porto antigo[105]. Ele queria fazer negócio comigo: ficou com todos os corais italianos que me restavam, dando-me um lucro de 80%, e me vendeu pedras preciosas, abaixando os seus preços. O *Quentchen* a 78/8ª = 93.800, a conta ficou ainda em cerca de 3 *Quentchen* (de pedras). Acontece que o homem havia trazido um sortimento de pedras de péssima qualidade, embora a amostra que ele me apresentou fosse muito bonita.

Assim, o último negócio que fiz com um diamantinense foi um engodo. Um homem honrado só vai se sentir bem em Diamantino quando se tomarem as medidas devidas.

Partimos cedo. Não sei que nome dar a esse lugar; de qualquer forma, é o buraco do inferno.

Mal nos pusemos a caminho, e eis que nos deparamos com uma dificuldade que ainda desconhecíamos: grandes troncos e galhos de árvores que as enchentes derrubaram para dentro do rio e que agora se atravessavam no nosso caminho, bloqueando a nossa passagem e retardando a viagem. Com isso, só conseguimos percorrer 3 léguas.

A todo momento era necessário usar foices, machados e marretas.

À noite, estávamos mortos de cansados de tanto nos curvar para desviar dos troncos e galhos. Ruim estava mesmo era para o bom Rubtsov, que ainda tinha que lutar contra a febre.

Felizmente tivemos poucos mosquitos de dia e à noite e tempo bom e seco. O calor estava insuportável, +26°/27°, mas ainda era melhor

do que a chuva, pois aqui é impossível se proteger dela.

01/04

As condições da navegação aqui mereceriam um comentário. É vergonhoso para um governo civilizado não fazer absolutamente nada para estimular o comércio nesta região. Eu já escrevi um relatório a respeito para o presidente, mas a realidade superava qualquer conceito de negligência e ignorância.

Entramos no rio Arinos à tardinha.

Pode-se imaginar como estávamos cansados. Estou sem condições agora de falar sobre o assunto.

Paramos na margem direita do Arinos, logo abaixo da barra do rio Preto infernal.

[De 31/03 a 20/05/1828]

Acontecimentos diários em uma viagem ao interior do Brasil

Continuação - fevereiro de 1828, ou mais propriamente de abril de 1828 (da partida de rio Preto para Santarém)

Achei mais conveniente separar o diário da permanência em Cuiabá do diário de viagem propriamente dito.

Aparentemente ficou uma lacuna, que, no entanto, poderá ser preenchida pela leitura de todas as observações, excursões, estatísticas, excertos, folhas avulsas e comentários que se acham devidamente organizados entre os meus documentos.

É o caso especialmente da partida de Cuiabá e a estada em Diamantino, ou seja, de 9 de setembro e 4 de dezembro de 1827 até hoje, ou até a minha partida iminente de Diamantino para Santarém.

Todos os comentários feitos até aí estão em meus cadernos *in folio.*

Os comentários específicos sobre a estação do ano [em que se deu a] partida do rio Arinos e seu respectivo comércio precisam ser inseridos aqui, pois estão espalhados em outros lugares. (Ver abril/1828.)

31/03 (segunda-feira)

Partida do porto velho do rio Preto

Embora as canoas já tivessem sido carregadas há dois dias e estivessem prontas para zarpar, hoje cedo ainda havia algumas miudezas para serem empacotadas e levadas para as canoas. Com isso perdemos algumas horas.

Desmontaram-se as barracas e guardou-se o material da cozinha depois do café da manhã. Foi tudo feito de uma forma tão confusa e desorganizada que, nos primeiros dias, ninguém sabia onde estavam as coisas, nem as de primeira necessidade.

Os doentes estavam precisando de cuidados especiais, o que não era possível naquele momento. Rubtsov doente, assim como o meu João Caetano, meu empalhador, o único em quem eu podia confiar, um fiel servidor, um escravo de sentimentos nobres; também vários membros da tripulação estavam sem condições de trabalhar. E assim partimos desse lugar; não consigo encontrar outro nome para lhe dar a não ser o buraco do inferno.

Mal nos pusemos a caminho, e eis que nos deparamos com uma dificuldade que ainda desconhecíamos: grandes troncos e galhos de árvores que as enchentes derrubaram para dentro do rio e que agora se atravessavam no nosso caminho, bloqueando a nossa passagem, retardando a viagem e tornando-a cansativa e desagradável. A todo momento era necessário usar foices, machados e marretas. Quando pensávamos já ter limpado todo o caminho, apareciam outros troncos, e a tripulação toda tinha que sair das canoas para arrastá-las, uma de cada vez, por cima deles. Volta e meia, alguém tinha que pular na água para não ser espremido pela força da correnteza contra um tronco de árvore.

Enquanto isso, os passageiros se mantinham no fundo das canoas; a toda hora tinham que se afastar, se abaixar ou se virar para escapar dos troncos e galhos, dos quais as canoas tinham que se desviar. Às vezes, eles arrastavam consigo tudo que estivesse sobre a superfície da carga. Os pobres doentes tinham que pular bem rápido por sobre os galhos, e não raro recebiam golpes doloridíssimos de alguns que ricocheteavam.

O sol escaldante dificultava a nossa viagem. Felizmente não tínhamos bandos de mosquitos[106], pernilongos e outros a infernizar a nossa vida, o que certamente teria sido muito pior.

Fizemos uma parada rápida para almoçar e nos refrescar e, pouco antes do pôr-do-sol, após percorrermos cerca de 3 léguas, montamos acampamento num bosque próximo, completamente esgotados depois de um dia de trabalho como aquele.

Ainda havia muita umidade por causa das enchentes recentes. As margens são baixas e cobertas de mata. Os mosquitos apareceram enquanto o sol se punha, mas foram embora à noite.

Não vale a pena tentar determinar o curso do rio Preto. Ele corre

principalmente nas direções Nordeste e Leste, mas se desvia a todo momento ora para trás, ora para frente, ora para Leste, Sul, Oeste e Norte. Uma navegação que nem merece esse nome. Explorar espécies de História Natural era impensável; só vimos alguns tucanos-cachorros.

01/04

Como ontem, hoje também avançamos bem devagar. As condições do rio e da navegação, que foi aberta há cerca de 28 anos, merecem realmente um comentário à parte. É uma vergonha para um governo civilizado, em tanto tempo, não ter feito absolutamente nada para estimular um comércio tão promissor como seria aqui. Nenhum comerciante ousa reclamar e pedir que se faça algo em favor do bem comum; e com isso as coisas nunca mudam.

Na primeira vez que fui a Diamantino, apresentei ao presidente um relatório sobre as desvantagens do porto velho (esse que acabamos de deixar) e sobre a necessidade de se dar preferência ao porto novo do Arinos. Mas a resposta que recebi foram apenas duas linhas: "*As circunstâncias não me permitem pôr em prática as minhas propostas bem intencionadas e fundamentadas.*" (Ver meus relatórios e documentos.)

Nossa viagem ontem e hoje consistiu em cortar troncos de árvores, afastar galhos, correr o risco de ser atingido mortalmente pelos galhos que ricocheteavam.

Um único galho bateu em duas pessoas ao mesmo tempo e as atirou para fora da canoa. Foi com tanta força e tão rápido que até hoje elas não sabem contar como aconteceu.

Numa curva fechada, o pessoal não conseguiu segurar a segunda canoa, e a sua proa acabou se partindo.

Depois de um dia de trabalho exaustivo, à tarde chegamos finalmente

ao Arinos, que, neste ponto, tem 20 a 30 braças de largura.

Após um longo tempo, pudemos respirar livremente de novo.

A desorganização era total; estavam todos cansados; os doentes, que ficaram dois dias expostos ao sol escaldante, pioraram muito, especialmente o bom Rubtsov.

Paramos na mata na margem direita do Arinos, logo abaixo da barra do rio Preto, que eu prefiro chamar de rio infernal. Na verdade, ele não é um rio; não sei por que os primeiros descobridores resolveram mudar o porto para lá e não para o Arinos: este não fica distante de Diamantino. À tarde, consertaram-se os toldos das canoas.

02/04

Com o raiar do dia, seguimos viagem pelo Arinos amplo e aberto, e com nada no estômago.

Na tarde de ontem, consertaram os mastros das canoas, de forma que pudéssemos trabalhar nelas com tranqüilidade.

As curvas do rio são grandes. O rio já baixou bastante, pois não choveu mais de 8 ou 10 dias para cá. Ambas as margens são baixas e cobertas por mata fechada. São raras as árvores com troncos grossos, com exceção da jatupa[107] e algumas figueiras. Só se vêem sair do chão árvores finas e altíssimas.

O curso do rio agora estava livre para os barcos, de forma que pudemos avançar rapidamente. Uma hora depois, chegamos ao porto novo do Arinos, onde há uma praia linda e uma ilha. Seguimos o braço direito, deixando a ilha à nossa esquerda.

Por volta das 7h da manhã, +18°. Por volta das 2h, paramos, por

meia hora, para a jacuba. Os comerciantes consideram os meses de novembro e dezembro, ou seja, o início da estação chuvosa, a melhor época para se viajar por lá. É quando os rios se enchem, correm rápidos e não oferecem perigo; os baixios de rochas e as cachoeiras pequenas ficam cobertos, o que evita transtornos como meia carga, etc. Normalmente, a época das chuvas começa em dezembro, no mais tardar em janeiro, e aí realmente não se aconselha ninguém a enfrentar tantos transtornos e perigos, a não ser que seja absolutamente necessário. Sujeitar-se aos temporais diários, às enchentes, às correntezas fortes dos rios é uma temeridade. A experiência já demonstrou que o final da estação seca é a melhor época para se navegar rio abaixo.

Quando chegam a Santarém, um mês e meio depois, os comerciantes fazem seus negócios, compram mercadorias, mandam a tripulação arranjar com que se ocupar, aprontam as canoas, enfim, se organizam de tal forma que possam partir de lá em fins de março ou começo de abril e empreender a viagem de volta. Nessa época, o Tapajós e todas as baixadas do rio Amazonas estão inundados; as canoas não precisam seguir o curso principal dos rios, sobem para o lado do curso dos pantanais, pois este, à medida que avança, vai ficando menos impetuoso, e chegam ao Arinos e em Diamantino normalmente em agosto ou setembro.

O Presidente ficou me segurando com sua promessa de que, em julho ou agosto de 1827, sairia uma [...], e acabei perdendo a melhor estação do ano. Como não foi possível partir no período das chuvas, tive que ficar esperando o início da seca em Diamantino para sair com as últimas águas, que também poderá ser uma boa época. Provavelmente vai dificultar um pouco a viagem de volta, que talvez caia no início da estação chuvosa, o que não é muito comum, embora possa ser tão boa ou melhor.

Por volta de 1h30, chegamos em Registro Velho, onde aceitamos um pedestre e paramos para almoçar.

É a última cidade, onde moram 3 pobres inválidos, que inspecionam os barcos que vêm do Pará, recolhem os impostos e verificam se há fugitivos. Essas três pessoas são pagas pelo Tesouro da Coroa. Vivem com os mantimentos que recebem de Diamantino, pois aqui não existe pólvora, chumbo, canoa, enfim, nada que atenda às suas necessidades. Se o Estado lhes mandasse instrumentos agrícolas, pólvora, chumbo, armas, canoas, anzóis e outras coisas, eles poderiam até levar uma vida com fartura, mas agora estão vivendo na miséria.

Como eu já tinha a intenção de presentear os pobres apiacás com algumas plantas, árvores frutíferas, trouxe comigo limões doces, laranjas, cana-de-açúcar e outras espécies. Aqui ainda encontrei melancia, castanhas e grandes ananases-brancos, aqui conhecido como ananás-de-castela e, no Rio de Janeiro, como ananás-de-maranhão. Também encontrei na casa, melhor dizendo, na choupana do comandante, ananases-do-mato verdadeiros, que, segundo ele disse, crescem aqui perto do cerrado, ou seja, em campos agrestes. O sabor é muito semelhante ao do ananás cultivado, apenas mais ácido e menos doce. Mas existem ainda outras diferenças: os ananases-do-mato são menores e são cheios de sementes pretas, que logo colhi em uma folha de papel.

Às 2h, içamos a bandeira e nos despedimos, com salvas, dessa região povoada (eu não diria civilizada) da Província de Mato Grosso. As pessoas pareciam estar contentes e satisfeitas.

Uma tempestade nos ameaçava de longe, mas conseguimos escapar da chuva. O leito do rio aqui já é bastante largo, embora não tenhamos visto nenhum riacho desembocar nele. As curvas (estirões[108]) são muito mais abertas, sendo que, em alguns pontos, o curso do rio segue em

linha reta por um trecho de um quarto de hora de caminhada, na direção Nor-nordeste-Norte.

Às 4h, chegamos em águas tranqüilas; o rio parecia ser muito profundo aqui e quase sem correnteza. Ele procede das montanhas que dizem ser a "Montanha de Ouro dos Martírios". Na margem direita, está a foz do rio da Prata, por causa de suas águas claras.

A viagem não oferecia grandes variedades. Ambas as margens são baixas e cobertas por árvores de todos os tamanhos. Além de alguns *Alcedo*, quase não se viam pássaros. No meio dessas águas tranqüilas, há uma pequena ilha redonda, onde havia se acumulado uma quantidade enorme de madeira, além de uma canoa velha. A propósito, em quase toda a sua extensão, o rio tem a mesma largura e oferece navegabilidade para as grandes embarcações.

Já eram quase 5h e não conseguíamos encontrar um lugar naquelas margens baixas para acampar; havia mata por todos os lados, com árvores baixas e grossas em meio a árvores altas e buritis emergindo dos alagados. Acabamos parando às 5h15, na margem direita.

03/04

De manhã, antes das 6h, com orvalho +18°; rio, +21°; às 12h30, à sombra, +27°; às 5h da tarde, +21°.

Fomos acordados às 5h30 da manhã e embarcamos. Uma névoa cobria o rio, e o ar estava fresco.

O rio ainda fluía lentamente; com uma temperatura de +21°, estava muito convidativo para um banho, mas desistimos da idéia quando nos avisaram que ele é insalubre e provoca febres intermitentes. Parece que

os peixes não gostam de águas tranqüilas, pois aqui não há muitos. Até agora só pescamos matrinxões (um *Salmo*, da espécie dos dourados, se não se engano, *Hydrocines* Cuv.) e jaús.

Após uma hora de viagem, o rio volta a ter quedas, e as curvas são menores.

Às 6h30, na margem esquerda, vimos a foz do ribeirão dos Bugres, que disseram vir das montanhas dos Parecis. Foi o primeiro ribeirão de volume considerável que vimos.

Às 7h, o rio se estreita, toma a direção oposta, para Sudeste, fica volumoso e logo retoma a direção Norte, fazendo uma pequena curva. Vemos aqui muitos patos selvagens.

Um paredão de rochas elevado na margem direita parecia feito de camadas horizontais de pedra calcária.

Às 8h, paramos para a jacuba em um banco de areia na margem esquerda e, três quartos de hora depois, já estávamos desatracando de novo as canoas.

De manhã, abatemos um pato grande (*A. Moschata*[109]).

As curvas e os estirões do rio ficam maiores, a correnteza fica mais rápida, e com isso podemos avançar mais rápido.

Às 9h30, chegamos às jazidas de ouro e diamantes recém-descobertas, na margem esquerda, onde se depositou cascalho de quartzo e cativos. No ano passado, alguns catadores de diamantes trabalharam aqui e, em poucos dias, conseguiram uma boa quantidade de ouro e pedras preciosas, de modo que, neste ano, veio muita gente para tentar a sorte. Quanto a mim, estou plenamente convencido de que, nas redondezas de Diamantino, ainda há muito mais cascalho precioso do que aqui.

É estranho observar que, com as grandes enchentes, esse cascalho rico, todo do mesmo teor e natureza, tenha se depositado apenas em alguns lugares, enquanto que há áreas extensas, a perder de vista, sem um único vestígio dele.

Algumas choupanas miseráveis, iguais às dos índios, foi tudo o que restou dos catadores de ouro. Jóias de ouro, que paixão mais infeliz! E, no entanto, eles não possuem nada; sacrificaram suas vidas e sua saúde para consegui-las, e agora não têm nem proteção para os seus bens, pois são contrabandistas.

Às 11h, na mesma margem esquerda, passamos por cascalhos ainda mais bonitos, onde dizem que o Padre Lopes encontrou muito diamante.

Às 12h30, paramos para almoçar e, às 2h30, partimos. As margens ora eram baixas ora altas, de um lado e de outro. Depois de 2½ léguas, vimos algumas ilhas na margem esquerda, e seguimos pelo curso principal à direita. Às 5h, vimos, no meio do rio, uma ilha maior do que a anterior; tomamos o braço esquerdo. Um quarto de hora depois, uma outra ilha comprida e oval e, logo em seguida, a foz do rio dos Patos, na margem direita.

Esse riacho ou ribeirão vem, assim como o de ontem, da terra dos baucurés[110], uma tribo que, no ano passado, apareceu espontaneamente, pela primeira vez, no Registro velho e em rio Preto. Eles se distinguem das outras nações especialmente por usarem duas grandes penas de arara atravessadas na cartilagem do nariz e por terem sua língua própria - pelo menos foi o que me disseram. Acredita-se que alguns negros fugitivos vivam entre eles. Os índios chegaram e, através de mímicas, deram a entender que queriam principalmente facas e machados. Tudo indica que foram esses negros que os mandaram aqui para buscar os instrumentos de ferro.

Eles foram descendo pelos rios e subiram, então, o Arinos remando. Eles fogem das monções ou expedições; até hoje só estiveram nos dois estabelecimentos mais próximos, ou seja, no Registro e na fazenda de Luiz Ferreira. Infelizmente os dois estabelecimentos eram muito pobres, e os índios só puderam receber alguns mantimentos.

Eram 3h45 quando vimos outras ilhotas próximas à margem direita. O rio corria devagar, e nós não avançamos tão rápido quanto ontem. Os remadores parecem ficar mais satisfeitos quando faz calor. A metade deles andam nus, de tão grande que são, e nós acabamos nos acostumando a isso.

O rio faz curvas para todos os lados. Às 4h, era na direção Sul-Sudoeste e Sudeste-Oeste. Às 4h30, na margem esquerda, paredões de rocha enormes, de arenito ferrífero duro, com teor de esmeril, um indício seguro de que há ouro nas redondezas.

Às 5h30, acampamos.

Calor insuportável, prisão de ventre há alguns dias por falta de exercício físico, falta de apetite e acesso de febre me ameaçaram hoje à tarde.

Durante a noite, caiu uma tempestade com chuva forte, que pegou de surpresa vários companheiros. Alguns correram para os barcos, outros para debaixo de peles de boi e outros se arrastaram para debaixo das redes de dormir.

04/04

Antes da aurora, +19°; rio +21°; depois da aurora, atmosfera, +18°, ao meio-dia.

Fomos acordados antes do amanhecer, ainda sob a luz da lua (antes das 5h), e partimos de jejum como sempre, e ainda por cima depois de uma noite agitada. Continuamos navegando em rio morto, ou seja, em rio de águas lentas.

O número de doentes aumentou. Rubtsov, que se recusa a tomar quina, está no mesmo estado: tem acessos de frio e de calor, ao meio-dia tem febre, pulso acelerado, sem suores.

O céu hoje estava mais encoberto do que nos últimos dias. Fazia +18°, o vento estava bem fresco, o que aumentava a sensação de frio.

Desde que saí de Diamantino, tenho usado, durante toda a noite, um gorro de lã e não tenho sentido frio.

Pouco depois de deixarmos o acampamento, vimos campos abertos na margem esquerda, um cerradão chamado Aldeia Velha.

Dizem que os jesuítas tiveram um estabelecimento aqui há algum tempo. Voltando-se atrás no tempo, pode-se imaginar o que teria sido uma aldeia construída por esses homens tão ativos, nestes ermos, nesta região do mundo que, há 25, 28 anos, era totalmente desconhecida dos brasileiros. Fico impressionado com o espírito empreendedor dessa congregação; já pude atestá-lo em várias ocasiões. Como seria o Brasil hoje se ela ainda estivesse aqui? Certamente, esses indígenas já teriam se transformado em pessoas úteis e trabalhadoras e, misturando-se com os portugueses, já teriam aumentado a população em milhões de pessoas. Quando ainda não se sabia da existência de diamantes nesta região, os jesuítas já exploravam jazidas ricas de ouro. Supõe-se que a região fosse povoada por índios.

Às 6h30, uma ilhota perto da margem direita. A região parece ter mais pássaros: muitos tucanos, *Falco*, *Alcedo*; e alguns macacos que ainda

não tínhamos visto.

Por volta das 7h, um pouco de chuva; e às 8h, paramos para a jacuba. Chegamos à foz do grande rio Sumidouro, que deságua na margem esquerda do Arinos, sendo apenas um pouco menor do que este.

Uma expedição imperial como esta deveria render muitos dividendos para o governo, mas não é o que acontece. Os comandantes normalmente partem com o único intuito de descobrir ouro e diamante, mas recebem do governador alimentos, ferramentas e objetos para fazer trocas e presentear índios. Quando retornam, fazem um relato bem geral da viagem, que normalmente eles mandam outros escreverem, pois não sabem ler. Com isso, não acrescentam quase nada à geografia e à corografia. Todos os conhecimentos adquiridos são mantidos pela tradição oral: duram enquanto viver um membro da expedição; e o governo passa ao largo de toda essa experiência.

O Sumidouro é habitado pelos parecis e nasce nas montanhas.

Abaixo da foz, o Arinos ainda é largo, mas seu curso é sempre lento, o chamado rio morto.

Às 12h, fizemos a costumeira parada para o almoço e embarcamos duas horas depois, sempre em águas calmas. Comemos assado de jacutinga. Às 3h30, uma pequena ilha na margem direita. Hoje vimos mais pássaros e insetos do que nos dias anteriores: muitas araras-do-gentio, *Falco* com a barriga preta e branca, cujo uropígio se parece com o da arara.

As margens variam, mas normalmente são baixas. O rio ainda está alto aqui, não escoou tanto como na barra do rio Preto.

Meu relógio parou e, ao abri-lo para examinar, a corrente se partiu,

provavelmente quando apertei a corda. Fiquei numa situação desagradável, pois, daqui para frente, vou ter que adivinhar as horas.

Resolvemos parar mais cedo, às 4h, por causa da chuva forte e dos doentes. Quase todos eles tomaram vomitivo. Todas as noites anteriores, pírula de corrução, de fumo, sal, páprica e aguardente, às vezes também uma porção de vitríolo azul. Meus vomitivos foram mais eficazes em quatro doentes.

05/04

Hoje partimos mais tarde do que de costume, às 5h30. Os doentes estavam se sentindo melhor por causa do vomitivo e do repouso. Mandei armar a barraca grande para eles, uma verdadeira barraca-hospital, que acabou abrigando da chuva também aqueles pobres pedestres, que não tinham nem toldos nem cobertas.

Navegávamos ainda por águas lentas; os tucanos-cachorros gritavam de todos os lados.

Por volta das 8h, tomamos o café da manhã nas próprias canoas, sem parar, e, às 9h, passamos por margens baixas, de campos, despojadas de matas. Dizem que aqui há um grande lago, onde vivem muitas sucuriús (*Boa Constrictor*[111]).

Neste ponto mais alto do rio, parecia que ele havia escoado menos; estava mais cheio em relação aos dias anteriores e, portanto, bom para navegar. As curvas estavam bem maiores e mais largas, talvez umas 50 ou 60 braças.

Às 9h, vimos, na margem esquerda, a foz de um grande ribeirão, o ribeirão Claro, que tem esse nome por causa de suas águas claras, que

inundam as margens planas.

Na estação seca, dizem que os parecis vêm para pescar. Quando há uma expedição, eles fogem, não se aproximam para conversar. E, no entanto, às vezes, vão a Diamantino.

Uma boa meia hora depois, vê-se a foz de um rio na margem direita e, em frente dela, uma ilha. Mais abaixo, as margens são altíssimas, constituídas de um paredão escarpado de argila vermelha arenosa. *[desenho do rio]*

Alguns minutos mais tarde, novamente uma ilha oval perto da margem esquerda. Às 12h, quase no meio do rio, a maior ilha que já vi até hoje. Logo depois, paramos para o almoço na margem direita. Algumas borboletas raras curiosas vieram pousar na canoa e acabaram vítimas de sua curiosidade.

Comemos o nosso indefectível feijão preto com toucinho e um pouco de arroz - a mesma comida é servida tanto para os patrões como para a tripulação.

Com as forças renovadas, retomamos viagem após uma parada de duas horas sob o sol escaldante do meio-dia.

Hoje tive nova crise de febre intermitente com calafrios. Rubtsov está um pouco melhor; na noite passada, só sentiu calor, sem suor e sede e sem calafrios.

Provavelmente por ser a estação das chuvas, não vimos um único vestígio ou sinal de índios.

Dizem que eles só aparecem na seca, quando visitam a região para pescar.

Conforme já disse, durante a parada do almoço, o calor estava

sufocante, +27°. Eu estava inapetente e, mal embarquei, fui tomado por uma febre fria com calafrios. O calafrio passou logo, e veio um calor seco, que durou até a noite; eu estava totalmente exaurido e, à tardinha, uma hora antes de pararmos, comecei a transpirar. A sudorese durou até às 7h e me aliviou.

O rio ia ficando cada vez mais largo, mais profundo e menos caudaloso, com umas 150 a 200 braças de largura. As curvas eram grandes, entre ¼ légua e ½ légua.

Decidi que acamparíamos mais cedo, para eu poder cuidar de mim e dos outros doentes. O guia, um fanático por caça, aproveitou a oportunidade para ir caçar tapir, pois, perto do acampamento, havia um barreiro.

06/04

O guia atirou duas vezes durante a noite. Eu lhe disse que não havia pressa, pois eu pretendia ficar mais aqui. Ele apareceu finalmente por volta das 7h30. Não trazia nenhum tapir, mas, em compensação, abateu um pássaro que vale mais do que uma dúzia de tapires: um *Gracula*, *iris alba*, que tem um grande tufo de pena na cabeça e uma bolsa de 6 polegadas de comprimento pendurada no pescoço. É, sem dúvida, uma das aves mais singulares de toda a natureza. Natterer chamou-a de *Gracula Schreibersi*, em homenagem ao diretor do Museu Imperial de Viena, Sr. Schreiber.

Taunay havia desenhado, em Cuiabá, um exemplar empalhado [dessa ave]. A ave movimenta, a seu bel-prazer, o tufo de penas da cabeça para trás e para a frente. Ela merece uma descrição mais minuciosa posterior.

Saímos tarde do acampamento e antecipamos a parada, sobretudo por causa dos doentes. Aproveitei, então, a oportunidade para mandar o guia, na falta de um caçador, sair para abater mais uma *Gracula* ou o que ele pudesse conseguir.

Acampamos à tardinha, mais cedo do que de costume. Florence, que já vinha tendo dores de cabeça há alguns dias, começou a ter febres frias hoje à tarde.

À noite, distribuí quatro vomitivos e duas garrafas de decocto de quina. Rubtsov e eu tivemos que esperar até às 8h, até que aprontassem o almoço e o jantar. As atividades essenciais sempre levam mais tempo do que se pensa. É que, às 4h, tão logo desembarcamos, caiu uma forte tempestade com chuva. Corremos para dentro da mata, para montar as barracas e outras providências, mas a fome começou a apertar, pois não comíamos nada desde às 10h da manhã. "Está chovendo demais", "o fogo apagou", "não dá para limpar o feijão e o arroz": essas eram as desculpas que os homens davam para o atraso. Afinal, eles não tinham pressa de comer, pois já tinham se saciado com a jacuba e o açúcar roubado. Isso me deixou profundamente mal-humorado.

À noite, quando a chuva parou um pouco, o cozinheiro, o negro Inácio, veio me pedir toucinho, embora, ontem à noite, ele tivesse recebido quase 15 libras[112]. A tripulação toda esperava que o guia trouxesse, no mínimo, um ou dois tapires e confiou no cozinheiro. Este deu cabo do toucinho em 24 horas, escondido de todos, na expectativa de que, em meio a tanta carne que o guia traria, ninguém iria notar a falta. Mas o guia voltou à tardinha sem ter abatido um único tapir, trazendo apenas alguns peixes e jacutingas. Os dois cozinheiros (o dos patrões e o da tripulação) se viram em sérios apuros e pediram toucinho de galinha.

Não só lhes neguei, como declarei, publicamente, que, naquele dia,

eles não iriam receber mais nada, e que todos deveriam exigir daquele cozinheiro que ele se arrependesse e se penitenciasse.

Os coitados tiveram que comer feijão e carne seca sem banha. Espero que, daqui para a frente, eles fiquem mais atentos e econômicos. Além do mais, dei ordens para que, a partir de agora, só sejam distribuídas porções diárias e regulares de alimentos.

Não é nada fácil manter 30 homens dentro de determinadas regras elementares de convivência; são pessoas acostumadas a viver na desordem, criaturas meio humanas, meio animais. Três quartos deles estão meio mortos, doentes, gemendo e incomodando o tempo todo; os restantes, se me permitem a expressão, comem como gado, ou pior, pois os animais, pelo menos, têm senso de limite, enquanto que essa gente não tem nenhum. Eles pensam que, se comerem até não poderem engolir mais, ficam curados de suas doenças. A quantidade de fezes com alimentos não digeridos (feijão preto mal mastigado) não fica devendo nada em volume às de um boi ou de uma vaca.

07/04

A chuva voltou a cair de manhã. Devido ao estado de saúde dos doentes, fomos obrigados a esperar que ela passasse, o que ocorreu por volta das 11h, quando dei ordens para partirmos. Mas a maioria deles havia melhorado bastante, com exceção de João Caetano, o empalhador, que apareceu com uma forte oftalmia.

Receio estar com algum tipo de febre terçã, pois, mesmo tendo tido apetite para jantar ontem e tomar café da manhã hoje, eu estava sentindo um certo vazio e fraqueza nos ossos, o que não era bom sinal. (A foz do rio Tapanhuna fica na margem direita.)

Ontem, mal tinha acabado de escrever a penúltima linha, tive um calafrio de febre. Em seguida, passei horas sentindo um calor insuportável e, finalmente à tarde, pouco antes de acampar, começou a sudorese, seguida de dor de cabeça, dificuldade para respirar, sensação de estômago cheio, abdômen distendido, sarro na língua e sede.

À noite, tomei um vomitivo, que teve excelente efeito, pois me fez vomitar até bílis pura; hoje posso dizer que me sinto um pouco melhor, estou sem febre, embora com um peso no estômago, uma sensação de estômago cheio.

Não tenho apetite, e a língua continua com muito sarro.

Rubtsov estava com febre menos intermitente e também tomou um vomitivo. Enquanto expelíamos bílis e gemíamos, Florence teve um forte calafrio de febre. Apliquei um emplastro vesicatório na nuca do João Caetano para tratar a oftalmia e, hoje à noite, como ele continuasse com dores fortes e persistentes, fiz-lhe uma sangria e lhe dei um purgante. Esse tratamento antiinflamatório deverá ser suficiente.

Como todos estavam doentes, resolvemos partir mais tarde. Dei permissão ao guia para ir na frente com uma canoa pequena, para procurar novas espécies naturais. Mas a chuva nos reteve mais tempo do que pretendíamos, e não conseguimos percorrer mais do que 3 ou 4 léguas, de forma que não nos encontramos com o guia à noite.

08/04

Nesse meio-tempo, minha febre voltou. Passamos pela foz de um ribeirão relativamente grande, o Tapanhuna, que dizem ter o mesmo volume do Sumidouro.

A febre me tirou totalmente a vontade de ir examinar a foz. A

propósito, a viagem aqui não oferece muita variedade: margens baixas e cobertas de matas e, não muito longe delas, campos.

Aqui e ali, vemos riachos insignificantes, ou escoamentos de inundações, desaguando, ora à direita ora à esquerda, no Arinos. Este, por sua vez, parece aumentar de volume a cada dia: agora deve estar com 150 ou 200 braças de largura. Note-se que ele ainda não começou a escoar, ainda está com todo o volume de águas da estação chuvosa.

O guia se juntou a nós perto do meio-dia. Sua paixão pela caça o levou a passar o dia inteiro de ontem e a noite de hoje ao relento, caçando e pescando. Ele trouxe dois macacos, alguns peixes já com as escamas grelhadas, ou seja, já moqueados, e outros ainda frescos, entre eles um *Synodus rubaffo*[113] n° 78, e um peixe-cachorro (*Salmo*), que já estava tão descamado e em tão péssimo estado que nem me animei a trabalhar nele. Além disso, o guia me garantiu que ainda conseguiríamos vários exemplares.

O tempo voltou a abrir hoje. Embora ainda sob dieta rígida e tomando decocto de quina, estou me sentindo muito melhor; sinto apenas uma forte pressão no estômago, o que está me preocupando, pois pode ser um indício de que terei febre amanhã.

Durante a parada para o almoço, desci do barco por um momento - normalmente comemos na canoa - e tive a felicidade de descobrir um *Lycopodium*, ou pelo menos a mim me pareceu.

A frutescência está assentada sobre um nó dotado de um espinho redondo e ligeiramente retorcido, semelhante à ponta da cauda do escorpião.

Pelo menos para mim era uma planta desconhecida; não é nem rasteira nem trepadeira; cada pezinho cresce livre, separado um do outro.

Durante o almoço, observei, entre o monte de lambaris (peixes pequenos), um peixe um pouco menor, talvez outra espécie de *Salmo*, com a cabeça dourada e brilhante.

Um peixe maravilhoso de se ter em campânulas ou globos de vidro, em lugar do peixe dourado chinês; eram realmente belíssimos.

Pensei em guardar alguns em garrafas de aguardente, mas não consegui me apoderar de nenhuma, embora houvesse garrafas em profusão, uma para cada peixe.

O rio sobe cada dia mais e corre bem devagar, o que nos impediu de avançar muito hoje.

Já era tarde quando conseguimos finalmente encontrar um lugar apropriado para desembarcar e montar acampamento.

09/04

Partimos cedo e prosseguimos nossa monótona viagem, após uma noite terrível. Havia doentes gemendo e gritando por todos os lados. Rubtsov e Florence tiveram febre. À meia-noite choveu forte, o que ninguém esperava ver com aquela noite tão estrelada. O que sobrou da tripulação teve que pôr mãos à obra para montar a barraca grande para os doentes, o que haviam deixado de fazer por preguiça. Estes, por sua vez, procuravam abrigo nas barracas pequenas, alguns foram para debaixo da minha rede de dormir. A todo momento, batiam contra os pilares que a sustentavam.

Não me deram um minuto de sossego a noite inteira. Ainda à noite, o cozinheiro roubou metade da provisão de carne para a tripulação, o que já me deixou profundamente irritado. Enfim, foi uma noite muito

desagradável. Mas, mesmo assim, eu estava feliz, agradecendo a Deus por me ter restituído a saúde e as forças.

Já desde cedo me ocupei com várias atividades: pesquei alguns peixes, entre eles um belo pacu, a quem dei o nome de pacu-arinos; embalei algumas plantas; tive aula de língua apiacá e outras coisas. Até às 2h da tarde eu estava bem, mas, de repente, veio novamente um acesso de febre fria, que se estendeu até a noite. Tomei um laxante e passei bem à noite e pela manhã.

Passamos por uma foz na margem esquerda e duas outras na margem direita.

10/04

Essas febres são muito mais difíceis de curar aqui do que em qualquer outro lugar, pois, aonde quer que se vá, sempre se está em contato com os seus agentes causadores, que são a exalação e a inalação de substâncias tóxicas. Fiquei plenamente convencido disso nas últimas noites. Enquanto estou dormindo, a parte do corpo que fica virada para a terra está sempre fria e úmida.

Não importa para que lado eu me vire: a parte inferior do meu corpo fica sempre fria. As noites são escuras, a terra está impregnada de material tóxico, composto de madeiras, folhas e outras substâncias orgânicas putrefatas, que provocam exalações nocivas e o fosforismo.

Nessas condições, nem os melhores remédios podem ser eficazes. O tratamento com vomitivos e laxantes que dou aos doentes é puramente paliativo: uns melhoram, outros pioram, outros não se alteram. Espero que, depois da visita aos apiacás, eu e meus companheiros fiquemos

totalmente restabelecidos. Não há dúvida de que os meses de março e abril são insalubres.

Quase todas as margens são baixas e estão inundadas, com exceção de alguns trechos elevados e íngremes onde elas são compostas de argila vermelha. O guia sempre sopra a buzina de chifre de boi[114] quando nos aproximamos de algum lugar conhecido ou de alguma importância. Foi o que aconteceu hoje, antes do meio-dia, quando chegamos a um lugar chamado Pouso Alegre, na margem esquerda: uma grande praia ou banco de areia que se mantém alguns pés acima do nível da água, o que é raro acontecer em tempos de rios cheios. Em toda a nossa viagem, ainda não tínhamos visto uma faixa de terra tão extensa fora da água. Por isso decidimos ficar logo aqui, antecipando a nossa parada do almoço.

Pouso Alegre, tal como o nome diz, é realmente muito bem-vindo e oportuno, pois fica apenas a um dia de viagem - e viagem penosa! - do próximo povoado, que é o dos apiacás. Na estação seca, dizem que por aqui passa sempre muita gente em excursão de caça e pesca à foz do Tapanhuna. Neste ponto, o rio está bem alto e largo, tão largo como em vários pontos do rio Paraná, e ainda estamos navegando por águas lentas.

Mas o guia já nos adiantou que, ainda hoje, chegaremos a um rio impetuoso, que, quando baixo, é muito perigoso pois tem muitas rochas na correnteza; e que esse rio nos levará facilmente, em meio dia de viagem, ao povoado dos apiacás.

Talvez ainda hoje, passaremos por um local que já foi habitado por essa nação, mas que agora está abandonado - dizem que já foi um lugar muito insalubre.

Entramos na correnteza mais ou menos às 3h. Passamos por suas duas ilhas e seguimos pelo braço mais forte do rio, ao longo da margem direita.

Quase todos os dias temos tido tempestades, mas agora elas têm vindo cada vez mais tarde; hoje só choveu à noite, e mesmo assim não foi aquela chuva prolongada de antes, mas uma chuva passageira.

Acho que já podemos dizer que entramos na estação seca.

Hoje ao meio-dia, já dava para ver nuvens de borboletas perto de Pouso Alegre.

Abatemos o primeiro mutum-cavalo, com íris vermelha e estreita e pupilas grandes e pretas.

Pouco antes do pôr-do-sol, o guia tocou a buzina de chifre, para avisar que estávamos na última curva antes da antiga aldeia dos índios, aonde chegamos meia hora depois.

Desde 3h da tarde, estamos navegando por entre ilhas.

Estas aceleram o curso do rio, produzindo uma correnteza bem forte, embora não perigosa.

11/04

Hoje viajamos desde antes do amanhecer até o anoitecer, sem parar nem para o almoço (feijão, arroz e toucinho). Fomos favorecidos pela velocidade da correnteza, que nos fez avançar 12 léguas em um só dia.

Ontem à noite, mais dois ficaram doentes; Rubtsov não melhorou nada; Florence foi acometido de cólicas violentas, pois não defecava há vários dias e não disse nada a ninguém; quanto a mim, melhorei bastante depois do laxante de ruibarbo, sal amoníaco e quina que tomei ontem. Hoje cedo (no meu dia de febre), contudo, não defequei como de costume, apesar do decocto de quina de ontem à noite. Estou com medo de ter novamente um ataque de febre hoje à tarde, mas pode ser que o

efeito de um [...] novo e estranho, ou, quem sabe, a expectativa da chegada à aldeia dos apiacás tenha afetado o meu sistema nervoso.

Como ainda estávamos navegando em correnteza fortíssima, tendo que passar por entre rochas e ilhas, não pudemos partir ao amanhecer, embora todos, ou pelo menos eu esteja ansiosíssimo para ver como seremos recebidos pelos apiacás. Estou levando presentes valiosos para o chefe e suas mulheres.

Às vezes, fazemos uma idéia totalmente diferente em relação a acontecimentos ou fatos futuros. Eu já tinha ouvido falar muito da grande aldeia dos apiacás. Como tenho estado, a maior parte do tempo, em regiões de campos, imaginei que a aldeia também estaria em campo aberto, como a dos caiapós. Mas me enganei: quando montamos acampamento no lugar onde dizem que estava a antiga aldeia dos apiacás e vi que era mata fechada, ou seja, capoeira, resolvi perguntar se a nova aldeia também ficava dentro da mata, e me responderam que sim.

Em algum lugar do meu diário, já falei sobre outra expectativa minha, que, segundo me disseram pessoas que já estiveram aqui, vai se confirmar plenamente. Nas vizinhanças da aldeia desses índios, existe uma quantidade enorme de aves, insetos, borboletas e outros animais inofensivos, que se aproximaram dos homens desde que se abriu um atalho na mata. Por outro lado, os animais grandes, tais como porcos selvagens e outros que as lavouras desaninharam, inclusive os peixes, desapareceram da região.

Eram 8h30, já estávamos navegando há uma hora e meia, quando o guia soprou a buzina de chifre ao se aproximar de uma ilha. Os índios costumam pescar num córrego que desemboca na margem direita, oposta a essa ilha.

Mal havia soado o último dó, ouvimos gritos vindos de ambos os

lados e vimos vários apiacás perto da foz, outros na margem esquerda em uma canoa.

À tarde, tive outro calafrio de febre.

Desembarque na aldeia dos apiacás

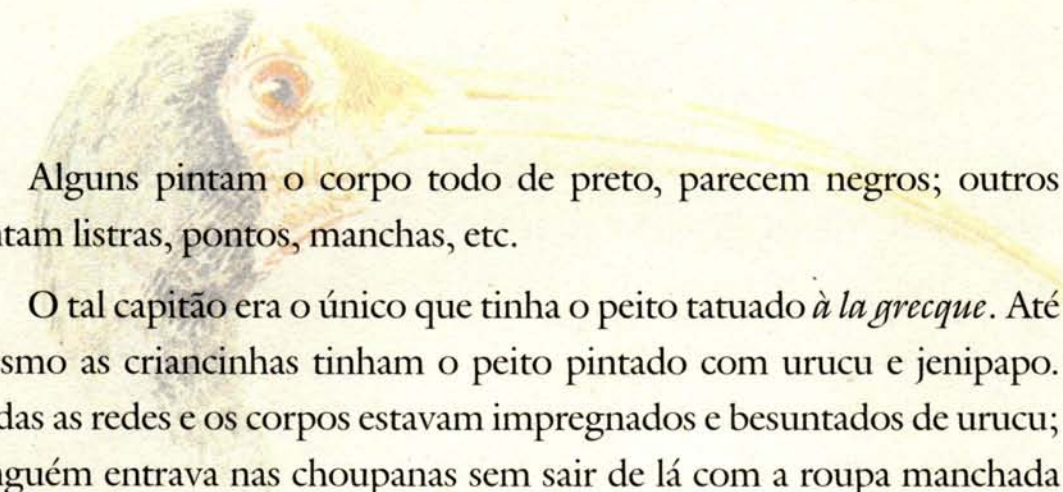
11 a 14/04

Permanência na aldeia

Após ouvir a calorosa gritaria dos índios escondidos na mata escura da margem esquerda, totalmente invisíveis, aproximamo-nos da margem impelidos sempre pela correnteza. Logo vimos índios na praia, seguimos atrás deles e nos deparamos com vários homens e mulheres totalmente nus, inclusive as partes íntimas, aguardando o nosso desembarque.

Na mesma hora, dois ou três pularam para dentro da canoa e foram abraçar o guia como velhos conhecidos. Contaram-nos, então, que, naquele momento, os habitantes haviam deixado o lugar que agora é a sua moradia fixa - destino da nossa viagem de hoje - para ir pescar, alguns rio acima, outros rio abaixo. Disseram-nos, também, que o chefe, Capitão José Saturnino, estava aqui, e o poderoso Capitão Pedro estava na foz do Juruena; e que eles haviam construído aqui, a tempo, um rancho. Como precisávamos de abrigo e de ajuda para os nossos doentes, não nos restou outra opção senão montar acampamento aqui mesmo.

Logo que o capitão subiu a bordo, vestido com seu uniforme completo, distribuímos vários presentes para lisonjeá-lo. Mandei hastear a bandeira imperial russa, vesti-me em trajes civis, com um chapéu de três pontas e um pequeno sabre, o que sempre impressiona as pessoas, e nos cumprimentamos como autoridades.

Os presentes foram um machado, dois facões com punho de ferro, várias facas flamengas ou facas de sapateiro pequenas e vários corais vítreos boêmios, para ele e para sua mulher.

NB.: Eu soube, por meio do Roberto, que os corais vítreos boêmios bem lapidados e mais bonitos chegam muito menos aqui do que as pequenas contas de vidro coloridas e foscas que mandei buscar recentemente, no Rio de Janeiro.

Eu estava um pouco melhor. Desembarcamos e, em seguida, sempre cercado de índios, subi numa grande canoa rasa, feita simplesmente de casca de árvore, e fui pescar com eles na outra margem do rio. Comecei imediatamente a trabalhar para a coleção ictiológica: pesquei seis peixes de origem desconhecida, mas, como a febre hoje veio um pouco mais tarde, não pude fazer minhas anotações diárias. Isso me deixou contrariado, porque, no dia seguinte, as idéias se confundem, vêm outras à mente, são mal compreendidas, e já não se consegue distinguir entre o que é pensamento dos outros e o que é fruto da própria experiência.

Uma vez decidido que ficaríamos aqui alguns dias, minha preocupação foi, primeiro, pôr ordem nas coisas de uma maneira geral e, depois, nas coisas pessoais e científicas.

Como já foi dito, os índios erigiram, há pouco tempo, um estabelecimento para ser usado durante a pesca, mas, mesmo assim, construiu-se uma grande choupana, dois pés acima do solo, vazada mas bem coberta, e ali se penduraram cerca de 50 redes, em todas as direções, inclusive umas por cima das outras.

Todos os índios andam nus, mas exibem no corpo pinturas estranhas, feitas de urucu, uma tinta fétida de cor vermelha, e de jenipapo preto.

Alguns pintam o corpo todo de preto, parecem negros; outros pintam listras, pontos, manchas, etc.

O tal capitão era o único que tinha o peito tatuado *à la grecque*. Até mesmo as criancinhas tinham o peito pintado com urucu e jenipapo. Todas as redes e os corpos estavam impregnados e besuntados de urucu; ninguém entrava nas choupanas sem sair de lá com a roupa manchada de vermelho.

O acesso de febre da tarde do dia 13 impediu-me de trabalhar.

Algumas horas depois da nossa chegada, o capitão ainda estava de uniforme. Percebi o quanto isso era penoso para ele e o mandei tirá-lo.

Ele ficou nu da cintura para cima, só de calças. Mas, logo depois, tirou as calças também e vestiu uma jaqueta velha, deixando as partes íntimas à mostra, e assim ficou o resto do dia. Ele não parecia exercer nenhuma autoridade sobre os demais.

Tanto homens como mulheres andam enfeitados com penas, pulseiras bem apertadas nos braços e nos pés, cordões de contas, adornos de orelhas e outros acessórios. A maioria não tem cabelo ao redor da cabeça, apenas um chumaço redondo atrás (cabeça de Títus[?]). As mulheres andam com os cabelos amarrados, no meio da cabeça, com uma fita grossa de algodão pintado de urucu, formando um rabo-de-cavalo.

Mas o mais estranho, porém, é ver as mulheres andando com as pernas enfaixadas do joelho ao tornozelo. É uma faixa de uma polegada de largura, que aperta tanto as partes carnosas ou os tendões que dá a impressão de que o sangue não circula ali. Efetivamente, os pés são mais finos e menos irrigados. Crianças de berço já usam essas faixas nas perninhas.

O principal enfeite que as mulheres usam, e o mais rico, são os cordões de contas em volta do antebraço, do tornozelo ao cotovelo, às vezes pesando toneladas.

Antes dos primeiros contatos com os portugueses, as contas eram feitas de ossos de macaco ou do fruto da palmeira tucum.

Hoje eles ainda fazem esse tipo de contas, mas unicamente para trocar ou comprar contas de vidro.

Eles também sabem fazer, com muita habilidade, bijuterias de todo tipo com sementes de uma fruta que aqui chamam de *caipitonki* ou *uwaipitongi*, que também se come e que dizem arder na língua mais do que pimenta. De uma outra fruta, a fruta do tatuí, eles fazem uma espécie de colar e outros enfeites.

Ocupação

Os homens caçam, pescam, constroem cabanas, providenciam os mantimentos e manejam as canoas. As mulheres fiam o algodão, fazem redes de dormir e cuidam da cozinha; trabalham quando e como bem entendem, estendidas nas redes, trançam tiras para os braços e pés, enfiam contas em cordões e outras coisas. Os homens fazem cordões de ossos e de frutos de tucum e os dão de presente às suas mulheres.

Os homens abrem clareiras para fazer plantações de milho; as mulheres nunca plantam milho, somente cará, madubim, margarita (*Arum*), mandioca-brava, com a qual fazem farinha-puba. Coloca-se a mandioca de molho até ficar macia. Depois ela é descascada, posta para secar ao sol, socada no pilão, peneirada e finalmente torrada. Aipim eles não têm.

Eles têm muita habilidade na confecção de cerâmicas; foram mais além do que os portugueses nessa arte: fazem panelas de cozinha, potes

de água e garrafas, bacias fundas de todo tipo, inclusive bem grandes, com dois ou mais pés de largura, tudo feito só pelas mulheres.

A argila é pura, sem mistura. Para queimar as bacias grandes, cavam um buraco na terra, colocam a bacia lá dentro e a queimam com casca de árvore seca, um processo que leva mais ou menos meio dia.

Também na arte do trançado eles são muito habilidosos.

Os homens confeccionam cestos, peneiras e outros utensílios de uarumã, uma espécie de bambu grosso sem casca.

Os mais ricos têm uma ou duas mulheres - o ciúme simplesmente não existe. As mulheres podem dispor de si mesmas. As moças casam muito novas, mas, durante vários anos, não podem ter nenhum relacionamento com seu marido.

O verdadeiro capitão dessa horda (irmão do caçador que nos acompanhava) já tinha falecido há algum tempo, e o tal José Saturnino, conforme eu soube mais tarde, foi designado capitão em Cuiabá; não tem, portanto, nenhuma ascendência sobre os membros da tribo; estes vivem completamente acéfalos. O capitão é um impostor, enganou o presidente.

Pedi-lhe mantimentos, e ele me prometeu entregá-los de um dia para o outro; mas acabei descobrindo que ele não dispunha de nada e que também não podia dar ordens. Gastei à toa meus presentes valiosos com ele. Por isso, no dia 13, decidi partir no dia seguinte, dia 14. Eu não ia mesmo conseguir adquirir nada ali, além de estar desperdiçando minhas provisões. A cada hora eu odiava mais esse lugar. O número de doentes aumentava a cada dia, e os que já estavam doentes, ao invés de melhorarem, pioravam.

No dia 13, minha febre foi mais forte do que nunca.

No dia 14, desde cedo, tomaram-se as providências para a partida. Farmácia, caixas e caixotes foram levados para a canoa, e a barraca, desmontada.

O dito capitão não apareceu nem para se despedir, certamente por vergonha. Embarcamos por volta das 8h. Não vimos nenhum índio nas margens.

Minhas plantas (cana-de-açúcar) e sementes foram embora comigo intactas, pois não encontrei aqui ninguém que se interessasse por elas. A meu ver, só há uma forma de se transformar, em pouco tempo, essa gente em cidadãos úteis: mandar uma pessoa dinâmica para viver entre eles e ensinar-lhes a plantar, a construir engenhos de cana-de-açúcar ou monjolos, a aperfeiçoar seus utensílios de pesca, enfim, a familiarizá-los com o trabalho, de forma que possam viver com mais fartura de alimentos.

Os índios apiacás estão prontos, maduros para serem civilizados. Para completar esse processo, bastaria o sacrifício altruísta de uma única pessoa. Por que não mandam para cá um missionário esclarecido?

Mais alguns pensamentos e observações sobre as atividades dos apiacás

Todas as atividades dos apiacás (homens e mulheres) estão voltadas apenas para a sua sobrevivência; uma vez garantida esta, não há mais com o que se ocupar.

As mulheres passam o dia inteiro deitadas em suas redes, como foi dito acima, trabalhando, quase que brincando de fazer pulseiras.

Elas se alternam, de duas em duas, no trabalho de pisar o milho numa gamela de pilão redonda e de madeira.

As mãos do pilão têm de 12 a 15 pés de comprimento; só o peso

delas é suficiente para triturar o milho. Essa farinha com goma e todos os demais componentes, depois de triturada, é levada ao fogo com água e cozida sem sal. Essa é a farinha comum.

Os peixes são cozidos com escamas e sem sal; ou então são triturados no pilão, com escamas e espinhas, e se transformam numa massa, que depois é cozida; ou então são torrados (moqueados) numa vara comprida, sem sal e com todas as escamas, em seguida, triturados no pilão de madeira até virarem pó e novamente torrados. Dessa forma, eles preservam o peixe por vários meses, mas só no período da seca.

Embora há 14 ou 15 anos convivendo com os habitantes de Diamantino e com negros e mulatos, a quem as índias se entregam com o mesmo prazer, não se vê, no entanto, nenhuma criança com cabelos crespos ou de cor mais escura. Explicaram-me, então, que, quando nasce uma criança com algum sinal ou suspeita de ter sido gerada por pai negro, ela é imediatamente sacrificada.

Durante nossa permanência aqui ficaram doentes Rubtsov, Florence, o caçador Roberto, o empalhador João Caetano, o condutor Carvalho, o acompanhante Joaquinzinho, meu escravo e cozinheiro Gavião, o guia e vários membros da tripulação. Isso explica por que não se acrescentou nada às anotações, observações, ilustrações, desenhos e coleção.

O único petisco que saboreamos aqui foram palmitos; não consigo entender por que os índios não apreciam esse alimento tão gostoso. Quem sabe eles consideram o palmito nocivo para a saúde.

As criancinhas parecem muito saudáveis e não apresentam aquele ventre proeminente da maioria das crianças de Diamantino.

O milho cultivado aqui deve ser de outra variedade: mesmo depois de seco, ele continua bem macio; e, quando torrado, assemelha-se ao

milho verde fresco.

Aqui ele é conhecido pelo nome de milho pururuca, embora seja diferente do pururuca de Minas Gerais.

14/04

Partida da aldeia dos Apiacás

Por volta das 8h, partimos e levamos três apiacás adoentados, que vieram se juntar aos demais doentes, que já não eram poucos.

Um quarto de hora mais tarde, chamaram-nos a atenção para alguns índios perto de uma armadilha para peixe na foz de um córrego na margem esquerda. Havíamos passado por eles sem notá-los. Quando o nível do rio está alto, muitas vezes passa-se por riachos sem vê-los, pois a água chega até os galhos das árvores. Aqui o rio ainda não baixou nada, continua cheio.

Uma hora depois, chegamos a uma antiga aldeia de índios. Dizem que eles a abandonaram, porque a mata era muito insalubre e muitos deles morreram. Eles foram, então, se estabelecer mais adiante rio abaixo e plantaram algumas lavouras ali.

Algum tempo depois, ouvimos vozes vindas da mata escura nos chamando, mas não vimos ninguém. Meia hora mais tarde, chegamos à verdadeira casa do Capitão Pedro, ou seja, ao estabelecimento a que pertence toda aquela gente com quem estivemos há 3 ou 4 dias.

Foi aqui que abrimos os olhos e nos demos conta finalmente de que José Saturnino nos havia enganado a todos e em todos os sentidos; é um verdadeiro impostor.

Fomos recebidos aqui com muita amabilidade e prestimosidade pelo

Capitão Pedro e seus empregados. Agora está provado que o tal José Saturnino é mesmo um grande safado: ele não possui nada além de um registro fraudulento.

O Capitão Pedro tem uma grande cabana fechada, bem protegida da chuva, com espaço para 600 a 800 redes. Agora está vazia pois é época de pescaria, mas dá a impressão de ser habitada por uma população de tamanho considerável.

O local não estava abandonado como aquele em que fomos enganados; talvez houvesse aqui tantos habitantes como lá.

Só que aqui eles se espalhavam na mata extensa e aberta e no grande palácio escuro.

Uma visão diferente ofereciam as araras azuis e vermelhas que voavam em volta da casa. Aqui elas são tratadas como animais domésticos, mas vivem soltas, voando livremente pelas redondezas e na mata.

Os índios só se servem delas para retirar-lhes, de tempos em tempos, ora as grandes penas da cauda e das asas, ora as penas que cobrem os remígios das asas.

Em outras palavras, vivem uma filosofia platônica. Mas, em conseqüência dessa prática, as cores das penas dessas aves vão mudando com o tempo: as vermelhas ficam amarelas, às vezes contornadas de vermelho. Todas elas são usadas como adornos; eu mesmo poderia adquirir facilmente algumas em troca de miudezas. Esses pássaros, contudo, põem seus ovos com toda a liberdade...

A irmã do Capitão Pedro sofreu um acidente que a deixou gravemente ferida. Cuidei dela, aplicando-lhe ataduras. Ele ficou tão agradecido que, já no dia seguinte, se prontificou a nos ceder um porco.

Decidiu-se ficar aqui pelo menos por hoje. O chefe, tal como aquele, estava enfeitado com brincos que desciam até abaixo da clavícula. São os índios tucumaricás, conforme eles mesmos se chamam, e são inimigos daqueles. As mulheres moram mais abaixo do rio, na margem direita.

18/04

Não dou notícia do que aconteceu até hoje, dia 18. Tive febre altíssima, timpanite e infecção das vísceras, não sabia mais o que estava fazendo. Mas hoje, dia do meu 55º aniversário, estou me sentindo melhor e quero fazer as seguintes observações.

Tatuagem *Jruahab*

A tatuagem é feita pelos homens; meninos de 8, 9 e 10 anos já são tatuados; as meninas, quando pequenas, são tatuadas inicialmente só nos olhos; quando ficam maiores, em volta da boca, sem nenhum ritual ou cerimônia.

Os adornos de peito chamam-se tacapecuaxina e dizem que eles aprenderam de uma outra nação indígena, a dos munducurus. As diversas figuras estão nas ilustrações.

Os três riscos que vão da boca às orelhas são bem característicos dos índios apiacás de ambos os sexos. Nas mulheres só notei tatuagens no rosto. Nem todos os homens fazem tatuagem no peito, ela é opcional.

Animais domésticos

Eles criam patos, poucos porcos e galinhas e não têm cachorros.

Dizem que antigamente eles tinham, mas provavelmente já morreram todos.

Seus adornos preferidos são as penas, que eles conseguem graças ao seu costume de criar, praticamente como animais domésticos, pássaros de bela plumagem, tais como araras azuis e vermelhas, papagaios de diversos tipos e cassiques. Das araras e cassiques, eles extraem principalmente as penas da cauda, pois são maiores; as penas amarelas ficam por cima, e, à medida que vão sendo arrancadas, as penas vermelhas e cinzas que cobrem os remígios nas araras vermelhas e nos papagaios pequenos (periquitos), com o tempo, vão ficando amarelas.

Os índios se enfeitam de penas tanto quando vão para a guerra como para dançar.

Até os tacapes de pedra são enfeitados com penas quando estão em guerra. As vestimentas e enfeites estão representados nas ilustrações.

Na testa, eles trazem normalmente penas de *Falco* ou de mutum-cavalo. Imagino que elas sejam mais valiosas do que as de arara ou de papagaio, pois aquelas aves são mais difíceis de se abater com arco e flecha do que estas últimas, que eles mantêm como animais domésticos.

Eu me referi às araras e papagaios como animais caseiros, mas, na realidade, eles vivem em total liberdade, totalmente independentes dos homens; há 30, 40, 50 desses pássaros voando livremente em volta das casas; à noite, normalmente eles ficam por perto, às vezes chegam a entrar nas casas em busca de comida; vivem aos pares e ali mesmo se acasalam. Dizem que esse é um fato raríssimo de se ver. Os índios vão buscar esses pássaros nos ninhos, quando ainda são bem novinhos, e os dão para as crianças criarem, de forma que cada pássaro reconhece o seu dono e este conhece o seu pupilo. Quando crianças, os índios se enfeitam com pequenos tufos de penas, mas nunca com penas dos seus próprios pássaros. São penas dos *Oriolus cristatus* Lin., das araras vermelhas, dos papagaios amarelos e outros.

20/04

Novamente uma lacuna de dois dias. Dois dias infelizes. Cheguei a entregar o corpo e a alma ao Deus Todo-Poderoso, pois não acreditava que iria sobreviver ao dia de ontem. Passei esses dois dias inconsciente, delirando; meu único consolo eram os momentos de lucidez em que eu sentia a atenção e a amizade dos meus companheiros Rubtsov e Florence.

Apesar de não ter comido nada a não ser um pouco de caldo de carne, hoje me senti mais aliviado, depois que consegui uma evacuação abundante após vários dias sem defecar. Nem com a ajuda de duas pessoas eu conseguia ficar de pé, mas hoje estou me sentindo mais dono do meu corpo, embora não ainda da minha mente.

A primeira vez que saí realmente foi para dar um passeio até uma aldeia indígena que consistia de uma oca redonda, fechada, coberta de palha, com 45 passos de diâmetro, 90 de comprimento e 12 portas, cada uma com uma tábua feita de casca de árvore. *[desenho]*

Na metade do passeio, entramos numa das ocas da aldeia. Mesmo com a porta aberta, no início, achei-a muito escura por dentro, mas essa impressão só durou até a minha íris se dilatar. A casa é toda fechada com palha e folhas, mas, em alguns lugares, é cercada com grades ou simplesmente com varas justapostas, que deixam penetrar a luz do dia. Assim, durante metade do dia, as pessoas podem trabalhar lá dentro, fazer suas tarefas domésticas, ou seja, fiar o algodão e enovelar os fios - o que fazem com perfeição; tecer as redes de dormir, triturar o milho para preparar a comida e outras coisas.

A casa tem um segundo piso móvel, que serve para guardar os estoques de mantimentos. Em seus pilares estão pendurados cascos, instrumentos, ferramentas, adornos de todo tipo. É difícil acreditar que

cada família tenha um lugar separado para guardar suas redes e pertences, pois eles guardam milhares de objetos de todos os tamanhos.

Já comentei antes a habilidade dos índios na confecção de cerâmicas. Eles fazem grandes recipientes com 4 a 5 palmos de diâmetro, que normalmente ficam apoiados sobre suportes feitos com belos trançados de bambus; as gamelas pequenas ficam penduradas no teto. Em alguns lugares, os pés de milho são altos; em outros, são mais baixos. Os milhos são amontoados na palha escura. Cada índio tem a sua própria plantação.

O chefe é encarregado de fiscalizar essa lavoura, ver se está sendo bem cuidada; ordenar que se façam novas plantações; despachar gente para pescar e caçar e fazer a distribuição justa dos alimentos. Suas ordens são rigorosamente cumpridas. O direito de propriedade é profundamente respeitado: quando alguém se ausenta, ninguém ousa tocar em seus pertences. Ainda não sei nada sobre os castigos, pois não tenho nenhum tradutor aqui comigo.

Saí com uma bengala e um guia e, cambaleante igual a um velho, fui caminhando devagar até a porta central da oca, a toda hora tendo que me curvar para passar debaixo das redes. Exausto, cheguei à minha barraca, descansei, tomei um caldo de carne com arroz, muito pouco para uma pessoa que está há 8, 10 ou mais dias sem comer, só tomando remédios. Depois, meio acordado, meio dormindo, deixei que índios e índias viessem finalmente me ver, pois até hoje não apareci para quase ninguém.

Depois de algumas horas de descanso, senti-me forte o suficiente para satisfazer a minha vontade de fazer negócios. Comecei trocando minhas mercadorias por tudo que me vinha aos olhos: colares, brincos, pulseiras de braço e de pé. Vi, satisfeito, os índios indo, ávidos, até suas casas para buscar objetos para negociar. Entre as minhas mercadorias, as

de maior volume e valor eram facões, faquinhas e machados pequenos; entre as miudezas, as contas de vidro e os anzóis pequenos eram os preferidos.

Por hoje chega, pois estou me sentindo muito fraco para escrever.

Ainda chove diariamente, de dia e de noite.

21/04

Depois de uma noite muito mal dormida, resolvi partir de manhã.

Com a ajuda de uma bengala e de um guia, consegui, não sei como, arrastar meu corpo cansado até a canoa. Tive febre alta o dia inteiro; estava cansado de viver, delirava, quase inconsciente. À noite me fizeram descer da canoa, quase que contra a minha vontade; eu teria dormido lá mesmo, não fossem os mosquitos me torturando e a chuva forte que ameaçava cair. Ao descer, percebi que estávamos na margem direita da foz de um grande rio, o rio do Peixe, que desemboca no Arinos e que, neste ponto, era tão grande como ele.

Há dias não como absolutamente nada, a não ser meia xícara de caldo de carne. Hoje à noite tive vontade de comer mingau de farinha de mandioca.

Demoraram tanto para me trazer que perdi a vontade: tomei só três ou quatro colheres cheias, mas, mesmo assim, ainda me senti bem melhor do que nos últimos dias. Eu ainda tinha muita febre, passava horas suspirando, gemendo, gritando. Caí num sono leve, não sei por quanto tempo, e tive um sonho muito agradável: eu me vi doente em Paris, com o meu amigo do peito G. Oppermann muito preocupado

com a minha doença e me mandando as melhores geléias de frutas.

Acordei me sentindo fortalecido, aliviado, renovado, como se tivesse nascido de novo. Ainda de madrugada, chamei meus serviçais e mandei que me preparassem imediatamente uma geléia de tamarindo com um pouco de vinho e casca de pequi (loureiro), que eles mesmos preparam. Isso revigorou as minhas forças e as de meus companheiros.

22/04

Agora estamos navegando num rio Arinos bem mais volumoso.

Apesar da febre, ainda me sinto vivo.

Obrigado, amigo Oppermann, por você ter me inspirado esse pensamento tão bom e por ter me chamado de volta à vida!

Tudo ao meu redor parecia bem diferente, a natureza adquiriu outra roupagem, vi clareiras recém-abertas na floresta.

De um lado e de outro, se viam terras altas próximas e afastadas, margens elevadas, ar mais seco, respiração mais pura e livre.

Tão logo deixamos a foz do rio do Peixe, talvez uma meia hora ou uma hora depois, ouvi um rumorejar agradável vindo da margem direita: era um córrego que se juntava ao Arinos caindo de um terreno ligeiramente elevado.

Se o governo quisesse promover a navegação e o comércio nesta região, teria que fundar um estabelecimento por aqui.

Vou ter que esperar me recuperar para fazer a lista dos objetos etnográficos que adquiri mediante trocas no dia 20, durante um momento de lucidez que tive entre os meus delírios.

24/04

Em vez de um diário de viagem, preciso escrever, isto sim, uma história de doenças.

Mais dois dias deploráveis: febre constante, inapetência total e jejum quase completo, com exceção de algumas colheradas cheias de geléia de tapioca. Não consegui observar nada, a não ser que o rio, até onde posso vê-lo daqui, é maior do que o rio Paraná. Ele forma uma série de ilhas compridas e outras menores. É tudo que posso dizer a respeito dos dois últimos dias, aproveitando que a febre baixou um pouco hoje cedo. Meu amigo Rubtsov está nas mesmas condições que eu, com a diferença que ele está se alimentando um pouco melhor.

13 e 14/05

Graças à ajuda de Deus, ainda estou vivo e posso pegar na pena. Não posso escrever uma história de doenças. Desde o dia 24 de abril, tenho estado, dia e noite, praticamente inconsciente, em torpor, tendo sonhos fantásticos. Tenho apenas alguns minutos por dia de consciência, que aproveito para preparar ou mandar preparar os remédios que julgo apropriados para o meu caso. Fui acometido de uma febre intermitente maligna e irregular e tinha que recorrer a vomitivos e purgantes; eu não economizava em sal amoníaco [...] com sal de Glauber, poaia. Quando eu sentia que as forças me abandonavam, eu tomava *N. phth.-Bestonscheffechen*[?], um extrato para os nervos, *liquer anadyn.* com [...] e mandava que me fizessem, todos os dias, um clister de *bouillon portalif*, e isso me deixava mais animado[115] .

Não ingeri quase nada pela boca: tudo me repugnava. Eu passava o

dia inteiro fora de mim; não tomei conhecimento do que se passou nesses dias.

Todos à minha volta também estão doentes; apenas Florence está em condições de escrever o diário, que vou incorporar ao meu.

O importante a observar aqui é que precisamos de 8 dias até o salto Augusto. Não sei como aconteceu, mas perdemos um batelão, e a segunda canoa ficou bastante avariada. A meio dia de viagem abaixo dessa bela cachoeira, que eu já vi no jornal, encontra-se um lugar chamado Tocarizal, onde há muitos tocaris[116].

As melhores canoas são feitas com a madeira dessas árvores. Por isso, mandei que fossem procurar um lugar apropriado onde pudessem construir uma canoa nova (para repor a que se perdeu) e uma canoa de caça, aqui chamada de montaria[117].

Dois ou três dias após montarmos acampamento (ainda estou fraco, e ninguém sabe me dizer em que dia da semana ou do mês estamos), todos puseram mãos à obra. Mas tudo é feito devagar, pois, na verdade, estão faltando duas ferramentas, principalmente machados grandes.

Como é possível, em uma viagem dessas, sem dispor de pessoal especializado, controlar e manter em ordem as mercadorias de troca? Eu ainda tenho 6 machados grandes, mas não sei em que caixa estão.

Isso é tudo que pude fazer hoje. Estou muito fraco.

16/05

Chegamos ao Tocarizal no dia 8 e mandei construírem um batelão e uma montaria. O pessoal está trabalhando, mas a aguardente é tudo para eles, e eu não sei como animá-los. A época não é boa para a caça:

alguns pássaros e macacos dispersos aqui e ali. Portanto, nós que já estamos tão debilitados, agora ainda estamos passando fome. Ouvi dizerem que há muito peixe, mas como as pessoas ainda saudáveis estão trabalhando, e os doentes não podem sair para pescar, ficamos aqui, doentes e abandonados.

O arroz é o nosso alimento principal.

Mesmo debilitado de corpo e de mente, estou aqui sentado escrevendo, para dizer pelo menos que ainda estou vivo e que tenho febre alta. O meu médico é Deus. Mandei apronatarem a montaria depois que perdemos o batelão. Talvez fique pronta amanhã.

Hoje vi um tocari com 200 palmos de altura até os galhos. Foi dessa madeira que mandei fazer a montaria e acho que ficará pronta amanhã. É uma bela canoa! Um único tronco dá para fazer mais uma ou duas. Minhas ferramentas estão ruins.

17/05

Passei muito mal o dia todo. Fizeram muita coisa. O tempo estava encoberto. Florence foi até o salto.

18/05

Hoje estou me sentindo um pouco melhor e em condições de dar algumas ordens. Mandei terminarem a montaria, mas ainda vamos ter que ficar um ou dois dias aqui.

O tempo abriu um pouco. Os caçadores saíram hoje cedo para caçar.

20/05

Estamos há dois ou três dias em terra firme, na margem esquerda do Juruena, a caminho de Santarém. Muito esforço e trabalho. Estamos todos ocupados em pôr as coisas em ordem. Acredito que poderemos partir logo para Santarém, onde vou esperar por Riedel. Estamos nos alimentando de peixes e caça. Tive que mandar fazerem várias canoas novas, que devem ficar prontas hoje ou amanhã. Esse tempo de chuva nos deixa meio embotados.

Estamos pensando em partir para Santarém. Nossas provisões estão minguando a olhos vistos, o que nos obriga a apressar a viagem. Ainda teremos que transpor cachoeiras e vários locais perigosos do rio.

Se Deus quiser, prosseguiremos viagem hoje. As provisões estão acabando, mas ainda temos pólvora e chumbo.

Nota do Organizador

A interrupção brusca do diário neste momento tem como motivo o agravamento do estado de saúde de Langsdorff. Embora não tenha morrido, ele, a partir deste momento, nunca mais recobraria a sanidade mental, conseqüência das inúmeras febres que o acometeram.

Pelo diário deixado por Hércules Florence, bem como pelas correspondências enviadas, podemos saber, por exemplo, que Langsdorff ainda conseguiu, mesmo com a saúde muito debilitada, comunicar-se com seus companheiros durante algum tempo.

Quando chegaram ao Rio de Janeiro, e em virtude do agravamento de seu estado de saúde, afastou-se do serviço diplomático russo e voltou para a Alemanha, com a mulher Wilhelmine e os filhos. A grande tragédia de sua vida foi a perda da capacidade de raciocínio e a interrupção de sua produção intelectual.

Segundo depoimentos, ele acordava todas as manhãs e encaminhava-se à sua escrivaninha, onde tentava escrever, mas o que produzia eram garranchos incompreensíveis, que não faziam sentido. Ele viveu ainda por 23 anos, falecendo em Freiburg no dia 29.06.1852, nunca tendo recuperado a memória dos fatos e acontecimentos da grande expedição.

Seus diários, enviados juntos com outros materiais para São Petersburgo, ficaram desaparecidos por quase 100 anos, quando foram encontrados junto à caixa de plantas, no herbário, permanecendo, juntamente com a documentação gerada pela expedição, inéditos até hoje.

A vida do grande cientista, naturalista, médico, pesquisador, diplomata, foi definitivamente transformada pelo seu contato com a força da natureza tropical, que o emocionava e impelia a cada vez mais buscar por descobertas, ansiando por caminhos ainda nunca percorridos.

Sua vida, após a viagem, provavelmente se resumia a imagens, lembranças atormentadas e difusas de uma terra que amou, e que um dia fez parte de seus sonhos, desejos, e de sua busca incessante por conhecimento.

Descanse em paz, Georg Heinrich von Langsdorff. O fruto de seu trabalho não será esquecido.

NOTAS

[1] Estes diários, tal como os dois anteriores, foram traduzidos da transcrição feita na Rússia, em alemão moderno, entre os anos 30 e 60 (versão datilografada), a partir dos manuscritos originais de Langsdorff, escritos em gótico. As tradutoras receberam da AIEL, além da versão datilografada, também uma cópia dos referidos manuscritos, para uma melhor conferência não só do texto em alemão, mas principalmente das palavras em português (nomes de pessoas e lugares e nomes comuns), invariavelmente transcritas com erro pelos tradutores russos. (NT)

[2] Gênero típico da família *Loricariidae*, de peixes de água doce, silurόides, sul-americanos, vulgarmente conhecidos por cascudos. (NT) Provavelmente se trate do acariaçu. (RS)

[3] Dourado: *Salminus maxillosus*; pacuguaçu: *Myletes edulis*.(RS)

[4] O nome científico atual da arara azul é *Anodorhynchus hyacinthinus*. (RS)

[5] O gênero *Alcedo* é de martins-pescadores do Velho Mundo. No caso, trata-se possivelmente de uma espécie do gênero *Chloroceryle*. (RS) Estes freqüentam rios e lagos do Brasil. (NT)

[6] *Anas moschata*, atualmente denominada *Cairina moschata*, é um grande pato do mato, de cor negra. *Plotus melanagatas* deve ser o biguatinga, hoje denominado de *Anhinga anhinga*. (RS)

[7] Pode se tratar de *Trechalea longipes* ou *T.extensa*. (RS)

[8] *Diomedes* é o gênero dos albatrozes; contudo, o autor talvez se refira a *Dolomedes* Walek, que coletou no rio Coxim em 25/11/1826 e que é a aranha atualmente denominada *Trechalea extensa*. (RS)

[9] A *Quassia* é conhecida popularmente pelo nome de pau-amargoso; e a simaruba, por marupá, caixeta, paraíba e outros nomes. (RS)

[10] Designação popular de diversas espécies de peixes. (RS)

[11] *Paulicca luetkeni*. (RS)

[12] Trata-se de um escorpião-vinagre, atualmente *Mastigoproctus brasiliensis*. (RS)

[13] Aranha-caranguejeira sem determinação taxonômica precisa. (RS)

[14] O gênero *Salmo* não ocorre no Brasil, mas Langsdorff inclui nesse gênero várias espécies de peixes que encontra ao longo de suas viagens. Devem ser da família dos Salmonídeos. (RS)

[15] Gavião-tesoura, hoje denominado *Elanoides forficatus*. (RS)

[16] Segundo H. Sick, a *Pipra cornuta* só ocorre na região montanhosa entre o Brasil (alto rio Branco) e as limítrofes Venezuela e Guiana. (RS)

[17] O gênero *Muscicapa* não ocorre aqui; vive no Velho Mundo. (RS)

[18] O gênero *Oriolus* não ocorre aqui; são os piróis da Europa e Ásia. No caso, pode ser *Molothrus bonariensis*, *Scaphidura oryzivora* ou *Dolichonyx oryzivorus*. (RS)

[19] *Phaeoprocne tapera fusca.* (RS)

[20] *Potamotrygon, Paratrygon, Elipesurus* são raias de água doce que ocorrem na região. (RS)

[21] *Mauritia flexuosa.* (RS)

[22] O percurso completo mais provável é o seguinte: rios Taquari, Coxim, Camapuã, Pardo, Anhanduri, Paraná e foz do Sucuriú neste último. (NT)

[23] Guacaris é outra denominação popular para os cascudos (peixes da família *Loricariidae*). (RS)

[24] Uma nova espécie (=*n.sp.*) de jacutinga (=*Pipile jacutinga*). (RS)

[25] *Orbygnia martiana.* (RS)

[26] *Tayassu tajacu* é a denominação científica do caititu. (RS)

[27] Tapicuru também é chamada de bacupari-cipó (*Salacia silvestris*) e guabiroba também é chamada de araçá-felpudo (*Psidium incanescens*). (RS)

[28] Langsdorff chama os jacarés de crocodilos, mas estes não ocorrem na América do Sul. Trata-se, portanto, de jacarés. (RS)

[29] *Chauna torquata.* (RS)

[30] Trata-se provavelmente de uma espécie de cardeal. (RS)

[31] São as pombas. (RS)

[32] No Brasil, são os gaviões. (RS)

[33] *Hydrochoerus hydrochaeris.* (RS)

[34] Os mutuns são aves dos gêneros *Crax* e *Mitu*, que aqui não podem ser identificados. (RS)

[35] Pode-se tratar da denominação específica *chrysops,* p.ex. em *Cyanocorax chrysops* (gralha-picaça). (RS)

[36] Certamente trata-se da tabua, uma erva do gênero *Typha sp.*, talvez *Typha dominguensis*, típica de alagados de água doce ou salobra. (RS)

[37] *Eichhornia sp.* (RS)

[38] Pode-se encontrar informações gerais sobre os Guaicurus ou cavaleiros no "Patriota" e no [...] de Eschwege. Jornal do Brasil. (nota de Langsdorff).

[39] Paninhos são panos finos de algodão. (NT)

[40] *Alouatta sp.* (RS) São chamados de macacos gritadores, por causa do som gutural que emitem. São vulgarmente chamados de bugios, guaribas e barbados. (NT)

[41] *Basiliscus* é um gênero de lagartos da América do Sul, conhecidos pela rapidez com que correm sobre as pernas traseiras. (NT)

[42] *Bactris setosa.* (RS)

[43] *Penelope* é o gênero do jacu; o araquã pertence ao gênero *Ortalis.* (RS)

[44] Langsdorff usa a expressão "gagaraga", provavelmente querendo dizer "algazarra". (NT)

[45] No conceito atual, o socó-boi pertence ao gênero *Tigrisoma*, e não a *Ardea.* (RS)

[46] *Schinus sp.* (RS)

[47] O gênero *Ibis* (da família *Ciconiidae*) é africano, não ocorre aqui, onde a família é representada pelo gênero *Mycteria* (por exemplo, a cabeça-seca ou jaburu-moleque, *M. americana).* (RS)

[48] *Mycetes* é o antigo nome científico do guariba ou bugio. (RS)

[49] A denominação antiga da anhuma era *Palamedea cornuta;* a atual é *Anhima cornuta*; da mesma família, *Anhimidae* (outrora *Palamedeidea*) é o tachã, *Chauna torquata*, antigamente chamada de *C. cristata.* (RS)

[50] *Coragyps atratus.* (RS)

[51] Essa denominação certamente não está correta, uma vez que o gênero *Cervus* não ocorre aqui. Na região são encontradas diversas espécies de veados. (RS)

[52] Pode ser uma jibóia ou uma sucuri, que pertencem à família dos Boídeos (em alemão: *Riesenschlangen*). (RS)

[53] *Synoeca cyanea.* (RS)

[54] *Cayaponia tayuya.* (RS)

[55] São os gorgulhos ou carunchos: insetos coleópteros que perfuram madeiras e cereais. (NT)

[56] Langsdorff considerou o tempo desde a partida de Porto Feliz, em 23/06/1826. (NT)

[57] Trata-se de Molvo, o agente financeiro de Langsdorff no Brasil. Ele tinha um escritório bancário e repassava para o cientista as verbas que vinham do governo russo. (NT)

[58] José Angelini, rico comerciante italiano que se estabeleceu no Brasil na época de D. João VI, com uma joalheria no Rio de Janeiro. (NT)

[59] *Trochilus auritus* M. é denominado atualmente *Heliothryx aurita*; a *Muscicapa cristata* não é possível identificar pela literatura disponível; *Tanagra brasilica* (*tota rubra*) poderia ser *Habia rubica*, *Piranga flava* ou *Piranga rubra*; *Fringilla* (*tota coerulea*), da família *Fringillidae*, não ocorre no Brasil; a família é aqui representada pelo gênero *Carduelis*, por exemplo, *Carduelis magellanicus*, que é o pintassilgo. (RS)

[60] O nome atual é *Polyborus plancus.* (RS)

[61] Hoje, *Heliactin cornuta.* (RS)

[62] Hoje, *Phaethornis ruber pygmaeus.* (RS)

[63] Hoje, *Heliothryx aurita auriculata.* (RS)

[64] William Burchell, pesquisador inglês, amigo de Langsdorff. (NT)

[65] Certamente aqui Langsdorff está se referindo ao araticum, que é do gênero *Anona* e tem fruto comestível. O tucum é do gênero *Bactris*. (NT)

[66] Morcego cujo nome popular é andirá-guaçu. (RS)

[67] Atualmente, *Myrmecophaga tetradactyla*. (RS)

[68] Trecho escrito em português por Langsdorff e transcrito aqui *ipsis litteris*. (NT)

[69] A família dos Dendrocolaptídeos inclui o arapaçu. (RS)

[70] Trata-se certamente de um "*Naturalienkabinett*", uma espécie de pequeno museu de História Natural. (RS)

[71] Por esse nome popular são designadas diversas espécies da família dos Icterídeos. (RS)

[72] Essa medida equivale a 33m de largura e 66m de comprimento. (NT)

[73] Canoa é uma escavação em forma de canal, com fundo inclinado no sentido da correnteza do rio, que conduz a água até um fosso, usado na mineração de ouro e diamante. (NT)

[74] Eixus (ou enxuí) é um inseto da família dos Vespídeos, de índole bravia, de cor preta com a extremidade do abdome amarela e as asas castanhas. Constrói ninhos quase esféricos, que Langsdorff desenhou em seu diário, dando inclusive as medidas. (NT)

[75] Pacuguaçu=*Mylctes edulis;* Piraputanga=*Brycon orbignyanus;* curimbatá=*Prochilodus sp.;* dourado=*Salminus maxillosus;* barbado=*Pinirampus pinirampu;* peixe-palmito=*Agenciosus valenciennes;* peixe-cachorro=nome popular de várias espécies distintas. O nome científico apresentado não permite identificar a espécie. (RS)

[76] Pode se tratar de *Rhynchotus*, que são perdizes; *Charadrius* são batuíras. (RS)

[77] Não é possível identificar a espécie. (NT)

[78] O *fournier* é o nome em francês para o forneiro ou joão-de-barro. (NT)

[79] Maracanã, também chamada ararinha, é o nome popular que se dá a várias espécies de pássaros do gênero *Ara*, da família dos Psitacídeos. (NT)

[80] *Cuculus tristis*: é a família dos cucos, que não existem no Brasil; não é possível identificar a que espécie Langsdorff se refere. (RS) A família dos Cuculídeos inclui os anus ou anuns. (NT)

[81] *Pelecanus carto:* a única espécie de pelicanos na América do Sul é *Pelecanus occidentalis*. (RS)

[82] *Strix alba*: a denominação científica válida é *Tytoalba* e é a suindara, uma espécie de coruja. (RS)

[83] O *Salmo* banana provavelmente seja o peixe popularmente denominado banana ou ubarana, cujo nome científico é atualmente *Anodus elongatus*. O *Silurus* fidalgo talvez seja o peixe comumente chamado fidalgo, cujo nome científico hoje é *Callophysus macropterus*. (RS)

[84] Aguaçu ou babaçu, *Orbygnia martiana*. (RS)

[85] *Ramphastos monilis monilis.* (RS)

[86] O condor-dos-andes (*Vultur gryphus*) é a única espécie do gênero *Vultur* que ocasionalmente penetra em território brasileiro. (RS)

[87] *Corvus* não ocorre aqui. (RS)

[88] *Mauritia vinifera.* (RS)

[89] Cativo: seixo que indica aos mineradores de diamantes a existência de pedras preciosas. Langsdorff utiliza o termo em português e o correspondente em alemão: "*Probierstein*", que é uma pedra de basalto ou de fragmentos de seixos usada na avaliação de teor de ouro em ligas. (NT)

[90] Em português, tubérculo de jalapão. (NT)

[91] *Crocus* é uma das espécies de açafrão. (NT)

[92] *Manna* poderia ser o freixo-do-maná, árvore da família das Oleáceas (*Fraxinus ornus*), que se encontra nos países mediterrâneos, de cuja casca se extrai o maná comestível. (RS)

[93] Piçarra é a última parte dos terrenos das lavras diamantíferas. (NT)

[94] Langsdorff emprega o termo *Kabinett*, que, entre outros sentidos, pode significar também uma pequena sala de exposição, por exemplo, para coleções particulares. (RS)

[95] "Corrapeão" não existe nos dicionários. As plantas que mais se assemelham poderiam ser o carapicu, planta malvácea com propriedades febrífugas; ou o carapiá, outra planta malvácea, também chamada malva-do-campo. (NT)

[96] Chapéu-de-frade é um pequeno cristal de diamante de pouco valor. (NT)

[97] Grão é uma antiga unidade de medida de peso correspondente a um quarto do quilate. (NT)

[98] Trecho transcrito em português pelo próprio Langsdorff. (NT)

[99] A libra é uma medida de massa, equivalente a quase meio quilo, usada no sistema inglês de pesos e medidas. (NT)

[100] Nos desenhos de pedras que Langsdorff faz na margem do diário neste ponto, ele indica com essas letras os lados a que se refere. (NT)

[101] Certamente trata-se da bananeira-do-mato, que é da família das Musáceas, gênero Helicônia. (NT)

[102] O gênero *Bertholletia* inclui a castanha-do-pará. (NT)

[103] Langsdorff reescreve, de forma resumida, os acontecimentos entre os dias 01 e 09 de março de 1828. Optamos por traduzir a versão mais detalhada, acrescentando-lhe apenas os dados adicionais registrados na outra versão. (NT)

[104] O gênero *Tanagra* inclui muitas espécies de pássaros brasileiros, entre eles o tem-tem ou gaturamo, conforme é conhecido na Amazônia. (NT)

[105] Neste ponto, Langsdorff reconta todo o episódio com o comerciante Gonçalo, a quem ele já havia se referido acima. (NT)

[106] Entre esses mosquitos, certamente estavam os piuns ou borrachudos, muito comuns na Amazônia. (NT)

[107] Talvez seja o jatobá (*Hymenaea courbaril*).(RS)

[108] Estirão é o trecho do rio que corre entre duas voltas. Foi o próprio Langsdorff que utilizou o termo. (NT)

[109] Hoje, *Cairina moschata*. (RS)

[110] Provavelmente sejam os bacuris, índios que vivem às margens do rio Arinos. (NT)

[111] O nome científico da sucuri é *Eunectes murinus*, que vive na água ou perto dela. *Boa constrictor* é a jibóia, que é arborícola. (RS)

[112] Quinze libras são, aproximadamente, 7,5Kg. (NT)

[113] O rubafo ou traíra é um peixe caracídeo. (NT)

[114] Certamente Langsdorff está se referindo ao nosso berrante. (NT)

[115] Neste trecho, Langsdorff descreve seus remédios com abreviações, fórmulas e símbolos de difícil tradução. (NT)

[116] Tocari é o mesmo que castanheiro-do-pará. (NT)

[117] Montarias são canoas ligeiras de um só madeiro. (NT)

Índice

A

C

D

E

F

H

I

M

N

O

P

R

T

V

Índice Geográfico

A

B

C

D

E

F

G

I

L

M

N

O

P

R

R

T

V